



**UNIVERSIDADE FEDERAL DO CEARÁ
CENTRO DE HUMANIDADES
DEPARTAMENTO DE LETRAS VERNÁCULAS
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM LINGUÍSTICA**

JOÃO PAULO RODRIGUES DE LIMA

**A EMERGÊNCIA DE METÁFORAS NA FALA SOBRE VIOLÊNCIA URBANA:
UMA ANÁLISE COGNITIVO-DISCURSIVA**

FORTALEZA-CE

2012

JOÃO PAULO RODRIGUES DE LIMA

A EMERGÊNCIA DE METÁFORAS NA FALA SOBRE VIOLÊNCIA URBANA:
UMA ANÁLISE COGNITIVO-DISCURSIVA

Dissertação de Mestrado
apresentada ao Programa de Pós-
Graduação em Linguística, da
Universidade Federal do Ceará,
como requisito parcial para
obtenção do título de Mestre em
Linguística. Área de
concentração: Linguística.

Orientadora: Profa. Dra. Ana
Cristina Pelosi Silva de Macedo

FORTALEZA-CE

2012

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação
Universidade Federal do Ceará
Biblioteca de Ciências Humanas

-
- L698e Lima, João Paulo Rodrigues de.
A emergência de metáforas na fala sobre violência urbana : uma análise cognitivo-discursiva / João Paulo Rodrigues de Lima. – 2012.
267 f. : il. color., enc. ; 30 cm.
- Dissertação(mestrado) – Universidade Federal do Ceará, Centro de Humanidades, Departamento de Letras Vernáculas, Programa de Pós-Graduação em Linguística, Fortaleza, 2012.
Área de Concentração: Linguística.
Orientação: Profa. Dra. Ana Cristina Pelosi Silva de Macedo.
- 1.Metáfora. 2.Juventude – Fortaleza(CE) – Análise do discurso. 3.Jovens e violência – Fortaleza (CE).I.Título.

JOÃO PAULO RODRIGUES DE LIMA

A EMERGÊNCIA DE METÁFORAS NA FALA SOBRE VIOLÊNCIA URBANA:
UMA ANÁLISE COGNITIVO-DISCURSIVA

Dissertação de Mestrado
apresentada ao Programa de Pós-
Graduação em Linguística, da
Universidade Federal do Ceará,
como requisito parcial para
obtenção do título de Mestre em
Linguística. Área de
concentração: Linguística.

Orientadora: Profa. Dra. Ana
Cristina Pelosi Silva de Macedo

Aprovada em: 07/08/2012

BANCA EXAMINADORA

Profa. Dra. Ana Cristina Pelosi Silva de Macedo (Orientadora)
Universidade Federal do Ceará (UFC)

Prof. Dr. Marcos Antonio Costa (Examinador Externo)
Universidade Federal do Rio Grande do Norte (UFRN)

Profa. Dra. Livia Márcia Tiba Rádis Baptista (Examinadora Interna)
Universidade Federal do Ceará (UFC)

A Deus.

À minha grandiosa mãe, Socorro.

AGRADECIMENTOS

À CAPES, pelo incentivo à pesquisa através do apoio financeiro para a realização deste trabalho.

À professora Dra. Ana Cristina Pelosi Silva de Macedo, pelas orientações e correções reflexivas e pelas oportunidades de crescimento acadêmico oferecidas.

À minha visionária mãe, Maria do Socorro R. Oliveira, que sempre investiu na minha educação e que, com esforço, tem vencido as batalhas da vida.

Ao meu irmão, Bruno R. de Lima, que, com seu jeito descontraído, soube trazer alegria nos momentos de angústia.

Aos meus amigos da PIB de Tabapuá, que torceram, fielmente, pelas conquistas alcançadas em minha vida.

Ao meu amigo Francisco Ferreira de Souza, pelas reflexões acadêmicas e as conversas aconselhadoras.

À Gláucia Gislayne, que sempre acreditou no meu potencial acadêmico, aconselhando insistentemente a prosseguir a carreira.

A Deus, sobretudo, que, na sua infinita sabedoria, cercou-me destas pessoas na hora apropriada e capacitou-me para iniciar e concluir o presente trabalho.

RESUMO

O discurso pode ser compreendido como um sistema dinâmico complexo, que se adapta de acordo com as necessidades contextuais. Desse modo, as metáforas presentes nos discursos parecem emergir a partir de uma negociação de conceitos durante a interação conversacional. Cameron (2003, 2007, 2008) chama estes tipos de metáforas de sistemáticas, pois percorrem diversas falas, apontando para uma construção colaborativa. A emergência destas metáforas significa uma estabilidade temporária no discurso, resultante da interação entre diversos agentes: pragmáticos, sociais, culturais, históricos e cognitivos. Contudo, Cameron não especifica que recursos cognitivos podem ter sido usados para fazer emergir estas estabilizações. Esta pesquisa sugere que o sistema dinâmico discursivo é também constituído de estruturas conceituais esquemáticas derivadas das experiências básicas corpóreas comuns a todos (ou pelo menos a maioria) dos seres humanos: os esquemas imagético-cinestésicos (LAKOFF, 1987; JOHNSON, 1987) e as metáforas conceituais primárias (GRADY, 1997). Assim, entendemos que a metáfora sistemática não emerge somente do discurso, mas também da cognição, em uma dupla direcionalidade (discurso-cognição e vice-versa). A fim de confirmar este pensamento, foi utilizada a técnica de investigação de grupo focal, formado por jovens adultos universitários, que discorreram sobre violência urbana. O discurso foi gravado em áudio e vídeo, depois transcrito segundo os procedimentos listados por Cameron et al. (2009). A pesquisa é de natureza qualitativa, portanto os dados são interpretados utilizando os seguintes referenciais teóricos: Teoria Integrada da Metáfora Primária (LAKOFF & JOHNSON, 1999), esquemas imagético-cinestésicos (LAKOFF, 1987; JOHNSON, 1987; LAKOFF & JOHNSON, 1999), Teoria dos Sistemas Dinâmicos Complexos Adaptativos e a análise do discurso à luz da metáfora (CAMERON, 2003, 2007, 2008; CAMERON ET AL., 2009, CAMERON & MASLEN, 2010). As metáforas sistemáticas foram identificadas e relacionadas aos esquemas e metáforas primárias, sendo possível inferir que a emergência de linguagem figurada no discurso ocorre dinamicamente em duas vias. Além disso, verificamos que esquemas e metáforas primárias parecem ser alguns dos agentes cognitivos envolvidos nestas emergências, e os tópicos discursivos são os agentes que motivam o uso de certos esquemas e metáforas primárias em detrimento de outros.

PALAVRAS-CHAVE: metáforas sistemáticas, esquemas imagético-cinestésicos, metáforas primárias

ABSTRACT

The discourse can be seen as a complex dynamic system, which adapts itself according to contextual needs. Thus, the metaphors in the discourse seem to emerge out of a conceptual negotiation along the conversational interaction. Cameron (2003, 2007, 2008) calls these types of metaphors systematic, since they permeate different talks, signaling a collaborative construction. The emergence of these metaphors means a temporary stability, due to the interaction between different agents: pragmatic, social, cultural, historical and cognitive. However, Cameron does not specify which cognitive elements could have been used to emerge these stabilizations. This research suggests the dynamic discursive system is also made of conceptual schematic structures as a result of embodied basic experiences common to every person (or at least to the vast majority): the image and kinesthetic schemas (LAKOFF, 1987; JOHNSON, 1987) and conceptual primary metaphors (GRADY, 1997). Thus, it is understood that systematic metaphors do not emerge only from discourse factors, but also from cognition, in double directionality (discourse-cognition and vice-versa). In order to confirm this thought, it was used the focal group investigation technique. The group was made of college students who talked about urban violence. The discourse was recorded in audio and video, then transcribed according to the procedures listed by Cameron et al. (2009). The research is qualitative, so the data analysis is guided by the following theoretical references: Primary Metaphor Integrated Theory (LAKOFF & JOHNSON, 1999), image and kinesthetic schemas (LAKOFF, 1987; JOHNSON, 1987; LAKOFF & JOHNSON, 1999), Complex Adaptive Dynamic System Theory and the metaphor-led discourse analysis approach (CAMERON, 2003, 2007, 2008; CAMERON ET AL., 2009, CAMERON & MASLEN, 2010). The systematic metaphors identified in the data were matched to schemas and primary metaphors, inferring then the emergence of figurative language in the discourse occurs in two ways. Furthermore, schemas and primary metaphors seem to be some of the cognitive agents present in those emergences, and the discourse topics are at least one of the agents which motivate the use of certain schemas and primary metaphors instead of others.

KEY WORDS: systematic metaphors, image and kinesthetic schemas, primary metaphors

LISTA DE FIGURAS

Figura 1 – Diagrama da atividade imaginativa segundo Kant	26
Figura 2 – Diagrama do esquema recipiente: marco e trajetor	33
Figura 3 – Diagrama do esquema recipiente: conteúdo e recipientes	33
Figura 4 – Diagrama esquema cheio-vazio	34
Figura 5 – Diagrama esquema caminho	35
Figura 6 – Diagrama esquema ciclo	37
Figura 7 – Diagrama esquema força (pressão)	38
Figura 8 – Diagrama esquema força (atração)	38
Figura 9 – Diagrama esquema força (contraforça)	39
Figura 10 – Diagrama esquema equilíbrio (eixo vertical)	39
Figura 11 – Diagrama esquema equilíbrio (eixo horizontal)	39
Figura 12 – Diagrama esquema ligação	41
Figura 13 – Diagrama esquema centro-periferia	42
Figura 14 – Diagrama esquema escala	43
Figura 15 – Escala numérica horizontal	44
Figura 16 – De eventos básicos para metáforas primárias	49
Figura 17 – Espaços mentais homem-mulher	57
Figura 18 – Espaço genérico para REINO	59
Figura 19 – Mapeamentos metafóricos em DESCARTE DE LIXO É BASQUETE.....	60
Figura 20 - Jogando basquete de cesto de lixo	61
Figura 21 – Relação metafórica	63
Figura 22 – Relação metonímica	64
Figura 23 – Percurso de análise	106

LISTA DE TABELAS

Tabela 1 - Relação entre tópicos discursivos e metáforas sistemáticas	181
Tabela 2 - Relação entre as metáforas primárias e as metáforas sistemáticas.....	185
Tabela 3 - Relação esquema - metáforas primárias/veículos - metáforas sistemáticas	188

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	12
2 EXPERIENCIALISMO	20
2.1 O Realismo corporificado	20
2.2 Razão e imaginação: contribuições do realismo metafísico	24
2.3 Esquemas imagético-cinestésicos	29
2.3.1 Recipiente e cheio-vazio	32
2.3.2 Caminho (origem-percurso-meta) e ciclo	35
2.3.3 Força e atração	37
2.3.4 Equilíbrio e sustentação	39
2.3.5 Ligação	40
2.3.6 Parte-todo e fusão	41
2.3.7 Centro-periferia e perto-longe	42
2.3.8 Escala e esquemas orientacionais (vertical/horizontal e frente/trás)..	43
2.4 Teoria Integrada da Metáfora Primária	45
2.4.1 Metáfora Primária	48
2.4.2 Fusão	53
2.4.3 Teoria Neural da Metáfora	53
2.4.4 Teoria da Integração Conceitual (mesclagem)	56
2.5 Metonímia	62
2.6 Universalidade e variação	66
3 SISTEMAS DINÂMICOS COMPLEXOS ADAPTATIVOS	69
3.1. Caos e Complexidade	70
3.2. Variabilidade, Estabilidade e Atratores	72
3.3. Sistemas Aninhados e Fractais	74
3.4. Não-linearidade e Regras Simples	75
3.5. A língua como um SDCA	77
4 A METÁFORA A PARTIR DO DISCURSO	79
4.1. Veículos metafóricos	83

4.2. Metáfora Sistemática	86
4.3. Tópico Discursivo	91
5 CONSIDERAÇÕES METODOLÓGICAS DA PESQUISA	99
5.1. Tipo de pesquisa	99
5.2. Perguntas de Pesquisa	99
5.2.1. Pergunta Principal	100
5.2.2. Perguntas secundárias	100
5.3. Grupos Focais e procedimento de coleta de dados	100
5.4. Transcrição dos dados	103
5.5. Procedimento de análise dos dados	104
6 A DUPLA DIRECIONALIDADE DA METÁFORA – ANÁLISE DE DADOS.....	108
6.1. Metáforas sistemáticas no discurso sobre violência urbana	111
6.1.1. <i>MÍDIA É ORGANISMO VIVO COM VONTADE PRÓPRIA</i>	111
6.1.2. <i>VIOLÊNCIA É NUTRIENTE</i>	114
6.1.3. <i>VIOLÊNCIA É ORGANISMO VIVO COM VONTADE PRÓPRIA</i>	117
6.1.4. <i>VIOLÊNCIA É AGRESSOR</i>	123
6.1.5. <i>MUDANÇA COMPORTAMENTAL SÃO AÇÕES BÉLICAS</i>	131
6.1.6. <i>MUDANÇA COMPORTAMENTAL É MOVIMENTO</i>	141
6.1.7. <i>VIOLÊNCIA É FERIDA</i>	148
6.1.8. <i>TIPOS DE VIOLÊNCIA SÃO FORMAS</i>	155
6.1.9. <i>COMPREENDER DIFERENTES GRUPOS SOCIAIS É VER ELES</i>	159
6.1.10. <i>GRUPOS SOCIAIS SÃO NÍVEIS DE UMA ESCALA VERTICAL</i>	165
6.1.11. <i>GOVERNO COMPREENDE A VIOLÊNCIA QUANDO ABRE OS VIDROS E OLHA PROS LADOS</i>	170
6.1.12. <i>ESTAR DENTRO POR ESTAR SEGURO</i>	172

6.2. Tópicos Discursivos como atratores e Metáforas que não emergiram no discurso	180
6.3. Metáforas Sistemáticas e Metáforas Primárias	183
6.4. Esquemas imagético-cinestésicos, metáforas primárias e sistemáticas.....	187
7 CONSIDERAÇÕES FINAIS	197
8 REFERÊNCIAS	204
9 ANEXO – CORPUS GRUPO FOCAL 1_GELP (2010)	212

INTRODUÇÃO

Tendo se firmado como um fenômeno social internacionalmente presente, a violência tem aberto espaços para discussão, estudos e propostas para amenização do problema. Entre os vários tipos de violência, menciona-se o terrorismo, os assaltos nas cidades, as guerras, o sequestro, o estupro, o assassinato, a tortura entre outros. Diversos são os propósitos (políticos, particulares etc.) que motivam os eventos violentos, e incessantes são os debates envolvendo diferentes áreas do conhecimento humano: Direito, Sociologia, Psicologia, Jornalismo, Política, para citar alguns. Aqui o tema é abordado como pano de fundo, a fim de analisar linguisticamente e cognitivamente como jovens adultos, residentes na cidade de Fortaleza, Ceará, interagem verbalmente sobre o tema e fazem emergir conceitos.

Desde 2007, o governo federal brasileiro e países como a Inglaterra e a França, através de suas agências de fomento, tais como *Economic Social Research Council* (ESRC) e o *Centre Nationale de La Recherche Scientifique* (CNRS), estão pesquisando soluções e desenvolvendo planos para esclarecer as motivações sócio-cognitivas inerentes a comportamentos de natureza violenta. A grande expectativa é desenvolver propostas que visam combater os problemas e traumas enfrentados por cidadãos vítimas de violência.

Em países desenvolvidos, a preocupação tem como centro motivador principal ações terroristas que tornam reféns cidades inteiras. No caso do Brasil, os problemas enfrentados atualmente, decorrentes em parte do seu atual estado de desenvolvimento e também da configuração global, geram, em centros urbanos, cidadãos cuja conduta é pautada por sentimentos de insegurança, como o medo e a angústia. Por ser um tema de relevância atual, esta é mais uma das justificativas para usá-lo como pano de fundo para as análises linguísticas e cognitivas nesta dissertação. Além disto, esta produção acadêmica é fruto de pesquisas desenvolvidas em um projeto mais amplo, conduzido pelo GELP UFC/UECE (Grupo de Estudos sobre

Linguagem e Pensamento), intitulado “Projeto interdisciplinar sobre representações sócio-cognitivas na conceitualização de violência em centros urbanos brasileiros”¹.

O tema também se justifica por ser o mesmo que Cameron (2007; 2008) e Cameron e Maslen (2010) utilizam para expor sua proposta de um estudo da metáfora conduzido pela análise do discurso, a qual confrontamos em alguns pontos desta dissertação, além de sugerirmos uma forma de conciliá-los a uma visão corporificada de cognição, baseada nos esquemas imagético-cinestésicos e nas metáforas conceituais primárias.

Entendemos por discurso a noção apresentada por Cameron, Low e Maslen (2010, p. 116), o qual

é um resultado dos processos cognitivos e linguísticos, que as pessoas se engajam quando falam e escrevem. O que é expresso ou entendido no fluxo do discurso é o melhor resultado disponível no momento, sob algumas restrições e circunstâncias. Estes resultados não são arbitrários; eles refletem as múltiplas influências das experiências passadas, convenção sociocultural e as restrições do processamento.²

O discurso é visto como um sistema dinâmico, repleto de instabilidades, convergindo uma série de variáveis que visam a estabilidade deste sistema. As metáforas no discurso aparecem como a temporária estabilidade da negociação de conceitos entre os interlocutores, portanto, para Cameron (2007), ela é local e não tende a generalizações, como a proposta da metáfora conceitual (LAKOFF & JOHNSON, 1980).

As duas teorias divergem no modo como as metáforas se estruturam ou emergem. Para a autora, a metáfora resulta de uma atuação efetiva de subsistemas (cultural, individual, cognitivo, linguístico), que se auto-organizam na tentativa de

¹ Este projeto também possui parceria com o projeto desenvolvido pela *Open University*, na Inglaterra, intitulado *Metaphor, Empathy and the Constant Threat of Urban Violence in Brazil*.

² Discourse is an outcome of the cognitive and linguistic processes that people engage in when they speak and write. What is expressed or understood in the flow of discourse is the best outcome available at that time, under those constraints and in those circumstances. These outcomes are not arbitrary; they reflect the multiple influences of past experiences, sociocultural convention and the constraints of processing.

alcançar estabilizações. A autora denomina de *soft-assembling* os agrupamentos e ativações das memórias individuais e sociais relevantes para o momento discursivo, oferecendo uma alternativa teórica para justificar o surgimento de metáforas novas e não convencionais. Esta proposta contrasta com o fato da cognição ser pré-elaborada em esquemas e metáforas convencionais na mente.

No entanto, precisam ser feitas algumas considerações sobre esta perspectiva da metáfora:

- a. Se as metáforas são somente estabilizações temporárias ao longo do discurso, elas podem não aparecer da mesma forma em outros discursos. Isto é o que Cameron afirma e que aqui concordamos em parte. Se é assim, como explicar o fato de algumas expressões metafóricas que fazem referência a experiências corpóreas (de força, movimento, dentro/fora etc.) serem replicadas em diversos contextos³? Isto parece sugerir que a base cognitiva, pelo menos destas expressões metafóricas, tem o seu uso motivado pelo contexto discursivo, mas a sua existência se dá a *priori* da interação discursiva.
- b. Cameron (2007) e Cameron e Maslen (2010) citam a participação efetiva de variáveis cognitivas na emergência de metáforas no discurso. E justificam isto devido a uma auto-organização cognitiva das memórias e outros fatores. Sendo as memórias decorrentes das experiências, seria coerente afirmar que existem memórias básicas corpóreas, derivadas das primeiras experiências com o corpo, que possibilitam a emergência de metáforas particularmente discursivas (metáforas sistemáticas). Se isto for possível, estas experiências primeiras parecem ser comuns a todos por causa dos aspectos universais do corpo, sugerindo aspectos universais corpóreos na cognição e atuantes na interação discursiva.

Cameron não se debruça o suficiente nas operações cognitivas envolvidas na interação discursiva e, conseqüentemente, não as especifica, pois sua análise está

³ Entende-se aqui “diversos contextos” por contextos que parecem não ter relação tópica alguma, até mesmo com diferentes falantes em diferentes momentos.

estritamente voltada ao plano discursivo e empático. Apesar disso, a sua proposta não invalida totalmente a metáfora conceitual e suas motivações corpóreas. Cameron, Low e Maslen (2010, p.116) admitem que as experiências com o corpo são também variáveis que, de certa forma, influenciam a gênese das metáforas:

A metáfora, como outros aspectos da linguagem, está sujeita a estas influências (...). Uma metáfora linguística está conectada a uma densa rede de ideias, associações, padrões conceituais e afetivos que estão interligados com correlações da experiência corpórea⁴.

As contribuições de Cameron (2007) para uma análise situada da metáfora são relevantes para o cenário atual da Linguística Cognitiva⁵. No entanto, carece de aprofundamento no que se refere à especificação dos recursos cognitivos que participam desta auto-organização para a emergência de metáforas. Apesar do aparente conflito teórico, acreditamos que as contribuições da metáfora conceitual, mais especificamente da metáfora primária (GRADY, 1997) e dos esquemas imagético-cinestésicos (LAKOFF, 1987; JOHNSON, 1987), possam indicar estes mesmos como os agentes cognitivos em meio a este sistema instável.

Portanto, o objetivo central desta dissertação é o de descrever como as metáforas presentes no discurso de vítimas diretas e indiretas de violência urbana são estruturadas na cognição e emergem no discurso. Este objetivo se desdobra em outros mais específicos:

1. Demonstrar a presença da dupla direcionalidade da metáfora (i.e. da cognição para o discurso e vice-versa) e especificar os processos cognitivos envolvidos;
2. Verificar se um mesmo tipo de metáfora primária e/ou esquema imagético-cinestésico está para diferentes metáforas sistemáticas;

⁴ Metaphor, like other aspects of language, is subject to these influences (...). A linguistic metaphor is connected into a dense network of ideas, associations, conceptual and affective patterns which are interwoven with correlates from embodied experiences.

⁵ A relevância se dá no método sistemático de localizar e descrever metáforas em discursos reais. Além de mostrar que a metáfora é construção social e estratégia de persuasão e empatia com o outro.

3. Analisar como determinados tópicos discursivos motivam o uso de certos tipos de esquemas imagético-cinestésicos, caracterizando o movimento discurso-cognição.

Para maior esclarecimento, entendemos a dupla direcionalidade como uma emergência metafórica envolvendo dois fluxos: da cognição para o discurso (*top-down*) e do discurso para a cognição (*bottom-up*), ou seja, uma emergência que se dá através de operações cognitivas (mais especificamente o uso de esquemas imagético-cinestésicos e metáforas primárias para a compreensão e produção de metáforas do discurso) e é influenciada por elementos discursivos e situacionais, tais como os tópicos que estão sendo dialogados e o conhecimento de mundo dos interlocutores. Ao verificar isto, assumimos aqui que as metáforas não são somente conceituais (LAKOFF & JOHNSON, 1980), mas que elas se adaptam com as exigências situacionais do discurso.

Ainda no primeiro objetivo, entende-se por vítimas diretas aqueles que já passaram por alguma situação de violência urbana ativamente, e por vítimas indiretas, aqueles que nunca experienciaram nenhuma situação, mas tiveram contato indireto com a violência, via mídia, por exemplo.

Tendo em mente que a metáfora sistemática é uma construção colaborativa entre os falantes do grupo focal (ver capítulo 4), o segundo objetivo visa afirmar que o uso de metáforas primárias e esquemas imagético-cinestésicos (âmbito conceitual) também concorrem para a emergência de metáforas sistemáticas, isto é, que a interação discursiva instiga o uso dessas estruturas cognitivas a fim de que venham efetivamente fazer emergir diversos conceitos metafóricos para os mais variados propósitos no discurso. Ao confirmar isto, fica implícito que os indivíduos possuem estruturas esquemáticas semelhantes na cognição para interagir conceitos, fazendo com que a cognição não seja somente um emaranhado de redes sinápticas que se ativam conforme a situação comunicativa, mas que possuem uma organização prévia de base corpórea para todos os indivíduos, em um nível mais básico (LAKOFF, 1987; JOHNSON, 1987; LAKOFF & JOHNSON, 1999), e que se acopla a fatores situacionais derivados da interação discursiva. Deste modo, acredita-se que os esquemas e as

metáforas primárias são agentes que integram um sistema dinâmico complexo chamado discurso e, assim como os demais agentes deste sistema (fatores socioculturais, individuais, discursivos), eles colaboram efetivamente para a emergência de conceitos.

As metáforas sistemáticas estão fortemente ligadas aos tópicos discursivos, já que estes auxiliam na nomenclatura destas metáforas. Portanto, o terceiro objetivo se pauta em examinar se o uso de certas metáforas primárias e estruturas esquemáticas é motivado por tópicos do discurso, isto é, agentes propriamente discursivos.

Portanto, as teorias que sustentam a análise de dados e as definições de alguns termos já mencionados aqui (esquemas imagético-cinestésicos e metáforas sistemáticas) são apresentadas e discutidas nos próximos capítulos. Uma descrição sumária da dissertação pode assim ser apresentada:

O capítulo 2 se propõe a fazer um panorama sobre o experiencialismo (LAKOFF 1987; JOHNSON, 1987; LAKOFF & JOHNSON, 1999; KOVECSES, 2010) e suas implicações filosóficas para a pesquisa, além de delinear noções de corporificação (*embodiment*). Ao longo deste capítulo, são listados e definidos os tipos de esquemas imagético-cinestésicos importantes para a análise dos dados.

Em alguns casos durante a análise, ocorreram algumas metonímias, por isso o capítulo 2 traz também uma seção que discute a metonímia (BARCELONA, 2003; e outros teóricos) como um recurso cognitivo presente no discurso, apesar de não ser o foco deste trabalho.

Ainda no capítulo 2, há uma discussão sobre a importância Teoria Integrada da Metáfora Conceitual para este trabalho, a qual é uma reformulação de Lakoff e Johnson (1999) para a Teoria da Metáfora Conceitual de 1980, a partir das pesquisas de Grady (1997) sobre as metáforas primárias, das pesquisas neurais (NARAYANAN, 1997), da teoria da mesclagem conceitual (FAUCONNIER & TURNER, 1994, 1996, 1998) e da teoria da fusão (JOHNSON, 1997). Ao final do capítulo, há uma seção que

comenta sobre os graus de universalidade e variação da metáfora conceitual, segundo Kövecses (2010).

O capítulo 3 discute um dos aportes teóricos mais relevantes para esta dissertação: a Teoria dos Sistemas Dinâmicos Complexos Adaptativos, que serve como base para conjugar as contribuições teóricas, aparentemente conflitantes entre metáfora conceitual e metáfora sistemática. Este capítulo, subdivido em cinco seções, traz as características dos Sistemas Dinâmicos Complexos Adaptativos e as aplica ao discurso e à língua, enfatizando o caráter interacional, cognitivo e pragmático do sistema.

O capítulo 4 trata das metáforas sistemáticas e termos mais específicos usados por Cameron (2007; 2008) e Cameron e Maslen (2010), os quais são usados na metodologia e na análise dos dados. É apresentada a perspectiva de uma metáfora que não se encontra na “cabeça dos falantes”, mas que é construída colaborativamente na interação discursiva. Termos como veículos metafóricos e tópicos discursivos (JUBRAN ET AL., 1992) são abordados e definidos neste capítulo.

A metodologia está descrita no capítulo 5 da dissertação. Nesta seção, estão delineados o tipo e as perguntas de pesquisa, os métodos realizados para a coleta dos dados e o procedimento conduzido e escolhido para análise dos dados. Discussões teóricas sobre grupos focais e unidades entonacionais são apresentadas, já que foram, respectivamente, a técnica usada para coleta e a teoria aplicada à transcrição dos dados gravados em áudio e vídeo.

O capítulo 6 se concentra na aplicação das teorias aos dados coletados. A análise é desenvolvida a partir da identificação dos tópicos discursivos e metáforas sistemáticas encontradas na transcrição. O capítulo está subdivido em três partes, onde a primeira é dedicada às metáforas sistemáticas do discurso em análise. As demais partes tratam de uma sequência de relações para observar sistematicamente a participação dos agentes discursivos e cognitivos envolvidos na interação do grupo focal. Como agentes discursivos, entende-se aqui os veículos metafóricos, tópicos discursivos e as próprias metáforas sistemáticas; enquanto os cognitivos são as

metáforas primárias e os esquemas imagético-cinestésicos. Há uma seção que associa as metáforas sistemáticas às metáforas primárias sugeridas por Grady (1997), e logo após, outra seção do capítulo estabelece a relação entre esquemas, metáforas primárias, veículos metafóricos e metáforas sistemáticas, na intenção de descrever o processo da emergência de metáforas como um todo, isto é, com participação discursiva e cognitiva.

Por fim, as considerações finais encerram a dissertação revisando os objetivos, as questões de pesquisa e as conclusões obtidas a partir da análise dos dados. Espera-se, com este trabalho, conciliar propostas teóricas aparentemente conflitantes ao examinar a participação de processos cognitivos corpóreos em um sistema repleto de instabilidades e possibilidades que é o discurso.

2 EXPERIENCIALISMO

2.1 O Realismo Corporificado

[...] as ideias de calor e frio, luz e escuridão, branco e preto, movimento e repouso, são igualmente ideias claras e positivas na mente; embora, talvez, algumas das causas que as produzem são, simplesmente, privações, em áreas das quais os sentidos derivam essas ideias. (...) Mas nossos sentidos, não sendo capazes de descobrir qualquer diferença entre a ideia produzida em nós e a qualidade do objeto que a produz, nós somos aptos a imaginar que nossas ideias são junções de algo que está no objeto. (LOCKE, 1894 apud PERRY, J. e BRATMAN, M., 1993)

Tem sido característico da tradição filosófica ocidental, indagar sobre como as pessoas compreendem o mundo e fazem julgamentos sobre ele. Na citação acima, por exemplo, o filósofo inglês John Locke tentava dar respostas para este questionamento e concluiu que o homem racionaliza sobre o mundo através dos sentidos, isto é, sensações que são transmitidas neurologicamente ao cérebro, e por fim, à mente, formando os conceitos. Essas sensações são denominadas de qualidades secundárias, pois são derivadas de elementos originais do próprio mundo – qualidades primárias (tais como a temperatura, a cor, a cinética, a luminosidade etc.). O fato de estar quente ou frio, escuro ou claro, doce ou azedo, por exemplo, são derivações de elementos pertencentes ao mundo, portanto são sensações (qualidades secundárias), e isto produz ideias na mente, conforme a citação acima. O que realmente é do objeto é a temperatura, a luminosidade e o sabor, respectivamente, logo estas são as qualidades primárias, próprias e originais do mundo. Assim, a percepção através do corpo parece ser efetivamente um meio para conhecer o que existe ao redor, e o conhecimento não se torna objetivo, mas experiencial.

Durante muito tempo, a tradição filosófica ocidental tem enxergado o conhecimento experiencial como algo não confiável e, portanto, não passível de testes empíricos e de uma validação científica objetiva. Assim, ao longo dos anos, optou-se por estudar a mente separada do corpo, como uma entidade abstrata, ou seja, a razão

transcendental ao corpo e ao mundo, o verdadeiro conhecimento pertencia à mente. Descartes, no século XVII, foi o grande defensor do dualismo entre mente e corpo, afirmando que a primeira é racional, pensante, imaterial e privada, enquanto o corpo é considerado irracional, corrupto e físico.

Basear o conhecimento do mundo nas sensações realmente não parece confiável, já que as sensações são relativas às experiências no/com o mundo. Porém, é impossível tornar a mente abstrata a um nível que seja independente do corpo, pois qualquer que seja o conhecimento que se tenha, este já foi de uma forma ou de outra influenciado pelas vivências neste mundo. A mente não existe sem o corpo e o cérebro, e o contrário também é verdadeiro. Há uma relação de dependência entre mente e corpo de modo que os conceitos são como são devido à ação do sistema sensório-motor no mundo. Por exemplo, têm-se as noções de lados (direita e esquerda) e de frente e trás, porque o formato do corpo permite estas orientações. Se o corpo fosse completamente esférico, seria impossível falar ou pensar sobre lados. E estas noções são projetadas para outros elementos no mundo, como por exemplo, prédios, casas, carros, onde se é possível falar sobre a frente destes, dizer o que se encontra atrás destas coisas. Outro exemplo são as noções de superior e inferior, pois o corpo possui partes que estão distribuídas em níveis. Logo, os conceitos são motivados pela forma, distribuição e funcionamento corpóreo.

Diferente da concepção abordada por Locke, de um mundo externo pronto para ser somente percebido, o experiencialismo⁶ (LAKOFF, 1987; JOHNSON, 1987, LAKOFF & JOHNSON, 1999) interpreta o mundo como algo que especifica e pode ser especificado pelo ser humano, através das interações deste com o mundo. A ideia de interação sugere muito mais do que só a percepção, mas também a ação efetiva no, com e do mundo para a elaboração de conceitos. Logo, o conhecimento é essencialmente experiencial e, conseqüentemente, categórico.

Quando se diz, por exemplo, que o céu é azul, ou que o morango é vermelho, são conceitos resultantes das vivências do corpo com o mundo, pois as

⁶ Também chamado de Realismo Corporificado (*Embodied Realism*) pelos autores.

cores não estão nas coisas, mas as nossas composições ocular e neural nos permitem atribuir cores às coisas. De acordo com a teoria tricromática (teoria de Young-Helmholtz), a nossa experiência com cores é resultado de uma combinação de fatores: as ondas de luz refletidas, as condições luminosas, e dois aspectos corporais – (1) os três tipos de cones de cor nas retinas⁷, que absorvem as ondas longas, médias e curtas de luz e (2) o complexo circuito neural conectado a estes cones. Basta mudar as condições luminosas, por exemplo, para que o nosso aparato corpóreo processe de modo diferente a cor de alguns objetos. Por exemplo, sob a luz fluorescente, a banana reflete ondas luminosas que são processadas neuralmente como um objeto amarelo ou verde, mas sob a luz ultravioleta, a banana reflete ondas processadas em um tom azulado. Com isso, pode-se até afirmar que a percepção e o corpo enganam, e, assim, tender a invalidar a busca pelo conhecimento através das experiências. Porém não existe conhecimento puro, sem ter sido influenciado por perspectiva ou experiência alguma, de fato, o conhecimento já é resultado de outro conhecimento.

De acordo com Lakoff e Johnson (1999), as cores e as sensações sobre o mundo são somente a ponta do iceberg, já que não existem qualidades primárias, no sentido exposto por Locke, pois a qualidade das coisas depende crucialmente da estrutura neural, da interação com o corpo e dos propósitos e interesses das experiências com o mundo. O que existe é o realismo corporificado, ou seja, a realidade que conhecemos depende estritamente das nossas interações e vivências com o corpo.

O homem lida com os diversos conhecimentos devido a sua capacidade de categorizar experiências. Segundo Cuenca e Hilfert (p. 32, 1999), categorização “é um mecanismo de organização obtida a partir da apreensão da realidade, que é, em si mesma, variada e multiforme. A categorização nos permite simplificar a infinitude do real (...)”, ou seja, é um processo mental de classificação e organização do conhecimento em três níveis: superordenado (baseado nos atributos gerais e comuns aos elementos das categorias); subordinado (baseado nos atributos diferentes e

⁷ Os três tipos de cones na retina são: R – *red* (sensível aos vermelhos e laranjas), G – *green* (sensível aos verdes e amarelos) e B – *blue* (sensível aos azuis e violetas).

detalhados dos elementos das categorias – mais informativo) e básico (com exemplares mais facilmente discrimináveis e percebidos). Para ficar claro, entendamos os níveis de categorização da seguinte maneira, por exemplo: móvel (superordenado); cadeira (básico); e poltrona, cadeira de balanço, banco (subordinado).

Lakoff e Johnson (1999), baseados em Berlin e Rosch, apresentam quatro condições por que conceitualizamos em categorias de nível básico:

1. **É o nível mais alto no qual uma imagem mental pode representar a categoria inteira:** geralmente se têm a imagem mental de um carro (nível básico) para a categoria de veículos (nível superordenado).
2. **É o nível mais alto no qual os membros da categoria têm suas formas mais facilmente percebidas:** é mais fácil diferenciar um carro de um elefante (nível básico), do que os vários tipos de carro sedan (nível subordinado) ou as várias espécies de elefantes (nível subordinado).
3. **É o nível mais alto no qual uma pessoa usa ações motoras similares para interagir com os membros da categoria:** existem ações motoras repetitivas de como agir com carros ou motocicletas (nível básico), mas não há ações definidas de como se deve agir com veículos (nível superordenado).
4. **É o nível no qual a maior parte do conhecimento está organizada:** geralmente se pode dizer muito mais sobre carros (nível básico) do que sobre veículos (nível superordenado), a não ser que a pessoa seja um especialista da área.

A categorização em nível básico não se dá somente para objetos, mas também para ações como nadar, andar, subir, pegar; para conceitos sociais, como família, clubes e times; e para emoções, como felicidade, raiva, rancor, tristeza etc.

Portanto, as ações no mundo através do corpo possibilitam a compreensão da realidade, realizando a ligação entre ideias e mundo e favorecendo a emergência de conceitos, pelo menos, necessários para a sobrevivência humana. Diferente de um

realismo metafísico, este é um realismo corporificado, onde o corpo contribui para o entendimento do que é real.

O realismo metafísico, ou o realismo descorporificado (LAKOFF & JOHNSON, 1999), é classicamente pautado nas seguintes condições: (1) há um mundo independente da compreensão humana; (2) é possível atingir conhecimento estável do mundo; e (3) os conceitos e a razão não são definidos a partir do corpo e do cérebro humanos, mas pelo próprio mundo externo em si mesmo. Logo, as verdades científicas são absolutas.

O realismo corporificado consegue abranger as duas primeiras condições: existe um mundo externo, mas que está passível de ser compreendido através da interação dos indivíduos que nele habitam por meio da sua constituição biológica. E é devido a isto, que é possível atingir um conhecimento relativamente estável do mundo. Os seres humanos possuem um nível de interação com a realidade capaz de desenvolver sistemas conceituais baseados em categorias de nível básico, como já foi exposto, através da percepção gestáltica, da ativação neural, da conceitualização imagética e da interação motora. Talvez, a maior falha do realismo metafísico tenha sido não perceber que,

em primeiro lugar, como criaturas corporificadas e imaginativas, *nós nunca estivemos separados ou divorciados da realidade*. O que sempre tem tornado a ciência possível é a nossa corporiedade, não a nossa transcendência, e a nossa imaginação, não a negação dela⁸ (LAKOFF & JOHNSON, 1999, p. 93).

2.2 Razão e imaginação: contribuições do realismo metafísico

A conciliação entre entendimento, razão e imaginação é um dos focos do realismo corporificado, tendo estes elementos sido discutidos separadamente pelo

⁸ (...) as embodied, imaginative creatures, *we never were separated or divorced from reality in the first place*. What has always made science possible is our embodiment, not our transcendence of it, and our imagination, not our avoidance of it.

realismo metafísico com Kant⁹, por exemplo, trazendo contribuições significativas para a visão experientialista. O problema da conciliação se refere resumidamente a como as experiências se transformam em conceitos de modo que possam ser reproduzidos em contextos similares e/ou diversos. De início, apoia-se aqui a visão de que toda experiência e compreensão dela envolve a imaginação, que organiza representações e constitui a unidade temporal de consciência, isto é, a imaginação alimenta a racionalização, pois é possível significar as experiências, e compreendê-las de forma unificada e coerente. Portanto, em acordo com o realismo corporificado, a imaginação é o eixo de um continuum entre dois polos: a razão e a percepção (o entendimento e a sensação). É devido à capacidade imaginativa que se torna possível perceber o mundo e racionalizar sobre ele.

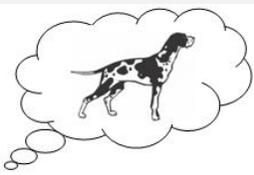
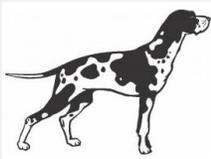
Kant não chega a este ponto em suas reflexões, pois evita tratar da influência do corpo no desenvolvimento de conceitos, mas procura averiguar as operações mentais envolvidas na produção de julgamentos (conhecimento) universais sobre as experiências. Sua sugestão para o conhecimento objetivo afirma que toda experiência envolve: (1) algum conteúdo perceptual associado aos sentidos e (2) estruturas mentais para organizar e tornar a realidade compreensível. Isto é, todo conhecimento é sobre julgamentos em que as representações mentais (sentidos, imagens e até conceitos) estão unificadas e ordenadas sob representações mais gerais. Segundo Kant, a imaginação é exatamente a capacidade de sintetizar estas representações em julgamentos da realidade, gerando o conhecimento. Esta imaginação é denominada por Kant como imaginação reprodutiva, a qual foi a sua grande contribuição teórica.

Porém, outro problema se apresenta aqui. Se as pessoas percebem e formulam conceitos sobre o mundo a partir desta imaginação reprodutiva, ainda não fica claro como todas as pessoas conseguem compartilhar seus conceitos sobre o mundo, já que se cada um percebe da sua maneira, então os conceitos seriam diversos, mas, de fato, compartilhamos conceitos sobre a realidade, não estamos presos às nossas experiências subjetivas, de acordo com Kant. Como então isso é possível?

⁹ Estas considerações sobre Kant e o realismo metafísico estão baseadas em Johnson (1987).

O filósofo explica que as operações imaginativas são as mesmas para todas as pessoas, ou seja, o homem tem esta capacidade que, por mais diversas que sejam as sensações sobre o mundo, ela transforma estas percepções em conceitos comuns a todos, pois a atividade imaginativa é algo próprio do ser humano, sintetizando os sentidos, as imagens mentais e os conceitos. A figura a seguir exemplifica a atividade imaginativa sugerida por Kant, também tratada como esquema:

Figura 1 – Diagrama da atividade imaginativa segundo Kant

Conceito	“cão”	“número 5”	“triângulo”	“categoria (conceito puro)”
Esquema	“Representação de uma regra de acordo com o que a imaginação pode delinear, de uma maneira geral, sobre um animal de quatro patas”.	“Representação de um método para representar a multiplicidade em conformidade a um conceito”.	“Regra de síntese da imaginação a respeito de figuras puras no espaço”.	“Produto de síntese transcendental da imaginação, construindo um objeto de intuição em geral”, (i.e., a figura de qualquer objeto de qualquer experiência possível).
Imagem (no pensamento)				Sem imagem! (não há imagens para objetos em geral, mas só para objetos específicos).
Objeto percebido	 (cão real)	(5 pontos no espaço, 5 árvores, 5 porcos, 5 qualquer coisa)	 (desenhos de objetos triangulares)	Qualquer objeto.
	Para conceitos empíricos		Para conceitos puros	

Fonte: JOHNSON, 1987, p. 154

A imagem é uma figura mental que pode ser associada novamente à percepção do objeto real. Enquanto, o conceito são as regras (termo kantiano) ou propriedades que determinado objeto real precisa ter para ser enquadrado neste conceito. Por exemplo, o cão é um animal de quatro patas, mamífero, carnívoro, doméstico e que tem pelos. Qualquer objeto que possa se combinar a estas propriedades estará associado ao conceito de “cão” – é uma noção de categorização por traços suficientes e necessários (realismo metafísico), diferente da categorização adotada pelo realismo corporificado, a qual se pauta em traços de semelhanças com o protótipo da categoria.

Quanto ao esquema, Kant diz que é parcialmente abstrato e intelectual, como também sensório, pois funciona como uma ponte entre o conceitual e o imagético de um lado e as experiências perceptuais do outro, ou seja, é a sintetização da realidade em conceitos e imagens mentais. O esquema é um procedimento da imaginação para produzir imagens e ordenar representações.

Kant viu corretamente que a habilidade do homem de perceber e compreender o mundo está relacionada a estruturas esquemáticas. No entanto, o problema que surge é como a imaginação pode ser ora restrita e controlada por regras e ora livre destas regras, se em todo momento racionalizamos sobre o mundo? Isto é, como a imaginação pode ser ora transcendental e ora experiencial? A saída parece ser a compreensão da imaginação como um eixo participativo para a elaboração do conhecimento sobre o mundo. Um eixo que liga dois polos, como já foi apresentado no início desta seção: a razão e a percepção. Estes não são mais dicotômicos, mas os dois elementos, por meio da imaginação, são necessários para a construção do conhecimento, que pode ser mais sensório do que racional, ou mais racional que sensório, porém, sempre terá o teor de um dos dois. Isto é, não há mais o vazio entre sensório e conceitual, não há mais uma razão transcendental, mas a razão está nos sentidos através da atividade imaginativa. Certamente, a proposta de Kant diverge desta ideia, pois ele reforça a dicotomia entre estes elementos, favorecendo a razão metafísica, para que o conhecimento seja objetivo. Contudo, o problema já discutido

permanece: como pode a imaginação ser formal e material, racional e corporificada ao mesmo tempo?

Simplesmente, não há tal separação, em primeiro lugar, pois não há imaginação sem corpo, então não há como excluir a imaginação corporificada da razão, já que, de acordo com Johnson (1987, p. 168):

a imaginação é uma atividade difusiva estruturante pela qual atingimos representações coerentes, padronizadas e unificadas. É indispensável para nossa habilidade de fazer as experiências terem sentido, de dar significado a elas. A conclusão deve ser, portanto, que a imaginação é absolutamente central para a racionalidade humana, isto é, para a capacidade racional de realizar conexões significativas, fazer inferências, e resolver problemas.¹⁰

Razão e imaginação são entendidos, então, como um só, assim a racionalidade não é tão estritamente algorítmica como se pensava, já que não há separação entre ela e a imaginação corporificada.

Por isso, o realismo corporificado se apresenta como uma nova teoria da imaginação, a qual sustenta a ideia de um pensamento criativo devido aos esquemas imagético-cinestésicos, às metáforas e às metonímias, que estruturam as representações conceituais. Por exemplo, o esquema de caminho estrutura diversos movimentos físicos que, quando metafóricamente elaborados, criam estruturas para expressar conceitos não físicos e abstratos. As novas ideias são resultantes de um sistema de conexões, fruto de uma rede de estruturas imaginativas.

¹⁰ imagination is a pervasive structuring activity by means of which we achieve coherent, patterned, unified representations. It is indispensable for our ability to make sense of our experience, to find it meaningful. The conclusion ought to be, therefore, that imagination is absolutely central to human rationality, that is, to our rational capacity to find significant connections, to draw inferences, and to solve problems.

2.3 Esquemas imagético-cinestésicos

Vale ressaltar novamente que foi Kant que observou mais claramente os esquemas como ponto crucial do conhecimento. Para ele, os esquemas se diferenciam das imagens mentais, pois estas serão sempre de algo em particular e podem não compartilhar dos mesmos traços com outras coisas do mesmo tipo; por isso, elas podem ou não ser associadas de volta ao objeto real. Por exemplo, quando alguém pensa em um “cão”, a imagem mental pode ser de um cachorro grande, com pelos brancos e pretos. Mas existem no mundo cachorros de diversos tamanhos e pelagens distintas. No entanto, a imagem mental evocada não é suficiente para se adequar a todos os tipos de cães existentes no mundo ou com os quais se possa ter experiência.

Enquanto isso, os esquemas, por sua vez, contêm características estruturais comuns a diferentes objetos, eventos, atividades e ações corpóreas. Johnson (1987, p. 28) afirma que:

Esquemas de imagem existem em todos os níveis de generalização e abstração que os permite a servir repetidamente como padrões identificadores em um número indefinidamente amplo de experiências, percepções e formações de imagens para objetos e eventos que são similarmente estruturados em aspectos relevantes. Sua característica mais importante é que eles têm poucos elementos ou componentes básicos que estão relacionados por estruturas definidas, ainda assim tendo certa flexibilidade. Como resultado desta estrutura simples, eles são meios principais para obter ordem em nossa experiência para que possamos compreendê-la e raciocinar sobre a mesma.¹¹

A proposta de Johnson corrobora com a de Kant no sentido de o esquema possuir características que o torne generalizante e simples ao mesmo tempo para as diversas experiências no mundo. Todavia, as propostas se diferenciam quando Kant entende o esquema como procedimentos que geram imagens para adequar conceitos.

¹¹ Image schemata exist at a level of generality and abstraction that allows them to serve repeatedly as identifying patterns in an indefinitely large number of experiences, perceptions, and image formations for objects or events that are similarly structured in the relevant ways. Their most important feature is that they have a few basic elements or components that are related by definite structures, and yet they have a certain flexibility. As a result of this simple structure, they are a chief means for achieving order in our experience so that we can comprehend and reason about it.

Para Johnson, o esquema é mais dinâmico, ou seja, não são estruturas esqueléticas prontas para serem preenchidas pelas experiências e gerar imagens mentais, ou um receptáculo onde são depositadas as vivências; mas são estruturas maleáveis, que podem se ajustar a situações similares, ainda assim diferentes, que manifestem uma estrutura subjacente recorrente. Desta forma, eles podem abranger um amplo número de instâncias em contextos variados, tornando as experiências organizadas e significativas.

Ainda nesta perspectiva dinâmica, Neisser (1976, p. 54) define esquemas corpóreos com base no sensório-motor, onde as informações aceitas pelo esquema são transformadas, assim como também alteram o próprio esquema de tal forma que ocorre repetidamente:

Um esquema é aquela porção do ciclo perceptual inteiro, que é interno ao percebido, modificável pela experiência e, de alguma forma, específico ao que está sendo percebido. O esquema aceita informação assim como se torna disponível nas superfícies sensoriais e é mudado por esta informação; ele dirige movimentos e atividades exploratórias que tornam mais informações disponíveis, para adiante também ser modificado.¹²

O que Neisser (1976) trata como informações, podemos chamar de experiências, e ainda mais especificamente como experiências corpóreas. Vivências com o corpo resistindo o ar quando se está correndo, por exemplo, ou de locomoção do corpo para algum destino, ou de mover algum objeto, as experiências com o corpo são constantes e tão básicas que se estendem a todos os indivíduos, resultando em esquemas básicos de imagem e movimento em nossa cognição:

O subjetivo das pessoas, as experiências sentidas de seus corpos em ação, provê parte dos fundamentos para a linguagem e pensamento. A cognição é o que ocorre quando o corpo se associa ao mundo físico e cultural, e deve ser estudada nos termos da interação dinâmica entre as pessoas e o ambiente. A linguagem humana e o pensamento emergem de padrões recorrentes de atividades corpóreas que restringem o

¹² A schema is a portion of the entire perceptual cycle which is internal to the perceiver, modifiable by experience, and somehow specific to what is being perceived. The schema accepts information as it becomes available at sensory surfaces and is changed by that information; it directs movements and exploratory activities that make more information available, by which it is further modified.

comportamento inteligente em ação[;] [portanto] nós devemos ... procurar os aspectos gerais e detalhados que a linguagem e o pensamento são inextricavelmente formados pela ação corpórea. (GIBBS, 2006, p. 9)¹³

Assim, isto sugere uma explicação de porque as pessoas entendem e produzem sentenças como “Meu coração arde de tanto ódio que vou explodir” ou “Coloque suas ideias para fora”. Estas sentenças claramente refletem as imagens presentes no pensamento, podendo ser talvez traduzidas como: RAIVA É UM FLUIDO QUENTE PRESSURIZADO e CORPO É RECIPIENTE, respectivamente (GIBBS, 2003); neste caso, o indivíduo experiencia o próprio corpo como um recipiente. O ser humano não percebe isto ao enunciar tais frases, mas estes processos ocorrem mentalmente devido a estruturas esquemáticas construídas na cognição, podendo ser usadas em situações similares.

Lakoff (1987), Lakoff e Johnson (1999) e entre outros autores enumeram alguns esquemas. Não há um consenso entre os autores sobre o número e os tipos de esquemas existentes, alguns são semelhantes e outros apresentam sugestões bem diferentes na literatura.

Desta forma, preferiu-se aqui explorar a lista de esquemas sugerida por Johnson (1987), já que se mostra comum às referências citadas, e por possuir coerência teórica com as abordagens sobre a metáfora primária e conceitual, que serão ainda tratadas. Os esquemas listados por Johnson (1987, p. 126) são:

¹³ People's subjective, felt experiences of their bodies in action provide part of the fundamental grounding for language and thought. Cognition is what occurs when the body engages the physical, cultural world and must be studied in terms of the dynamical interactions between people and the environment. Human language and thought emerge from recurring patterns of embodied activity that constrain ongoing intelligent behavior[;] [therefore] we must ... seek out the gross and detailed ways that language and thought are inextricably shaped by embodied action.

RECIPIENTE	ESCALA	PARTE-TODO	ORIENTAÇÃO FRENTE-TRÁS
FORÇA	LIGAÇÃO	ATRAÇÃO	
EQUILÍBRIO	CENTRO- PERIFERIA	FUSÃO	ORIENTAÇÃO VERTICAL- HORIZONTAL
CAMINHO		PERTO-LONGE	
CICLO	CHEIO-VAZIO		SUSTENTAÇÃO

2.3.1 Recipiente e cheio-vazio

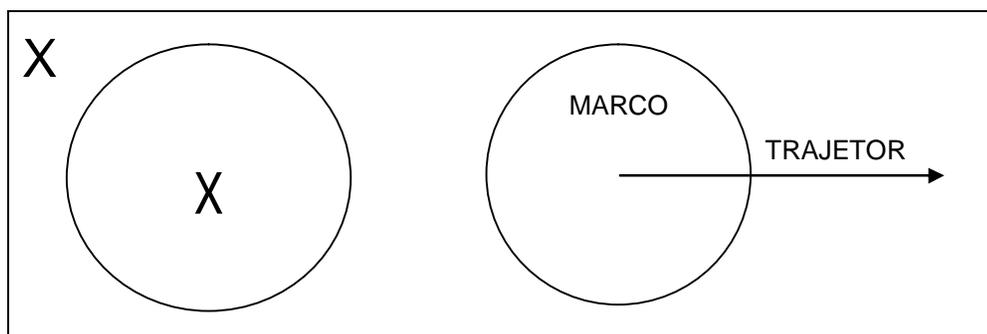
O corpo humano experiencia tanto ser um recipiente como também estar dentro de um. Este esquema define a distinção mais básica de, por exemplo, dentro e fora. Inúmeras são as experiências diárias de interioridade e exterioridade com o corpo: inspirar e expirar, estar dentro de um quarto ou fora deste, ingerir e expelir etc. Daí, algumas expressões são elaboradas, usando elementos estruturais que se referem a limites, interioridade e exterioridade. Por exemplo, em um texto, é possível ler expressões que situam o assunto “dentro” de parágrafos ou frases: “no próximo parágrafo”, “nesta seção” etc. Outro exemplo é quando as pessoas falam de eventos como um recipiente: “preciso sair desta situação”, “em que problema eu me meti?” etc. O abstrato está sendo dito através de noções básicas e concretas.

Este esquema possibilita alguns desdobramentos proposicionais, os quais o caracterizam como uma estrutura esquemática:

- a. Se existe um recipiente é porque existem limites que marcam uma orientação dentro e fora. Isto sugere o uso da gestalt, no sentido que as partes não têm sentido sem o todo. Não existe um dentro, se não existir um fora, e não existe limite, se não existir um dentro e um fora;
- b. O esquema pode sugerir um conteúdo estático dentro ou fora do recipiente, mas também pode haver a representação de um conteúdo em movimento para dentro ou fora do recipiente. O recipiente é conhecido

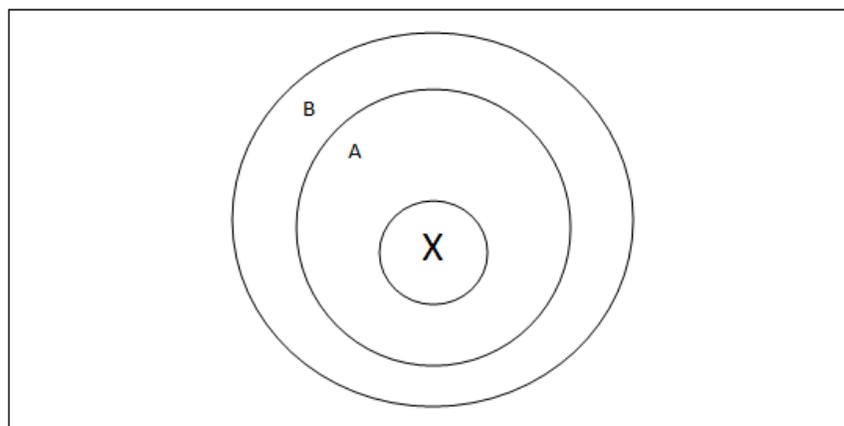
como o marco (*landmark*), enquanto o conteúdo é chamado de “trajetor” (*trajector*):

Figura 2 – Diagrama do esquema recipiente: marco e trajetor



- c. Dados dois recipientes, A e B, e um objeto X, se A está em B e X está em A, assim X está em B. Se um indivíduo está em seu quarto, e seu quarto está em uma cidade Y, logo este indivíduo está na cidade Y:

Figura 3 – Diagrama do esquema recipiente: conteúdo e recipientes

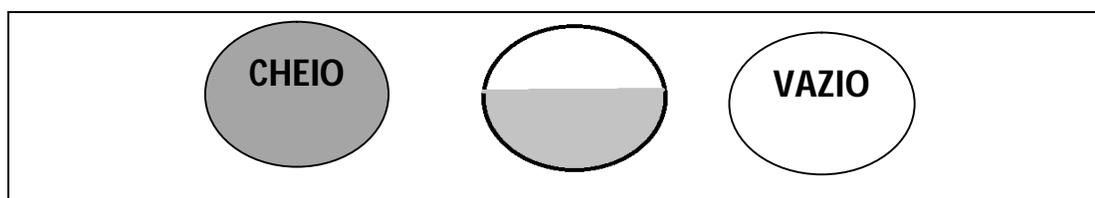


Fonte: LAKOFF & JOHNSON, 1999, p. 32

Estes diagramas¹⁴ não simbolizam nenhum tipo de imagem mental, mas são apenas noções estruturais dos esquemas imagético-cinestésicos, valendo ressaltar que não são estruturas rígidas, mas maleáveis à interação com o mundo; por exemplo, a figura 2 mostra duas representações estruturais do mesmo esquema, que poderiam estar associadas aos seguintes contextos: “Estou preso nesta situação” e “Quem está fora do problema sempre observa melhor” (para a primeira representação dentro da figura 2) e “É sempre bom extravasar toda a raiva” (para a segunda representação dentro da figura 2). Esta última nitidamente indica um movimento brusco da raiva de dentro para fora.

As experiências frequentemente não estão direcionadas somente para um esquema específico. Muitas vezes, mais de um esquema se encontra em ação para racionalizar os eventos. É o caso do esquema cheio-vazio que precisa do esquema recipiente para que possa fazer sentido. O esquema recipiente refere-se muito mais à marcação de limites e a relação do conteúdo com estes limites (se está dentro ou fora). O esquema cheio-vazio complementa a noção de recipiente, pois indica se este está com a sua capacidade interior totalmente preenchida ou não, ou seja, o foco do esquema está para o espaço interno do recipiente. Quando se diz, por exemplo, que RAIVA É UM FLUÍDO QUENTE PRESSURIZADO, a noção não se refere somente a um conteúdo (RAIVA) dentro de um recipiente, mas que, pelo fato de está pressurizado, o recipiente se encontra com sua capacidade interna totalmente preenchida, de modo que pode romper o limite.

Figura 4 – Diagrama esquema cheio-vazio



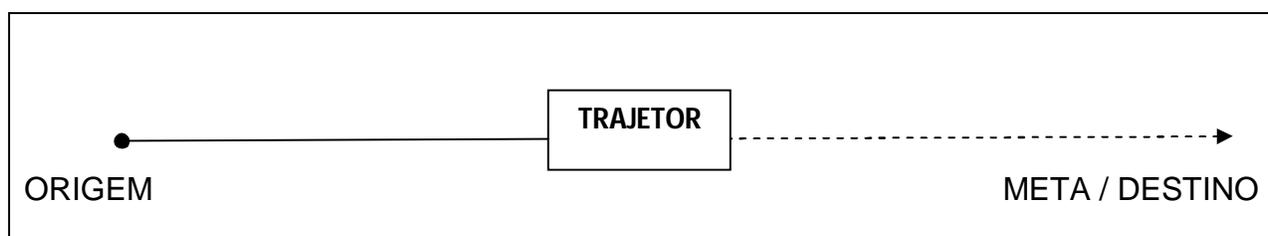
¹⁴ Os diagramas serão utilizados para os esquemas como ilustração, mas não significam que são estritamente desta forma, é apenas uma forma de esclarecimento aplicada por este trabalho, baseando-se no aporte teórico de Lakoff & Johnson (1999) e Johnson (1987). Alguns esquemas não terão diagramas pela dificuldade que existe em representá-los geometricamente.

2.3.2 Caminho (origem-percurso-meta) e ciclo

O corpo constantemente se locomove, sai de um determinado ponto em direção a um destino. Frequentemente, falamos sobre nossas vivências em termos de origem, percurso, direção e destino, sugerindo a participação deste esquema. Por exemplo, é possível ouvir pessoas em palestras usando expressões como “vamos para o próximo tópico”, “seguindo a diante”, “vamos pular esta sessão” etc. Ao falar de objetivos e propósitos, é comum identificar expressões como “chegar ao objetivo final”, “não se desvie dos seus propósitos”, “continue a jornada até atingir as suas metas” etc. Pessoas falam de AMOR como se fosse uma jornada que pode ou não apresentar obstáculos: “chegamos a uma encruzilhada na nossa relação”, “o nosso casamento não está indo para lugar algum” etc.

Diagramaticamente, o esquema poderia ser expresso de acordo com a figura a seguir, apresentando estas descrições:

Figura 5 – Diagrama esquema caminho



Fonte: LAKOFF & JOHNSON, 1999, p. 33

- Um trajetor que se move;
- Um ponto inicial (origem);
- Um destino escolhido pelo trajetor;
- Um caminho entre a origem e o destino;
- A trajetória percorrida;

- A posição do trajetor em determinado momento;
- A direção que o trajetor segue em determinado momento;
- O destino final alcançado em determinado momento, que pode ou não ser o destino intencionado pelo trajetor.

A partir das descrições acima, o esquema também sugere algumas proposições que o estruturam:

- a. Se um indivíduo percorreu parte da rota até a sua localização atual, é porque ele já passou por todas as localizações anteriores a sua atual;
- b. Se já foi percorrido do ponto A ao B e do B ao C, então já se percorreu do A ao C;
- c. Se há uma rota direta do ponto A ao B, e alguém caminha em direção a B, então está se posicionando mais próximo de B;
- d. Se X e Y estão percorrendo uma rota que vai de A a B, e X passa de Y, então X está mais distante de A e mais perto de B do que Y está;
- e. Se X e Y começam juntos, ao mesmo tempo, do ponto A, a percorrer a rota, e se X for mais rápido que Y, X chegará a B antes de Y.

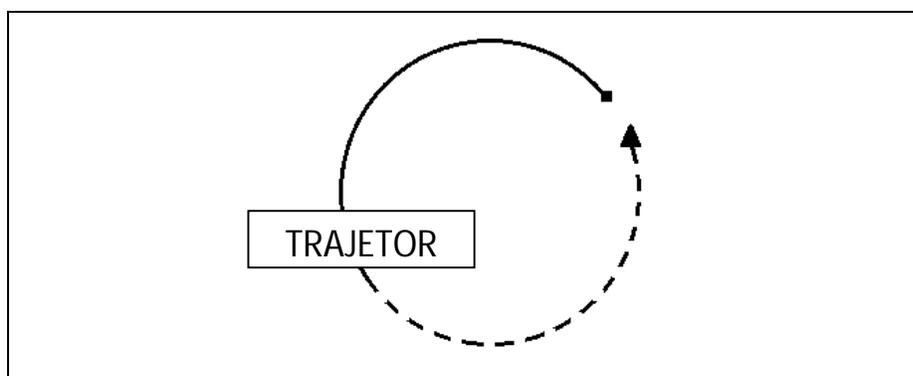
De acordo com Johnson (1987), este esquema é uma das estruturas mais comuns que emerge do nosso constante funcionamento corpóreo, além de ser o esquema que responde todas as qualificações necessárias para servir de domínio fonte nas elaborações metafóricas: é um esquema comum na experiência humana, bem compreendido por ser comum, bem estruturado (elementos bem definidos – origem, percurso, destino, trajetor, movimento) e simplificada e estruturada. Por isso, a correlação deste esquema com outros conceitos se torna propícia, como por exemplo, entender que PROPÓSITOS SÃO DESTINOS FÍSICOS: “Ainda tenho um caminho longo para conseguir o meu PhD”, “Ela desviou-se dos seus reais propósitos” etc.

Os pontos iniciais e finais do esquema caminho podem também ser observados como recipientes, já que as experiências de locomoção demonstram que o

corpo se movimenta de um recipiente para outro, ou seja, os espaços físicos são interpretados como *containers*, o que aponta mais uma vez para a superposição de esquemas a fim de compreender a realidade.

O esquema ciclo se apoia nas proposições do esquema caminho. A única peculiaridade que ele apresenta é o fato de seu ponto inicial coincidir com o destino, isto é, é um movimento circular do trajetor, como mostra o diagrama a seguir:

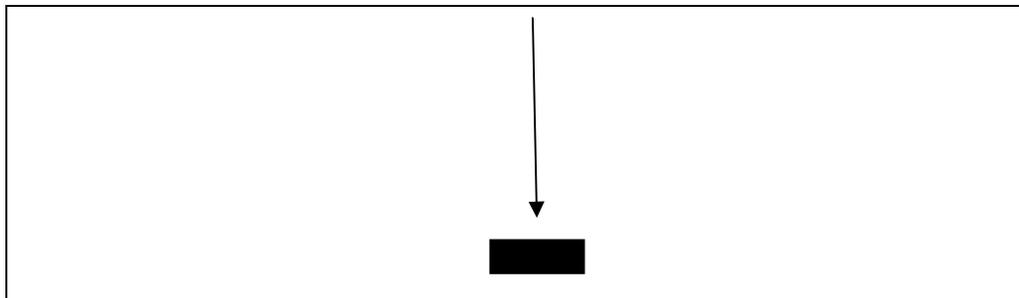
Figura 6 - Diagrama esquema ciclo



2.3.3 Força e atração

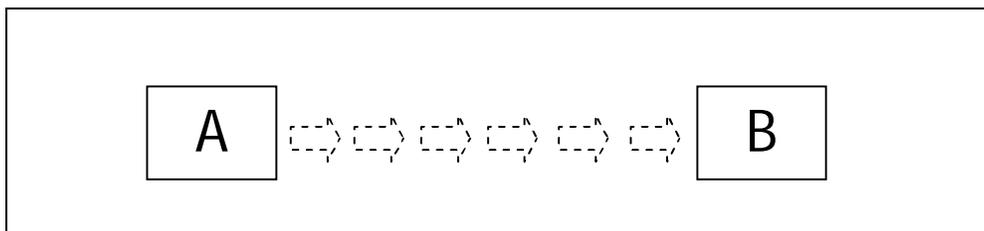
O esquema de força é um dos mais básicos, portanto, universais. Todo corpo experimenta uma ação de força sobre si ou que deriva de si mesmo. O corpo humano, por exemplo, possui força propulsora que causa o movimento. Esta força exerce uma contra força conhecida como atrito, em relação à Terra. Forças externas também atuam sobre o corpo humano, como a gravidade (atração) e a pressão do ar. Desta forma, a experiência do corpo com a força gera estruturas esquemáticas capazes de se adequarem a conceitos diversos. Por exemplo, quando pessoas falam de problemas como uma pressão, é a vivência física correlacionada a um estado psicológico:

Figura 7 – Diagrama esquema força (pressão)



Outra situação é quando pessoas se sentem atraídas por outras, no sentido de haver um interesse em conhecer e se relacionar com os outros. É a experiência física da atração, na qual um corpo exerce uma força maior sobre outro, de modo que o puxa para perto de si:

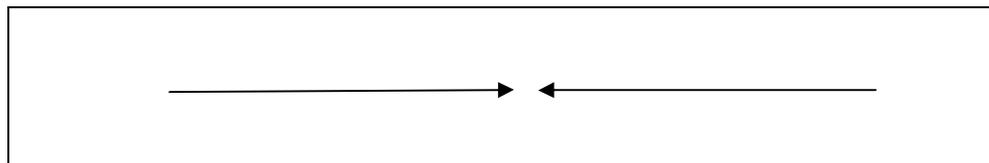
Figura 8 – Diagrama esquema força (atração)



Fonte: JOHNSON, 1987, p. 47

Reação ou contraforça é outra estrutura da força associada a conceitos abstratos, tais como: “é preciso reagir contra essa depressão”, “a greve é um movimento que reage contra os interesses do governo” etc. A reação é a experiência que se têm através do confronto de forças opostas, conforme o diagrama a seguir:

Figura 9 – Diagrama esquema força (contraforça)

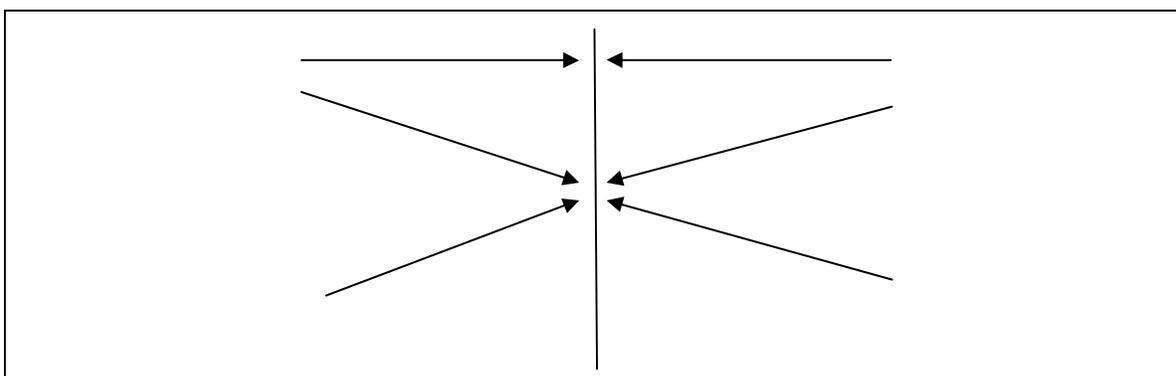


Fonte: JOHNSON, 1987, p. 46

2.3.4 Equilíbrio e sustentação

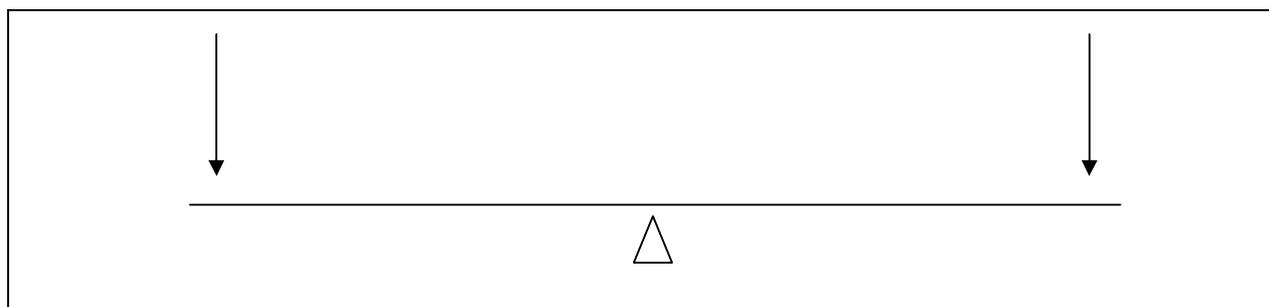
O esquema de equilíbrio consiste em um eixo sustentado por vetores de força distribuídos simetricamente, conforme os diagramas:

Figura 10 - Diagrama esquema equilíbrio (eixo vertical)



Fonte: JOHNSON, 1987, p. 86

Figura 11 – Diagrama esquema equilíbrio (eixo horizontal)



Fonte: JOHNSON, 1987, p. 86

Neste último, é importante observar que não é o peso de algum objeto sobre o eixo que mantém o equilíbrio, mas a posição das forças sobre o eixo. Se o lado esquerdo exercesse uma força mais intensa sobre o eixo do que o lado direito, o equilíbrio poderia ser alcançado movendo a força esquerda mais para o centro do eixo, por exemplo.

A experiência corpórea com o equilíbrio é constante, quando, por exemplo, o corpo se coloca de pé, é necessário um equilíbrio de vetores sobre todos os lados do corpo para que permaneça em posição vertical. Internamente, os órgãos do corpo também trabalham em equilíbrio, pois ocorre uma administração de forças para que executem as suas funções adequadamente, como a expansão dos pulmões e a contração do diafragma, por exemplo, durante a respiração.

O conceito de equilíbrio físico pode ser associado a fatores psicológicos, por exemplo. É comum ouvir termos como “desequilíbrio mental ou emocional”, “o psicológico abalado”, que demonstram a ausência de simetria nas forças que supostamente sustentam as emoções e as ideias.

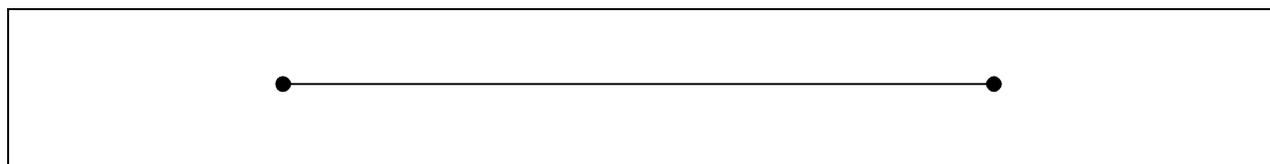
O esquema de equilíbrio favorece a constituição do esquema de sustentação, que por sua vez relaciona a influência dos vetores de força sobre determinado corpo que possui uma base, como mostra a figura 11. Assim como o corpo humano, possui os pés e pernas como base, e outros objetos apresentam alguma base estrutural, é comum expressar conceitos que precisam de sustentação em algo, por exemplo, “Esta noção está baseada em Platão”, “Esta teoria não se sustentará por muito tempo”, “As minhas convicções são firmes” etc.

2.3.5 Ligação

A primeira ligação que o corpo humano experimenta é a do cordão umbilical. Todos os membros do corpo estão interligados por nervos e músculos. Logo, isto se mostra ser uma experiência de caráter universal, já que os corpos humanos são

constituídos desta forma. O esquema de ligação pode ser diagramado da seguinte maneira:

Figura 12 - Diagrama esquema ligação



Fonte: JOHNSON, 1987, p. 118

É um esquema bastante útil, por exemplo, para as pessoas falarem de relacionamentos, usando termos referentes à ligação: “cortar os laços familiares ou de amizade”, “desligar-se de uma empresa” entre outros.

2.3.6 Parte-todo e fusão

O corpo é constituído de partes que se ligam e formam o conjunto. A experiência visual também colabora na formação de tal esquema. No campo visual, o todo pode ser captado, mas a atenção é destinada somente a algumas partes do todo. Este é o esquema utilizado para operações metonímicas, a qual será explorada em seções posteriores.

No dia a dia, a noção experiencial de parte-todo pode ser observada figuradamente quando as pessoas falam das partes constituintes de uma família (os filhos, os pais, os avós e netos), sendo a família o todo que existe em função das partes. Outro exemplo é quando um casal pensa em terminar o relacionamento e se divorcia, separa-se um todo, ou seja, antes era um todo que se desvencilhou em partes. Se não fosse esta a concepção, não faria sentido o uso dos termos “separação” e “divórcio” para esta situação.

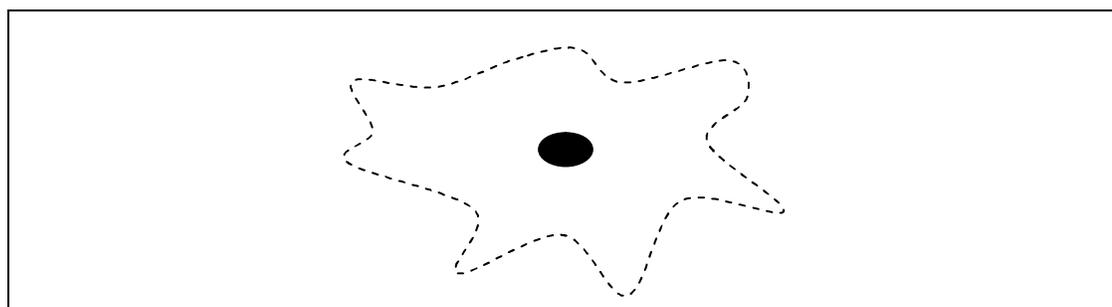
O esquema de fusão se aproxima do esquema parte-todo, pois duas partes distintas se juntam para formarem uma só, um todo. Experiencialmente, a luz quando se combina a superfície dos objetos e é refletida aos nossos olhos é processada na mente como uma informação única de cor, ou seja, são fatores físicos e biológicos que se fundem para formar um único conceito. Outra experiência física é a de dois metais que, derretidos e juntos, podem se tornar uma única matéria; por exemplo, a solda de estanho, usada para instalações hidráulicas, é a fusão do chumbo com estanho.

Geralmente, quando se trata de conceitos abstratos, as pessoas falam de coisas que estão difundidas, no sentido de que antes eram concentradas, e agora estão espalhadas: “A violência está difundida em toda a cidade”, por exemplo.

2.3.7 Centro-periferia e perto-longe

O corpo possui partes que são mais centrais (tronco, coração e outros órgãos internos) como também partes que são consideradas extensões (mãos, dedos, pés, braços e pernas). Nota-se que o que é central é mais importante; por exemplo, se uma árvore perde as suas folhas, ela ainda continua sendo árvore, mas se perde o seu tronco, deixa de existir. Metáforas também são produzidas no cotidiano que usam esta imagem, como por exemplo, quando se fala de teorias – elas têm seus pontos centrais e seus princípios periféricos. O diagrama a seguir expõe este esquema:

Figura 13 - Diagrama esquema centro-periferia



Fonte: JOHNSON, 1987, p. 124

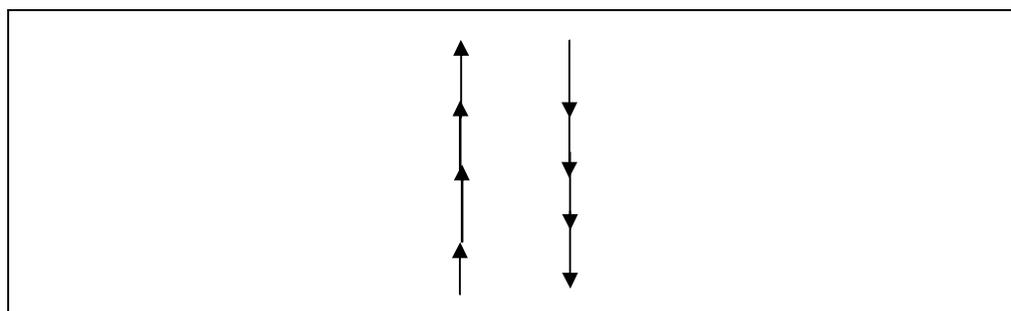
O esquema centro-periferia quase nunca é vivenciado puramente, há outros esquemas que participam da sua estruturação, como, por exemplo, o esquema perto-longe. Geralmente o que é mais central está perto, e quanto mais periférico for, mais distante do seu centro se encontra. Aquilo que é considerado perto depende muito do contexto, isto é, da perspectiva perceptual e conceitual. Figuradamente, é um esquema muito pertinente quando se expressa a respeito da relação entre tempo e eventos: “O carnaval está perto, vamos nos preparar!”, “Minha graduação ainda está distante, falta muito” etc.

2.3.8 Escala e esquemas orientacionais (vertical/horizontal e frente/trás)

É comum ouvir sentenças como “o índice de criminalidade está subindo”, “a qualidade de vida tem caído”, “os juros sobem junto com os preços” etc. Isto sugere que experiências do cotidiano estão norteadas pela metáfora MAIS É PARA CIMA, a qual é estruturada pelo esquema de escala, onde níveis mais altos indicam maior quantidade, e níveis mais baixos, menor quantidade. A correlação experiencial pode ser atribuída a algumas vivências específicas, como o fato do corpo crescer para cima, uma pilha de livros, por exemplo, aumentar para cima, e até mesmo o nível da água em um copo descer quando a quantidade de água também reduz.

O esquema de escala parece ser o esquema de caminho modificado, onde as direções são específicas (para cima ou para baixo), tendo níveis como referência.

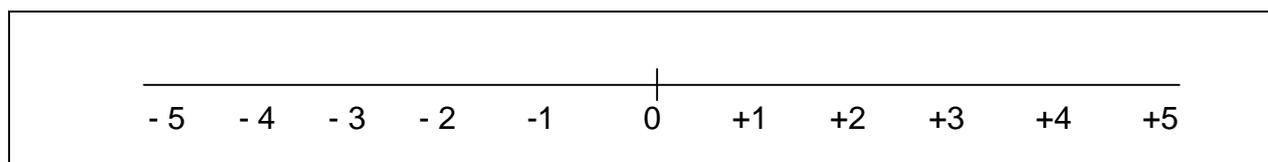
Figura 14 - Diagrama esquema escala



Fonte: JOHNSON, 1987, p. 123

Vale ressaltar que por mais que a escala seja graficamente representada horizontalmente, as pessoas conceitualizam e falam da escala de modo vertical: “subir a escala” e “descer a escala”, por exemplo. Geralmente, o que é mais está representado pelo lado direito, e o menos, pelo lado esquerdo da escala horizontal:

Figura 15 - Escala numérica horizontal



O corpo possibilita posicionamentos verticais e horizontais, além de permitir projeções orientacionais de frente e trás, exatamente devido ao corpo possuir tais orientações. Caminha-se para frente, interage-se com as pessoas frente a frente, a frente do corpo é mais saliente do que as costas etc. Conseqüentemente, o que está atrás não é tão saliente, o que está atrás está escondido etc. Estas noções são importantes para conceitualizar o tempo, por exemplo. Aquilo que ainda podemos esperar está à frente, mas o que já passou, não é mais tão saliente e por isso não projeta expectativas, logo fica para trás. Projetamos nossas orientações corpóreas para o mundo para que se torne possível falar sobre ele, por exemplo, quando dizemos que há um gato atrás da árvore. Ora, árvores não possuem frente nem trás, como é possível dizer que o gato não está à frente, mas atrás? Essa capacidade de entender e descrever o mundo desta forma só se justifica pelo fato de termos o corpo que temos, daí expressarmos nossas ideias através da linguagem corporificada.

Turner (1991) também comenta sobre os esquemas imagéticos como “representações esqueléticas”, estruturas simples que formam imagens mentais a partir das experiências. Ele acrescenta alguns esquemas aos já sugeridos por Lakoff (1987): superfície plana, movimento para frente, contato, orientação para cima e para baixo,

orientação para frente e para trás, expansão e outros¹⁵. Como já foi dito, não há um consenso na literatura sobre o número e os tipos de esquemas existentes, mas é permitido afirmar que são poucos (LAKOFF & JOHNSON, 1999). Contudo, derivam de inúmeras experiências possíveis e estruturam os mais diversos conceitos.

As estruturas mentais não são arbitrárias ou já nascem prontas, mas são motivadas e construídas socialmente através das vivências situadas com o corpo, as quais são tão básicas que todo ser humano já as experimentou, ou pelo menos um amplo número. Os esquemas imagéticos revelam importante evidência de que o pensamento abstrato, mas não transcendental, é uma questão de: (a) a razão ser baseada na experiência corpórea, (LAKOFF, 1987) e de (b) a figuratividade da linguagem ativar conceitos concretos para expressar o abstrato.

2.4 Teoria Integrada da Metáfora Primária

Como tem sido visto, a experiência corpórea estrutura esquemas na cognição, favorecendo a compreensão de outras experiências (físicas ou abstratas) através da correlação entre a estrutura esquemática e o conceito para a qual está sendo aplicado. Isto ocorre devido à natureza proposicional e gestáltica do esquema. As proposições conferem um caráter estrutural para que o sistema, através de suas regras, organize-se em função do conceito. Como as regras não são suficientes e necessárias, o esquema é flexível e pode se adequar aos conceitos, dependendo de uma série de fatores (pragmáticos, sociais, intencionais, contextuais, interacionais etc.). A gestalt se encarrega de realizar a maleabilidade do esquema se ajustar ao conceito que se quer representar, de modo que faça sentido a participação de tal esquema, em outras palavras, faz com que a simplicidade do esquema seja satisfatória para racionalizar determinada experiência.

¹⁵ Flat surface, forward motion, contact, up-down orientation, front-back orientation, expansion and others.

Esta correlação entre experiências físicas e conceitos abstratos é conhecida como mapeamento de domínios. Dois domínios do conhecimento são correlacionados cognitivamente de forma que seja possível falar de algo mais abstrato (domínio alvo), usando termos de algo mais concreto (domínio fonte), e ainda ser inteligível. Pense em quando as pessoas falam a respeito de VIDA COM PROPÓSITO como uma VIAGEM, onde elas são os viajantes em um percurso, cheio de altos e baixos, para alcançar seus objetivos chegando ao destino pretendido: “Essa vida não leva ninguém a lugar algum”, por exemplo. VIDA COM PROPÓSITO é algo tão abstrato que não há como elaborar, por exemplo, uma imagem mental ou descrevê-la por si só, sem usar termos de outra área do conhecimento humano. Mas como é possível falar de algo que não se tem os termos próprios para falar? Simplesmente, isto se deve ao fato de conceitos serem mapeados (correlacionados) na mente para que não só falemos, mas mais importante ainda, racionalizemos sobre isso, já que só se pode expressar sobre algo que se conhece, sobre o qual se racionaliza.

O que permite que o mapeamento aconteça são exatamente as estruturas esquemáticas na cognição, que por serem tão básicas possibilitam diversos mapeamentos, os quais, por sua vez, constituirão metáforas, tais como VIDA COM PROPÓSITO É UMA VIAGEM¹⁶.

De acordo com Lakoff e Johnson (1980), a metáfora não é somente uma mera figura de linguagem literária, que não vai para além da retórica e da estilística, mas sim um sistemático mapeamento mental e neural entre domínios conceituais, ou seja, é quando um domínio conceitual é entendido em termos de outro domínio conceitual, logo, a metáfora é conceitual, influenciando como as pessoas pensam, raciocinam e imaginam a vida cotidiana. A metáfora está para além de comparações literárias, é, de fato, um construto mental de conceitos reais da vida social, cultural e histórica.

¹⁶ A notação da metáfora conceitual será feita em caixa alta, fonte Times New Roman, tamanho 11, de acordo com a proposta teórica de Lakoff e Johnson (1980), assim como os domínios conceituais, no caso VIDA e VIAGEM.

A metáfora conceitual VIDA COM PROPÓSITO É UMA VIAGEM parece não ter um nítido fundamento nas experiências corpóreas, pois o domínio fonte VIAGEM aparentemente nada tem a ver com as experiências básicas com o corpo humano. Todavia, esta metáfora é denominada de metáfora conceitual complexa, por, na verdade, ser estruturada por outras metáforas conceituais mais claramente corporificadas. Estas metáforas de base corpórea são chamadas por Grady (1997) de metáforas primárias. Assim, a metáfora complexa é como se fosse uma molécula, constituída atomicamente por metáforas primárias. Para a metáfora em análise, as suas primárias seriam: PESSOA VIVENDO UMA VIDA É UM VIAJANTE; PROPÓSITOS SÃO DESTINOS; UM PLANO PARA A VIDA É UM INTINERÁRIO; AÇÕES SÃO MOVIMENTOS (LAKOFF & JOHNSON, 1999). Os mapeamentos (que ocorrem do domínio fonte para o alvo) poderiam ser representados da seguinte maneira:

Fonte - Alvo

Viagem – Vida com propósito

Viajante – Pessoa vivendo uma vida

Destinos – Propósitos

Um itinerário - Um plano para a vida

Movimentos - Ações

As metáforas complexas não são somente constituídas de metáforas primárias e esquemas imagético-cinestésicos (no caso, o esquema caminho), mas são também de base cultural. As pessoas produzem frases que evocam conceitualmente esta metáfora porque, culturalmente, é aceitável que elas tenham propósitos na vida, e espera-se que elas ajam de forma que consigam alcançar estes propósitos. Diferentemente das metáforas primárias, que são resultantes das experiências básicas corpóreas de todo ser humano, por isso, tendem à universalidade, já que todos os seres humanos possuem uma estrutura biológica similar. Vale ressaltar que quer sejam as metáforas complexas ou primárias, elas fazem parte do inconsciente cognitivo, pois,

na maioria das vezes, não se tem acesso direto a elas e nem se exerce algum controle sobre a sua produção.

Como os objetivos do presente trabalho estão alinhados a descobrir que recursos cognitivos básicos (corpóreos) favorecem a emergência de metáforas durante a interação discursiva, o foco será lançado não nas metáforas complexas, mas sim nas primárias.

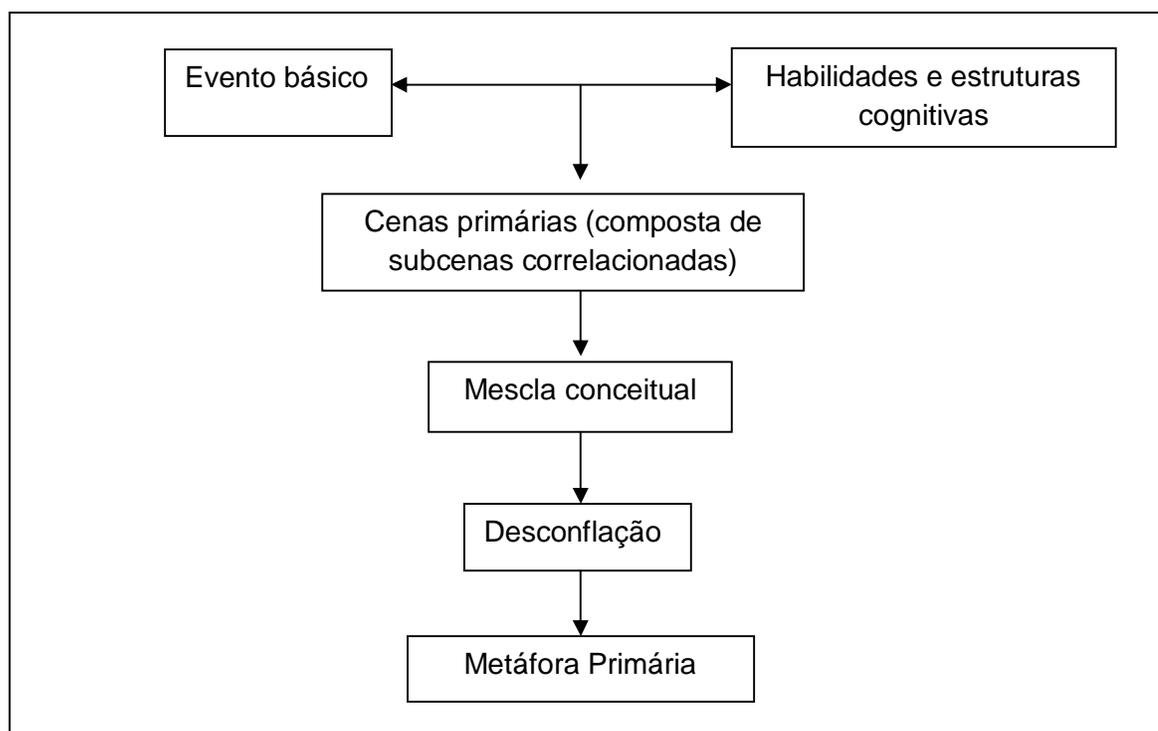
A Teoria Integrada da Metáfora Primária (LAKOFF & JOHNSON, 1999) é uma reformulação da Teoria da Metáfora Conceitual (LAKOFF & JOHNSON, 1980), a partir das discussões teóricas sobre a metáfora primária (GRADY, 1997), já brevemente explorada aqui, sobre a proposta de fusão de domínios (JOHNSON, 1997), sobre a teoria neural da metáfora (NARAYANAN, 1997) e a teoria da integração conceitual (FAUCONNIER & TURNER, 1994, 1996, 1998, 2002).

2.4.1 Metáfora Primária

Em sua tese, Grady (1997) questiona a motivação de metáforas conceituais, que não parece estar diretamente vinculada às experiências corpóreas. Por exemplo, com relação à metáfora conceitual TEORIAS SÃO EDIFÍCIOS, o domínio fonte em si não sugere uma experiência corpórea que possa oferecer um caráter universal (ou pelo menos perto disto) para este tipo de conceitualização sobre TEORIAS. No entanto, a proposta de Grady é que esta metáfora é uma junção de outras metáforas mais básicas, ou seja, a metáfora entendida como conceitual é classificada como metáfora conceitual complexa, pois a sua estruturação é composta por metáforas conceituais primárias, diretamente motivadas pelas experiências sensório-motoras para conceitualizar experiências mais subjetivas. Para a metáfora em análise, segundo Grady (1997) e Kövecses (2005), as metáforas primárias que a compõem são ORGANIZAÇÃO É ESTRUTURA FÍSICA e PERSISTIR É PERMANECER ERETO.

Grady chama de fonte primária a experiência sensório motora que participa do mapeamento de uma metáfora primária. Outra questão em análise na sua tese foi quanto à unidirecionalidade (da fonte para o alvo, e não o inverso) da metáfora conceitual (complexa ou primária). Para tanto, Grady se baseou na teoria de fusão de Christopher Johnson (1997) e, posteriormente, na teoria neural de Narayanan (1997), as quais serão discutidas nas seções seguintes. Na intenção de esclarecer o processo de formação de metáforas primárias, o autor dispõe o diagrama a seguir:

Figura 16 – De eventos básicos para metáforas primárias



Fonte: GRADY, 1997, p. 20

O homem vive cercado de eventos básicos, e desde os primeiros eventos, as habilidades e estruturas cognitivas, assim como neurais, encarregam-se de associar estes eventos a conceitos mais abstratos, originando uma coativação única entre o sensório-motor e a subjetividade. Esta coativação permanece indistinta durante um

tempo, e quando ocorre a separação destes domínios, a metáfora primária se estrutura, de modo que a coativação ainda aconteça.

A fusão não se dá por analogia, mas por compartilhamento de traços entre os domínios. Considere a metáfora AFEIÇÃO É CALOR, para Grady (2005), os domínios não se correlacionam porque os traços de AFEIÇÃO são similares às características de CALOR; a correlação ocorre porque, ao sentir a emoção, a temperatura corporal se eleva, e quando se está perto de outras pessoas, o corpo também aquece.

Assim, Grady (1997) afirma que a base das metáforas primárias são as cenas primárias, isto é, as impressões na memória de longo prazo da ligação entre uma experiência perceptual e a resposta cognitiva (o conceito). Nas palavras do autor, as cenas primárias são “episódios mínimos (delimitados temporalmente) de experiências subjetivas, caracterizados pelas estreitas correlações entre uma circunstância física e uma resposta cognitiva”¹⁷ (GRADY, 1997, p. 24). Por exemplo, quando alguém se aproxima de algum desconhecido, geralmente se mantém uma espécie de distância de “segurança”, respeitando o espaço do outro indivíduo. Mas, quando alguém chega muito próximo de outra pessoa, isto sugere que há um nível de intimidade entre os dois indivíduos, mudando até o comportamento desta pessoa e permitindo o contato físico. Portanto, a proximidade (que é um evento básico) sugere intimidade (a resposta cognitiva). Estas dimensões discretas e individuais da experiência humana – proximidade e intimidade – são denominadas de subcenas (GRADY, 1997).

Vale ressaltar que esquemas imagético-cinestésicos não são cenas primárias e vice-versa. Os esquemas se comportam como uma abstração cognitiva das experiências básicas do ser humano, enquanto as cenas primárias aparentam ser uma conceitualização básica a partir da correlação entre o evento básico e a resposta cognitiva. Na busca da universalidade, Grady (1997) procurou por estruturas que fossem tão simples e contidas em si mesmas, ao ponto de isolar fatores culturais,

¹⁷ (...) primary scenes are minimal (temporally-delimited) episodes of subjective experience, characterized by tight correlations between physical circumstance and cognitive response.

históricos e geográficos. Para o mesmo, isto contraria a proposta dos esquemas, que são estruturas cognitivas básicas, simples e maleáveis aos contextos, como já foi apresentado. No entanto, é importante lembrar que por mais básico que seja o evento, ele sempre estará situado em uma cultura, localização e história específicas. O próprio teórico admite que “os esquemas de imagem (...) podem incluir representações de conceitos que são altamente dependentes da cultura, geografia e história”¹⁸ (GRADY, 1997, p. 188). Por serem estruturas cognitivas abertas a representações socioculturais, prefere-se aqui trabalhar com os esquemas imagético-cinestésicos como agentes pertencentes a um sistema dinâmico e repleto de conexões com outros agentes, dentre eles culturais.

Para citar as metáforas primárias sugeridas por Grady (1997), aqui estão alguns exemplos:

AFEIÇÃO É CALOR

Motivação: Correlação entre a afeição e a temperatura corporal produzida pela proximidade física.

Exemplo: “Eles me recepcionaram calorosamente”.

“Ela sempre tem sido muito fria comigo”.

INTIMIDADE EMOCIONAL É PROXIMIDADE

Motivação: Correlação de estar íntimo de uma pessoa e estar fisicamente perto desta pessoa.

Exemplos: “Minha irmã e eu somos bem próximos”.

“Nossas discussões sobre dinheiro têm nos afastado”.

¹⁸ (...) image-schemas (...) can include representations of concepts which are highly dependent on culture, geography, and history.

STATUS SOCIAL É ELEVÇÃO VERTICAL

Motivação: Correlação entre posição física mais elevada e ter o controle sobre pessoas, objetos e situações.

Exemplo: “Ela quer ascender socialmente”.

DIFICULDADE É PESO

Motivação: Correlação entre a sensação do peso sobre si e sentir desconforto e tensão.

Exemplo: “Esta situação é difícil de suportar”.

IMPORTÂNCIA É TAMANHO/VOLUME

Motivação: Correlação entre o tamanho/volume dos objetos e o valor, a ameaça, a dificuldade etc. que eles representam quando há a interação com eles.

Exemplo: “Amanhã é um grande dia para esta organização”.

CONHECER/ENTENDER É VER

Motivação: Correlação entre a percepção visual e a ciência de alguma informação.

Exemplo: “Eu vejo o que você quer dizer”.

“Este ponto não está muito claro para mim”.

MUDANÇA É MOVIMENTO

Motivação: Correlação entre a percepção do movimento e da mudança que acontece ao redor.

Exemplo: “Meu carro tem ido de mal a pior ultimamente”.

2.4.2 Fusão

A pesquisa de Christopher Johnson (1997) está voltada para a aquisição de metáforas por crianças. O objetivo principal se constitui em saber que mecanismos estão envolvidos na aquisição de metáforas, e sua hipótese é de que isto ocorre através da fusão de domínios conceituais. A fim de testar a hipótese, Christopher Johnson usou o corpus fornecido por uma criança chamada Shem. Neste corpus, o seu foco caiu sobre o uso do verbo “ver”, tendo em mente o caso da metáfora ENTENDER/CONHECER É VER.

O autor afirma que houve um período no desenvolvimento biológico de Shem, em que ele não fazia distinção no uso dos domínios VER e CONHECER, usando um pelo outro, sem se preocupar com o texto. Com o crescimento, ele aprendeu a diferenciar os domínios, e houve, então, o que o autor chama de desconflação, que é exatamente o momento de emergência da metáfora conceitual. Portanto, através das primeiras experiências corpóreas, adquirimos conceitos que permanecem indistintos durante algum tempo, e quando ocorre a desconflação (a separação), os domínios se diferenciam, mas ainda permanecem associados de modo que possam ser mapeados, emergindo a metáfora.

2.4.3 Teoria Neural da Metáfora

A pesquisa de Narayanan (1997) trata a fusão, discutida anteriormente, como um conjunto de ativações neurais. O período de fusão de domínios nada mais é do que as redes neurais ativadas simultaneamente, e mesmo com a separação conceitual destes domínios, a conexão neural permanece, proporcionando assim o pensamento metafórico.

De acordo com a pesquisa, foi observado que as conexões neurais ocorrem durante a infância, quando há a fusão entre as primeiras experiências sensório-motoras e as experiências subjetivas. Por exemplo, com respeito à metáfora primária MAIS É PARA CIMA, ao observar o volume de uma pilha de livros subir à medida que o número de livros também cresce, ocorre uma fusão entre quantidade e verticalidade, de modo que as redes neurais de um conceito e outro são ativadas simultaneamente. Embora posteriormente aconteça a separação dos conceitos, a ativação neural simultânea entre eles permanece. Então, quando alguém diz que “o índice de criminalidade está subindo”, a primeira parte, “índice de criminalidade”, já ativa as redes de quantidade, enquanto a segunda, “estão subindo”, ativa as redes neurais de verticalidade.

Um problema levantado para esta proposta teórica foi que, se há a ativação neural simultânea dos domínios conceituais, por que o mapeamento sugere ser sempre do sensório-motor para o subjetivo, e não o inverso também? Isto é, por que é possível conceitualizar MAIS É PARA CIMA, e não é possível PARA CIMA É MAIS?

Narayanan (1997) responde que o número de conexões da rede do domínio sensório-motor é maior que as conexões das experiências subjetivas e, por isso, apresenta uma capacidade inferencial maior. Desse modo, como ocorre mais ativação do lado sensório-motor, os mapeamentos são direcionados em um único sentido: sensório-motor – abstrato, para as metáforas primárias. É exatamente a direção da inferência que determina o que é domínio fonte e domínio alvo, pelo menos para as metáforas primárias, que são mais básicas e corpóreas, pois as metáforas sistemáticas e até mesmo algumas conceituais complexas podem obedecer a um mapeamento multidirecional (ver capítulo 4).

O modelo neural ainda contempla que as ativações podem ocorrer ou não, dependendo das escolhas metafóricas, ou seja, algumas ativações são inibidas devido a outras serem acionadas, em detrimento da escolha de algumas metáforas ao invés de outras.

Além do estudo de Narayanan (1997), outras evidências neurocientíficas fundamentam a cognição corporificada. De acordo com a terminologia clássica da

neurofisiologia, o sensorio era visto como “entrada” (*input*) de dados e o motor como a resposta (*output*) destas entradas. A neurofisiologia experimental, em oposição a este dualismo, adota a visão de que “as funções motoras do sistema nervoso não só oferecem meios para controlar e executar ações, mas também para representá-las” (GALLESE, 2000, p. 23). A contribuição da neurociência se dá ao oferecer ao conceito de corporificação uma explicação que vai além de especulações filosóficas ou interpretações subjetivas de dados. Ela detalha como a estrutura biológica se torna canal para a representação da realidade. O corpo possui um sistema nervoso em conexão com o cérebro, onde os estados mentais emergem através das forças sinápticas. Estas ocorrem de acordo com as experiências, fazendo emergir certas representações e organizações de conceitos (categorização).

Experiências recentes no campo da neurofisiologia têm demonstrado a existência de dois tipos diferentes de neurônios, chamados de neurônios bimodais por serem equipados com propriedades visuais e motoras (GARBARINI & ADENZATO, 2004). A característica principal a ser destacada por esses neurônios é que eles são ativados não somente durante a execução de uma ação, mas também podem ativar durante a pura observação desta mesma ação. Assim, é possível inicialmente afirmar que as representações sócio-cognitivas do conceito de VIOLÊNCIA não difere nas vítimas diretas e indiretas do ato. As vítimas diretas por terem experienciado violência em sua execução ativam o mesmo conjunto de neurônios que as vítimas indiretas, que também experienciam o ato, mas apenas em caráter observacional. Os dois tipos de neurônios localizam-se em duas partes diferentes da área F5 (um setor da área 6 de Brodmann¹⁹) e são respectivamente os neurônios canônicos e os neurônios-espelho²⁰. Os primeiros emitem respostas seletivas à apresentação de objetos tridimensionais e a grupos de objetos que possuem características semelhantes, permitindo a interação do sujeito com as características que o objeto tem para possibilitar tal interação. Como os canônicos, os neurônios-espelho também estão ativos durante a observação, mesmo

¹⁹ Área localizada no córtex frontal do cérebro humano e responsável pelo planejamento de movimentos complexos e coordenados. É composta pelo córtex pré-motor e parcialmente pela área motora suplementar.

²⁰ Estes são respectivamente em inglês chamados de *canonical neurons* e *mirror neurons*.

na ausência do movimento ativo no exato momento. Mas, ao contrário dos canônicos, os neurônios-espelho não reagem à apresentação de objetos, mas à execução e à observação das ações de indivíduos: “a observação da ação de outro indivíduo evoca uma reação no sistema neural do observador, que é ativado ‘como se’ ele mesmo estivesse executando a ação que está sendo observada”²¹ (GARBARINI & ADENZATO, 2004, p. 102).

Talvez, seja possível que esta ativação não só fizesse com que o observador representasse ‘como se’ ele estivesse executando a ação, mas ‘como se’ ele estivesse sofrendo a ação. Acredita-se, então, que este possa ser o caso de vítimas indiretas de violência conseguirem compartilhar conceitos, mesmo nunca tendo passado por tal experiência direta, ou seja, há uma relação de empatia baseada na simulação motora e emocional, permitindo uma construção dos conceitos através da simulação de uma ação efetiva e real.

2.4.4 Teoria da Integração Conceitual (mesclagem)

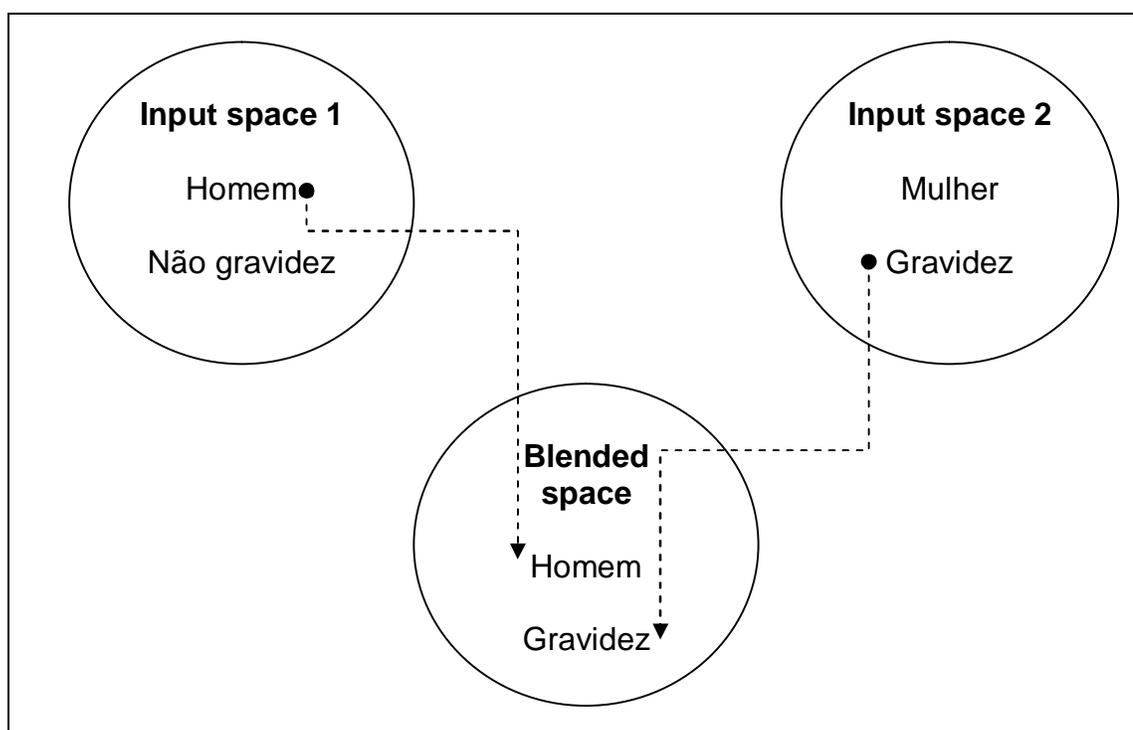
A Teoria da Integração Conceitual contribuiu para esclarecer os processos de mapeamento conceitual envolvidos durante o momento da interação discursiva e da compreensão – cognição *online*. Em outras palavras, ela complementa a Teoria da Metáfora Conceitual no que concerne aos mapeamentos e à estruturação de domínios.

Fauconnier e Turner (1994, 2002) propõe a existência de espaços mentais, os quais são entendidos como “pequenos pacotes conceituais” construídos no momento em que pensamos ou falamos sobre algo, a fim de favorecer o entendimento e a ação local. Diferente dos domínios, os espaços mentais são menores e mais específicos, e podem ser estruturados por um ou mais domínios conceituais. Kövecses (2010) ilustra a mesclagem entre espaços mentais da seguinte maneira: um homem

²¹ (...) the observation of another individual’s action evokes a specular response in the neural system of the observer, which is activated as-if he himself were carrying out the action that he is observing.

chegou para uma mulher e disse - “se eu fosse você, eu teria feito”. Suponha que esta sentença tenha sido proferida quando a mulher rejeitou a proposta de ficar grávida. Para que esta sentença faça algum sentido, é necessária a participação de alguns domínios. No “domínio-homem”, não existe a propriedade de gravidez, enquanto no “domínio-mulher” é possível. Assim, o que ocorre é a integração dos dois domínios, que no momento em que a sentença é dita, tornam-se espaços mentais (*input spaces* – espaços de entrada). Esta integração origina um terceiro espaço mental, no qual o homem pode ficar grávido e tem esta intenção. Este último espaço mental é chamado de *blended space* (espaço mesclado)²², e é resultado da atividade imaginativa, pois no mundo real, não há a possibilidade de um homem engravidar.

Figura 17 – Espaços mentais homem-mulher



²² Neste trabalho, faremos a opção pelo uso dos termos originais em inglês, já que não há um consenso na tradução destes termos na literatura, com exceção do espaço genérico (*generic space*).

Perceba que não houve um mapeamento entre o “domínio-homem” e o “domínio-mulher”, isto é, o caso aqui não é entender o conceito de homem, na sentença em análise, através do conceito de mulher. Mas ambos os domínios são ativados em suas propriedades pertinentes ao contexto (no caso, a gravidez), daí se constituindo em espaços mentais, para que haja a possibilidade de proferir e compreender tal sentença. Os domínios estão estruturados na memória de longo prazo, enquanto os espaços mentais são ativados à medida que interagimos, portanto, encontram-se na memória de curto prazo.

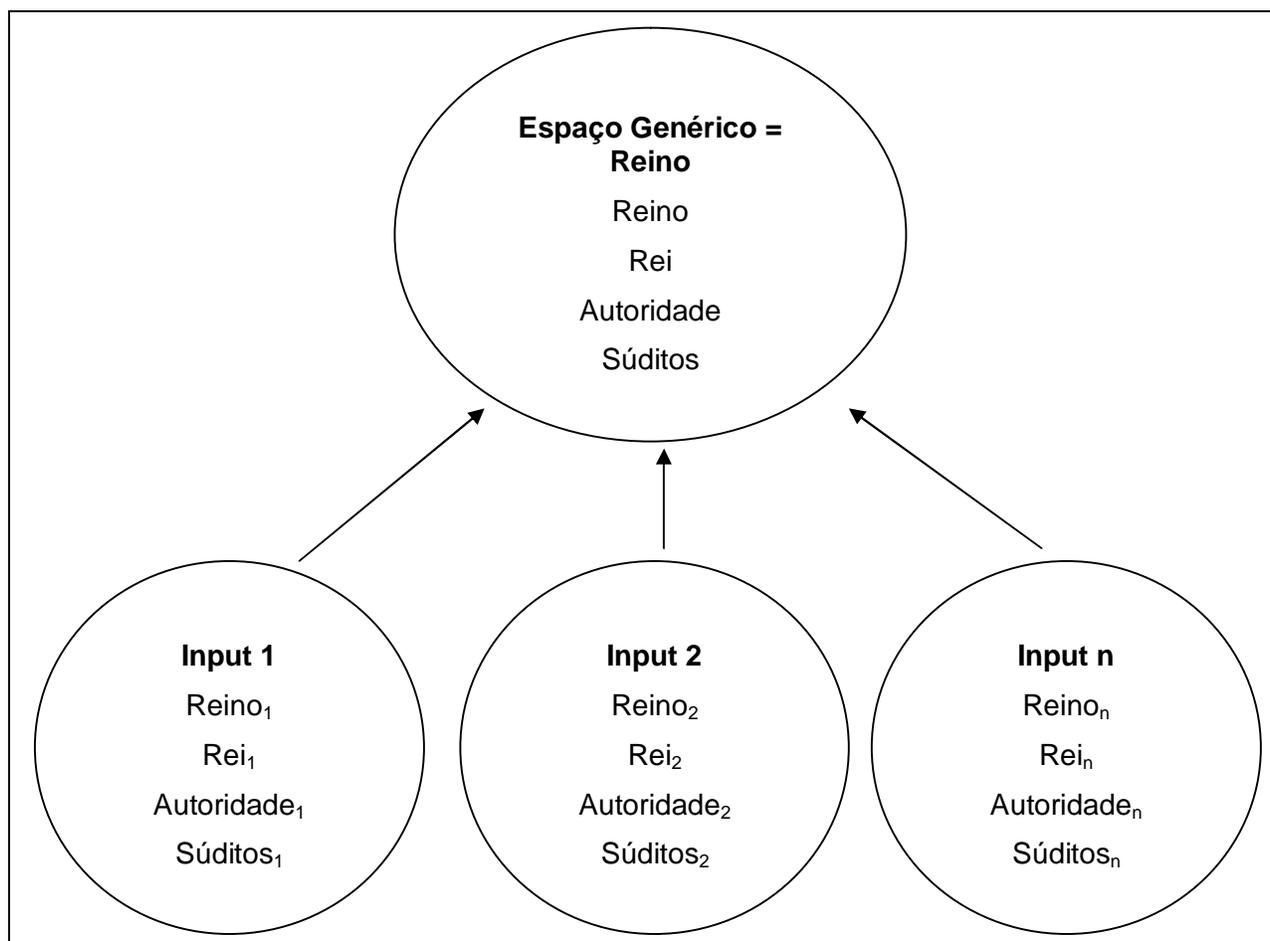
Para Fauconnier e Turner (2002), os espaços são formados a partir de diferentes fontes, entre as quais, (a) um conjunto de domínios conceituais que conhecemos originando outro espaço, como já foi exemplificado; (b) de experiências imediatas, que podem se constituir como *input space*; e (c) do que é dito durante a interação conversacional. Em todos os casos, ocorre uma mesclagem *online*, isto é, com propósitos específicos e momentâneos.

Podemos notar pelo exemplo que as projeções não acontecem unidirecionalmente, em um modelo bidimensional como sugerido por Lakoff e Johnson (1980). Fauconnier e Turner (1998, 2002) sugerem projeções multidirecionais, já que é um modelo baseado em múltiplos espaços, ou seja, os conceitos são projetados de um *input space* para outro, ou de ambos para um *blended space*. Feltes (2007, p. 122) afirma que “nem sempre as inferências são geradas da fonte para o alvo, e é possível que haja várias projeções de ‘ida e volta’ entre espaços para a derivação de inferências”.

Esta perspectiva de interpretar as operações cognitivas durante as emergências metafóricas se aproxima bastante da Teoria dos Sistemas Dinâmicos Complexos Adaptativos (ver capítulo 3), no sentido de que esta propõe uma dinamicidade nos estados comportamentais do sistema para o surgimento de outros padrões. Os espaços mentais poderiam ser vistos como agentes dinâmicos que se combinam na emergência de outro estado (*blended space*), o qual se apresenta como uma estabilização temporária de conceitos para favorecer a produção e compreensão do pensamento.

Como é possível a combinação de mais de um *input space*, os trabalhos de Fauconnier e Turner também introduzem a noção de espaço genérico (*generic space*), o qual é a generalização dos *input spaces* a partir das semelhanças que há entre eles. Kövecses (2010) compara os espaços genéricos aos protótipos de Rosch (1978), por serem estes os melhores exemplos da categoria devido à maior quantidade de traços em comum com os demais membros da categoria. Observe o exemplo com o conceito de REINO, em que mais de um *input space* de REINO colabora na elaboração de uma generalização a partir das características compartilhadas por estes *input spaces*.

Figura 18 – Espaço genérico para REINO

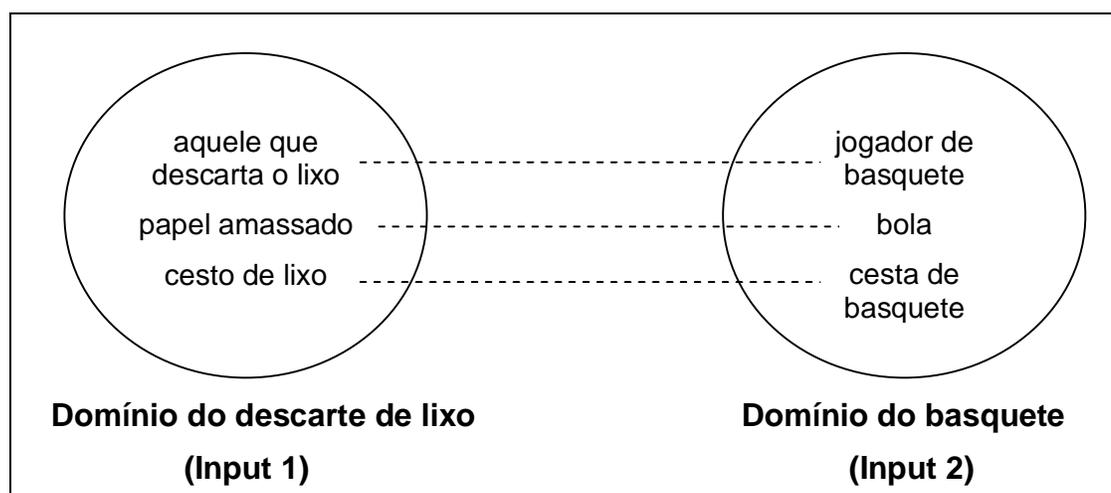


Fonte: KÖVECSES, 2010, p. 280

Os *input spaces* não são somente constituídos por domínios, mas também por metáforas conceituais. Kövecses (2010) traz o exemplo do provérbio em inglês *Look before you leap*, que traduzindo literalmente seria “Olhe antes de você saltar”, aconselhando a alguém a pensar/avaliar bem as opções antes de tomar qualquer atitude: pensar bem antes de casar, de terminar um relacionamento, de assinar um contrato, de gastar as finanças etc. Este provérbio pode ser compreendido desta forma devido à mesclagem entre duas metáforas conceituais PENSAR/CONSIDERAR É OLHAR e AÇÃO É MOVIMENTO COM AUTOPROPULSÃO. Cada metáfora funciona como um *input space* para a emergência de um *blended space*, favorecendo a produção deste provérbio e sua interpretação descrita neste parágrafo.

Os espaços mentais não se referem unicamente às produções linguísticas. Como se tratam de pensamento, eles também se aplicam à conceitualização de situações. Ainda com base em Kövecses (2010), observe a situação de alguém, por exemplo, brincando de acertar uma bola de papel amassado em um cesto de lixo, como se estivesse jogando basquete. Outra pessoa passa e percebe o que está havendo. Então, ela também decide tentar acertar e ver quem marca mais pontos no jogo. A situação poderia ser mentalmente mapeada na metáfora DESCARTE DE LIXO É BASQUETE, ilustrada da seguinte forma:

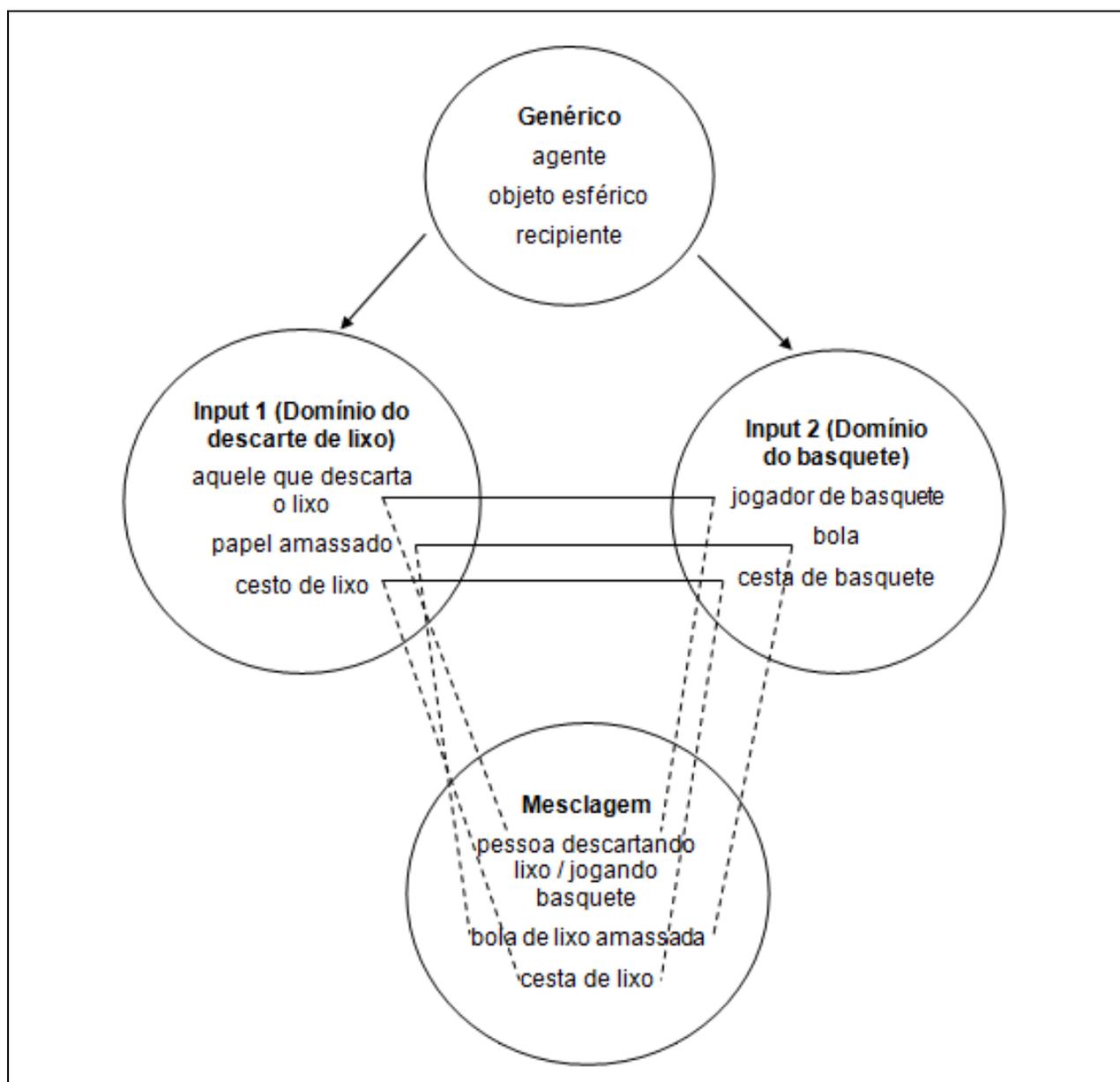
Figura 19 – Mapeamentos metafóricos em DESCARTE DE LIXO É BASQUETE



Fonte: KÖVECSES, 2010, p. 280

Mas a análise adicional através do modelo de multiespaços mostra que existem mais complexidades envolvidas nesta situação, que não tinham sido abordadas pelos estudos anteriores, e que são claramente importantes para a compreensão de todo o esforço cognitivo envolvido na ação e interpretação no/do mundo. Observe o diagrama na perspectiva dos espaços mentais:

Figura 20 – Jogando basquete de cesto de lixo



Este modelo oferece algumas vantagens, dentre elas, a de realizar análises metafóricas com mais precisão, lidando melhor com certos problemas de conexão entre domínios, descrevendo os fenômenos conceituais com maior sistematicidade.

2.5 Metonímia

Além dos esquemas imagético-cinestésicos e das metáforas primárias, outro recurso cognitivo muito usado para realizar inferências e entender a realidade é a metonímia, tradicionalmente vista como um recurso linguístico para expressar o todo através das partes. A metonímia, assim como a metáfora, é parte do pensamento e, portanto, estrutura a linguagem e as ações dos seres humanos no mundo.

Barcelona (2003, p. 04) define metonímia como “uma projeção conceitual onde um domínio experiencial (alvo) é parcialmente entendido em termos de outro domínio experiencial (fonte), ambos incluídos no mesmo domínio experiencial comum”²³. Em outras palavras, é uma correlação de subdomínios dentro de um mesmo domínio (intracorrelação), diferenciando-se da metáfora, que é a correlação de domínios distintos. Alguns exemplos de metonímias são:

- (1) Ela é só um *rostro bonito* (ROSTO POR PESSOA²⁴)
- (2) O *sanduíche de presunto* está esperando pela conta. (BENS CONSUMIDOS POR CLIENTE)
- (3) João *andou de ombros caídos*. Ele perdeu a esposa. (POSTURA CAÍDA DO CORPO POR TRISTEZA) (EFEITO PELA CAUSA)
- (4) Estou lendo *Shakespeare*. (O PRODUTOR PELO PRODUTO)
- (5) A América não quer outro *Pearl Harbor*. (O LUGAR PELO EVENTO)

²³ (...) a conceptual projection whereby one experiential domain (the target) is partially understood in terms of another experiential domain (the source) included *in the same common experiential domain*.

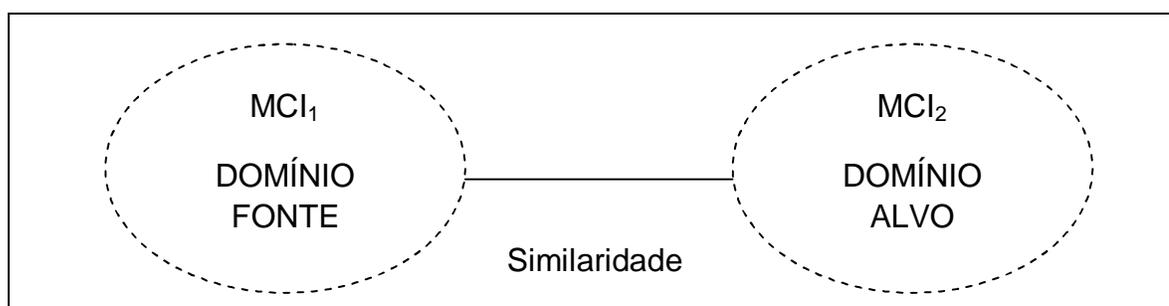
²⁴ A notação das metonímias terá a mesma formatação textual das metáforas. Contudo, elas se diferenciam na estruturação. A metonímia é A POR B, enquanto a metáfora conceitual é A É B.

(6) *Wall Street* está em pânico. (O LUGAR PELA INSTITUIÇÃO)

Os exemplos (1) e (2) foram dados por Lakoff e Johnson (1980), o (3) por Barcelona (2003) e os de (4) a (6) por Kövecses (2010).

De acordo com Kövecses (2010), a metonímia se constitui como uma tentativa de atrair a atenção para uma entidade através de outra relacionada a esta. O exemplo (6) refere-se aos investidores e executivos que trabalham na bolsa de valores em Wall Street, o cenário mais famoso do mundo para operações financeiras. É claro que o lugar não pode estar em pânico, mas quem deve estar são as pessoas que atuam na instituição, que por sua vez se localiza neste lugar. Desta forma, o que se observa não é só uma parte pelo todo, mas uma entidade pela outra, que compartilham um mesmo domínio: “metonímia é um processo cognitivo no qual uma entidade conceitual, o veículo, provê acesso mental para outra entidade conceitual, o alvo, dentro do mesmo domínio, ou modelo cognitivo idealizado (MCI)”²⁵ (KÖVECSSES, 2010, p. 173). Veículo e alvo metonímicos nada correspondem a domínio fonte e alvo, para as metáforas, já que, no primeiro caso, o mapeamento é interno, no segundo, o mapeamento se dá entre domínios. As figuras a seguir esclarecem bem esta diferença:

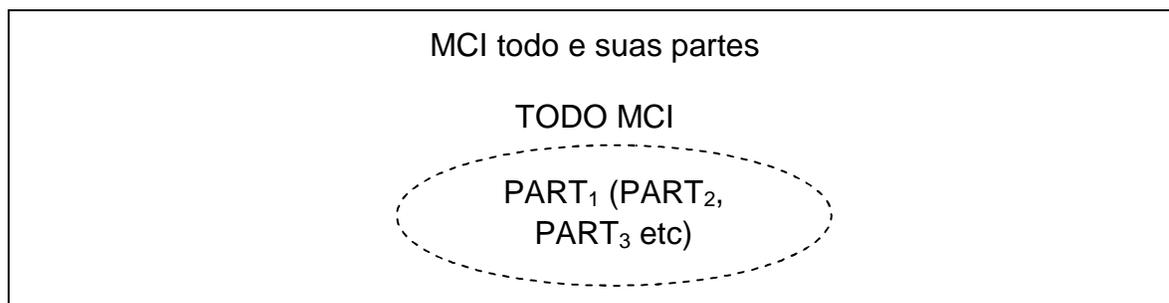
Figura 21 – Relação metafórica



Fonte: KÖVECSSES, 2010, p. 175

²⁵ Metonymy is a cognitive process in which one conceptual entity, the vehicle, provides mental access to another conceptual entity, the target, within the same domain, or idealized cognitive model (ICM).

Figura 22 – Relação metonímica



Fonte: KÖVECSES, 2010, p. 175

A correlação metafórica está baseada em uma associação por similaridade entre os domínios sensório-motor e as experiências subjetivas. As metonímias, por sua vez, tratam de contiguidades, ou seja, um elemento do mesmo domínio para expressar outro traço ou mesmo todo o domínio. Enquanto a metáfora sugere ser usada mais para compreensão (de algo em termos de outra coisa), por meio de um mapeamento sistemático dos elementos pertencentes ao domínio fonte e alvo, a metonímia parece ser usada para direcionar a atenção de uma entidade mais saliente para outra menos acessível pertencente ao mesmo domínio, e ao fazer isto, esta entidade pode instigar a ativação de outras partes deste domínio. Apesar de se constituir como um mapeamento, a metonímia se apresenta menos sistemática do que a metáfora, neste sentido: “na metáfora, a estrutura e a lógica do domínio fonte são mapeadas para a estrutura e a lógica do domínio alvo, isto significa que a função primária da metáfora é entender, enquanto metonímias são primordialmente usadas para referência”²⁶ (IBÁÑEZ, 2003, p. 113).

Segundo Lakoff (1987), a metonímia se constitui como uma explicação para os efeitos de prototipicidade (o porquê de certos elementos representarem as suas respectivas categorias). Conceitualmente, isto pode ser expandido para os modelos cognitivos, nos quais existem aspectos culturais e cognitivos que são mais

²⁶ In metaphor the structure and logic of the source domain is mapped onto the structure and logic of the target domain; this means that the primary function of a metaphor is understanding, while metonymies are mainly used for reference.

representativos que outros e que, por sua vez, quando evocados, estão carregados dos significados de todo o modelo – modelos metonímicos. Lakoff (1987) cita como exemplo o estereótipo de MÃE, para o qual os traços mais representativos são o genético (material genético), o biológico (o parentesco feminino anterior), o de dona-de-casa (a função social), o de criação (a educação e convívio com os filhos) etc. Quando se diz, por exemplo, que “A empresa-mãe não atenderá as empresas A e B nesta manhã”, compartilha-se o traço biológico: o de que a “empresa-mãe” é reconhecida como tal por ter gerado as empresas A e B. Metonimicamente, um traço do estereótipo validou o uso figurado do termo “mãe” neste contexto.

Embora haja a distinção entre metáfora e metonímia, nota-se que “a metonímia pode exercer um papel vital na gênese das expressões metafóricas”²⁷ (CROFT & CRUSE, 2004, p. 218). A metáfora RAIVA É CALOR é gerada através de um processo metonímico. A temperatura corporal tende a variar com as emoções. Pode-se dizer que a raiva eleva a temperatura corporal, causando calor (EFEITO PELA CAUSA). Metonimicamente, o que se aplica neste caso é O CALOR CORPORAL PELA RAIVA, fazendo com que a metáfora surja de uma generalização do calor corporal para simplesmente calor ou experiências que envolvam calor. A metonímia também justifica o caráter experiencial da metáfora. (KÖVECSES, 2010).

Outra metáfora é MAIS É PARA CIMA, em que o aspecto crescente de uma pilha de livros mostra o aumento vertical do seu volume quando mais livros são adicionados. E é este traço que é considerado na hora de se expressar figuradamente, quando as pessoas dizem que “os preços estão subindo”, “as temperaturas estão mais altas”, “o índice de desemprego decola” etc (CROFT & CRUSE, 2004).

Metáforas e metonímias frequentemente interagem entre si nas expressões linguísticas. Algumas expressões podem até ser entendidas como uma mistura entre metáfora e metonímia, e outras como a metonímia sendo a motivação de determinadas metáforas. De uma forma ou de outra, é mais um recurso cognitivo a disposição dos indivíduos para fazer inferências e racionalizar o mundo.

²⁷ (...) metonymy can play a vital role in the genesis of metaphorical expressions.

2.6 Universalidade e variação

Nem todas as metáforas conceituais são universais, mas algumas podem ser identificadas em diferentes línguas, sendo possível afirmar que se aproximam muito desta universalidade. É o caso da metáfora RAIVA É UM FLUIDO QUENTE EM UM RECIPIENTE PRESSURIZADO, que recebeu uma atenção considerável em estudos de línguas de diferentes raízes, tais como o inglês, húngaro, japonês, chinês, zulu, polonês e taitiano. Kövecses (2010) compara estes estudos e percebe que não só a metáfora, mas também as metonímias associadas a esta metáfora são recorrentes nestas línguas: CALOR CORPORAL PELA RAIVA, PRESSÃO INTERNA PELA RAIVA, ROSTO E PESCOÇO AVERMELHADOS PELA RAIVA.

A possível explicação para esta potencial universalidade é a fisiologia conceitualizada, a qual oferece a motivação cognitiva para as pessoas entenderem uma pessoa raivosa metaforicamente como um RECIPIENTE PRESSURIZADO, além de motivar o uso do esquema imagético-cinestésico de recipiente para a estruturação desta metáfora. Se, em determinada cultura, a reação fisiológica durante o momento de raiva é o aumento da temperatura corporal, da pulsação, da pressão sanguínea e a respiração intensa, então as pessoas desta cultura acharão natural o uso da metáfora e das metonímias. Estudos comprovam que estas respostas fisiológicas são universais (EKMAN et al., 1983; LEVENSON et al., 1992), logo a fisiologia conceitualizada deve ser equivalente. Embora não possamos afirmar que a fisiologia conceitualizada seja idêntica entre as línguas, pois as experiências também variam histórica e culturalmente, há esta forte evidência de que é pelo menos equivalente, devido aos aspectos universais do corpo humano.

Como foi dito, nem todas as metáforas conceituais tendem à universalidade, mas o argumento da fisiologia conceitualizada favorece o caráter universal das metáforas conceituais primárias, pois estas possuem nítida fundamentação sensório-motora, diferente das metáforas conceituais complexas, que resultam da combinação experiencial, cultural, social e histórica.

As metáforas primárias se encontram em um nível genérico, por se aproximarem do universal. Contudo, existem metáforas e metonímias que pertencem ao nível específico, isto é, a mesma metáfora conceitual com variações específicas entre culturas e indivíduos.

Kövecses (2010) faz um levantamento das variações metafóricas para as metáforas que envolvem emoção, tais como RAIVA É UM FLUIDO QUENTE EM UM RECIPIENTE PRESSURIZADO e FELICIDADE É PARA CIMA, É LEVE, É UM FLUIDO EM UM RECIPIENTE. Este levantamento percorre o inglês, o japonês, o zulu e o chinês, e foi possível observar diferenças nos domínios fonte.

As expressões metafóricas relacionadas à metáfora RAIVA É UM FLUIDO QUENTE EM UM RECIPIENTE PRESSURIZADO podem ser compreendidas tanto no inglês, no japonês e no zulu (o que sugere a sua universalidade), porém elas apresentam outras metáforas relacionadas com domínios fonte mais particulares às suas respectivas culturas. No japonês, por exemplo, existe a metáfora RAIVA É/ESTÁ (NO) HARA, onde *hara* significa barriga. No zulu, o domínio fonte usado para conceitualizar a RAIVA é o CORAÇÃO, diferente do inglês, por exemplo, o qual geralmente usa o CORAÇÃO como fonte para emoções boas, como o amor, a afeição etc. A metáfora no zulu é RAIVA ESTÁ NO CORAÇÃO.

Ainda com relação à FELICIDADE, o inglês e o chinês compartilham dos mesmos domínios fonte: PARA CIMA, LEVE, UM FLUIDO EM UM RECIPIENTE. Porém, existe uma metáfora em chinês que o inglês não tem: FELICIDADE SÃO FLORES NO CORAÇÃO, a qual se refere ao caráter introvertido das emoções na cultura chinesa. Esta metáfora é um contraste com outra metáfora que o inglês tem, e o chinês não: ESTAR FELIZ É ESTAR FORA DO CHÃO, que, por sua vez, expressa as emoções de modo extrovertido na cultura norte-americana.

Além do aspecto intercultural, a metáfora varia individualmente devido às características pessoais e históricas. Kövecses (2010) exemplifica isto com as metáforas que podem ser ditas por um médico, usando domínios fonte particulares à sua área profissional. Neste caso, só as pessoas que compartilham desta mesma

profissão provavelmente teriam interesse nestas metáforas, que fariam muito mais sentido para elas. A hipótese é de que o conhecimento técnico de qualquer área faz com que o indivíduo explore este conhecimento ao máximo, portanto, sendo um potencial domínio fonte para expressões metafóricas.

Isto não só é verdade para o conhecimento técnico, mas também para a história vivenciada por cada um. Em seus exemplos, Kövecses (2010) destaca trechos dos discursos de políticos norte-americanos²⁸, onde eles usavam o domínio fonte de esportes a fim de convencer o eleitorado. Averiguando a história de cada parlamentar, foi possível ver que eles praticaram os esportes que forneciam os termos para os seus discursos.

As histórias pessoais nunca são exatamente iguais, e se a metáfora depender deste argumento para variar, ainda que no nível genérico seja universal, ela certamente sofrerá variação no nível específico, principalmente, se emergir em um contexto construído não por uma pessoa somente, mas pela interação entre os indivíduos e seus respectivos interesses e culturas.

²⁸ Bill Clinton, Al Gore, Jack Kemp e Bob Dole.

3 SISTEMAS DINÂMICOS COMPLEXOS ADAPTATIVOS

Aplicada em diversos campos do saber, tais como a lógica, a matemática, a biologia, a filosofia, as ciências humanas e cognitivas, a Teoria dos Sistemas Dinâmicos tem recentemente também tocado nas questões relativas à corporificação (os problemas sobre a relação mente-corpo) e a fenomenologia (a intencionalidade) (WALMSLEY, 2008). Quanto à primeira questão, os processos mentais não estão dispersos em uma “massa cinzenta”, mas eles são como são devido à estrutura biológica que os oferece condição de existência, no caso, o corpo como um todo. O corpo é mais um elemento influenciador dentro de um sistema complexo que conjuga uma série de outros fatores que interagem entre si para emergir padrões de comportamento e de compreensão de mundo. Dentre estes outros fatores, aspectos culturais, sociais e históricos também se configuram como elementos que participam ativamente desta rede interativa, e muitas vezes, estes são os elementos que dão caráter particular para determinadas emergências discursivas e comportamentais. Daí a razão pela qual a Teoria dos Sistemas Dinâmicos Complexos e Adaptativos (doravante TSDCA) tem interesse nos estudos fenomenológicos.

Os sistemas dinâmicos abordam a noção ecológica do comportamento humano. Um SDCA é composto de vários tipos diferentes de agentes ou elementos que interagem dinamicamente por meio de diferentes relações e conexões. É dito complexo, não somente devido à multiplicidade de elementos e conexões entre os componentes, mas, pelas mudanças que constantemente ocorrem nas relações entre os elementos, o que resulta em auto-organizações e emergências. Isto mostra que os sistemas complexos não são sistemas fechados, autocontidos, mas estão abertos a novas energias e interagem com elementos externos e internos a eles próprios, estando altamente propensos a mudanças. É desta instabilidade que decorrem adaptações e evoluções no sistema, o que equivale a dizer que o sistema dinamicamente se adequa ou muda a ponto de fazer emergir uma nova ordem. As mudanças podem acontecer de forma suave e contínua ou podem ser repentinas à medida que o sistema muda de comportamento.

As próximas seções aprofundam as noções e propriedades de um SDCA que serviram de constructo teórico para as análises da presente dissertação.

3.1. Caos e complexidade

O termo “caos” é frequentemente entendido como desordem e aleatoriedade, uma falta de padrão e uma série de imprevisibilidades. No entanto, o novo uso do termo pela ciência tem sugerido uma desordem aparente, respaldada por uma ordem subjacente a um conjunto de sistemas determinísticos. Tais sistemas são dependentes das condições iniciais e das mudanças internas que podem ocorrer (LORENZ, 2001). Apesar de tal determinismo destes sistemas e, conseqüentemente, ser possível prever os desdobramentos imediatos que as condições iniciais podem provocar, outros resultados, e estes em longo prazo, não podem ser determinados. O termo “caos” se justifica pela imprevisibilidade que as aparentes aleatoriedades podem causar: “nós até podemos acreditar que algum fenômeno é governado por leis determinísticas e que ele reage de forma regular, para depois descobrirmos que seu comportamento é mais irregular do que suspeitávamos”²⁹ (LORENZ, 2001, p. 157). Portanto, o determinismo existe até um nível mais próximo das condições iniciais, mas é desafiador afirmar até onde estes efeitos podem alcançar. Conforme Gleick (1987, p. 8), “pequenas diferenças no *input* podem rapidamente se transformar em diferenças espantosas no *output*”³⁰, como também podem levar a mudanças não tão significativas.

O discurso deve ser entendido como um sistema, que até se torna previsível em determinados momentos, mas ao longo da interação com outros participantes, não é possível controlar o seu fluir, podendo exceder ou não as expectativas dos próprios interlocutores. No discurso sobre violência urbana em análise, perguntas foram realizadas pelo moderador, o qual estava na expectativa de certas respostas, que até

²⁹ We may believe that some phenomenon is governed by deterministic laws and that it responds in a regular manner, only to discover at some point that its behavior is more irregular than suspected.

³⁰ (...) tiny differences in input could quickly become overwhelming differences in output.

apareceram, mas muitas vezes os interlocutores complementavam as suas e as réplicas dos outros participantes do grupo focal, de modo que outros assuntos foram discutidos, novas concepções emergiram e foram co-construídas. Isto está aprofundado no capítulo de análise de dados.

A teoria do caos não se confunde com a complexidade, apresentada por seus adeptos (GLEICK, 1987; WALDROP, 1992; MORIN, 1999; PAIVA, 2005; LARSEN-FREEMAN & CAMERON, 2008; ELLIS & LARSEN-FREEMAN, 2009) como uma perspectiva teórica que aproxima o estudo das partes com o todo, não considerando a contradição como perturbação, mas como um aspecto relevante a ser observado no objeto de estudo.

Um sistema complexo é caracterizado por ter outros sistemas complexos dentro de si, podendo gerar resultados caóticos (imprevisíveis), devido as suas condições iniciais. Palazzo (1999 apud AUGUSTO, 2009) diferencia sistemas complexos de sistemas lineares ao afirmar que os primeiros “são todos constituídos de outros todos”, isto é, são subsistemas de sistemas. Ele utiliza a ilustração de um relógio, que desmontado, é constituído de partes e não de todos, pois se uma das partes faltar, o relógio não funcionará. Os sistemas complexos, por sua vez, não têm este tipo de relação de dependência entre seus elementos: “(...) se uma célula morre ou uma formiga se perde, isto tem pouco efeito sobre o sistema ao qual pertencem”. (PALAZZO, 1999 apud AUGUSTO, 2009, p. 39 e 40).

O fato é que o sistema é autônomo e se mantém vivo, mesmo sofrendo algumas adaptações. As conexões entre os elementos do sistema são tão complexas, que rapidamente este encontra um meio de adaptar-se, embora não seja possível determinar o impacto destas adaptações. De acordo com Brooks (2007), é onde caos e complexidade se complementam, pois a imprevisibilidade dos sistemas caóticos surge da sensibilidade a qualquer transformação nas condições que controlam o seu desenvolvimento.

Caos e complexidade se encontram no ponto crítico do sistema, o que Waldrop (1993, p. 12) denomina de a beira do caos: “a zona de batalha em constante

alternância entre a estagnação e a anarquia, o ponto onde um sistema complexo pode ser espontâneo, criativo e vivo”³¹. Em outras palavras, as sequências de adaptações estimulam (“forçam”) a dinamicidade do sistema para que este continue existindo. O sistema não se encaminha para um equilíbrio, pois estará morto, mas busca a estabilidade. Larsen-Freeman e Cameron (2008, p. 58) argumentam que “um sistema no limite do caos muda adaptativamente para manter a estabilidade, demonstrando um alto nível de flexibilidade e sensibilidade”³². Tais estabilidades são encaminhadas para estados chamados de atratores, os quais são explorados na seção seguinte e é um dos conceitos fundamentais para a análise da pesquisa.

3.2. Variabilidade, Estabilidade e Atratores

Um sistema simples opera de forma previsível, pois estabelece conexões estáticas, como por exemplo, os semáforos (LARSEN-FREEMAN & CAMERON, 2008), os quais não são de maneira alguma afetados por elementos externos (carros, motoristas, pedestres, outros sinais de trânsito etc.). Por outro lado, é característico de um SDCA variar muito, de fato, quanto mais variações tiver, mais forte e duradouro ele se torna, já que há uma ampla gama de conexões entre os diversos elementos internos e externos que o compõe:

Em sistemas complexos, cada componente ou agente se encontra em um ambiente produzido por suas interações com outros agentes no sistema. Está constantemente agindo e reagindo ao que outros agentes estão fazendo. E por causa disso, essencialmente nada no seu ambiente está fixo³³. (WALDROP, 1992, p. 145)

³¹ The constantly shifting battle zone between stagnation and anarchy, the one place where a complex system can be spontaneous, adaptive and alive.

³² [A] system at or near the edge of chaos changes adaptively to maintain stability, demonstrating a high level of flexibility and responsiveness.

³³ In complex systems, each component or agent finds itself in an environment produced by its interactions with other agents in the system. It is constantly acting and reacting to what other agents are doing. And because of that, essentially nothing in its environment is fixed.

O discurso é rico em variações conceituais, pois as infinitas possibilidades de conexões que pode haver entre os agentes proporcionam isto. Ainda que o sistema apresente agentes que por si já são estáveis, as suas relações com os outros agentes especifica e altera o sistema, fazendo emergir particularidades inerentes ao próprio discurso. Sendo a cognição um dos agentes do discurso, pode-se dizer que as operações cognitivas não se manifestam sempre da mesma forma, mas fazem emergir metáforas e metonímias reveladas de maneiras bem específicas e variadas no discurso.

A variabilidade é uma característica que tem sido apontada frequentemente por diversos autores (DE BOT, LOWIE & VERSPOOR, 2007; LARSEN-FREEMAN & CAMERON, 2008) como recurso necessário do sistema para atingir momentos de estabilidade. De acordo com De Bot, Lowie e Verspoor (2007), a mudança do sistema ao longo do tempo pode ser descrita matematicamente através da equação $x(t+1) = f(x(t))$, onde a função de um estado x em um determinado tempo t é transformada em um novo estado x em um tempo seguinte $t+1$. Para os autores (2007, p. 08), o novo estado emerge devido a uma **interconexão completa**³⁴, onde “todas as variáveis estão inter-relacionadas, e por isso, mudanças em uma variável terão um impacto em todas as variáveis que fazem parte do sistema”³⁵.

Ao variar, o sistema está mudando o seu padrão de comportamento, encaminhando-se para estados denominados como atratores. Segundo Larsen-Freeman & Cameron (2008, p.50), um atrator é entendido como sendo “uma região específica no espaço de fases no qual o sistema tende a se movimentar”, isto é, um conjunto de estados preferíveis (mas não necessariamente previsíveis) para os quais o sistema tende a emergir. Dentre os possíveis estados, aqueles que não são preferíveis são chamados de estados repelentes (DE BOT, LOWIE & VERSPOOR, 2007). Os atratores são temporários, mas dependendo da força que eles têm, mais ou menos energia será exigida do sistema para poder se movimentar e mudar para outras fases.

³⁴ Termo utilizado pelos autores é *Complete Interconnectedness*.

³⁵ All variables are interrelated, and therefore changes in one variable will have an impact on all other variables that are part of the system.

É o que acontece no discurso quando o tópico discursivo se torna interessante e facilmente se conecta com o conhecimento prévio dos participantes do grupo. O sistema está alcançando certa estabilidade e mais difícil fica para que outro tópico seja desenvolvido. Isto é, o tópico discursivo funciona como um atrator, e dependendo de outros agentes no sistema ele pode ganhar mais ou menos força.

A fim de tornar o conceito de atratores ainda mais claro, Augusto (2009, p. 47), baseando-se em Larsen-Freeman (1997; 2007) e Larsen-Freeman e Cameron (2008), vale-se da seguinte ilustração:

Se imaginarmos um casal dançando uma sequência de ritmos diferentes como, por exemplo, samba, *rock-and-roll*, salsa e *twist*, veremos que cada ritmo se configura como um atrator, pois o casal terá que assumir um padrão diferente de comportamento na elaboração dos diferentes estilos de dança e assim permanecer por algum tempo. No entanto, o casal de dançarinos poderá num mesmo ritmo apresentar variações de comportamento. Por exemplo, a salsa pode ser dançada em diferentes ritmos e velocidades, assim como todos os outros estilos. Nesse caso ocorreria aquilo que alguns autores (LARSEN-FREEMAN, 1997; 2007; LARSEN-FREEMAN & CAMERON, 2008) definem como sendo variabilidade junto à estabilidade.

3.3. Sistemas Aninhados e Fractais

Os sistemas se encontram de forma submolecular, ou seja, aninhados em outros sistemas que, por sua vez, também estão contidos em outros sistemas, e assim sucessivamente. No momento da interação discursiva, por exemplo, outros sistemas estão aí aninhados, tais como os sistemas socioculturais e cognitivos de cada indivíduo. Além disso, o discurso como um todo pode revelar outros discursos dentro de si, com tópicos mais definidos, por exemplo, quando se fala da violência na mídia, os participantes também expressam sobre o sentimento de insegurança e medo vivenciados em suas próprias comunidades.

Esta noção de discurso dentro de discurso pode ser traduzida como fractal. O conceito de fractal foi trabalhado por Mandelbrot (1982) na intenção de descrever padrões autossimilares, independentemente da escala de visualização. Alguns exemplos de fractais podem ser observados na natureza, tais como as nuvens, o

diamante, a costa marítima, a árvore. Quando se corta um galho de uma árvore, o galho apresenta os mesmos aspectos da árvore original (folhas, pequenos galhos e ramos, caule). Quando se corta uma folha, observa-se pequenas ramificações que compõem a sua estrutura, semelhantes aos ramos de uma árvore. Em diferentes escalas, através da autossimilaridade, pode-se reconhecer as mesmas estruturas. A boneca russa Babushka também esclarece bem a noção de fractal. Ela é um conjunto de bonecas iguais encaixadas dentro da outra. Não importa o tamanho, todas elas possuem as mesmas características. O fractal é uma reprodução de si mesmo (LARSEN-FREEMAN, 1997). O discurso também apresenta padrões que podem ser observados em trechos do próprio discurso, como se fossem minidiscursos: introdução, desenvolvimento e conclusão.

3.4. Não-linearidade e Regras Simples

Durante muito tempo a ciência se desenvolveu seguindo o princípio de que “dado um conhecimento aproximado das condições iniciais de um sistema e um entendimento da lei natural, pode se calcular o comportamento aproximado desse sistema” (GLEICK, 1987, p. 12). Dentre os estudiosos, destacou-se Newton que estabeleceu os princípios matemáticos da filosofia natural, publicados numa série de livros intitulados *Principia* e tratavam da lei da gravidade e dos movimentos. Os princípios newtonianos afirmavam que tudo que acontecia tinha uma causa definida, que resultaria em um efeito definido. Portanto, as futuras situações de determinado sistema poderiam ser matematicamente previstas, seus resultados determinados e todos os seus detalhes conhecidos. (AUGUSTO, 2009).

Com a teoria do caos, já abordada na presente dissertação, a linha de raciocínio newtoniana foi colocada em discussão. O que dizer, por exemplo, de pequenas mudanças provocarem efeitos avassaladores? A teoria do caos se pauta no que é conhecido como Efeito Borboleta, em que não há certeza alguma se um bater de asas no Brasil pode causar ou não um tufão em qualquer outra parte do mundo

(LORENZ, 1972). A relação linear entre causa e consequência é questionada, e SDCA não se comportam em padrões definidos e/ou proporcionais. Algumas pequenas perturbações no sistema podem provocar impactos significativos, e outras grandes perturbações podem ser contidas e absorvidas pelo sistema.

No entanto, o sistema não é completamente desordenado, mas é regido por regras simples para que possa encontrar a sua auto-organização temporária. Para que possa ser concebido como um sistema, ele deve ter um número mínimo de regras que possibilitem momentos estáveis e para que a energia gerada pelas variações no sistema não se percam. O discurso é regido por regras simples (os papéis sociais, por exemplo) para que ocorram as mais variadas interações entre os interlocutores. Estas regras tornam o sistema sub-ideal. O sistema não precisa ser perfeito para se adequar ao seu ambiente, basta que seja melhor do que outras possibilidades para adaptar-se temporariamente e se configure de modo satisfatório.

A TSDCA oferece um modo de pensar o mundo e a vantagem de realizar análises para além dos dados, ao prever que possíveis organizações o sistema poderia ter tomado (como se fosse uma bifurcação de possibilidades), e descobrir que elementos específicos causam desestabilização no sistema.

Para um entendimento adequado de representações sociocognitivas relacionadas ao fenômeno da violência urbana, é necessário entender os modos de conceitualização do fenômeno, ou seja, o uso da linguagem na forma de metáforas, metonímias, imagens, esquemas corpóreos, como agentes integrantes de sistemas sociocognitivos complexos, com os quais fatores neurofisiológicos, psicológicos, ecológicos e socioculturais interagem dinamicamente.

3.5. A língua como um SDCA

Os SDCA oferecem uma possibilidade de estudo da língua para além das correntes teóricas já delimitadas. De acordo com esta perspectiva, a língua não é só resultado, mas é um sistema que também age dentro de outros sistemas da sociedade.

A língua como sistema adaptativo contempla a participação de indivíduos como atores no momento do discurso, os quais querem comunicar as suas intenções, operando em diferentes níveis (neurônios, cérebro, corpo, fonemas, morfemas, léxico, construções sintáticas, interações, pressupostos, subentendidos etc). Ela mesma apresenta seus aspectos fractais, como por exemplo, os sintagmas, onde é possível ver, às vezes, sintagmas nominais dentro de outros sintagmas nominais, que por sua vez podem estar contidos em sintagmas verbais.

Os SDCA são evolutivos, o mesmo pode ser afirmado para a língua. A mudança linguística é um processo evolutivo cultural (Christiansen & Chater, 2008; Croft, 2000). Segundo a Análise Geral de Seleção (HULL, 1988, 2001), os processos evolutivos passam por dois estágios: replicação e seleção. O primeiro se refere às unidades que se replicam, e quanto maior a frequência, maior será a tendência de que esta replicação permaneça. Ao permanecer, a antiga forma cai, e houve uma seleção observando o que seria mais adequado ao ambiente. Quanto à língua, a replicação pode ser entendida através de suas estruturas – sons, palavras e construções – e significados, que com replicação, tendem a ser selecionados para permanecerem. Mais uma vez, não é a opção perfeita de língua, mas a melhor de acordo com a comunidade, a cultura, o ambiente que a selecionou. A replicação e a seleção dependem da interação com o ambiente para poder validar-se como a opção mais adequada. A própria gramática, vista aqui como um subsistema da língua, é fruto das interações e adaptações do sistema:

Gramática é considerada como um epifenômeno, um produto a mais do processo de comunicação. Não é uma coleção de regras e formas-alvo para serem adquiridas pelos aprendizes da língua. Língua, ou

gramática, não é sobre ter; é sobre fazer: participar em experiências sociais.³⁶ (LARSEN-FREEMAN, 2002, p. 42)

Por fim, parafraseando Augusto (2009), quando se trata de descrever a língua como um sistema complexo, o termo dinâmico pode ser associado aos processos de transformação sincrônica da língua, enquanto o termo diacrônico pode ser entendido como evolução/adaptação.

³⁶ Grammar is regarded as epiphenomenal, a by-product of a communication process. It is not a collection of rules and target forms to be acquired by language learners. Language, or grammar, is not about having; it is about doing: participating in social experiences.

4 A METÁFORA A PARTIR DO DISCURSO

A Teoria da Metáfora Conceitual (LAKOFF & JOHNSON, 1980) abordou a perspectiva de uma metáfora como uma estrutura conceitual derivada das particularidades das experiências no mundo. Os mapeamentos para a composição desta metáfora, uma vez definidos, parecem estar consolidados de forma a não permitir muitas variações (ver capítulo 2). Esta é a crítica que a metáfora conceitual tem recebido ao longo dos anos. Se sua estrutura parece ser tão convencional, como a Teoria da Metáfora Conceitual pode justificar a criatividade do pensamento e da linguagem, que origina metáforas novas e peculiares ao contexto de produção? Isto é, se as metáforas são convencionais, como explicar o surgimento diário de metáforas não convencionais no discurso?

Considere a metáfora conceitual ESTRUTURAS POLÍTICAS SÃO EDIFÍCIOS, baseada na pesquisa de Musolff (2000) sobre discursos a respeito da integração europeia na década de 90. Durante o discurso, termos como o “teto” e “as saídas de emergência” foram utilizados (MUSOLFF, 2000, p.p. 220, 221):

“Nós estamos felizes que a unificação da Alemanha aconteça debaixo do teto europeu” (Documentação da *Federal Press and Information Office*, Bonn);

“[A casa europeia é] um prédio sem saídas de emergência: não dá para escapar se isto der errado”. (*Guardian* [Manchester], 2 de Maio, 1998);

“[É um] prédio pegando fogo sem saídas”. (*Times* [Londres], 20 de Maio, 1998).³⁷

Se as metáforas conceituais que usam EDIFÍCIOS como fonte são convencionais³⁸, então os interlocutores do discurso não deveriam conceitualizar

³⁷ “We are delighted that Germany’s unification takes place under the European roof”. (Documentation by the Federal Press and Information Office, Bonn); “[The European house is] a building without fire-escapes: no escape if it goes wrong”. (*Guardian* [Manchester], May 2, 1998); “[It is a] burning building with no exits”. (*Times* [London], May 20, 1998)

ESTRUTURAS POLÍTICAS usando estes termos. O que se pode sugerir aqui é que, neste caso, não foi o domínio fonte que mapeou o alvo, mas, através da dinâmica e dos propósitos discursivos, aconteceu o inverso: o domínio alvo mapeou o que seria útil do fonte para expressar a ideia do discurso. Por exemplo, se um país não concorda com a unificação europeia e tem uma opinião negativa a respeito deste fato, é possível dizer que esta proposta de unificação seja “um prédio sem saídas de emergência” (KÖVECSES, 2010). Este é um elemento do domínio fonte, em geral, não muito usado, mas que se encaixa perfeitamente a este propósito discursivo, sugerindo que o mapeamento nem sempre se dá em via única para as metáforas conceituais complexas, contrariando, assim, a predição proposta por Lakoff e Johnson na teoria de 1980.

A Teoria da Integração Conceitual (FAUCONNIER & TURNER, 1998, 2002) – ver seção 2.4.4 – já sugeria algumas respostas, a nível conceitual e neural, para o problema da criatividade e do mapeamento da metáfora conceitual, através da mesclagem multidirecional entre os espaços mentais. Contudo, fatores pertencentes ao próprio discurso e à interação dialógica, que estão para além do conceitual, também contribuem significativamente para a criação de novas metáforas, e estas são até mais particulares ao contexto discursivo.

Cameron (2007) acredita que para se compreender a metáfora é necessário estudá-la no seu uso dialógico como parte integrante do uso da língua, por sua vez, entendida como um sistema dinâmico complexo, e não só como uma instanciação de uma competência fixa e pré-existente. Concorda-se aqui com a proposta discursiva de Cameron (2007), porém não será desconsiderada a competência mental e neural que se mostra bastante significativa nos estágios iniciais do desenvolvimento cognitivo, necessário para uma atuação efetiva no discurso posteriormente. Pensamento e fala são processos dinâmicos que requerem interpretação constante por parte dos participantes. O ajuste da compreensão se dá à medida que intenções e emoções evoluem no fluxo do discurso. Na opinião de Gibbs e Cameron (2007, p. 04),

³⁸ Isto é, são convencionais os termos que são mapeados do domínio fonte para o alvo, como por exemplo, “os fundamentos”, “os pilares”, “as estruturas”, “a construção”, mas nunca “as janelas”, “o teto” ou até mesmo “as saídas de emergência”.

[...] as abordagens dinâmicas enfatizam a dimensão temporal dos processos sociais e cognitivos e as maneiras nas quais o comportamento de um indivíduo emerge a partir da interação cérebro-corpo-ambiente, incluindo a interação com outros sujeitos. Os padrões comportamentais simples e complexos, incluindo o desempenho metafórico no discurso, são produtos super ordenados e emergentes de processos que se auto-organizam. Assim, o comportamento surge da frequente interação não-linear entre os componentes de um sistema, ao invés de mecanismos cognitivamente e neurologicamente especializados³⁹.

As metáforas emergem no discurso como tentativas de estabilizar a dinâmica e a variabilidade discursiva. Consequentemente, padrões metafóricos são gerados quando os interlocutores assumem um “pacto conceitual” de como falar sobre determinados tópicos. São as metáforas que são situadamente “escolhidas” para tópicos, contextos e interações discursivas específicas através do discurso frequente sobre este ou aquele tópico. Com base nisto, as metáforas não possuem significados similares em contextos diversos, mas são dinamicamente recriadas, dependendo das histórias particulares de cada participante na ação discursiva.

Gibbs & Cameron (2007) comparam o sistema dinâmico a um jogo de sinuca. No jogo, a bola que é usada para rebater outras modifica o jogo e precisa ser rebatida de acordo com a configuração do jogo atual. Duas tacadas nunca são iguais, pois elas dependem desta configuração, da mutável natureza do jogo. O mesmo ocorre para as metáforas, que nunca são idênticas ou simplesmente armazenadas na memória, sendo relativo o seu uso e dependentes da natureza do discurso que se configura no momento de interação.

As análises de Cameron (2007) foram realizadas a partir do discurso de reconciliação entre vítima e agressor, através de uma conversa face-a-face, método

³⁹ Dynamical approaches emphasize the temporal dimension of social and cognitive processes and the ways in which an individual's behavior emerges from the interaction of brain, body and environment, including interactions with other persons. Simple and complex behavior patterns, including metaphor performance in discourse, are higher-order, emergent products of self-organizing processes. Thus, purposive behavior arises from the usually nonlinear interaction of a system's components rather than from specialized cognitive or neurological mechanisms.

entendido como “conversar-e-pensar”⁴⁰. Um membro do IRA⁴¹, Pat Magee, explodiu um hotel onde estavam reunidos líderes do governo inglês. Anos depois, a filha (Jo Berry) da vítima (Sir Anthony Berry) decidiu ter esse encontro com o autor do atentado para entender os motivos que o levaram a cometer o crime. Cameron (2007) analisa as metáforas que emergem durante o discurso, e ressalta que elas são negociadas durante as falas dos interlocutores:

Excerto 4

115 PAT ... você viu isso como se fosse indivíduos,
 116 ou você viu isso como um tipo de –
 117 ... a grande ... imagem política,
 118 o IRA,
 119 ou,
 120 ... a guerra,
 121 ... hum você sabe o que eu quero dizer,
 122 er,
 123 JO sim,
 124 PAT ... você estava –
 125 você estava ciente que há um –
 126 JO ... será um indivíduo com o qual você estaria sentado
 127 hmh
 128 ... eu vi ambos.

(CAMERON, 2007, p. 204)⁴²

⁴⁰ Em inglês, a autora denomina este método como *talking-and-thinking*, a hifenização é devido à inseparabilidade entre linguagem e pensamento.

⁴¹ *Irish Republican Army*: grupo militante contra o domínio político inglês sobre a Irlanda do Norte.

⁴² Neste caso, não foi obedecida a formatação recomendada pela ABNT quanto a citações, pois optou-se por manter a formatação da transcrição utilizada por Cameron (2007), a qual entende cada linha como uma unidade entonacional (CHAFE, 1994) – ver capítulo 5 deste trabalho.

(...) se você não estiver vendo um ser humano na sua frente ... se tudo que você está vendo é um inimigo

até que nós nos vejamos em nossa verdadeira luz ... nós sempre vamos estar lidando com alguma redução ou uma caricatura

é fácil perder de vista a humanidade do inimigo

nunca é a imagem inteira

às vezes você passa a vista ... na humanidade da outra pessoa

(CAMERON & GIBBS, 2007, p. 08)

As expressões linguísticas sublinhadas são chamadas de veículos, e é a partir deste nível (microgenérico) que as análises discursivo-metafóricas são iniciadas.

4.1 Veículos Metafóricos

Cameron (2007) chama de veículos metafóricos aquilo que pode ser entendido como um item lexical, o qual tem seu sentido contrastado com o significado que se apresenta no contexto discursivo, isto é, um significado situado para determinado discurso. Quando há suspeita de que certo termo seja um veículo, de acordo com Cameron e Maslen (2010), ele deve satisfazer duas condições:

1. Há um contraste ou incongruência entre o significado “básico” ou “primeiro” da palavra ou frase e o sentido que aparece no seu contexto discursivo; e também,
2. Há uma transferência de sentido, que torna o significado contextual capaz de ser entendido nos termos do significado “básico”.

Por significado “básico”, segundo Cameron e Maslen (2010), entende-se que seja um ou mais itens lexicais⁴³ que façam referência a algo concreto (sensorial – evocam algo fácil de imaginar, ver, ouvir, sentir, cheirar e degustar), relacionados a

⁴³ Na perspectiva da abordagem dinâmica do discurso, a metáfora não se limita a somente uma unidade lexical, como o grupo Pragglejaz (2007) faz. O pesquisador é que, cuidadosamente, decide, de acordo com os objetivos da análise, onde começa e termina um termo veículo (CAMERON & MASLEN, 2010).

ações corpóreas, que tenham mais precisão (oposto a sentido vago) e, talvez, até mesmo tenham um sentido mais antigo do que o contextual.

Em um primeiro momento, quando o veículo emerge, há certa instabilidade no discurso, até o momento em que o outro utiliza o mesmo veículo metafórico ou expressões relacionadas a ele para comunicar os seus sentimentos e pensamentos: “A introdução de veículos no texto pareceu criar um tipo de força cognitiva centrífuga que abre *links* potencialmente infinitos para outros conceitos (...)” (CAMERON, 2003, p. 191) ⁴⁴.

Ao longo do desequilíbrio do sistema discursivo, os veículos atravessam o que é denominado de mudança metafórica⁴⁵ (CAMERON, 2008), um fenômeno da metáfora em uso. Quando as pessoas estão envolvidas em um diálogo, elas raramente produzem metáforas que estejam contidas em uma só afirmação, mas observa-se que elas estão distribuídas, ajustadas e desenvolvidas ao longo das várias sentenças. “Os tipos de mudança metafórica identificados aqui nos mostra algumas das possibilidades disponíveis aos falantes e seus resultados em contextos discursivos particulares” ⁴⁶ (CAMERON, 2008, p. 60). Estes tipos são:

- a. O **reemprego** do veículo metafórico: quando o mesmo termo ou um item lexical semanticamente próximo é reutilizado com um tópico diferente. Isto é, há o que é chamado de mudança da referência tópica, e também ocorre a **apropriação metafórica** (quando outro participante faz uso deste mesmo veículo em outro tópico discursivo).
- b. O **desenvolvimento** do veículo metafórico: quando o mesmo termo é repetido, explicado, exemplificado, contrastado e/ou relexicalizado dentro do mesmo tópico discursivo ou em tópicos conexos.
- c. A **literalização** do veículo metafórico: quando um termo tem o seu simbolismo carregado do seu uso literal. Isto é, metonimicamente, o

⁴⁴ The introduction of Vehicle terms into the text seemed to create a kind of centrifugal cognitive force that opens up potentially endless links to other concepts (...).

⁴⁵ A terminologia utilizada pela autora é *Metaphor shifting*.

⁴⁶ The types of metaphor shifting identified here show us some of the possibilities available to speakers and their outcomes in particular discourse contexts.

veículo contextualiza tópicos discursivos aparentemente distantes, inserindo-os em um só tópico ao servir como “ponte” e símbolo para o novo tópico. Este é o caso da metonímia em análise neste trabalho: *ESTAR DENTRO POR ESTAR SEGURO*, onde os termos que se referem a algum espaço interno, literalmente significam isto, mas servem como ponte para expressar o sentimento de segurança. Por inferência, o inverso também é verdadeiro: *ESTAR FORA POR ESTAR INSEGURO* (ver seção 6.1.12).

Estas mudanças metafóricas evidenciam a ocorrência da negociação de significado entre os interlocutores no fluir do discurso, onde tópicos são retomados e conceitos são (re)elaborados, se houver necessidade. A negociação de sentido na interação discursiva não é fechada ou padronizada, mas dinâmica e, algumas vezes, inesperada.

Os veículos podem ser compreendidos como os elementos que alinham as conceitualizações que ocorrem com participantes do discurso, isto é, os subsistemas presentes em cada participante interagem no discurso, fazendo emergir novos significados e instanciações metafóricas. Estes subsistemas são sistemas dinâmicos complexos de linguagem, de cognição e físicos. Os termos veículos emergem a partir da dinamicidade da progressão discursiva e mantêm o sistema aberto às mudanças por parte de fatores externos (sócio-históricos) e internos (mentais, crenças particulares etc). Eles potencializam links infinitos a outros conceitos (CAMERON, 2008). A reutilização destes veículos se assemelha a propriedade de “multivalência” dos átomos e moléculas, já que eles possuem a capacidade de funcionar estabilizadamente com diferentes Tópicos Discursivos (os assuntos que estão sendo discutidos pelos interlocutores na interação – ver seção 4.3). A multivalência sugere a dinamicidade do sistema discursivo. Trabalhar com a noção de termos veículos ao invés de palavras apresenta a vantagem de observar não significados estanques, mas metáforas inseridas em metáforas que emergem em tempo real.

A ideia de veículos metafóricos sugere uma análise metafórica indutiva, ou seja, em um nível microgenérico, contrastando com as generalizações (nível macrogenérico) dos estudos da metáfora conceitual. Cameron e Maslen (2010)

afirmam que a vantagem de se trabalhar com veículos é que se confere mais objetividade às pesquisas, pois os termos são do próprio discurso, não há especulações sobre as operações cognitivas envolvidas, já que os veículos são a manifestação da metáfora no discurso, conectando-se com outras motivações discursivas, tais como o conhecimento específico sobre o assunto, por exemplo.

Na teoria da metáfora conceitual, veículos poderiam ser chamados de termos do “domínio fonte” porque eles seriam vistos como instanciações do domínio conceitual, que é a fonte do mapeamento metafórico. Na abordagem dinâmica do discurso, é mais lógico usar “veículo” como nomenclatura do que “termo do domínio fonte”, porque nós estamos mais interessados com a língua propriamente usada no discurso, e queremos evitar fazer suposições sobre as conceitualizações dos falantes. (CAMERON & MASLEN, 2010, p. 103)⁴⁷

Após a identificação dos veículos, eles são agrupados sob rótulos que sejam ao mesmo tempo generalizantes (para poder incluir o maior número possível de veículos semanticamente relacionados), mas que também sejam nomeados a partir dos próprios termos veículos (específico, para deixar a metáfora o mais próximo possível do discurso), pois a proposta da análise do discurso à luz da metáfora refere-se a metáforas particulares, que não tendem à universalidade ou qualquer generalização, mas que pertençam a discursos específicos.

O resultado de um agrupamento de veículos conectados aos tópicos do discurso, aos quais se referem, é denominado de metáfora sistemática emergente, explorada com mais detalhes na seção seguinte.

4.2 Metáfora Sistemática

A metáfora sistemática emergente é a estabilização temporária na dinâmica discursiva e pode variar na frequência, nas formas gramaticais e lexicais, e no

⁴⁷ In cognitive metaphor theory, vehicles would be called ‘source domain’ terms because they would be seen as instantiations of the conceptual domain that is the ‘source’ of the metaphor mapping. In the discourse dynamics approach, it is more logical to use ‘vehicle’ as the label, than ‘source domain term’, because we are concerned with the language actually used in discourse, and want to avoid making assumptions about speakers’ conceptualizations.

significado, além de permitir revisitar tópicos discursivos através de termos relacionados a ela durante a progressão do discurso. Estas metáforas são mais específicas e adequadas ao discurso que as metáforas conceituais (LAKOFF & JOHNSON, 1980); por exemplo, o discurso de reconciliação analisado por Cameron (2007), nos excertos citados anteriormente, apresenta a metáfora sistemática específica *RECONCILIAÇÃO ENVOLVE A MUDANÇA DE UMA IMAGEM DISTORCIDA DO OUTRO*⁴⁸, o que é mais evidente no discurso do que a metáfora conceitual *COMPREENDER É VER*.

A metáfora sistemática acontece no nível microgenérico, pois é uma junção dos veículos que estão organizados sob um mesmo tópico discursivo. Ela é uma generalização diferente da proposta da metáfora conceitual primária, já que esta última tende à universalidade. A sua generalização significa uma forma prática de agrupar os vários veículos que encaminham sentidos metafóricos semelhantes. Portanto, podemos afirmar que é a emergência de um momento de estabilização dos conceitos, das opiniões, dos valores e até mesmo das formas linguísticas no discurso: as metáforas sistemáticas “conectam o nível local do uso da metáfora ao nível do evento discursivo”⁴⁹ (CAMERON, 2007, p. 205).

As metáforas sistemáticas são resultados amplos de um processo *bottom-up* de produções locais no discurso, é uma generalização específica do evento discursivo. Este método de análise apresenta algumas vantagens como a flexibilidade na interpretação de metáforas, metonímias e expressões literais; a livre combinação de mais de uma metáfora sistemática através de seus veículos; e apresentam sistematicidade ao longo do discurso, isto é, devem aparecer mais de uma vez, implicitamente nas falas, por mais de um falante, pois estas metáforas indicam a negociação de sentido entre os interlocutores. Por exemplo, o trecho do excerto 9 de

⁴⁸ A notação da metáfora sistemática, sugerida por Cameron (2007), será realizada em caixa alta, mas em itálico, para diferenciar da metáfora conceitual.

⁴⁹ (...) connect the local level of metaphor use to the discourse event level.

Cameron (2007, p. 209) ilustra as vantagens mencionadas neste parágrafo: “você vai chegar cara a cara com o preço”⁵⁰.

O veículo “cara”, metonimicamente, indica a pessoa como um todo, que vai se deparar com tal situação. Como no encontro de reconciliação, Pat Magee e Jo Berry estavam sentados frente a frente, a expressão “cara a cara” também pode ser interpretada literalmente. O veículo “chegar” aponta para a metáfora sistemática sobre *RECONCILIAÇÃO É UMA JORNADA*, enquanto o veículo “cara a cara” se refere à metáfora *RECONCILIAÇÃO ENVOLVE A MUDANÇA DE UMA IMAGEM DISTORCIDA DO OUTRO* e o veículo “preço” mostra uma metáfora de *VALOR*. Logo, uma combinação de metáforas em um mesmo trecho que pode se repetir neste discurso, mas não possui esta obrigação nem para com o discurso em análise e nem para qualquer outra interação discursiva.

Nos dados analisados por este trabalho, é possível observar alguns exemplos que demonstram a livre combinação de metáforas sistemáticas. O trecho a seguir, por exemplo, tratando do tópico Mudança Comportamental, apresenta veículos que implicam, pelo menos, em duas metáforas sistemáticas: *MUDANÇA COMPORTAMENTAL É MOVIMENTO* e *MUDANÇA COMPORTAMENTAL SÃO AÇÕES BÉLICAS* (para mais detalhes, ver capítulo 6):

Excerto 1 – Combinação de metáforas sistemáticas (continua)

0628	primeiro a gente fica
0629	na fase da apreensão,
0630	você tem medo,
0631	é assaltado
0632	e não volta mais no lugar,
0633	segunda fase
0634	é a fase da defesa
0635	que é onde a maior parte da sociedade
0636	vive atualmente,
0637	.. se tranca,
0638	se prende,
0639	não deixa o menino sair,
0640	procura condomínio,
0641	quem tem uma condição melhor

⁵⁰ you're going to come face-to-face with the price.

Excerto 1 – Combinação de metáforas sistemáticas (conclusão)

0642	procura condomínio,
0643	... vamos chegar num ponto
0644	que a gente vai partir pro ataque,
0645	ai é quando,
0646	.. no meu ponto de vista
0647	vai ser a pior fase de todas,
0648	.. agora
0649	eu, particularmente,
0650	.. e olha que eu ainda
0651	não cheguei no ponto do ataque,
0652	eu tô no ponto da defesa,

Fonte: Corpus Grupo Focal 1_GELP (2010)

Veículos como “ataque” e “defesa” sugerem ações de guerra, no entanto, estas ações não estão estáticas, mas em movimento através dos termos “vamos chegar num ponto”, “vai partir pro”, “onde” e “não volta mais”. As ações de guerra expressam as novas atitudes que a sociedade precisa ter frente à violência. Mas tomar estas atitudes é também sair da letargia e entrar em movimento, de acordo com o trecho, é uma mudança de fase.

Ainda outro exemplo das análises, também referente à Mudança Comportamental, é o fragmento a seguir, onde os veículos “revoltante”, “revoltar” e “revolta” retratam *MUDANÇA COMPORTAMENTAL SÃO AÇÕES BÉLICAS*, mas o interlocutor finaliza seu pensamento afirmando que a violência provoca a necessidade do corpo “extravasar essa revolta”, que “fica presa em você”. Estes e outros veículos apontam uma ideia de recipiente, sendo a “revolta” o conteúdo. Há uma combinação de conceitos (*AÇÕES BÉLICAS* e *RECIPIENTE*) para concluir a reflexão sobre o tópico:

Excerto 2 – AÇÕES BÉLICAS e RECIPIENTE

1951 Renato Assim,
 1952 as pessoas
 1953 é,
 1954 .. voltando ao que
 1955 eu já falei várias vezes,
 1956 tão **aceitando**,
 1957 tão **na fase do aceite**.
 1958 .. Quando você para pra pensar,
 1959 isso é
 1960 .. como a violência é extremamente **revoltante**,
 1961 você,
 1962 .. você,
 1963 como num assalto,
 1964 você trabalha pra conseguir aquilo
 1965 e vem alguém e lhe toma,
 1966 isso é extremamente **revoltante**,
 1967 só que você não consegue **se revoltar**,
 1968 você não consegue **extravasas essa revolta**,
 1969 você **aceita**
 1970 .. você
 1971 **engole toda aquela revolta**,
 1972 e **fica preso em você**
 1973 e você acaba **extravasando** de uma forma diferente,
 1974 em alguém que não tem nada a ver,
 1975 de outra forma,
 1976 .. então,

Fonte: Corpus Grupo Focal 1_GELP (2010)

Na prática, talvez não haja muita distinção entre a metáfora conceitual e a metáfora sistemática, pois ambas se referem a um pensamento permeado de padrões metafóricos, porém teoricamente, a diferença é significativa. A metáfora conceitual lança hipóteses de uma metáfora, de certo modo, pré-existente, subjacente a como um grupo social pensa. Assim, a metáfora conceitual é antecedente em três maneiras: o pensamento é antecedente à linguagem, o pensamento da comunidade é antecedente ao individual, e de forma geral é antecedente às instanciações específicas (CAMERON & MASLEN, 2010). Segundo a abordagem dinâmica do discurso, a linguagem e os recursos cognitivos individuais são antecedentes à participação no discurso, e estes

recursos podem até mesmo conter as convenções conceituais manifestas no pensar-e-falar, mas não é atribuída nenhuma prioridade do pensamento sobre a fala, ou do geral sobre o específico. Desta forma, entendemos que as emergências metafóricas acontecem continuamente nos fluxos do geral para o específico e do específico para o geral, do pensamento para a fala e da fala para o pensamento, ou seja, uma dupla direcionalidade de modo que a cognição se auto-organiza em função da interação discursiva, e o discurso só se estabiliza, dentre outros fatores, devido às operações cognitivas envolvidas para tal. Para Kövecses (2010, p. 303), “as metáforas sistemáticas podem representar um nível entre as expressões linguísticas metafóricas e as plenas metáforas conceituais”⁵¹.

O que metáfora conceitual e metáfora sistemática compartilham é a ideia de padrões conectados de metáforas como ferramentas importantes para o entendimento e a linguagem; o primeiro tipo de metáfora se preocupa em realizar generalizações que alcancem o nível mais alto possível nos processos cognitivos humanos, para justificar padrões universais (metáforas conceituais primárias), ou pelo menos padrões gerais para determinada comunidade de falantes (metáforas conceituais complexas). Por outro lado, a metáfora sistemática objetiva entender como indivíduos específicos contribuem uns com os outros, ao engajarem-se em um evento discursivo particular.

4.3 Tópico Discursivo

A interação discursiva é conduzida e organizada através de tópicos, que conferem a dinamicidade da estrutura conversacional. Portanto, o tópico é resultado da confluência de subsistemas atuantes no sistema maior, o discurso. Em outras palavras, são os fragmentos da conversação onde há a participação colaborativa, assentada em um complexo de fatores contextuais, tais como o conhecimento recíproco dos interlocutores, os conhecimentos partilhados, as circunstâncias da conversa, as

⁵¹ (...) systematic metaphors may represent a level between metaphorical linguistic expressions and fully-fledged conceptual metaphors.

diferentes crenças e visões de mundo, as histórias vivenciadas por cada participante, os aspectos cognitivos envolvidos etc (JUBRAN et al., 1992).

Nesta linha de pensamento, Cameron e Maslen (2010, p. 82) definem a atividade discursiva da seguinte maneira: “nós também podemos entender a atividade discursiva de cada participante como a emergência de múltiplos subsistemas interagindo em cada indivíduo: sistema complexo dinâmico da linguagem, sistema complexo dinâmico cognitivo, sistema complexo dinâmico físico”⁵².

Por ser o tópico parte do discurso, também pode ser entendido como parte do agrupamento destes subsistemas e, portanto, considerado como uma categoria de análise do discurso, operacional para este trabalho. O tópico comporta em si, como um fractal do sistema, elaborações metafóricas que sugerem a dinâmica cognitiva, discursiva e cultural em jogo.

Segundo Jubran e teóricos (1992), o tópico discursivo não se confunde com tema/remata ou tópico comentário. Ele está para além da estrutura sentencial, pois, apesar das mudanças de tema e remata que as sentenças possam sofrer, as sequências de turno de uma conversação e as suas contribuições convergem predominantemente para um determinado assunto. Portanto, a noção de tópico discursivo está estreitamente ligada a “assunto”, ou tema que sintetiza um segmento discursivo.

A identificação de tópicos parece ser um procedimento intuitivo por parte do pesquisador, por não se encontrar necessariamente materializado no discurso. Por outro lado, é sabido por todos que a comunicação humana se desenvolve sobre assuntos (tópicos), sendo consensual, pelo menos entre os estudiosos, “que os usuários da língua têm noção de quando estão discorrendo sobre o mesmo tópico, de quando mudam, cortam, criam digressões, retomam etc” (FÁVERO, 1999, p. 39). A fim de adotar uma análise textual-discursiva mais criteriosa, Jubran et al. (1992) sugerem duas propriedades para os tópicos: a centração e a organicidade.

⁵² We can also understand the discourse activity of each participant as emerging from multiple interacting subsystems within each individual: complex dynamic language systems, complex dynamic cognitive system, complex dynamic physical system.

A centração tópica se trata da concernência, isto é, da interdependência semântica entre os itens lexicais e os enunciados, que caracterizam um mesmo assunto. Quando outra relação de interdependência semântica ocorre, é porque outros enunciados e palavras foram utilizados para tal, assim, havendo uma mudança tópica. Esses itens lexicais aparecem em determinado ponto do discurso e do enunciado porque, possivelmente, são pertinentes para a comunicação naquele momento – relevância. Jubran et al. (1992, p. 362) ilustra a concernência e a relevância através de um trecho que tem por tópico *Atividades profissionais do marido de L1*:

Doc - o seu marido sempre exerceu essa profissão que ele tem agora?

L1 - não ele teve escritório no início da carreira ... teve escritório durante ... oito anos:: mais ou menos ... depois ... ainda com escritório ... e como ele tinha liberdade de advogar ele também ... exercia a:: a profi/ o a advocacia do Estado né? ... e:: ... depois ... é que ele começou a lecionar quando houve ... a necessidade de regime de dedicação exclusiva ... pela posição de DENtro da carreira ... ele precisava optar pela::

L2 - dedicação

[

L1 - dedicação exclusiva

L2 - ahn ahn

L1 - sabe? ... então:: ... ele::: ... começou a lecionar foi convidado e::

L2 - ele leciona onde?

L1 - e:: ele leciona nas FMU

L2 - ahn ahn

L1 - ele:: ... é especialista em Direito Administrativo ...

L2 - ahn ahn

L1 - certo?

[

L2 - ()

L1 - e::: e deu-se muito bem no magistério ... ele se realiza sabe? Fica feliz da vida ... em poder transmitir ... o que ele sabe ... e os processos também ... que ele ... recebe ou ... e eu não eu sou leiga eu não entendo ... mas ... pelo que a gente ... ouve falar são muito bem estudados ... tem pareceres muito bem dados ... não é? ele se dedica MUItíssimo a ... tanto à ... carreira de procurador como de professor (tá?) ...

L2 - ele gosta (dela)

L1 - gosta MUIto ()

(D2 SP 360: 1160 - 1191)⁵³

⁵³ O exemplo é referente ao inquérito D2 SP 360 (CASTILHO, A. T. e PRETI, D., 1987).

A concernência é mostrada através da coesão lexical entre os termos: “escritório”, “carreira”, “advogar”, “lecionar”, “procurador”, “magistério”, os quais apontam para o mesmo campo semântico de Profissão, introduzido pela pergunta da documentadora. A estes remas, liga-se o tema “marido”, anaforicamente recuperado através do pronome pessoal “ele”, que por estar na posição de tema, justifica a relevância tópica.

O próximo exemplo é do discurso em análise por este trabalho, sobre violência urbana, que seria o assunto maior. No excerto destacado a seguir, o tópico discursivo é Mudança Comportamental devido às ações de violência urbana. O moderador faz a pergunta, introduzindo este tópico, que é confirmado pelo interlocutor através dos enunciados e dos itens lexicais que indicam os campos semânticos de Mudança (“passar por um trauma”, “não volta mais”, “vamos chegar num ponto”, “vai partir pro”, por exemplo) e de Comportamento (“se prende”, “se tranca”, “fase”, “apreensão”, “vive atualmente”, “trauma”, “ponto”, para citar alguns). A própria pergunta do moderador já inicia o tópico através dos itens “rotina”, “atividades”, “mudaram” e “comportamento”. Esta interdependência semântica que decorre dos enunciados do moderador e do interlocutor evidencia a centração do tópico Mudança Comportamental, neste trecho do discurso:

Excerto 3 - Centração tópica: Mudança Comportamental (continua)

0621	Mod Se vocês, não sei se foi o caso, mas se vocês já tiverem enfrentado situações de violência urbana no seu dia a dia, como é que as suas atividades , as suas rotinas , as suas decisões mudaram desde que isso aconteceu, como é que o comportamento de vocês mudou, se é que vocês já tiverem passado por essa experiência?
0622	Mateus De forma
0623	.. coletiva,
0624	eu vejo essa questão
0625	da experiência
0626	de passar por um trauma ,
0627	.. uma espécie de fase ,
0628	primeiro a gente fica
0629	na fase da apreensão ,
0630	você tem medo,

Excerto 3 - Centração tópica: Mudança Comportamental (conclusão)

0631 é assaltado
 0632 e **não volta mais** no lugar,
 0633 segunda fase
 0634 é a fase da defesa
 0635 que é onde a maior parte da sociedade
 0636 **vive atualmente,**
 0637 **.. se tranca,**
 0638 **se prende,**
 0639 não deixa o menino sair,
 0640 procura condomínio,
 0641 quem tem uma condição melhor
 0642 procura condomínio,
 0643 ... **vamos chegar num ponto**
 0644 que a gente **vai partir pro** ataque,

Fonte: Corpus Grupo Focal 1_GELP (2010)

Outra propriedade sugerida por Jubran et al. (1992) para a identificação tópica é a organicidade, manifestada na interdependência tópica em dois planos: hierárquico e linear. O primeiro plano se refere à superordenação e subordenação de assuntos, isto é, tópicos mais específicos dentro de tópicos mais abrangentes. Como é o caso do discurso sobre Violência Urbana, que é o tópico geral, mas tem outros tópicos mais específicos, como a Mudança Comportamental, por exemplo. O plano linear diz respeito à sequência dos tópicos ao longo do discurso, se continuam ou são interrompidos, se há uma interposição ou superposição tópica, ou se são intercalados por outros tópicos. Observe o exemplo a seguir retirado do discurso sobre Violência Urbana:

Excerto 4 – Organicidade tópica: descontinuidade linear (continua)

1822	Mod Pensando na questão das circunstâncias, dos locais e dos grupos da sociedade, vocês acham que se encaixam em um grupo de maior risco, pra ser uma vítima direta de violência?		 T: Sociedade e Grupos Sociais  se encaixam  Maior  maior risco
1823	Vânia Eu acho que todo grupo é		
1824	é		
1825	.. é arriscado,		 arriscado
1826	depende da área onde você mora,		
1827	depende onde você anda,		
1828	... depende de como você anda,		
1829	[Risos]		
1830	porque você pode muito bem		
1831	andar numa Vila União,		
1832	entrar e sair muito bem		
1833	sem acontecer nada,		
1834	se tiver realmente		
1835	trajado como eles.		
1836	... Ou então se ele reconhecer você		
1837	e saber que tá fazendo alguma coisa para eles,		
1838	para beneficiar eles.		
1839	[Mod Aí eles te respeitam?]		
1840	Aí eles respeitam.		
1841	Aí eles assim,		
1842	eu acho que		
1843	... de um modo geral,		
1844	as pessoas, de um modo geral,		
1845	elas agriDEM as outras		
1846	quando não conhecem aquilo,		
1847	quando a gente não tem o conhecimento		
1848	do que é		
1849	... de algo desconhecido,		
1850	então assusta		
1851	e qualquer reação que você tenha		
1852	acaba sendo		
1853	.. exagerada,		
1854	e realmente		
1855	é uma forma de violência,		 T: Tipos de violência  forma de violência
1856	não importa qual seja ela,		
1857	verbal ou física		
1858	.. ou até mesmo psicológica,		
1859	mas quando você passa a conhecer		
1860	aquele meio,		
1861	aquelas pessoas,		
1862	você trata, trata		
1863	.. aquilo com normalidade,		
1864	é como o caso dos programas,		
1865	das novelas,		
1866	a gente já trata aquilo como normalidade,		
1867	a gente acha até estranho		
1868	quando isso não acontece na nossa vida,		
1869	na nossa realidade,		
1870	e faz alguma pra acontecer.		 T: Banalização da violência pela mídia  passa

Excerto 4 – Organicidade tópica: descontinuidade linear (conclusão)

1871	Minha mãe diz muito	
1872	é	
1873	... quando,	
1874	por exemplo,	
1875	naquela história do Banco Central,	
1876	que fizeram o buraco,	
1877	<Q iih!	
1878	Daqui uns dias,	Daqui uns dias
1879	tão fazendo isso no Rio de Janeiro	
1880	e em São Paulo,	
1881	ou então,	
1882	quando é alguma que é de lá pra cá,	
1883	eles nem deveriam colocar na mídia,	colocar
1884	daqui a pouco	
1885	eles vão tá fazendo a mesma coisa aqui Q>.	coisa
1886	A minha mãe	
1887	sempre diz a mesma coisa,	coisa
1888	sabe?	

Fonte: Corpus Grupo Focal 1_GELP (2010)

A pergunta do moderador introduz o tópico Sociedade e Grupos Sociais, que permeia o discurso até a linha 1854, como mostra a barra cinza⁵⁴. No entanto, ao longo da resposta, Vânia tocou em outros tópicos que já haviam sido discutidos: Tipos de Violência e a Banalização da Violência pela mídia. Estes interromperam o fluxo do tópico trazido pela questão do moderador. Durante a resposta, há uma superposição dos tópicos Banalização da Violência pela mídia e Sociedade e Grupos Sociais, das linhas 1859 a 1870, onde há uma breve reflexão sobre o meio social de alguns grupos e como isto é visto com normalidade pelos outros e pela mídia.

Além destas propriedades, marcas linguístico-discursivas e entonação auxiliam na delimitação tópica. Alguns para iniciar um tópico, como é o caso do “bem” e “então”, e outros para finalizá-lo. No trecho acima, Vânia finaliza a sua fala fazendo a pergunta retórica “sabe?” (l. 1888). Termos como este e “né?”, por exemplo, além das

⁵⁴ A classificação dos tópicos ao longo do discurso foi feita através do programa Atlas.ti 6.2. A barra cinza percorre a extensão do tópico discursivo. Os demais termos em outras cores e barras são veículos destacados para o posterior agrupamento e emergência de metáforas sistemáticas para estes tópicos discursivos.

pausas mais longas e hesitações, possivelmente indicam a conclusão do pensamento sobre determinado assunto, delimitando o tópico discursivo.

Portanto, o tópico discursivo se constitui como uma categoria abstrata, mas operacional para a análise do discurso. Os traços de relevância e concernência, que se referem à centração do tópico, auxiliam o analista a identificar os segmentos tópicos. Jubran et al. (1992) recomendam que os segmentos discursivos são primeiramente recortados através da propriedade de centração, podendo complementarmente, serem analisados por meio da entonação, das marcas discursivas e até mesmo da organicidade.

5 CONSIDERAÇÕES METODOLÓGICAS DA PESQUISA

5.1. Tipo de Pesquisa

A ideia de explorar os esquemas imagético-cinestésicos e as metáforas primárias surgiu da lacuna deixada por Cameron (2007; 2008) na sua proposta de uma metáfora a partir do discurso. Em linhas gerais, a autora, baseada na Teoria dos Sistemas Dinâmicos Complexos Adaptativos, afirma que a metáfora emerge do discurso devido a uma dinamicidade e confluência de vários elementos que compõem o discurso como sistema: fatores sociais, culturais, intencionais, afetivos, históricos e cognitivos. Quanto a estes últimos, Cameron (2007; 2008) não os especifica e pressupõe-se aqui que sejam os esquemas imagético-cinestésicos e as metáforas primárias, já que são provenientes do nível mais básico da experiência humana.

Portanto, esta é uma pesquisa que se interessa em descrever como as metáforas emergem no discurso sobre violência urbana e são estruturadas na cognição, caracterizando-se como qualitativa, a qual se detém aqui na interpretação e análise do discurso gravado em áudio e vídeo, obtido através da técnica de investigação dos Grupos Focais (ver a seção 5.3).

5.2. Perguntas de pesquisa

Diante dos aportes teóricos apresentados, as perguntas desta pesquisa poderiam ser elencadas da seguinte forma:

5.2.1 Pergunta principal

É possível afirmar que a emergência metafórica ocorre em duas direções (discurso-cognição e vice versa), isto é, não só a partir de fatores discursivos e sócio culturais, mas também de fatores cognitivos?

5.2.2. Perguntas secundárias:

I. São os esquemas imagético-cinestésicos e as metáforas primárias, os recursos cognitivos usados na emergência de metáforas?

II. Um mesmo esquema imagético-cinestésico e/ou metáfora primária participa da emergência de mais de uma metáfora sistemática?

III. Os tópicos discursivos são, pelo menos, um dos fatores do discurso que atraem as estruturas cognitivas para a emergência de metáforas sistemáticas?

5.3. Grupos Focais e procedimento de coleta de dados

Através da psicologia social, fortemente positivista na época, a técnica dos grupos focais surgiu a fim de testar as reações das pessoas com relação às propagandas e às transmissões de rádio no período da Segunda Guerra Mundial. Devido às tradições positivistas, o campo do *marketing* logo entendeu a interação social como um meio para um fim, considerando o participante como um produtor de dados (COSTA, 2011).

Dentre as diversas definições para o termo, grupo focal neste trabalho é entendido como “um grupo de discussão que explora um conjunto específico de questões que são ‘focadas’, envolvendo processo como um tipo de atividade coletiva” (KITZINGER & BARBOUR, 1999 apud COSTA, 2011, p. 03). A argumentação e a

contra-argumentação são recursos essenciais para manter a dinamicidade do grupo, isto é, a discussão fica mais propensa a permanecer por mais tempo e maior profundidade quando o processo de contra-argumentação é frequente. Assim, não só ideias, mas representações sociais, crenças e expectativas de fenômenos sociais compõem a construção do discurso de um grupo focal. Partindo das ideias de Bakhtin (2007 apud COSTA, 2011, p. 03), entende-se que “cada indivíduo representa seu mundo a partir do mundo do outro pela construção dialógica e a reconstrução de um mundo social multifacetado e multivozes situado na cultura”.

O analista do discurso de um grupo focal não deve observar somente o conteúdo dito pelos participantes, mas também como este conteúdo emergiu no diálogo, isto é, valorizar os termos escolhidos que apontam como as opiniões são elaboradas, mantidas, acordadas e/ou confrontadas. Quando se trata de metáfora, os termos observados aqui são os denominados veículos, pois indicam a possível metáfora que está em construção pelos participantes.

Dialogicamente falando, através do engajamento dos membros do grupo, três níveis de interação podem ser inferidos durante a produção discursiva: “1) a interação entre os participantes e pesquisadores criando ‘teia de sentidos interdependentes’; 2) a interação entre os ‘pensamentos, ideias e argumentos’; 3) a interação com ‘as tradições sócio-culturais’, incluindo as maneiras de falar sobre o assunto” (MARKOVÀ *et al*, 2007 apud COSTA, 2011, p. 06).

A diferença entre a técnica de grupos focais para a entrevista em grupo é que esta última se dá em uma interação diática, isto é, o entrevistador com cada um dos membros de um grupo. Enquanto, em um grupo focal, os membros são livres para interagirem com os outros participantes, trocando, corroborando ou discordando de ideias. O grupo focal conta com um moderador que organiza o ritmo da produção dialógica, ou seja, ele tem as perguntas pré-elaboradas, mas estas não funcionam como um questionário fixo. O moderador pode intervir para reorientar o grupo ou aprofundar determinado ponto do assunto, se necessário. Portanto, é desafio do moderador tentar explorar o maior número de temas possível dentro do mesmo assunto, intervindo na discussão com discernimento e nos momentos oportunos. O seu

roteiro de perguntas deve permitir um aprofundamento progressivo e a fluidez da discussão. Para esta última ser atingida com sucesso, algumas regras são adotadas: a) só uma pessoa pode falar a cada turno; b) não são permitidas as discussões paralelas, a fim de que todos participem; c) ninguém pode dominar a discussão; e, por fim, d) todos têm o direito de dizer o que pensam (GONDIM, 2003).

Quanto ao tamanho, o grupo focal varia de acordo com os objetivos de pesquisa. O número de participantes geralmente oscila entre 4 e 10. Com menos pessoas, o pesquisador acredita que os participantes irão se aprofundar na discussão, portanto, não havendo a necessidade de muitos membros para que sejam fornecidos os dados. Especialmente se o assunto for polêmico, pois, com muitas pessoas, o controle por parte do moderador fica comprometido e pode haver a tendência de alguns dominarem as discussões, coibindo a participação de outros. Nesta pesquisa, houve a participação de 6 pessoas, já que sugere ser um número razoável para manter a dinamicidade e o controle necessário nas discussões, ou seja, nem foi tão baixo como 4, pois poderia ser que não acontecesse a participação efetiva como se esperava, também não foi tão alto como 10, evitando que as discussões se estendessem ou se repetissem demasiadamente.

O grupo focal desta pesquisa era composto por 6 estudantes universitários (alunos da FIC e UFC), na faixa etária de 20 a 30 anos, residentes em Fortaleza, Ceará, sendo estes jovens adultos vítimas diretas e/ou indiretas de violência urbana. Antes da conversa iniciar, foram dadas algumas informações sobre a pesquisa quanto aos objetivos e a justificativa. Além disso, os participantes também foram informados que suas verdadeiras identidades estariam protegidas, portanto, todos os nomes que aparecem na transcrição são fictícios.

A técnica de coleta aplicada foi a de observação direta intensiva (LAKATOS & MARCONI, 2009; SEVERINO, 2007). A conversa foi gravada em vídeo e áudio, sendo transcrita posteriormente. Os participantes foram conduzidos por um moderador, como já foi mencionado anteriormente, com perguntas pré-elaboradas, havendo um direcionamento tópico com a introdução de novas perguntas que visassem o aprofundamento das opiniões e do tópico em discussão (FLICK, 2009). O moderador

teve uma postura mais passiva que ativa durante a discussão, isto é, ouviu mais que falou, permitindo mais tempo para que os membros do grupo focal manifestassem suas respostas. A coleta dos dados também contou com a presença de outro colaborador, responsável por fazer as gravações mencionadas e as anotações necessárias. Procurou-se ordenar as manifestações orais dos informantes, pedindo que cada um deles iniciasse a sua fala após o outro, de modo que pudesse ser evitada ao máximo a sobreposição das falas e que facilitasse o processo de transcrição.

A técnica de grupos focais atendeu adequadamente aos objetivos e à fundamentação teórica da pesquisa. De acordo com Flick (2009), “o grupo transforma-se em uma ferramenta para a reconstrução de opiniões individuais de forma mais apropriada”, ou seja, através da interação discursiva, as opiniões, de certa forma, deixam de ser individuais para se tornarem coletivas, atendendo ao objetivo geral de investigação – a produção metafórica coletiva na negociação de sentidos no âmbito discursivo.

5.4. Transcrição dos dados

A transcrição foi realizada com base nos procedimentos descritos por Cameron e colegas (2009), tendo como padrão as unidades de entonação. Estas são hipotéticas realizações da atividade cognitiva, manifestas linguisticamente (CHAFE, 1994). A mente contém grandes quantidades de informação e conhecimento, mas somente uma pequena porção está ativa ou em foco na memória de curto prazo, portanto, expressa durante a fala. As unidades de entonação são marcadas por pausas no início e no fim, estas indicam os momentos de ativação e desativação da informação na mente humana, já que isto se apresenta como um esforço cognitivo e consome tempo (CHAFE, 1987).

Segundo os procedimentos sugeridos por Cameron et al. (2009), cada linha da transcrição corresponde a uma unidade de entonação, geralmente marcada pelo fôlego da produção oral, ou seja, entende-se como uma unidade o que é dito em um só

fôlego. Os finais das unidades de entonação foram marcados por quatro tipos de pontuação: o ponto final [.] indicando uma unidade de entonação concluída; a vírgula [,] indicando uma queda da entonação, mas também diz que a unidade será continuada; a interrogação [?] servindo para indicar uma entonação ascendente; enquanto as travessões [- xxx -] indicam uma unidade de entonação incompleta; no caso de uma fala sobreposta a outra, foram utilizados os parênteses [()]; as pausas também são significativas e merecem transcrição, portanto, pausas curtas foram marcadas por dois pontos seguidos [..], outras um pouco mais longas foram representadas por reticências [...], e para as pausas mais longas que um segundo, indicou-se o número aproximado de segundos entre parênteses, por exemplo, [(2.0)] (ver anexo, para exemplos).

5.5. Procedimento de análise de dados

Após a transcrição dos dados, a análise iniciou-se com a identificação dos tópicos discursivos, isto é, os temas abordados pelos participantes dentro do mesmo assunto: violência urbana. Alguns tópicos se repetiram ao longo do discurso, sugerindo que alguns foram de mais interesse para os participantes do que outros. A identificação dos tópicos discursivos contribuiu para a emergência da metáfora sistemática, pois é o conceito abstrato que está sendo “mapeado” pelas famílias anteriormente agrupadas. Por exemplo, uma das metáforas sistemáticas que emergiu com o conceito AÇÕES BÉLICAS⁵⁵ foi *MUDANÇA COMPORTAMENTAL SÃO AÇÕES BÉLICAS*⁵⁶, sendo que mudança comportamental foi um dos tópicos discursivos mais desenvolvidos durante o discurso. A delimitação dos tópicos ao longo da transcrição contou com a ajuda do programa ATLAS.ti 6.2, o qual distribui barras ao lado da transcrição para facilitar a visualização

⁵⁵ Os termos que indicam conceitos estão grafados em caixa alta, fonte Times New Roman, conforme convencionalizado em outros textos da Linguística Cognitiva. As metáforas primárias também estão grafadas da mesma maneira, por exemplo, *COMPREENDER É VER*.

⁵⁶ De acordo com Cameron (2008), as metáforas sistemáticas são grafadas seguindo as mesmas descrições das metáforas conceituais primárias, porém em itálico, para diferenciar-se destas, como por exemplo, *COMPREENDER DIFERENTES GRUPOS SOCIAIS É VER ELES*.

do início e do término de determinado tópico, conforme disposto no anexo desta pesquisa.

Em seguida, houve a identificação dos possíveis veículos metafóricos no discurso, de acordo com os parâmetros de identificação apontados por Cameron (2007): “(1) a presença de um item lexical (o veículo) que tem um significado que pode ser contrastado com o seu significado no contexto discursivo, e (2) o potencial para um significado extra a ser produzido como resultado da combinação destes”⁵⁷. Cameron (2007) justifica os parâmetros de identificação ao afirmar que a metaforicidade dos itens lexicais ocorre quando o respectivo significado literal coloca-se em contraste com o significado abstrato assumido no contexto do discurso, isto é, há uma disjunção de significados. Entretanto, este significado literal pode ser recuperado para contraste através do novo sentido que o item assume dentro do contexto, portanto, é uma ruptura de significados que, em algum ponto do discurso, culminam-se para contraste. Ao afirmar um significado potencial, entende-se não como ter acesso direto e objetivo aos processos cognitivos dos participantes, mas o que se tem são evidências desses processos através do que realmente pode ser observável: a linguagem humana.

Após a localização dos termos veículos, foi realizado o agrupamento destes sob as nomenclaturas mais próximas possíveis aos termos usados no discurso, por exemplo, veículos como “atacar”, “ataque”, “se defender”, “defesa”, “luta” apareceram durante a interação discursiva, e foram agrupados sob o termo “ações bélicas”. Com o auxílio do ATLAS.ti 6.2, esses agrupamentos foram tratados como famílias, que possivelmente poderiam emergir uma metáfora sistemática, funcionando como o conceito concreto usado na metáfora.

A frequência do uso de veículos de um mesmo grupo foi um dos critérios para que a metáfora sistemática emergisse. Se somente um termo veículo apareceu poucas vezes ao longo do diálogo, isto mostra que não houve sistematicidade no seu uso, portanto não é do interesse desta pesquisa analisá-lo. No capítulo de análise,

⁵⁷ “(1) the presence of a lexical item (the vehicle) that has a meaning that can be said to contrast with its meaning in the discourse context, and (2) the potential for extra meaning to be produced as a result of bringing these together” (CAMERON, 2007, p. 118).

foram listadas algumas metáforas que poderiam ter sido analisadas neste trabalho, mas não atenderam aos critérios de emergência de metáforas sistemáticas, os quais são: a) a frequência de veículos de um mesmo agrupamento, já mencionado; b) se o termo veículo foi proferido por mais de um participante, o que mostra a construção da metáfora de forma interativa; c) a extensão da discussão de um mesmo tópico discursivo, pois se tiver sido desenvolvido em somente duas ou três linhas (duas ou três unidades entonacionais) durante todo o discurso transcrito, significa que não foi relevante para a interação ocorrida entre os participantes. Durante a análise, os termos veículos em discussão estão destacados em amarelo nos trechos retirados do discurso.

A análise foi conduzida sob a premissa de que as metáforas primárias e os esquemas imagético-cinestésicos estão presentes em todas as emergências metafóricas no discurso, identificando-os através da dedução (descrição, avaliação e interpretação) dos dados já categorizados. Esta categorização de esquemas imagético-cinestésicos, veículos metafóricos, metáforas primárias, tópicos discursivos e metáforas sistemáticas foi auxiliada pelo ATLAS.ti 6.2, já mencionado nesta seção, para uma distribuição mais organizada dos dados. Para esclarecer o percurso de análise desenvolvida neste trabalho, apresentamos a seguinte diagramação:

Figura 23 – Percurso de análise



O trabalho apresenta uma tabela relacionando as metáforas sistemáticas encontradas no discurso com as metáforas primárias listadas por Grady (1997), a fim de, logo após, relacionar os dois tipos de metáforas com os esquemas imagético-cinestésicos, sugeridos por Johnson (1987). A identificação dos tipos de esquema se torna mais acessível quando, primeiro, há a relação das metáforas sistemáticas com as primárias, pois estas últimas possuem o caráter corpóreo mais evidente do que as primeiras, assim, apontando para os esquemas, também de base corpórea. Com isto, será possível verificar se as metáforas realmente emergem em dupla direcionalidade, ou seja, com a participação significativa dos elementos próprios do discurso e de fatores cognitivos, que não foram especificados por Cameron (2003, 2007, 2008), Cameron et al. (2009), Cameron e Maslen (2010), porém aqui se está sugerindo que são as metáforas primárias e os esquemas imagético-cinestésicos.

6 A DUPLA DIRECIONALIDADE DA METÁFORA – ANÁLISE DE DADOS

Como diria Burke (1945, p. 503), depois reforçado por Lakoff e Johnson (1980), a metáfora é um “recurso para ver alguma coisa em termos de outra”⁵⁸. Usado, na maioria das vezes inconscientemente, no cotidiano, para falar de ideias e conceitos que não são precisos por si só. A metáfora, na perspectiva da Linguística Cognitiva, é um processo cognitivo que se utiliza de noções do domínio sensório-motor para expressar experiências subjetivas e julgamentos (LAKOFF & JOHNSON, 1999), como por exemplo, o conceito de VIOLÊNCIA.

Estas noções do domínio sensório-motor são estruturadas na cognição na forma de esquemas de imagem e movimento. Isto é, todas as pessoas, por apresentarem uma estrutura biológica semelhante (corpo/rede neural), passam por experiências básicas (como dentro-fora, origem-percurso-meta etc.) que fazem emergir na cognição estruturas conceituais básicas, podendo ser utilizadas inconscientemente para expressar e interpretar julgamentos, opiniões e vivências subjetivas. Em outras palavras, as experiências corpóreas orientam a estruturação de esquemas de natureza imagético-cinestésica, tendo o corpo como referência e sendo imprescindíveis para um nível de organização básica na cognição humana.

Estes esquemas constituem a base de um processo cognitivo que está em uso no discurso: a metáfora primária (GRADY, 1997), a qual se refere a uma integração entre os esquemas corpóreos e as experiências subjetivas do ser humano, como por exemplo, pensar que MUDANÇA É MOVIMENTO, onde o esquema de CAMINHO⁵⁹ (uma experiência corpórea) oferece a noção necessária para se conceber a MUDANÇA (uma sucessão de estados) como um MOVIMENTO (um percurso visando um destino).

A partir das ideias da metáfora primária, da teoria da fusão (JOHNSON, 1997), da teoria neural da metáfora (NARAYANAN, 1997) e da teoria da mesclagem

⁵⁸ A device for seeing something in terms of something else

⁵⁹ A nomenclatura dos esquemas imagético-cinestésicos será redigida neste trabalho em caixa alta para dar destaque em relação ao texto, mantendo o mesmo tipo e tamanho da fonte.

conceitual (FAUCONNIER & TURNER, 1994, 1996, 1998), Lakoff & Johnson (1999) sofisticaram a Teoria da Metáfora Conceitual no que concerne às metáforas primárias, pois estas apresentam traços mais nítidos da experiência sensório-motora, como AFEIÇÃO É CALOR e SIMILARIDADE É PROXIMIDADE (GRADY, 1997), por exemplo. Esta concepção ficou conhecida como a Teoria Integrada da Metáfora Primária. A integração das teorias citadas justifica a gênese conceitual desta metáfora, a qual é a correlação entre domínios, mapeamento e a estrutura biológica (redes neurais e corpo), realizada nos primeiros anos de vida do ser humano (LAKOFF & JOHNSON, 1999).

No entanto, quando se trata de discurso, as metáforas conceituais, quer sejam primárias ou complexas, não são tão evidentes como parecem. Lima, Feltes e Macedo (2008, p. 128) afirmam que “metáforas conceituais expressam-se de forma às vezes muito sutil nos discursos; outras de forma mais evidente. Em ambos os casos, entretanto, é necessário que se interprete os mapeamentos que subjazem a essa expressão”. Estes mapeamentos são de caráter inferencial, a partir dos dados discursivos. A própria metáfora conceitual primária sugere ser um processo abstrato, enquanto o discurso se apresenta como a sua materialização. De fato, Lakoff e Johnson (1999, p. 57) afirmam que a “metáfora primária não é o resultado de um processo consciente de vários estágios de interpretação, mas é uma questão de mapeamento conceitual imediato via conexões neurais”⁶⁰.

Entendemos aqui que a metáfora conceitual primária oferece os recursos cognitivos necessários para a emergência de metáforas próprias do discurso, denominadas de metáforas sistemáticas, como já foi apresentado no capítulo 4. Para aproximar discurso e metáfora primária, seguindo o percurso demonstrado na seção 5.5, aplica-se aqui a análise do discurso à luz das metáforas (CAMERON, 2003, 2007, 2008; CAMERON et al., 2009; CAMERON & DEIGNAN, 2009; CAMERON & MASLEN, 2010) como uma ponte.

Segundo esta proposta, o primeiro passo é identificar os tópicos discursivos que, como força atratora, encaminham veículos e agente cognitivos para a estabilidade

⁶⁰ (...) metaphor is not the result of a conscious multistage process of interpretation. Rather it is a matter of immediate conceptual mapping via neural connections.

das metáforas no discurso. São os tópicos que geralmente nomeiam as metáforas sistemáticas, daí identificá-los primeiro e relacioná-los aos veículos que se encontram sob estes tópicos. Nesta pesquisa, adotando a proposta de Jubran et al. (1992), foi possível identificar os seguintes tópicos, os quais serão analisados em outra seção deste capítulo: Banalização da violência pela mídia; Tipos de violência; Mudança comportamental; Sentimento de insegurança; Sociedade e grupos sociais; e Ações do governo.

Para Cameron e autores citados, a metáfora sistemática não é pré-estabelecida na cognição, como a metáfora primária, mas construída colaborativamente entre os participantes sob os tópicos do discurso, com suas respectivas formações culturais, históricas, sociais e cognitivas, além de ser redigida usando os termos do próprio discurso, conferindo uma maior autenticidade à metáfora.

O discurso se torna uma arena de negociações de sentido, com diversos propósitos, dentre eles, o de influenciar o outro e de interagir empaticamente. Com esses propósitos motivando a interlocução, expressões metafóricas são (re)empregadas por diferentes participantes. Portanto, a metáfora sistemática não é fixa, mas flexível, adaptativa ao fluxo da interação entre os interlocutores, e muitas vezes específica ao discurso do qual ela emergiu, isto é, ela não tem a obrigação de ser a mesma em vários discursos, ela pode ser única para cada discurso, por ser fruto de uma interação específica em um momento determinado.

Por conseguinte, esta análise visa mostrar a dupla direcionalidade da emergência de metáforas: o discurso motiva o uso de determinadas metáforas sistemáticas, que por sua vez, só se realizam porque se pautam em metáforas primárias e esquemas imagético-cinestésicos. Desse modo, identificar e analisar as metáforas sistemáticas que apareceram no discurso de jovens adultos universitários sobre violência urbana é o passo seguinte. As metáforas conceituais primárias e os esquemas que subjazem as metáforas sistemáticas serão apresentados e analisados nas demais seções deste capítulo.

6.1. Metáforas sistemáticas no discurso sobre violência urbana

6.1.1. *MÍDIA É ORGANISMO VIVO COM VONTADE PRÓPRIA*

Quando os participantes falavam sobre como se sentiam a respeito da banalização da violência urbana pelas diferentes classes sociais, a mídia foi colocada numa posição de culpada por isso. Ao longo do discurso, alguns termos veículos sugerem uma personificação da mídia, vista no discurso como um ente ou um organismo vivo que tem suas próprias necessidades e vontades.

Excerto 5

0229 Vânia Mas é como o Mateus falou,
 0230 .. ele disse
 0231 que
 0232 .. isso é muito pela mídia
 0233 e a realidade as vezes é ao contrario,
 0234 .. mas se a gente pegasse esses programas de televisão,
 0235 ... é
 0236 ... justamente ele é no horário do almoço,
 0237 essas pessoas que assistem,
 0238 as pessoas
 0239 .. que banalizam de certa forma
 0240 o fato e a informação
 0241 .. é mais porque
 0242 é a realidade delas.
 0243 .. A gente diz que não tem muita informação sobre a violência,
 0244 sobre a mídia
 0245 que ela **enche** demais
 0246 algo quando não há tanta necessidade,

Fonte: Corpus Grupo Focal 1_GELP (2010)

O veículo em destaque no excerto é “enche”, sugerindo que a mídia executa esta ação como se soubesse o que está fazendo. Vânia não deixou claro o que a mídia enche, mas é possível inferir que sejam as informações e fatos, isto é, a mídia enche a si própria. Outra interpretação seria que a mídia “enche” as pessoas com tantas notícias sobre a violência, banalizando-a. Também vale afirmar que o emprego do

advérbio “demais” e a linha seguinte “algo quando não há tanta necessidade” comunica o lado sensacionalista da mídia e, conseqüentemente, a manipulação que ela exerce na população. Pode-se observar que esse não é um pensamento somente de Vânia, mas no começo da sua fala (linha 229), ela retoma as ideias de Mateus, outro participante do grupo focal. Mateus, em linhas anteriores, havia falado que a mídia divulga a violência naturalmente, tornando-a banal. Ele critica o fato da mídia expor certos programas sobre violência urbana em horários acessíveis a um público de qualquer faixa etária, como, por exemplo, hora do almoço e do jantar. Vânia se aproveita desse pensamento e crítica o fato da mídia permear a violência sempre quando tem a oportunidade, atribuindo a personificação à mídia e tratando-a como um recipiente ao mesmo tempo, já que pode ser cheio.

Organismos vivos tem autonomia em suas ações e também podem encher o seu próprio corpo com ar, água ou outros nutrientes. O termo veículo utilizado por Vânia recupera a experiência de recipiente pela qual os organismos vivos, até os mais simples, podem passar.

A mídia como algo personificado já tinha sido concebido anteriormente por outro participante do grupo focal. No excerto abaixo, que destaca o discurso de Igor, ao falar sobre a mídia e a banalização da violência, termos veículos como “precisa”, “faz questão” e “mais presente” foram usados, sugerindo uma metonímia na qual os veículos apontam, na verdade, para as pessoas que fazem a mídia; no entanto, o excerto mostra como se a própria mídia tivesse autonomia dos seus atos.

Excerto 6

0177 [Risos]
 0178 Igor Então,
 0179 com esse discurso
 0180 a gente, a gente vê que
 0181 .. a mídia,
 0182 ela **precisa** desses fatos,
 0183 .. dessa violência,
 0184 .. desse caso da menina Isabela
 0185 que tomou
 0186 foi
 0187 [Ana Livia nacional]
 0188 ... nacional
 0189 e não foi só um período curto,
 0190 [Ana Livia até hoje ainda se fala --]
 0191 .. até hoje se fala em Isabela,
 0192 .. Eloá,
 0193 agora tá esse caso da Elisa
 0194 que vai tomar muito tempo ainda,
 0195 então assim, a violência,
 0196 .. ela tá presente
 0197 e eu vejo que a mídia,
 0198 ela **faz questão** de que ela esteja cada vez **mais presente**
 0199 na vida de todo mundo.

Fonte: Corpus Grupo Focal 1_GELP (2010)

O termo veículo “precisa” associado à mídia mostra a necessidade que esta tem dos fatos como se fosse essencial para a sua sobrevivência. Todo organismo vivo precisa de algo para sobreviver e se esforça ao máximo para conseguir o seu alimento, garantindo a sua existência. Os fatos de violência alimentam a mídia, de acordo com Igor, por isso o verbo “precisar” define esse aspecto da mídia.

Além disso, dizer que a mídia “faz questão” de algo é dizer que ela tem suas vontades, como se fosse um ser consciente. A expressão “fazer questão” é naturalmente aplicada a pessoas, como por exemplo: *Márcio faz questão de visitar você*. Pessoas é que têm vontade própria e podem “fazer questão” de realizar alguma coisa. No contexto do discurso acima, fica claro que não está associado a uma pessoa, mas à mídia, reforçando a personificação desta, que já tem sido debatida aqui.

Na continuação da linha 198 e 199, Igor afirma que a mídia “faz questão de que ela esteja cada vez mais presente na vida de todo o mundo”. A frase fica ambígua, pois não se sabe ao certo se ele queria dizer que a mídia deseja que a violência esteja cada vez mais presente, ou se a mídia deseja que ela mesma esteja cada vez mais presente na vida das pessoas. De qualquer forma, sendo a mídia esse organismo vivo, estar presente parece ser um atributo que lhe é conferido e que só confirma o que já foi argumentado antes. As pessoas são as que realmente sentem o desejo de estarem presentes ou não em algum lugar. No caso, “na vida de todo mundo” (l. 199) aparenta ser este lugar que a mídia deseja estar.

Com a escolha involuntária do veículo “presente” junto com as palavras “cada vez mais”, Igor aborda o aspecto negativo da mídia de ser invasora na vida das pessoas, dando mais subsídios para que essa ideia fosse desenvolvida por Vânia ao longo do discurso, nas linhas que já foram comentadas nesta seção. Talvez, tenha sido essa uma das ideias que realmente tenha contribuído para que Vânia afirmasse que a mídia “enche demais”, ao ponto de invadir e manipular pessoas.

6.1.2. *VIOLÊNCIA É NUTRIENTE*

Esta metáfora surge como um desdobramento dos comentários anteriores. Se a mídia precisa de nutrientes para sobreviver, no discurso já destacado acima, estes sugerem ser os fatos e informações sobre violência urbana.

Porém, em outras linhas da transcrição, a noção de *VIOLÊNCIA* como nutriente já tinha sido apontada, mas como nutriente para a população, como se as pessoas se alimentassem do que a mídia fornece. Os comentários de Vânia foram baseados nas ideias a seguir de Mateus:

Excerto 7

0078 Mateus ...(4.0) Realidade.
 0079 ...(4.0) A violência
 0080 a violência urbana,
 0081 ela hoje em dia,
 0082 .. ela não é
 0083 ... oferecida
 0084 .. ela é difundida,
 0085 a gente **come, vive, respira**, pensa
 0086 .. violência
 0087 porque,
 0088 .. de certa forma,
 0089 .. os colegas aqui que fazem jornalismo
 0090 hoje,
 0091 mais uma metáfora,
 0092 é a bola da vez,
 0093 hoje é o que mais se fala

Fonte: Corpus Grupo Focal 1_GELP (2010)

Excerto 8

0109 .. Quando você estuda direito penal,
 0110 você,
 0111 ... você já vai logo violência,
 0112 quando você pensa direito penal,
 0113 você pensa logo em crime,
 0114 ... então são coisas que são difundidas
 0115 da hora que você liga a televisão de manhã
 0116 .. ao último programa que você vai assistir
 0117 seja novela,
 0118 seja
 0119 .. qualquer coisa
 0120 a gente
 0121 ... nós **comemos, vivemos e bebemos** violência.

Fonte: Corpus Grupo Focal 1_GELP (2010)

Os seres humanos, como organismos vivos, precisam de alimento líquido e sólido e do ar para sustentar-se. Mateus usa veículos que sugerem a violência como estes

alimentos e ar necessários para a sobrevivência humana: “come”, “vive”, “respira”, “comemos”, “vivemos” e “bebemos”. A escolha desses veículos foi fortemente influenciada por outros fatores do discurso, por exemplo, o contexto. Mateus estava criticando o fato de a mídia transmitir programas sobre ocorrências violentas na capital justamente nos horários de almoço e jantar. Assim, o contexto favoreceu o uso destes veículos, que um deles será recuperado mais a frente no discurso por Mateus:

Excerto 9

0401 ... aí chego em casa na hora do almoço,
 0402 ligo a televisão,
 0403 aí o pai ta assistindo
 0404 como é?
 0405 o Rota 22
 0406 Rota 22
 0407 [Todos Cidade 190]
 0408 Cidade 190
 0409 pronto,
 0410 aí tudo bem,
 0411 duas horas eu vou trabalhar,
 0412 seis horas eu volto morto de feliz
 0413 e chego em casa
 0414 e o que é que se está assistindo
 0415 na hora da merenda?
 0416 porque a gente **come** violência,
 0417 a gente **come pão com carne**,
 0418 até eu digo,
 0419 brincando com o pai
 0420 que a gente **come pão com carne** todo dia,
 0421 ... chega tá lá
 0422 Cidade 190,
 0423 .. tá o do canal 8
 0424 e assim,
 0425 são coisas simultâneas,

Fonte: Corpus Grupo Focal 1_GELP (2010)

Mais uma vez, Mateus fala o veículo “come”, sendo este mais prototípico do que os outros, quando se fala de alimento. No entanto, a metáfora também é

construída a partir da metonímia que torna os termos “pão com carne” veículos. O fato destes programas de televisão mostrar os corpos mortos ao chão após os incidentes violentos, embora desfocados, fez com que os traços de sangue e carne destes corpos fossem associados à carne que é refeição do dia para a família de Mateus. Então, quando se fala “come pão com carne”, Mateus está criticando a inconveniência da mídia de exibir estes programas em horários de refeição, além de também criticar a população que, aparentemente, precisa desses fatos para sobreviver, fazendo com que a mídia tenha audiência e razões para continuar a transmissão nestes horários. Portanto, a metáfora *VIOLÊNCIA É NUTRIENTE*, assim como a metáfora *MÍDIA É ORGANISMO VIVO COM VONTADE PRÓPRIA*, se apresenta como uma forma de criticar a programação dos meios midiáticos em Fortaleza/CE e seus respectivos telespectadores.

6.1.3. *VIOLÊNCIA É ORGANISMO VIVO COM VONTADE PRÓPRIA*

Assim como a *MÍDIA*, a *VIOLÊNCIA* também foi entendida como organismo vivo com vontade própria, às vezes através de veículos semelhantes aos usados para *MÍDIA*, outras vezes por meio de veículos bem mais específicos.

Na fala de Mateus, a seguir, aparece o termo veículo “desperta”, que no seu sentido literal quer dizer acordar, e seres vivos animais (racionais ou não) é que sentem sono, dormem e despertam si próprios e outros. Contudo, no discurso transcrito, há um contraste de significação entre o literal e o contextual (CAMERON, 2007; CAMERON & MASLEN, 2010). Se o interesse das pessoas é despertado, isto sugere que há um agente capaz de fazer estes interesses acordarem. Conclui-se aqui que, contextualmente, a violência é o agente que faz acordar (no sentido de motivar) o interesse das pessoas, como se a violência tivesse ciência da sua ação:

Excerto 10

0085	a gente come, vive, respira, pensa
0086	.. violência
0087	porque,
0088	.. de certa forma,
0089	.. os colegas aqui que fazem jornalismo
0090	hoje,
0091	mais uma metáfora,
0092	é a bola da vez,
0093	hoje é o que mais se fala
0094	.. como o recente caso da menina,
0095	.. jogada pela janela,
0096	como o atual caso
0097	.. do goleiro do Flamengo,
0098	.. ou seja,
0099	são coisas que,
0100	.. de certa forma,
0101	desperta o interesse de todos,

Fonte: Corpus Grupo Focal 1_GELP (2010)

A VIOLÊNCIA também pode ser gerada, assim como bebês e filhotes são gerados no útero de uma fêmea, característico de seres vivos animais. Observe os trechos abaixo, proferidos por Vânia e Renato, respectivamente:

Excerto 11

0275	.. não é aquelas pessoas mais humildes,
0276	até as mais humildes
0277	nas novelas não moram em barracos,
0278	são casas com tijolos,
0279	onde tem água
0280	e conseguem pagar as contas,
0281	não é a verdade.
0282	Na realidade,
0283	não é isso que acontece,
0284	não tem nem o que comer muitas vezes
0285	.. e isso só gera mais violência,
0286	de certa forma.

Fonte: Corpus Grupo Focal 1_GELP (2010)

Excerto 12

1509	Renato Além da educação
1510	e do fator preconceito,
1511	o que a sociedade tem que mudar também,
1512	.. para amenizar a violência,
1513	é justamente a questão de a sociedade ter aceitado
1514	o que está acontecendo.
1515	E a sociedade tem que cobrar,
1516	tem que ir à luta,
1517	não a luta no sentido de lutar,
1518	de violência,
1519	...de gerar violência,
1520	a luta assim de cobrar seus direitos,

Fonte: Corpus Grupo Focal 1_GELP (2010)

Enquanto Vânia, neste momento do discurso estava falando de como a mídia não mostra a realidade das classes sociais menos favorecidas, ao contrário, mascara esta realidade, Vânia se utiliza do termo “gera” para expor o seu ponto de vista de que são as reais condições das classes sociais mais pobres que promovem mais violência urbana. Isto é, estas condições não favoráveis socialmente funcionam como se fosse um útero para gerar a violência, que um dia virá à tona.

Renato, por sua vez, em um instante bem mais avançado do discurso, estava falando sobre os comportamentos que a sociedade deve ter. Nisto, ele encoraja a sociedade a procurar por seus direitos e fazê-los valer através da luta. Ao explicar o que queria dizer com “luta”, ele afirma que não é no sentido de “gerar violência”. Apesar de o tópico discursivo ter mudado, a mesma ideia permanece: a VIOLÊNCIA é algo que pode ser gerado pelas devidas condições e agentes sociais, semelhante a como um organismo vivo é gerado devido a condições e agentes necessários.

Em comum com a MÍDIA, a VIOLÊNCIA também está “presente” na vida das pessoas. Vários foram os momentos no discurso em que este veículo foi utilizado, por diferentes interlocutores, personificando o fenômeno social.

No primeiro excerto deste capítulo, previamente analisado, Igor afirma que a violência, através de casos verídicos e do conhecimento popular, firma-se “presente” na vida das pessoas:

Excerto 13

0178	Igor	Então,
0179		com esse discurso
0180		a gente, a gente vê que
0181		.. a mídia,
0182		ela precisa desses fatos,
0183		.. dessa violência,
0184		.. desse caso da menina Isabela
0185		que tomou
0186		foi
0187		[Ana Lúvia nacional]
0188		... nacional
0189		e não foi só um período curto,
0190		[Ana Lúvia até hoje ainda se fala --]
0191		.. até hoje se fala em Isabela,
0192		.. Eloá,
0193		agora tá esse caso da Elisa
0194		que vai tomar muito tempo ainda,
0195		então assim, a violência,
0196		.. ela tá presente
0197		e eu vejo que a mídia,
0198		ela faz questão de que ela esteja cada vez mais presente
0199		na vida de todo mundo.

Fonte: Corpus Grupo Focal 1_GELP (2010)

O excerto 14 se mostra interessante, pois o moderador, participando da interação discursiva, mesmo que minimamente, também utiliza o termo veículo “presente”, a fim de saber a frequência com que este assunto aparece nas conversas desses jovens universitários. Ao responder a pergunta, Elisa reutiliza o termo, evidenciando que o discurso não é pronto, mas é uma troca de sentidos e que expressões podem ser reaproveitadas para os mesmos ou diferentes momentos, na intenção de melhor comunicar os propósitos dos interlocutores:

Excerto 14

0287 **Mod** Como vocês falam sobre violência urbana, quando vocês conversam com as pessoas com quem têm contato com amigo tal, vocês... por exemplo, tópicos que vêm na conversa de vocês, a violência tá presente?

0288 **Vânia** Normalmente.

0289 **Mod** O que é que vocês informam?

0290 **Elisa Pereira** Porque assim

0291 .. não só

0292 .. os jornais

0293 que não são

0294 .. específicos né?

0295 porque tem uns que são específicos de violência,

0296 mas mesmo os que não são,

0297 é

0298 .. um tema muito presente,

0299 então acaba que você lembra

0300 daquela história quando você vai discutir,

0301 às vezes,

0302 entra também a questão do psicológico daquela pessoa

0303 que tá envolvida naquilo,

0304 tem todo um passado né?

0305 .. cruel

Fonte: Corpus Grupo Focal 1_GELP (2010)

O próximo trecho é quando Renato oferece a sua resposta para a pergunta do moderador vista acima. Renato fala dos diferentes tipos de violência e como isso está “presente” no cotidiano das pessoas.

Excerto 15

0470 porque existem várias formas de violência,

0471 então,

0472 pelo menos no meu caso,

0473 falando assim sinceramente,

0474 eu tenho muitos amigos que são preconceituosos,

0475 homo fóbicos e tal,

0476 e esse tipo de violência

0477 tá presente nas conversas o tempo todo,

0478 não só a violência que é sofrida,

0479 mas a que você age também.

Fonte: Corpus Grupo Focal 1_GELP (2010)

Adiante no discurso, Renato retoma o mesmo tópico discursivo (diferentes tipos de violência) em consonância com outro tópico: grupos sociais e sociedade afetados por violência. Pode-se observar o veículo “presente” reaparecendo em sua fala. Este momento do discurso sugere ser uma transição entre tópicos, no caso, voltando a um tópico que já tinha sido abordado. Assim, é possível inferir que o discurso, como um sistema dinâmico complexo adaptativo, encontra-se em um momento de instabilidade, procurando ajustar-se novamente para o novo tópico.

Excerto 16

1027	[Mod Mas alguns grupos correm menos riscos que os outros?]
1028	Não, assim,
1029	os grupos,
1030	.. eles têm
1031	a sua parcela de violência diferente,
1032	porque pessoas menos
1033	favorecidas,
1034	com menos recursos,
1035	elas não têm medo de ser assaltada,
1036	.. mas a violência lá
1037	é diferente.
1038	O assassinato
1039	é mais banal
1040	ou a violência física
1041	é mais recorrente,
1042	enquanto parcelas
1043	mais favorecidas
1044	têm a
1045	.. violência diferente,
1046	a violência do assalto,
1047	a violência que ela se protege
1048	de uma forma melhor
1049	tem uma melhor proteção,
1050	mesmo podendo pagar
1051	ou não
1052	... assim,
1053	a violência
1054	tá presente em todos os grupos,
1055	mas são violências diferentes.

Fonte: Corpus Grupo Focal 1_GELP (2010)

6.1.4. VIOLÊNCIA É AGRESSOR

Esta é uma metáfora que emergiu da forte interação discursiva entre os participantes, pois nota-se a interferência de vários interlocutores utilizando e reutilizando veículos. O agressor, o inimigo e a pressão têm em comum a característica da força adversa sendo exercida contra, nesse caso, a vítima da violência – a sociedade. Viver em situação de violência, aqui, mostra-se como viver em guerra, contra as constantes ameaças do inimigo. Vários termos veículos apareceram nesse sentido: “agredir”, “agredida”, “agressão”, “agride”, “agredindo”, “agressões”, “atingida”, “enfrentado”, “fase da defesa”, “partir pro ataque”, “no ponto do ataque”, “defesa”, “estado de alerta”, “passiva”, “combater”, “fase do ataque”, “tá imposto aí”, “mecanismo de defesa”, “se defender”, “pressão”, “forçar”, “ameaça” (como substantivo e verbo) e “ameaçados”.

No trecho abaixo, Vânia fala que a violência verbal, especificamente falar palavras chulas, é um modo de “agredir” pessoas. O moderador intervém denominando o tipo de violência. Observe a repetição dos termos relacionados à AGRESSÃO. Além disso, a pessoa pode ser “atingida” por essa violência, como se fosse um alvo. Portanto, a VIOLÊNCIA se apresenta como um agressor que anseia “atingir” seus alvos, pessoas que involuntariamente escutam “palavrões” durante uma conversa.

Excerto 17 (continua)

0522	Exatamente a <X...X>
0523	em vez de dizer,
0524	<Q que droga,
0525	porque isso não deu certo? Q>,
0526	ou até outra coisa assim,
0527	coloca outro nome--
0528	[Mod Existe a tal da violência verbal também.]
0529	Pois é,
0530	isso agride os nossos ouvidos.
0531	A mim pode até não agredir tanto,
0532	mas pra outras pessoas
0533	que não tem o costume

Excerto 17 (conclusão)

0534 e não tem obrigação de ouvir isso,
 0535 acaba sendo **agredida**
 0536 acaba sendo **atingida**,
 0537 isso é uma forma de violência.

Fonte: Corpus Grupo Focal 1_GELP (2010)

Nas próximas linhas, a ideia de VIOLÊNCIA como inimigo de guerra é inserida já pelo moderador e desenvolvida pelos participantes através de termos veículos do mesmo campo semântico de guerra.

A pergunta originou uma longa interação e conflito de opiniões, o que revela a tentativa dos interlocutores de negociarem e chegarem a uma representação sócio-cognitiva sobre as experiências diretas e indiretas com violência urbana. Isto mostra a configuração que o discurso, como sistema, pode assumir, por mais simples que seja o seu *input*, neste caso a pergunta e o termo “enfrentado”. Observe os termos veículos utilizados:

Excerto 18 (continua)

0621 **Mod** Se vocês, não sei se foi o caso, mas se vocês já tiverem **enfrentado** situações de
 violência urbana no seu dia-a-dia, como é que as suas atividades, as suas rotinas, as
 suas decisões mudaram desde que isso aconteceu, como é que o comportamento de
 vocês mudou, se é que vocês já tiverem passado por essa experiência?

0622 **Mateus** De forma
 0623 .. coletiva,
 0624 eu vejo essa questão
 0625 da experiência
 0626 de passar por um trauma,
 0627 .. uma espécie de fase,
 0628 primeiro a gente fica
 0629 na fase da apreensão,
 0630 você tem medo,
 0631 é assaltado
 0632 e não volta mais no lugar,
 0633 segunda fase
 0634 é a **fase da defesa**
 0635 que é onde a maior parte da sociedade
 0636 vive atualmente,

Excerto 18 (continua)

0637 .. se tranca,
 0638 se prende,
 0639 não deixa o menino sair,
 0640 procura condomínio,
 0641 quem tem uma condição melhor
 0642 procura condomínio,
 0643 ... vamos chegar num ponto
 0644 que a gente vai **partir pro ataque**,
 0645 aí é quando,
 0646 .. no meu ponto de vista
 0647 vai ser a pior fase de todas,
 0648 .. agora
 0649 eu, particularmente,
 0650 .. e olha que eu ainda
 0651 não cheguei **no ponto do ataque**,
 0652 eu tô no ponto da **defesa**,
 0653 porque eu já fui assaltado várias vezes,
 0654 eu tenho uma sorte,
 0655 eu sou um ímã
 0656 pra esse tipo de coisa
 0657 [Risos]
 0658 ... mas--
 0659 [**Mod Então você está sempre em estado de alerta--**]
 0660 Tô sempre
 0661 em **estado de alerta**.
 0662 .. Por isso que eu acho
 0663 que eu falei
 0664 umas três ou quatro vezes
 0665 a questão da guerra civil,
 0666 porque **meu estado**
 0667 **é de alerta**.
 0668 **Mod E vocês, como vocês reagem em relação a isso --**
 0669 **Igor** É assim,
 0670 eu discordo dele
 0671 no ponto da Guerra Civil.
 0672 Eu não acho que a gente
 0673 vai chegar num estado
 0674 de guerra civil,
 0675 principalmente,

Excerto 18 (continua)

0676 no que se compara a Israel,
0677 Iraque,
0678 Bagdá,
0679 coisa e tal,
0680 eu acho que não vai chegar
0681 até esse ponto,
0682 porque eu vejo a sociedade
0683 no momento,
0684 como muito **passiva**,
0685 assim,
0686 ela não procura outras coisa,
0687 se procura assim meios pra
0688 ... eficazes
0689 pra **combater**
0690 isso mesmo,
0691 ela procura
0692 como se fosse um curativozinho
0693 bem fraquinho,
0694 não isso aqui é aqui,
0695 isso é da localidade,
0696 não é um negócio geral,
0697 não é um investimento que há
0698 .. pra conter isso
0699 de forma bem ampla,
0700 tá entendendo?
0701 Então,
0702 não acho que vai chegar
0703 na guerra civil
0704 o que nós vivemos aqui.

0705 Renato Eu concordo com ele,
0706 eu queria falar
0707 .. em relação a ele
0708 é que,
0709 paralelo a **fase do ataque**,
0710 .. eu acho que tem
0711 a fase do aceite,
0712 e é como a gente tá hoje,
0713 todo mundo aceita
0714 tudo que **tá imposto aí**,
0715 a gente não tem nenhum **mecanismo de defesa**
0716 mesmo de **se defender**,

Excerto 18 (conclusão)

0717 bem,
 0718 então a gente tá aceitando.
 0719 Como hoje,
 0720 o meu irmão,
 0721 .. ele é assaltado,
 0722 ele
 0723 .. <Q é macho toma Q>
 0724 você compra um celular,
 0725 você compra mais barato
 0726 que você sabe
 0727 que vai ser assaltado --
 0728 [Elisa ou tem o do ladrão]
 0729 Ou tem o do ladrão,
 0730 as mulheres têm
 0731 a bolsa do ladrão.
 0732 <X...X>
 0733 Isso é um aceite,
 0734 isso é você tá,
 0735 você aceita
 0736 que a violência
 0737 está lhe **agredindo**
 0738 e
 0739 .. você não tem como
 0740 .. retornar
 0741 ou **se defender**.

Fonte: Corpus Grupo Focal 1_GELP (2010)

Ora, quem precisa defender-se, atacar, enfrentar, combater ou estar em estado de alerta é quem tem um inimigo à vista e, conseqüentemente, uma guerra para lutar. Os falantes do grupo focal sugerem, através dos veículos, que este provavelmente seja o sentimento de insegurança que paira sobre a cidade de Fortaleza/CE: onde todos os dias os cidadãos estão se armando para lutar uma guerra na qual não se sabe quando o ataque poderá vir. Por isso, a desesperança de Renato ao afirmar que “a gente não tem nenhum mecanismo de defesa”, e o conformismo em aceitar esse cenário figurado de guerra.

Renato ainda traz à tona o veículo “tá imposto aí”. A violência exerce uma contraforça sobre a população, é algo que está obrigatoriamente estabelecido, sem consultar a vontade da população. Desse modo, Renato possivelmente comunica a ideia de que a VIOLÊNCIA seja um inimigo mais potente que os cidadãos, e o que resta a estes é ceder.

Em outro instante no discurso, Vânia retoma o veículo “ameaçados”, falando que nunca passou por uma experiência direta de violência, mas sente que está suscetível a isto a qualquer hora.

Excerto 19

1797	Vânia Eu acredito que
1798	somos ameaçados
1799	quase que diariamente
1800	por diversas situações e coisas,
1801	quando acontece algo
1802	como um assalto,
1803	ou então uma possível batida,

Fonte: Corpus Grupo Focal 1_GELP (2010)

Sentir-se ameaçado não foi somente o sentimento de Vânia, mas, em linhas adiante na transcrição, observou-se que outros participantes fizeram uso do conceito de AMEAÇA, para violência, como se ela mesma fosse o próprio criminoso ou malfeitor, causando terror. A primeira parte foi dita por Mateus, a outra, por Elisa:

Excerto 20

2100	Então,
2101	de certa forma,
2102	a ameaça da violência,
2103	ela ameaça a sua saúde,
2104	ela ameaça o seu psicológico,
2105	ela ameaça o seu emprego,
2106	porque,
2107	... às vezes,
2108	você não se disponibiliza

Fonte: Corpus Grupo Focal 1_GELP (2010)

Excerto 21

2147	realmente,
2148	então,
2149	.. ameaça um pouco de,
2150	de tudo.

Fonte: Corpus Grupo Focal 1_GELP (2010)

Os falantes estavam conversando sobre como a ameaça da violência se compara a outras ameaças na vida. Eles não responderam o que era esperado na pergunta, fazer comparações nítidas com outros problemas do cotidiano, mas ainda assim, deram respostas que nesta análise podem ser relevantes. O que então fizeram foi listar outros tipos de violência, prováveis de ocorrer em outros setores da sociedade, como a educação, por exemplo, conforme os excertos 22 e 23 trazem:

Excerto 22 (continua)

2304	Vânia Reprovou,
2305	reprovou,
2306	meu filho reprovou.
2307	É o assunto da família todinha,
2308	cai a família todinha
2309	em cima daquela criança e,
2310	às vezes,
2311	aquela criança tem algum problema
2312	naquela matéria
2313	e não sabe bem como,
2314	e os pais,
2315	em vez de trabalhar,
2316	ficam criticando.
2317	E as crianças,
2318	não só crianças,
2319	crianças e adolescentes mesmo.
2320	Pra mim,
2321	é uma agressão educacional,
2322	são estes colégios.
2323	Porque,
2324	é a pressão em casa

Excerto 22 (conclusão)

2325 que os meninos sofrem
 2326 e a **pressão** no colégio.
 2327 A ação de você ter uma série especial
 2328 e **forçar** aqueles meninos estudarem,
 2329 pra tá primeiro lugar lá,
 2330 estendido num outdoor,
 2331 pra mim é um absurdo aquilo.
 2332 Aquela educação que eles dão,
 2333 deviam dar pra todos,
 2334 e não excluir ele
 2335 e colocar numa escala.

Fonte: Corpus Grupo Focal 1_GELP (2010)

Excerto 23

2368 **Vânia** Seria na verdade,
 2369 acho que num emprego,
 2370 se você for comparar,
 2371 porque às vezes,
 2372 ele,
 2373 ou se submete a certos empregos
 2374 para você conseguir o seu pão de cada dia,
 2375 ou você não consegue ter aquele
 2376 é,
 2377 ... é
 2378 ser independente
 2379 e isso acaba também
 2380 acarretando de novo
 2381 a **pressão** à família,
 2382 **pressão** familiar,
 2383 ou seja,
 2384 são várias,
 2385 é são várias **agressões** que
 2386 você sofre semelhante à **agressão** social,

Fonte: Corpus Grupo Focal 1_GELP (2010)

Estas são as linhas que se aproximam do final da transcrição da conversa e recuperam alguns veículos que já vinham permeando o discurso. Assim, esta metáfora

alcançou uma estabilidade discursiva, no sentido que os falantes concordaram com ideia da VIOLÊNCIA como um AGRESSOR, que exerce uma força adversa aos desejos e sentimentos da população. Outros veículos reforçam esta compreensão: “forçar” e “pressão”, este último literalmente significa “ato ou efeito de comprimir, apertar”, segundo o Dicionário Aurélio (2010), portanto, uma contraforça.

6.1.5. MUDANÇA COMPORTAMENTAL SÃO AÇÕES BÉLICAS

Como desdobramento da análise da metáfora sistemática anterior, é possível concluir que as atitudes comportamentais dos indivíduos se comparam a ações de guerra. Os veículos antes discutidos, como “se defender”, “mecanismo de defesa”, “agredir”, “agredida”, “agressão”, “agride”, “agredindo”, “agressões”, “atingida”, “enfrentado”, “fase da defesa”, “partir pro ataque”, “no ponto do ataque”, “defesa”, “estado de alerta”, “passiva”, “combater”, “fase do ataque”, “bélicos” e “treinado” constituem-se como atos bélicos.

Excerto 24 (continua)

0358	Mateus Como eu havia falado um pouco antes,
0359	é como se nós fossemos
0360	cidadãos preparados para uma guerra civil,
0361	porque por exemplo,
0362	vamos analisar os hábitos que nós temos,
0363	.. que são hábitos bélicos ,
0364	por exemplo,
0365	nós vamos parar num sinal,
0366	a gente não para,
0367	a gente não chega e para,
0368	a gente

Excerto 24 (conclusão)

0369 [Meninas reduz]
 0370 a gente reduz,
 0371 distancia,
 0372 fecha os vidros,
 0373 olha o retrovisor.
 0374 No caso da mulher,
 0375 pega a bolsa,
 0376 bota debaixo do banco --
 0377 **Mod Tem toda uma mudança comportamental.**

Fonte: Corpus Grupo Focal 1_GELP (2010)

Excerto 25

0383 porque
 0384 ... assim,
 0385 .. você não confia mais.
 0386 .. Você vai dormir,
 0387 tem gente que tem síndrome,
 0388 acorda quatro, cinco vezes a noite
 0389 pra ver se a porta tá trancada.
 0390 Você é **treinado** pra ver sangue,
 0391 você é **treinado**,

Fonte: Corpus Grupo Focal 1_GELP (2010)

Alguns outros trechos do discurso reforçam a emergência desta metáfora, com veículos usados para comunicar as compreensões quanto ao comportamento social frente à violência urbana, caracterizada como o inimigo, na seção anterior.

Excerto 26

0705 Renato Eu concordo com ele,
 0706 eu queria falar
 0707 .. em relação a ele
 0708 é que,
 0709 paralelo a **fase do ataque**,
 0710 .. eu acho que tem
 0711 a **fase do aceite**,
 0712 e é como a gente tá hoje,
 0713 todo mundo **aceita**
 0714 tudo que **tá imposto aí**,
 0715 a gente não tem nenhum **mecanismo de defesa**
 0716 mesmo de **se defender**,
 0717 bem,
 0718 então a gente tá **aceitando**.
 0719 Como hoje,
 0720 o meu irmão,
 0721 .. ele é assaltado,
 0722 ele
 0723 .. <Q é macho toma Q>
 0724 você compra um celular,
 0725 você compra mais barato
 0726 que você sabe
 0727 que vai ser assaltado --
 0728 [Elisa ou tem o do ladrão]
 0729 Ou tem o do ladrão,
 0730 as mulheres têm
 0731 a bolsa do ladrão.
 0732 <X...X>
 0733 Isso é um **aceite**,
 0734 isso é você tá,
 0735 você **aceita**
 0736 que a violência
 0737 está lhe **agredindo**
 0738 e
 0739 .. você não tem como
 0740 .. **retornar**
 0741 ou **se defender**.

Fonte: Corpus Grupo Focal 1_GELP (2010)

Os veículos “aceite”, “aceita”, “aceitando” e “fase do aceite” sugerem a rendição em uma guerra, em que as condições impostas pelo inimigo prevalecem. Aceitar significa consentir receber alguma coisa, segundo o Dicionário Aurélio (2010).

O que está sendo recebido, contra vontade, é uma situação que o inimigo, VIOLÊNCIA, impõe.

Durante vários momentos do discurso, estes veículos foram reutilizados e os falantes fizeram o contraste entre o comportamento atual da sociedade e a mudança comportamental que se espera ter, que é de “ir à luta”, “combater”, “se defender”. Observe as linhas seguintes e veja a participação de vários interlocutores na emergência desta metáfora, ao repetir alguns veículos e usar outros, desenvolvendo assim a metáfora que já surgia na fala de Renato.

Excerto 27

0358	Mateus Como eu havia falado um pouco antes,
0359	é como se nós fossemos
0360	cidadãos preparados para uma guerra civil,
0361	porque por exemplo,
0362	vamos analisar os hábitos que nós temos,
0363	.. que são hábitos bélicos ,
0364	por exemplo,
0365	nós vamos parar num sinal,
0366	a gente não para,
0367	a gente não chega e para,
0368	a gente
0369	[Meninas reduz]
0370	a gente reduz,
0371	distancia,
0372	fecha os vidros,
0373	olha o retrovisor.
0374	No caso da mulher,
0375	pega a bolsa,
0376	bota debaixo do banco --
0377	Mod Tem toda uma mudança comportamental.

Fonte: Corpus Grupo Focal 1_GELP (2010)

Excerto 28

1509 Renato Além da educação
 1510 e do fator preconceito,
 1511 o que a sociedade tem que mudar também,
 1512 .. para amenizar a violência,
 1513 é justamente a questão de a sociedade ter **aceitado**
 1514 o que está acontecendo.
 1515 E a sociedade tem que cobrar,
 1516 tem que **ir à luta**,
 1517 não a **luta** no sentido de lutar,
 1518 de violência,
 1519 ...de gerar violência,
 1520 a **luta** assim de cobrar seus direitos,
 1521 porque a gente tem até exemplos positivos,
 1522 como o caso da Itália,
 1523 onde a máfia dominava
 1524 e que desarticularam
 1525 e que agora tá muito melhor,
 1526 que tem esses positivos,
 1527 mas pra isso,
 1528 a gente tem que cobrar dos políticos
 1529 é
 1530 ..tem de cobrar entre nós mesmos
 1531 que as pessoas sejam mais honestas,
 1532 e tal.
 1533 Tem que ser cobrado o que tá posto,
 1534 que é questionável.

Fonte: Corpus Grupo Focal 1_GELP (2010)

Mateus consente com a opinião de Renato e confirma isto ao usar os mesmos termos veículos:

Excerto 29 (continua)

1595 Mateus Ele deu a resposta exata do problema,
 1596 ele deu a resposta
 1597 e ele deu o porquê.
 1598 Ele deu a resposta que seria,
 1599 o correto seria,
 1600 nós **lutarmos** por nossos direitos,
 1601 mas ele deu também o porquê
 1602 que a gente não faz isso,
 1603 porque ele falou,
 1604 porque nós somos **acomodados**,
 1605 porque a gente **aceita**,

Excerto 29 (conclusão)

1606 .. então,
 1607 .. aqui a gente tá falando muito do dever ser,
 1608 .. a realidade é totalmente diferente.
 1609 Igor Mas, eu posso fazer uma pergunta?
 1610 Se eu
 1611 a partir do momento,
 1612 se nós a partir desse momento,
 1613 formos lutar pelos nossos direitos,
 1614 você tem alguma esperança de conseguir?
 1615 Porque na sociedade que nós vivemos,
 1616 eu não tenho esperança de conseguir
 1617 uma segurança pública eficaz,
 1618 de que eu não vou precisar mais
 1619 do meu segurança particular,
 1620 .. tá entendendo?

Fonte: Corpus Grupo Focal 1_GELP (2010)

Apesar de Igor discordar dos comentários realizados por Renato e Mateus, ao dizer que mesmo que haja luta não haverá conquista, ele reforça a estabilidade da metáfora ao fazer uso do mesmo termo veículo “lutar”. Em seguida, os outros participantes contrapõem a fala de Igor, encorajando a luta, isto é, a mudança comportamental da sociedade é sair da posição cômoda, deixar de ser “acomodados”.

Excerto 30 (continua)

1621 Vânia Tem que fazer muito barulho,
 1622 muito barulho,
 1623 mas muito barulho mesmo--
 1624 Igor É essa a questão que eu tô colocando
 1625 Mateus Quando você perde a esperança,
 1626 você perde a essência,
 1627 você perde a alma
 1628 .. do próprio sentido de existir--

Excerto 30 (conclusão)

1629 | Elisa Com certeza,
 1630 | é
 1631 | ... como ele tá dizendo,
 1632 | é **acomodar**,
 1633 | a gente pode até
 1634 | ... não ter grandes esperanças,
 1635 | mas também,
 1636 | se a gente não tentar,
 1637 | como é que a gente vai saber
 1638 | se dá certo?
 1639 | É --
 1640 | Todos Isso é verdade--

Fonte: Corpus Grupo Focal 1_GELP (2010)

Segundo o Dicionário Aurélio (2010), o significado literal de “acomodar” é alojar-se, estar em uma posição calma, quieta. “Acomodar” seria como “aceitar” uma rendição e desistir da guerra. Vânia faz o contraste entre o comportamento atual e a mudança que ela espera das pessoas ao usar o veículo “barulho”, desconstruindo toda a calma e comodismo da sociedade.

A VIOLÊNCIA, como força opositora, ameaça, ataca e impõe. Alguns dos participantes expuseram como uma “revolta” dentro de seu próprio corpo, que anseia “extravasar”, pôr para fora este sentimento. O corpo é entendido como um recipiente para sentimentos ruins causados pelo inimigo. E não “extravasar” significa “engolir” a situação, ou seja, pôr para dentro do corpo involuntariamente e lá “fica preso”, como se fosse algo que não desce pela garganta, causando angústia e mal estar ao corpo.

Excerto 31 (continua)

1797 | Vânia Eu acredito que
 1798 | somos **ameaçados**
 1799 | quase que diariamente
 1800 | por diversas situações e coisas,
 1801 | quando acontece algo
 1802 | como um assalto,
 1803 | ou então uma possível batida,
 1804 | ou uma batida,

Excerto 31 (conclusão)

1805 a gente usa esse fato como um
 1806 .. um, um
 1807 .. um lugar onde a gente possa **extravasar**,
 1808 então,
 1809 .. você acaba sendo mais violento
 1810 do que aquela violência
 1811 que você recebeu,
 1812 mas acumulou tanto
 1813 e você não soube trabalhar aquilo
 1814 e não **aceita**,
 1815 justamente porque ninguém aceita ser criticado,
 1816 ninguém aceita ser apontado,
 1817 porque,
 1818 de certa forma rebaixa
 1819 .. que acaba passando de uma outra forma
 1820 e violentando mais ainda a outra pessoa,
 1821 .. aí é um **ciclo**.

Fonte: Corpus Grupo Focal 1_GELP (2010)

Excerto 32 (continua)

1951 Renato Assim,
 1952 as pessoas
 1953 é,
 1954 .. voltando ao que
 1955 eu já falei várias vezes,
 1956 tão **aceitando**,
 1957 tão **na fase do aceite**.
 1958 .. Quando você para pra pensar,
 1959 isso é
 1960 .. como a violência é extremamente **revoltante**,
 1961 você,
 1962 .. você,
 1963 como num assalto,
 1964 você trabalha pra conseguir aquilo
 1965 e vem alguém e lhe toma,
 1966 isso é extremamente **revoltante**,
 1967 só que você não consegue **se revoltar**,
 1968 você **não** consegue **extravasar essa revolta**,

Excerto 32 (conclusão)

1969	você aceita
1970	.. você
1971	engole toda aquela revolta,
1972	e fica preso em você
1973	e você acaba extravasando de uma forma diferente,
1974	em alguém que não tem nada a ver,
1975	de outra forma,
1976	.. então,

Fonte: Corpus Grupo Focal 1_GELP (2010)

Segundo o grupo focal, o que se precisa “extravasar” é a “revolta”. Este termo, literalmente, significa rebelião, insurreição (armada ou não), luta. É como se o inimigo motivasse a população a uma luta, que deve ser “extravasada” (direcionada) para o adversário certo, e não para outra pessoa que já se sente oprimida pela violência, como afirmou Renato nas linhas 1973 e 1974. A ideia de uma “revolta” como o sentimento gerado pela situação foi explorada em outros momentos do discurso, apontando para a emergência da metáfora aqui em discussão: *MUDANÇA COMPORTAMENTAL SÃO AÇÕES BÉLICAS*.

Excerto 33

1931	Elisa Além dessa mudança de rotina,
1932	assim,
1933	com relação a compra,
1934	não sei o quê,
1935	.. eu acho que
1936	.. tem também
1937	a questão da revolta né?
1938	Ou contra a pessoa
1939	tanto de fazer justiça com as própria mãos
1940	e mudar diretamente
1941	a forma de agir né?

Fonte: Corpus Grupo Focal 1_GELP (2010)

No excerto 34, ao tentar comparar a violência com outras ameaças na vida, Elisa relata um episódio que vivenciou e critica o descaso na saúde pública, dizendo que esse é mais um tipo de violência contra a sociedade.

Excerto 34

2428 ... eu passei por uma coisa
 2429 que foi a minha prima teve neném
 2430 e a cirurgia dela abriu
 2431 e ela teve uma infecção e tal,
 2432 foi pro hospital
 2433 e simplesmente as pessoas não queriam atender,
 2434 quer dizer,
 2435 a menina sangrando lá,
 2436 e eles não queriam atender,
 2437 então tem muito essa questão do erro médico que
 2438 eu acho que é
 2439 uma coisa
 2440 que se compara com a ameaça realmente,
 2441 é o descaso,
 2442 é tão **revoltante**
 2443 quanto a questão da violência,
 2444 então não se faz nada pra melhorar
 2445 em relação a isso.
 2446 Acho que seria uma coisa comparável.
 2447 Seria com a saúde.
 2448 O descaso,
 2449 os hospitais,
 2450 a decadência.

Fonte: Corpus Grupo Focal 1_GELP (2010)

Excerto 35 (continua)

2583 **Vânia** E também mais **revolta**.
 2584 Porque uma coisa
 2585 que eu acho absurdo é
 2586 .. você é assaltado hoje,
 2587 se um juiz é assaltado,
 2588 ou um policial militar
 2589 vão logo atrás do assaltante,
 2590 dão uma surra no assaltante,

Excerto 35 (conclusão)

2591	porque assaltou um juiz
2592	ou um policial militar,
2593	e não a gente,
2594	porque
2595	se eles podem ser rápidos
2596	com esse tipo de roubo,
2597	por que não podem ser com a população
2598	de uma forma geral?
2599	Se estamos quase enquadrados como eles,
2600	que somos estudantes,
2601	graduados,
2602	só porque a gente não é conhecido,
2603	não é filhinho de papai?
2604	Então a gente não é beneficiado com isso?
2605	Eu vejo muita gente revoltada com isso.
2606	Eu sou uma.

Fonte: Corpus Grupo Focal 1_GELP (2010)

A fala de Vânia destacada anteriormente são as últimas linhas da transcrição. Diante de todos os trechos destacados para a metáfora em análise até a fala de Vânia, é possível observar que a metáfora percorreu desde os instantes iniciais aos finais do discurso, envolvendo uma interação intensa da parte de todos. Isto mostra que houve uma estabilização deste conceito de violência ao longo do discurso, e a metáfora se revelou como o meio favorável para que os participantes pudessem negociar este conceito.

6.1.6. MUDANÇA COMPORTAMENTAL É MOVIMENTO

Junto com alguns dos veículos que apontavam a metáfora anterior, apareceram outros veículos que sugerem um movimento com relação à mudança de comportamento das pessoas. Quando os falantes descrevem a situação atual e as novas atitudes que esperam da sociedade, termos como “retornar”, “ir à”, “vai chegar

no ponto”, “vamos chegar a uma questão”, “contornar” apareceram para indicar que mudança envolve movimento de um estado inicial para o estado que se pretende alcançar. Outros trechos do discurso justificam a emergência desta metáfora:

Excerto 36

1894 **Mod** Assim... como é que vocês se sentem? É a hora de extravasar, né? Como
 indivíduos que, de fato, estão, a todo o momento, podendo ser um **alvo** de violência?
 1895 **Mateus** Mais ou menos
 1896 a gente volta pra o que ele falou ali,
 1897 que nós
 1898 ... vivemos tão acostumados a,
 1899 .. a **aceitar**
 1900 de que não temos os nossos direitos
 1901 que **vamos chegar a uma questão**
 1902 que como você se sente
 1903 sabendo que seus direitos
 1904 estão sendo violados?
 1905 Aí você faz aquela velha pergunta que <X...X>
 1906 ninguém sabe,
 1907 **Ana Livia** A questão é que
 1908 toda vez que você vai comprar
 1909 alguma coisa
 1910 você fica pensando
 1911 <Q eu vou comprar esse? Q>
 1912 Se vai comprar um celular,
 1913 você sempre fica pensando:
 1914 <Q eu vou comprar esse?
 1915 Ou vou comprar o outro?
 1916 Será que se eu comprar,
 1917 esse eu vou poder usufruir dele? Q>
 1918 Porque,
 1919 **vai chegar no ponto** que
 1920 ...o meu irmão é um cara,
 1921 assim,
 1922 .. que ele tá pagando o terceiro celular,

Fonte: Corpus Grupo Focal 1_GELP (2010)

Excerto 37

1931 Elisa Além dessa mudança de rotina,
 1932 assim,
 1933 com relação a compra,
 1934 não sei o quê,
 1935 .. eu acho que
 1936 .. tem também
 1937 a questão da **revolta** né?
 1938 Ou contra a pessoa
 1939 tanto de fazer justiça com as própria mãos
 1940 e mudar diretamente
 1941 a forma de agir né?
 1942 [**Mod Claro.**]
 1943 Não encontra um meio
 1944 .. melhor
 1945 ou mais rápido de
 1946 .. conseguir o método eficaz
 1947 .. de **contornar** aquilo
 1948 e acaba
 1949 [**Mod Se sente violado.**]
 1950 é

Fonte: Corpus Grupo Focal 1_GELP (2010)

Excerto 38

0538 **Mod Com relação a essa questão dos riscos da violência urbana, o que mais
 preocupa vocês, nesse sentido, assim, o que é que vocês acham, nessa
 escalada, o que é que vocês acham que pode **vir** a acontecer?**
 0539 Ana Lúvia A insegurança mesmo assim,
 0540 você **chega em um ponto**
 0541 que hoje em dia
 0542 você quem tem que colocar grade na sua casa toda,
 0543 porque você não se sente mais
 0544 segura,
 0545 você vai sair de casa
 0546 tem que sair com o carro
 0547 com a porta fechada
 0548 porque você não se sente mais seguro.
 0549 Você vai pra um canto--
 0550 [**Mod Você tem sua realidade modificada**]

Fonte: Corpus Grupo Focal 1_GELP (2010)

No excerto 38, a própria pergunta do moderador traz os veículos “escalada” e “vir”, que funcionam como *inputs* para encaminhar a emergência desta metáfora. O sistema absorve o *input* rapidamente e já instiga Ana Livia a usar um termo veículo condizente com os mencionados na pergunta: “chega em um ponto”. Este veículo sugere movimento físico, chegando a um destino; no caso do discurso em análise, o destino seria uma mudança de hábitos: grade na casa, trancar todas as portas da casa etc. Pode-se ainda afirmar, baseado na fala de Ana Livia, que a sensação de insegurança seria a força propulsora para que esse movimento comportamental aconteça.

Por enquanto, de acordo com o que foi observado neste excerto, houve uma negociação de sentido entre os interlocutores, quando Ana Livia usa um termo veículo de movimento, assim como foi usado pelo moderador na pergunta; além disso, houve a resposta imediata do moderador, que confirma a compreensão do que foi dito por Ana Livia.

No próximo fragmento do discurso, Mateus fala termos veículos que sugerem a origem de um percurso (“fase da defesa”, “onde”, “tô no ponto da defesa”) e outros que indicam o destino deste percurso (“vamos chegar num ponto”, “vai partir pro ataque”, “cheguei no ponto do ataque”).

Excerto 39 (continua)

0628	primeiro a gente fica
0629	na fase da apreensão,
0630	você tem medo,
0631	é assaltado
0632	e não volta mais no lugar,
0633	segunda fase
0634	é a fase da defesa
0635	que é onde a maior parte da sociedade
0636	vive atualmente,
0637	.. se tranca,
0638	se prende,
0639	não deixa o menino sair,
0640	procura condomínio,
0641	quem tem uma condição melhor

Excerto 39 (conclusão)

0642 procura condomínio,
 0643 ... **vamos chegar num ponto**
 0644 que a gente **vai partir pro ataque,**
 0645 aí é quando,
 0646 .. no meu ponto de vista
 0647 vai ser a pior fase de todas,
 0648 .. agora
 0649 eu, particularmente,
 0650 .. e olha que eu ainda
 0651 não **cheguei no ponto do ataque,**
 0652 eu **tô no ponto da defesa,**
 0653 porque eu já fui assaltado várias vezes,
 0654 eu tenho uma sorte,
 0655 eu sou um ímã
 0656 pra esse tipo de coisa
 0657 [Risos]

Fonte: Corpus Grupo Focal 1_GELP (2010)

Para que a metáfora seja sistemática, ela precisa ser proferida no discurso por outros falantes. Desta forma, ela ganha relevância, pois a sua emergência conjugou uma série de elementos envolvidos no sistema: os fatores culturais, sociais, históricos, pragmáticos e cognitivos de cada indivíduo integrante do grupo focal. Devido a isto, é possível afirmar que houve a emergência desta metáfora. Portanto, faz-se necessário apresentar aqui mais exemplos dos mesmos veículos e outros relacionados que sugerem movimentação física indicando uma mudança comportamental. Veja os trechos a seguir:

Excerto 40 (continua)

0659 [**Mod Então você está sempre em estado de alerta--**]
 0660 Tô sempre
 0661 em estado de alerta.
 0662 .. Por isso que eu acho
 0663 que eu falei
 0664 umas três ou quatro vezes
 0665 a questão da guerra civil,

Excerto 40 (conclusão)

0666 porque meu estado
 0667 é de alerta.
 0668 **Mod** **E vocês, como vocês reagem em relação a isso --**
 0669 **Igor** É assim,
 0670 eu discordo dele
 0671 no ponto da Guerra Civil.
 0672 Eu não acho que a gente
 0673 vai **chegar** num estado
 0674 de guerra civil,
 0675 principalmente,
 0676 no que se compara a Israel,
 0677 Iraque,
 0678 Bagdá,
 0679 coisa e tal,
 0680 eu acho que não vai **chegar**
 0681 **até esse ponto**,
 0682 porque eu vejo a sociedade
 0683 no momento,
 0684 como muito passiva,
 0685 assim,
 0686 ela não procura outras coisa,
 0687 se procura assim meios pra

Fonte: Corpus Grupo Focal 1_GELP (2010)

Excerto 41

0697 não é um investimento que há
 0698 .. pra conter isso
 0699 de forma bem ampla,
 0700 tá entendendo?
 0701 Então,
 0702 não acho que vai **chegar**
 0703 na guerra civil
 0704 o que nós vivemos aqui.

Fonte: Corpus Grupo Focal 1_GELP (2010)

Da linha 668 a 704, Igor discorda do outro participante, falando que a sociedade brasileira atual não vai se tornar algo parecido com Israel e outros países,

em termos de guerra civil. Para desconstruir a opinião do outro, ele se utilizou dos mesmos veículos, reforçando a metáfora em análise nesta seção.

O trecho a seguir foi produzido por Vânia, quando a conversa se tratava das atitudes violentas das pessoas, por se sentirem oprimidas pela violência diária:

Excerto 42

1815	justamente porque ninguém aceita ser criticado,
1816	ninguém aceita ser apontado,
1817	porque,
1818	de certa forma rebaixa
1819	.. que acaba passando de uma outra forma
1820	e violentando mais ainda a outra pessoa,
1821	.. aí é um ciclo .

Fonte: Corpus Grupo Focal 1_GELP (2010)

O contexto do fragmento a seguir favorece o uso do verbo “passar” como um veículo para apontar uma mudança comportamental; é o movimento de um estado inicial para um novo padrão:

Excerto 43

0882	ninguém andava com bolsa,
0883	ninguém andava,
0884	todo mundo com as coisas
0885	no bolso da calça
0886	e é escondida
0887	as coisas ainda,
0888	depois que
0889	...dos acidentes,
0890	os ladrões perceberam
0891	que ninguém andava com mais nada de valor
0892	[Mod Hunrum!]
0893	E deixaram de assaltar as pessoas a pé
0894	e passaram a assaltar os carros,

Fonte: Corpus Grupo Focal 1_GELP (2010)

Excerto 44

0947	Mas até
0948	.. esse processo de segurança,
0949	a gente passou por uma certa
0950	é
0951	... evolução de assaltos,
0952	é
0953	.. monstruoso
0954	e aquilo ali para mim
0955	só serviu
0956	pra mim ter como base
0957	em outros lugares,

Fonte: Corpus Grupo Focal 1_GELP (2010)

Neste último, o veículo “passou” está associado aos termos “evolução” e “monstruoso”. A evolução se caracteriza por uma sucessão de estágios, indicando um aparente movimento. Isto justifica o uso de “passou”, pois, literalmente, aponta para uma locomoção física. O destino desta movimentação figurada é o resultado desta evolução, descrita por Vânia através do veículo “monstruoso” (l. 953).

6.1.7. VIOLÊNCIA É FERIDA

O grupo focal também compreendeu o fenômeno da violência como uma ferida, um machucado que dói em diferentes grupos sociais. Compreende-se isto, pois a dor física causa sofrimento no corpo, assim como é descrito pelos falantes que as pessoas sofrem e são afetadas por esta dor. Os veículos em destaque apontam esta representação para VIOLÊNCIA.

Excerto 45 (continua)

0461	Renato E também
0462	se fala muito
0463	que surge nas conversas
0464	a violência que é sofrida .

Excerto 45 (conclusão)

0465 .. Mas,
 0466 pelo menos no meu caso assim,
 0467 ... também se conversa,
 0468 eu pra mim não converso sobre violência
 0469 a violência que a gente também age,
 0470 porque existem várias formas de violência,
 0471 então,
 0472 pelo menos no meu caso,
 0473 falando assim sinceramente,
 0474 eu tenho muitos amigos que são preconceituosos,
 0475 homo fóbicos e tal,
 0476 e esse tipo de violência
 0477 tá presente nas conversas o tempo todo,
 0478 não só a violência que é **sofrida**,
 0479 mas a que você age também.

Fonte: Corpus Grupo Focal 1_GELP (2010)

Excerto 46

1757 **Renato** A possibilidade é notória.
 1758 **Elisa** Eu queria até
 1759 ..comentar
 1760 com relação a isso,
 1761 assim,
 1762 ..diretamente
 1763 assim,
 1764 eu nunca **sofri**
 1765 nenhum tipo de violência,
 1766 mas o meu marido sim,
 1767 no trânsito.

Fonte: Corpus Grupo Focal 1_GELP (2010)

Excerto 47

2383 ou seja,
 2384 são várias,
 2385 é são várias agressões que
 2386 você **sofre** semelhante à agressão social,

Fonte: Corpus Grupo Focal 1_GELP (2010)

Excerto 48

2158	ela tem pavor de escola pública
2159	porque ela já sofreu várias ameaças
2160	e até já chegaram a agredi-la
2161	na escola,
2162	na sala de aula,
2163	por conta de,
2164	sei lá,
2165	de nota,
2166	de exercícios--

Fonte: Corpus Grupo Focal 1_GELP (2010)

Excerto 49

2320	Pra mim,
2321	é uma agressão educacional,
2322	são estes colégios.
2323	Porque,
2324	é a pressão em casa
2325	que os meninos sofrem
2326	e a pressão no colégio.

Fonte: Corpus Grupo Focal 1_GELP (2010)

Os três últimos trechos tratam do contexto educacional moderno. Os falantes concordam que a metodologia de ensino aplicada nas grandes escolas particulares de Fortaleza/CE tem se classificado como atos de violência para com os alunos, devido à pressão psicológica imposta sobre estes. Por outro lado, o último excerto observa outra vítima deste tipo de violência: o docente. O trecho fala, especificamente, do medo que a violência causou através das ameaças, dirigidas a uma professora, por alunos de uma escola pública.

O verbo “sofrer” exprime aflição, tortura e dor, algo que uma ferida grave no corpo humano pode provocar. Contudo, o veículo “curativozinho” foi essencial para que se obtivesse esta compreensão da violência como uma ferida. Curativos servem para proteger e curar feridas no corpo. Igor criticou a apatia da sociedade de não tentar

resolver o problema da violência como um todo, mas de só resolver pequenos casos de cada vez; foi neste momento em que ele usou o termo “curativozinho”, expressando algo temporário e frágil para conter a dor:

Excerto 50

0682	porque eu vejo a sociedade
0683	no momento,
0684	como muito passiva,
0685	assim,
0686	ela não procura outras coisa,
0687	se procura assim meios pra
0688	... eficazes
0689	pra combater
0690	isso mesmo,
0691	ela procura
0692	como se fosse um curativozinho
0693	bem fraquinho,
0694	não isso aqui é aqui,
0695	isso é da localidade,
0696	não é um negócio geral,

Fonte: Corpus Grupo Focal 1_GELP (2010)

Fica implícito que se um “curativozinho” não resolve o problema, é porque VIOLÊNCIA é uma ferida séria, grave. Daí ter sido questionado se esta ferida afeta todos os grupos sociais ou somente alguns. Os participantes concordaram que, de uma forma ou de outra, a violência urbana interfere na vida de todos os cidadãos. Além disso, é uma dor que precisa ser “amenizada”, conforme os exemplos a seguir:

Excerto 51 (continua)

0822	Mod Vocês acham que, com essa situação de violência, alguns grupos dessa sociedade são mais afetados do que outros? Ou vocês acham que é geral, é igual pra todo mundo?
0823	Vânia Geral.
0824	Eu acredito que seja geral.
0825	Porque

Excerto 51 (conclusão)

0826 .. depende de onde é
 0827 que você está.
 0828 Se você sabe
 0829 que é a avenida mais perigosa,
 0830 apesar de ser inevitável
 0831 você ter que passar lá,
 0832 deve haver alguma forma,
 0833 nem que seja
 0834 ... pequena,
 0835 de você **amenizar**
 0836 que você seja violentado,
 0837 receba esse tipo de violência
 0838 como o
 0839 .. ah,
 0840 eu me esqueci,
 0841 mas é ali
 0842 no cruzamento da Raul Barbosa
 0843 ... Luciano Carneiro,
 0844 eu acho que ali
 0845 normalmente,
 0846 diz que ali
 0847 é uma avenida muito
 0848 ... movimentada
 0849 de assaltos.
 0850 [Risos]

Fonte: Corpus Grupo Focal 1_GELP (2010)

Excerto 52 (continua)

0978 **Mod** **Mas todo mundo concorda com ela, que todos são afetados?**
 0979 **Mateus** Só assim
 0980 colocando uma coisa
 0981 que ela falou
 0982 que realmente
 0983 eu,
 0984 particularmente,
 0985 vejo
 0986 como um dos maiores problemas da
 0987 ... da
 0988 ... do Brasil.

Excerto 52 (conclusão)

0989 Nós pagamos pelas nossas garantias individuais,
 0990 garantidas na constituição,
 0991 por exemplo,
 0992 quando foi
 0993 que o problema de lá foi resolvido?
 0994 Entre aspas,
 0995 foi **amenizado**?
 0996 .. Quando foi-se pago segurança particular né?

Fonte: Corpus Grupo Focal 1_GELP (2010)

Excerto 53

1016 Renato Assim,
 1017 voltando a questão de
 1018 se a violência é **sentida** por toda sociedade,
 1019 [Mod Sim]
 1020 Assim
 1021 ... a violência em geral,
 1022 ... a violência em geral
 1023 é geral né?
 1024 A violência mesmo
 1025 é geral,

Fonte: Corpus Grupo Focal 1_GELP (2010)

Excerto 54

1509 Renato Além da educação
 1510 e do fator preconceito,
 1511 o que a sociedade tem que mudar também,
 1512 .. para **amenizar** a violência,
 1513 é justamente a questão de a sociedade ter aceitado
 1514 o que está acontecendo.
 1515 E a sociedade tem que cobrar,
 1516 tem que ir à luta,

Fonte: Corpus Grupo Focal 1_GELP (2010)

Excerto 55

0724 você compra um celular,
 0725 você compra mais barato
 0726 que você sabe
 0727 que vai ser assaltado --
 0728 [Elisa ou tem o do ladrão]
 0729 Ou tem o do ladrão,
 0730 as mulheres têm
 0731 a bolsa do ladrão.
 0732 <X...X>
 0733 Isso é um aceite,
 0734 isso é você tá,
 0735 você aceita
 0736 que a violência
 0737 está lhe agredindo
 0738 e
 0739 .. você não tem como
 0740 .. retornar
 0741 ou se defender.
 0742 Elisa Mudar a sua forma de **amenizar**-
 0743 Ana Livia Você poder evitar
 0744 o local

Fonte: Corpus Grupo Focal 1_GELP (2010)

Excerto 56

1239 eu acredito
 1240 que se tivesse um pouquinho mais de boa vontade,
 1241 as coisas melhorariam.
 1242 **Mod O que você acha?**
 1243 Elisa Eu acredito que é bem difícil
 1244 melhorar,
 1245 mas dá,
 1246 dá pra **amenizar**
 1247 um pouco,
 1248 mas
 1249 tem até aí o Ronda né?

Fonte: Corpus Grupo Focal 1_GELP (2010)

6.1.8. TIPOS DE VIOLÊNCIA SÃO FORMAS

Visto que, por diversas vezes, o grupo focal falou de diferentes tipos de violência, como no trânsito, educacional, furto, assalto e outros, é importante afirmar que tipos de violência foi um dos tópicos discursivos mais frequentes na interação entre os participantes. E, regularmente, o veículo “forma” estava associado a este tópico, conforme os exemplos abaixo:

Excerto 57

0502	... Eu acho mais fácil ouvir palavrão
0503	do que você não ouvir palavrão aqui na cidade
0504	... (3.0) e,
0505	de certa forma,
0506	isso acaba sendo uma forma de violência.

Fonte: Corpus Grupo Focal 1_GELP (2010)

Excerto 58

0528	[Mod Existe a tal da violência verbal também.]
0529	Pois é,
0530	isso agride os nossos ouvidos.
0531	A mim pode até não agredir tanto,
0532	mas pra outras pessoas
0533	que não tem o costume
0534	e não tem obrigação de ouvir isso,
0535	acaba sendo agredida
0536	acaba sendo atingida,
0537	isso é uma forma de violência.

Fonte: Corpus Grupo Focal 1_GELP (2010)

Excerto 59

1044 têm a
 1045 .. violência diferente,
 1046 a violência do assalto,
 1047 a violência que ela se protege
 1048 de uma forma melhor
 1049 tem uma melhor proteção,
 1050 mesmo podendo pagar
 1051 ou não
 1052 ... assim,
 1053 a violência
 1054 tá presente em todos os grupos,
 1055 mas são violências diferentes.
 1056 **Mod Há formas diferentes de violência.**
 1057 **Mateus** Necessidades diferentes.

Fonte: Corpus Grupo Focal 1_GELP (2010)

Excerto 60

0603 ... mas no caso do assaltante,
 0604 procuram sempre
 0605 o que é mais fácil
 0606 realmente.
 0607 [**Mod As oportunidades né?**]
 0608 **Ana Livia** A bolsa no banco--
 0609 **Elisa** Tem a necessidade né?
 0610 e
 0611 ... não busca assim um trabalho,
 0612 uma coisa né?
 0613 são muito criativos na hora de assaltar,
 0614 criar novas **formas de assaltar**,
 0615 mas na hora de ganhar o dinheiro,
 0616 isso não preocupa eles né?
 0617 [confusão de falas]
 0618 é,
 0619 mas não honestamente,
 0620 poderia ser de **outra forma**.

Fonte: Corpus Grupo Focal 1_GELP (2010)

Excerto 61

1108 Elisa Antes, assim
 1109 o que eu ouvia falar
 1110 de violência
 1111 no interior,
 1112 também era muito
 1113 .. em relação a político
 1114 que era muito forte,
 1115 mais assim né,
 1116 já questão de política --
 1117 Ana Lúvia Mas assim,
 1118 a questão assim,
 1119 as pessoas brincavam na rua.
 1120 Eu não sei mais hoje em dia,
 1121 nem a criança mais pode fazer isso.
 1122 Elisa Mas antes existia,
 1123 mas mais na política,
 1124 na questão dos adversários
 1125 e hoje em dia não,
 1126 já têm as outras
 1127 ... **formas**.

Fonte: Corpus Grupo Focal 1_GELP (2010)

Excerto 62

1569 Pra mim a corrupção,
 1570 é
 1571 ...essas mentiras,
 1572 esses roubos que acontecem lá
 1573 é uma **forma de violência**,
 1574 claro,
 1575 não uma violência física,
 1576 mas é uma **forma de violência**
 1577 que se já vem lá de cima
 1578 da administração pública ,

Fonte: Corpus Grupo Focal 1_GELP (2010)

Excerto 63

1842 eu acho que
 1843 ... de um modo geral,
 1844 as pessoas, de um modo geral,
 1845 elas agrirem as outras
 1846 quando não conhecem aquilo,
 1847 quando a gente não tem o conhecimento
 1848 do que é
 1849 ... de algo desconhecido,
 1850 então assusta
 1851 e qualquer reação que você tenha
 1852 acaba sendo
 1853 .. exagerada,
 1854 e realmente
 1855 é uma **forma de violência**,
 1856 não importa qual seja ela,
 1857 verbal ou física
 1858 .. ou até mesmo psicológica,

Fonte: Corpus Grupo Focal 1_GELP (2010)

De acordo com o Dicionário Aurélio (2010), forma é definida pelos “limites exteriores da matéria de que é constituído um corpo, e que conferem a este um feitio, uma configuração, um aspecto particular”.

Trazendo para o contexto do discurso, é como se os interlocutores tivessem em mente os traços e os limites definidos de cada tipo de violência, podendo classificá-los, por exemplo, como formas geométricas, embora isto não tenha sido explícito nas falas. Isto aproxima a violência para o âmbito da concretude, isto é, torna o fenômeno da violência algo material para os cidadãos. Por isso, ser possível dizer que as pessoas “enxergam”, no sentido de entender, as formas diferentes da violência, pois conceitualmente e discursivamente, ela é material:

Excerto 64 (continua)

2008 **Mod** Então eu vou passar. Renato? O que é que você acha? Você acha que tem gente que está **vendo a violência de forma diferenciada?**
 2009 Renato Eu acho que

Excerto 64 (conclusão)

2010	... como
2011	... cada pessoa vive de uma forma diferenciada,
2012	a violência,
2013	ela também enxerga de uma forma diferente
2014	a violência.
2015	Então,
2016	Eles
2017	... a violência diferente,
2018	ele enxerga de uma forma diferente .
2019	[Mod sim]
2020	Eu acho que é mais ou menos por aí.

Fonte: Corpus Grupo Focal 1_GELP (2010)

6.1.9. *COMPREENDER DIFERENTES GRUPOS SOCIAIS*⁶¹ É VER ELES

Nesta metáfora, existe um aspecto ideológico muito expressivo no que compete a estrutura social. Os participantes do grupo focal se distanciam das classes menos favorecidas definindo dois grupos: “a gente” e “eles”. Estes são dois veículos metonímicos, pois, além de expressar tratamento e referência, respectivamente, também possuem uma carga de empatia que o contexto oferece. Logo, há um contraste contextual, seguindo os critérios adotados por Cameron e Maslen (2010). É muito frequente a oposição destes dois veículos, indicando dois grupos sociais bem distintos, e a maneira de entender a situação do outro é vê-lo. Embora não seja da competência deste trabalho avaliar noções de empatia, vale a pena ressaltar que a metáfora sistemática, de forma geral, algumas vezes aponta para isso, já que foi elaborada coletivamente, na intenção de comunicar ao outro os seus conceitos e percepções da realidade que sejam pertinentes à interação discursiva.

⁶¹ Optou-se aqui por usar a nomenclatura “grupos sociais” ao invés de “classes sociais” no rótulo da metáfora, pois “classe”, no nosso entendimento, já seria um termo metafórico, devido à definição literal contrastar com o sentido contextual. Porém, vale esclarecer que isto não impede o uso dos termos “classe” e “grupo”, intercambiavelmente, ao longo da análise.

Os exemplos retirados da transcrição em análise mostram a relação contrastante entre os veículos “a gente” e “eles”, e os veículos do mesmo domínio de “ver” como um meio para estabelecer a empatia entre os grupos:

Excerto 65 (continua)

0229 **Vânia** Mas é como o Mateus falou,
 0230 .. ele disse
 0231 que
 0232 .. isso é muito pela mídia
 0233 e a realidade as vezes é ao contrario,
 0234 .. mas se a gente pegasse esses programas de televisão,
 0235 ... é
 0236 ... justamente ele é no horário do almoço,
 0237 essas pessoas que assistem,
 0238 as pessoas
 0239 .. que banalizam de certa forma
 0240 o fato e a informação
 0241 .. é mais porque
 0242 é a realidade **delas**.
 0243 .. **A gente** diz que não tem muita informação sobre a violência,
 0244 sobre a mídia
 0245 que ela enche demais
 0246 algo quando não há tanta necessidade,
 0247 mas se **a gente** for
 0248 pros bairros mais pobres
 0249 onde realmente
 0250 .. há miséria
 0251 **a gente vê** que não é exatamente isso,
 0252 **a gente** tá numa avenida Treze de Maio,
 0253 numa Washington Soares,
 0254 **a gente** pode não **ver**,
 0255 mas vai pro Tancredo
 0256 ou então p'rum Jardim União da vida,
 0257 entra mesmo,
 0258 conversa com as pessoas sobre aquele dia,
 0259 ... você acaba tendo uma **visão** não só
 0260 .. de violência,
 0261 mas também de discriminação com **eles** mesmos
 0262 .. e a televisão só faz mostrar isso
 0263 e **eles veem** aquilo
 0264 como uma forma de **eles se verem**
 0265 a realidade **deles**,
 0266 não é aquela coisa
 0267 .. perfeita

Excerto 65 (conclusão)

0268	que a gente vê nas novelas
0269	que apesar de haver agressões
0270	apesar de haver violência
0271	não é aquela coisa
0272	mais elitizada,
0273	só pessoas ricas ou de classe média alta,

Fonte: Corpus Grupo Focal 1_GELP (2010)

Entendemos estes veículos como metonímicos por serem partes que expressam um todo – a sociedade, ou seja, a metonímia se estrutura da seguinte maneira: A GENTE E ELES PELA SOCIEDADE. Os termos “a gente” e “eles” pertencem ao mesmo domínio (sociedade), o qual está sendo salientado por estes veículos (KÖVECSES, 2010). Este é um caso que justifica a participação da metonímia na elaboração de metáforas, como previsto por Croft e Cruse (2004, p. 218): “a metonímia pode exercer um papel fundamental na gênese das expressões metafóricas”.

No excerto 65, Vânia utiliza mais uma metonímia para caracterizar o grupo “a gente” como mais favorecido financeiramente que o grupo “eles”. Na cidade de Fortaleza/CE, as avenidas Treze de Maio e Washington Soares possuem universidades, clínicas médicas, centros educacionais, prédios residenciais e comerciais, além de um movimento intenso de pessoas e um extenso número de lugares para lazer. O poder aquisitivo e cultural nestes lugares é representativo para a cidade de Fortaleza. Este traço foi metonimicamente mapeado ao grupo quando Vânia identifica “a gente” em relação a estas avenidas (l. 251 a 254). Percebe-se que esta relação está para além do físico, pois são exatamente os lugares que o grupo “a gente” pertence e estas avenidas os impedem, portanto, de conhecer a realidade do grupo “eles”, pois estão identificados com localidades distintas (l. 255 e 256).

A mídia se torna a imagem distorcida da realidade na fala de Vânia. Através dos meios midiáticos, o grupo “eles” sofre discriminação, pois as novelas tentam representar a realidade, mas com distorções sérias. Segundo Vânia, as classes com

poucos recursos financeiros são representadas por pessoas que, na vida real, seriam elites, pelo padrão de vida que levam na ficção; em outras palavras, a realidade é bem pior (l. 261 a 273).

Chegando ao final do discurso, Mateus discorda sutilmente de Vânia, usando os mesmos veículos. Ele acredita que a mídia reflete a realidade do grupo “eles”, e por isso ela consegue congrega tanta audiência, pois fica implícito que “eles” são mais do que “a gente”:

Excerto 66

2536	e de certa forma,
2537	até assistir aqueles programas sensacionalistas,
2538	porque,
2539	pra sociedade que assiste,
2540	a grande massa que assiste esses programas
2541	não faz muita diferença,
2542	mas a diferença fica entre aspas,
2543	porque tem o entretenimento,
2544	mas pra eles não.
2545	É uma forma,
2546	é uma janela
2547	.. que eles enxergam ,
2548	tudo bem que
2549	não de certa forma,
2550	de forma correta,
2551	ideal,
2552	mas de uma certa forma,
2553	eles enxergam
2554	de fato,
2555	o que tá acontecendo.

Fonte: Corpus Grupo Focal 1_GELP (2010)

Baseado no fragmento anterior, é possível inferir alguns desdobramentos da metáfora sistemática em análise nesta seção. Estes desdobramentos metafóricos seriam: *COMPREENDER A SI MESMO É ENXERGAR-SE NA MÍDIA* e *GRUPOS MENOS FAVORECIDOS SÃO ELES*. Mais exemplos reforçando o último desdobramento podem ser observados a seguir:

Excerto 67

1311 | Porque assim,
 1312 | era assaltante,
 1313 | desrespeita a pessoa por medo
 1314 | e não porque **ela** é uma pessoa
 1315 | ... eu respeito **ela**
 1316 | porque eu conheço **ela**,
 1317 | um certo tempo
 1318 | e a considero minha amiga,
 1319 | e não por medo,
 1320 | aí já vai **olhar** essa pessoa
 1321 | com outro **olhar**.
 1322 | Será que ele já foi assaltado?
 1323 | Se acontecer alguma coisa na sala,
 1324 | se acontecer alguma coisa no lugar de,
 1325 | no trabalho,
 1326 | vão culpar ele
 1327 | porque foi ele que causou,
 1328 | por ser presidiário?

Fonte: Corpus Grupo Focal 1_GELP (2010)

Excerto 68

1981 | Elisa Eu acredito que tenha
 1982 | .. diferentes--
 1983 | até justamente por uma questão da realidade
 1984 | que a pessoa vive.
 1985 | Acredito que um morador de favela
 1986 | não tenha o mesmo pensamento **da gente**,
 1987 | **eles** vivem de forma diferente né?
 1988 | Alguns devem pensar
 1989 | que **a gente** mereça,
 1990 | por exemplo,
 1991 | ser assaltado,
 1992 | sei lá né?
 1993 | ... **A gente** tem tanta coisa
 1994 | e **eles** têm tão pouco,
 1995 | ninguém faz por **eles**,
 1996 | então,
 1997 | então,
 1998 | a questão de se sentir injustiçado
 1999 | acaba aí encontrando
 2000 | .. um meio de descontar no outro,
 2001 | de alguma forma.

Fonte: Corpus Grupo Focal 1_GELP (2010)

Excerto 69

1823 Vânia Eu acho que todo grupo é
 1824 é
 1825 .. é arriscado,
 1826 depende da área onde você mora,
 1827 depende onde você anda,
 1828 ... depende de como você anda,
 1829 [Risos]
 1830 porque você pode muito bem
 1831 andar numa Vila União,
 1832 entrar e sair muito bem
 1833 sem acontecer nada,
 1834 se tiver realmente
 1835 trajado como **eles**.
 1836 ... Ou então se **ele** reconhecer você
 1837 e saber que tá fazendo alguma coisa para **eles**,
 1838 para beneficiar **eles**.
 1839 [Mod Aí **eles** te respeitam?]
 1840 Aí **eles** respeitam.
 1841 Aí **eles** assim,
 1842 eu acho que
 1843 ... de um modo geral,
 1844 as pessoas, de um modo geral,
 1845 **elas** agrirem as outras
 1846 quando não conhecem aquilo,
 1847 quando **a gente** não tem o conhecimento
 1848 do que é
 1849 ... de algo desconhecido,

Fonte: Corpus Grupo Focal 1_GELP (2010)

Excerto 70 (continua)

2026 Elisa E sem falar que
 2027 assim,
 2028 às vezes não é só a questão de onde mora.
 2029 Porque é assim,
 2030 é
 2031 .. eu trabalhei na Habitafor,
 2032 aquele setor da Prefeitura de habitação e tal,
 2033 e assim,
 2034 o problema que **a gente viu**,

Excerto 70 (conclusão)

2035 mesmo quando mudava de canto,
 2036 dava as casinhas e tal
 2037 e tipo assim,
 2038 tinha pessoas que se revoltavam com o seu vizinho,
 2039 por exemplo,
 2040 <Q ah,
 2041 ele tá morando aqui?
 2042 Aquele que faz confusão,
 2043 que deu um tiro em num sei quem, Q>
 2044 então,
 2045 é muito complicado pra **eles**,
 2046 porque aquilo persegue,
 2047 vamos dizer assim,
 2048 sempre vão morar próximos àquelas pessoas,
 2049 então,
 2050 .. pra **eles** é bem diferente do que pra **gente**,
 2051 uma coisa que **eles** meio que
 2052 .. não tem como fugir,
 2053 vamos dizer assim,
 2054 desse meio.

Fonte: Corpus Grupo Focal 1_GELP (2010)

6.1.10. GRUPOS SOCIAIS SÃO NÍVEIS DE UMA ESCALA VERTICAL

Há muito tempo, a sociedade se orienta por níveis verticais (alta, média alta, média baixa, baixa). Estas noções são físicas, corpóreas e experienciais. Contudo, no contexto do discurso, aplicam-se estes termos para um conceito mais abstrato (GRUPOS SOCIAIS), contrastando com a sua aplicação básica. Seguindo este raciocínio, como foi adotado para as demais metáforas já analisadas, os níveis verticais de uma escala se apresentam como veículos metafóricos para GRUPOS SOCIAIS, onde quanto mais alto o nível for, mais rica esta classe será. O inverso também é verdadeiro. Atente para os exemplos a seguir retirados do discurso em análise sobre violência urbana:

Excerto 71

0265 a realidade deles,
0266 não é aquela coisa
0267 .. perfeita
0268 que a gente vê nas novelas
0269 que apesar de haver agressões
0270 apesar de haver violência
0271 não é aquela coisa
0272 mais elitizada,
0273 só pessoas ricas ou de classe **média alta**,
0274 isso
0275 .. não é aquelas pessoas mais humildes,
0276 até as mais humildes
0277 nas novelas não moram em barracos,
0278 são casas com tijolos,
0279 onde tem água
0280 e conseguem pagar as contas,
0281 não é a verdade.

Fonte: Corpus Grupo Focal 1_GELP (2010)

Excerto 72

0958 porque outras pessoas falavam
0959 e eu não tinha aquela realidade,
0960 porque eu não vivia aquela realidade,
0961 eu não tinha aquela preocupação,
0962 porque eu não vivia aquela preocupação,
0963 .. e nos condomínios,
0964 moravam justamente
0965 aquelas pessoas
0966 de classe **baixa**,
0967 que são as favelas,
0968 alguns conjuntinhos mais simples,
0969 e de classe **média à alta**,
0970 porque,
0971 apesar de ser um conjunto muito simples,
0972 havia pessoas de muitas posses
0973 que preferiam morar ali
0974 pra não chamar muita atenção.

Fonte: Corpus Grupo Focal 1_GELP (2010)

Excerto 73

2243 Um,
 2244 um,
 2245 um pai de família,
 2246 de classe **média baixa**,
 2247 ele confia toda a educação,
 2248 que ele deveria dar aos filhos,
 2249 à professora de escola pública que,
 2250 até certo ponto,
 2251 num,
 2252 .. não se expõe,
 2253 de certa forma
 2254 .. por medo,
 2255 às vezes,
 2256 até da própria mãe,
 2257 do próprio pai,
 2258 que deixa aquilo
 2259 pela responsabilidade do colégio
 2260 .. o de classe **média alta**,
 2261 .. ele,
 2262 às vezes até
 2263 tenta se comprometer
 2264 .. com o
 2265 .. o estudo.
 2266 **Vânia** Mas num admite que
 2267 que critica seu filho.

Fonte: Corpus Grupo Focal 1_GELP (2010)

Excerto 74

2494 aí o papai--
 2495 [**Vânia** tosse]
 2496 financia aquele menino
 2497 por 10 anos,
 2498 dando tudo de bom,
 2499 dando carro,
 2500 ou seja,
 2501 que,
 2502 que é a sociedade **média alta**
 2503 dá um carro pro menino,
 2504 dá dinheiro
 2505 pro menino se divertir

Fonte: Corpus Grupo Focal 1_GELP (2010)

Outro grupo social que foi nivelado pela escala vertical foi a administração pública, colocada nas regiões mais altas da escala – “lá de cima”. Isto parece ser positivo para o poder público, pois a sociedade admite que por estar acima da população, os políticos têm controle e recursos para agir. Porém, a crítica é efetuada quando o veículo aparece da seguinte maneira “o mal vem lá de cima”, e foi repetido em outros momentos do discurso. Isto sugere o mau uso do poder público (a corrupção) e acaba sendo prejudicial à sociedade como um todo, em outras palavras, parece ser uma contraforça ruim, difícil de enfrentar.

É neste sentido, por exemplo, que a metáfora sistemática revela traços culturais e sócio-históricos, pois, no Brasil, constantemente se ouve falar de casos de corrupção por parte do governo, então não é de se admirar que este comentário tenha aparecido durante a conversa, ainda mais quando o tema (violência urbana) é de cunho social. Veja os exemplos a seguir:

Excerto 75 (continua)

1557 | Igor Eu sou muito descrente, assim,
1558 | em relação à sociedade,
1559 | demais, demais.
1560 | Em relação a isso que ele falou,
1561 | o que eu ressalvo é
1562 | .. se nós,
1563 | nós não termos a iniciativa de nos reunirmos para,
1564 | é
1565 | ... sei lá,
1566 | obtermos alguma coisa do poder público,
1567 | porque **o mal vem de lá,**
1568 | tá me entendendo?
1569 | Pra mim a corrupção,
1570 | é
1571 | ...essas mentiras,
1572 | esses roubos que acontecem lá
1573 | é uma forma de violência,

Excerto 75 (conclusão)

1574 | claro,
 1575 | não uma violência física,
 1576 | mas é uma forma de violência
 1577 | que se já **vem lá de cima**
 1578 | da administração pública ,
 1579 | o que é que eu vou pedir pra eles
 1580 | pra cuidar dos problemas sociais?

Fonte: Corpus Grupo Focal 1_GELP (2010)

Excerto 76

1644 | **Mod** Vocês acham que, apesar de tudo, né? Como ele falou, assim, da
 sociedade brasileira, que o que está errado já começa **lá de cima**, tudo mais,
 mas assim mesmo, vocês acham que o governo está fazendo alguma coisa?
 1645 | **Igor** Tá tentando...
 1646 | **Mod** Tá tentando?
 1647 | **Igor** Tá tentando.
 1648 | ... Eu tiro pelo Ronda,
 1649 | que antes não tinha
 1650 | e que pelo que eu vi
 1651 | já melhorou alguma coisa em alguns locais-
 1652 | [**Elisa** Querendo ou não, inibe.]
 1653 | Querendo ou não, inibe.

Fonte: Corpus Grupo Focal 1_GELP (2010)

Como foi mostrado, o moderador posteriormente faz uso do mesmo veículo “lá de cima”, situando a posição social do governo. Estes exemplos apontam para a metáfora sistemática *GOVERNO É A FONTE DO MAL QUE VEM LÁ DE CIMA*, que pode ser inferida como um desdobramento da metáfora *GRUPOS SOCIAIS SÃO NÍVEIS DE UMA ESCALA VERTICAL*.

Mais uma metáfora sistemática tendo o governo como tópico discursivo emergiu durante o discurso. Esta é o assunto da próxima seção.

6.1.11. GOVERNO COMPREENDE A VIOLÊNCIA QUANDO ABRE OS VIDROS E OLHA PROS LADOS

Ao responderem a última pergunta feita pelo moderador, se eles teriam uma mensagem a ser deixada para as autoridades sobre os seus sentimentos de insegurança, os interlocutores construíram esta metáfora como a própria mensagem para o governo. Caracteriza-se como uma metáfora sistemática, antes de tudo, pela participação do grupo na produção e na compreensão dela.

Nos excertos a seguir, é possível observar que houve um acordo imediato entre os participantes em prol desta metáfora, isto é, eles entenderam como favorável que a compreensão do governo sobre a violência depende do próprio governo no que tange a sair da sua zona de conforto e ver de perto o que está acontecendo:

Excerto 77 (continua)

2451	Mod Se vocês quiserem, vocês podem mandar alguma mensagem agora para as autoridades tanto sobre os efeitos que a situação de violência tem nas pessoas, como também a questão do que elas devem fazer a respeito, se vocês quiserem podem falar, mandar uma mensagem.
2452	Elisa Bom,
2453	eu não hoje.
2454	Renato Eu acho que a mensagem
2455	a gente não precisa
2456	tá aqui falando,
2457	falando que a sociedade
2458	tá violenta.
2459	A mensagem tá aí,
2460	ela tá posta no dia a dia,
2461	você vê
2462	.. a mensagem,
2463	é quase palpável
2464	.. a violência,
2465	.. acho que tá absurda,
2466	então a gente

Excerto 77 (conclusão)

2467 não precisa mandar uma mensagem,
 2468 só basta eles **abrirem os olhos**.
 2469 Vânia Ela só precisa
 2470 **olhar pros lados**.
 2471 [Risos]
 2472 Mateus A mensagem seria:
 2473 **uma volta no quarteirão**.
 2474 [Risos]
 2475 Elisa **Abre o vidro** né?
 2476 Vânia **Abre o vidro**
 2477 e **olha**.

Fonte: Corpus Grupo Focal 1_GELP (2010)

Excerto 78

2532 a real mensagem que
 2533 a gente tem que passar
 2534 é essa de **baixar o vidro do carro**,
 2535 **observar** o que tá acontecendo,
 2536 e de certa forma,
 2537 até assistir aqueles programas sensacionalistas,

Fonte: Corpus Grupo Focal 1_GELP (2010)

Este último trecho é a conclusão do pensamento de Mateus, retomando a metáfora acordada entre os outros participantes anteriormente.

Esta é mais uma metáfora que emerge a partir de uma metonímia; neste caso, o vidro do carro simboliza uma barreira ou proteção contra o mundo exterior. O vidro é a parte do carro que se destaca para uma representação maior, apesar de as portas do carro e toda a carenagem contribuírem também para a proteção de quem está dentro.

“Baixar o vidro” e “abrir o vidro” significam ir para além da barreira e entrar em contato com a realidade do outro. Portanto, pode-se afirmar que esta metáfora trata

da relação empática que se espera do governo com a população em geral, e desta vez, não só com as classes menos favorecidas, mas com todos os cidadãos.

Os veículos do domínio de “ver” sugerem o modo pelo qual o governo conseguirá entender esta realidade. “Baixar o vidro” não será suficiente, mas é necessário “olhar pros lados”, isto é, o que está acontecendo ao redor. De todos os sentidos, a visão é o mais saliente para aquisição de informações sobre o ambiente, daí associar a percepção visual ao intelecto.

Outro veículo destacado foi “uma volta no quarteirão”, que não está no domínio de “ver” e nem de “baixar ou abrir o vidro”, mas reforça a metáfora através da sua participação neste contexto. Quando Mateus diz “uma volta no quarteirão”, ele espera que o governo “baixe o vidro”, “olhe pros lados” e preste atenção de perto na realidade em volta. O “quarteirão” aqui também se coloca como uma metonímia para a cidade de Fortaleza e/ou outros centros urbanos, e esta “volta no quarteirão” seria a presença constante das autoridades junto à população.

Voltando aos comentários do “vidro do carro” como um veículo importante para a emergência desta metáfora, ele também participou da emergência de uma metonímia sistemática identificada nesta análise, que será apresentada na próxima seção.

6.1.12. *ESTAR DENTRO POR ESTAR SEGURO*

Descrever o sentimento de insegurança não foi algo que ficou estancado a um momento só do discurso, mas percorreu diversas falas. E através de narrativas e comentários, esta metonímia emergiu com a participação coletiva e frequente do grupo focal. Visto que o ESTAR DENTRO, assim como o ESTAR FORA, é entendido em termos literais (mudança metafórica – literalização), ou seja, significa realmente estar dentro ou estar fora de um lugar nas falas dos participantes, então, não se trata propriamente de

uma metáfora, mas de uma metonímia: é uma parte da experiência humana com lugares estendida à subjetividade do sentimento de segurança/insegurança.

Veículos metonímicos do domínio de “fechar”, “trancar” e “dentro” apareceram com regularidade para simbolizar a segurança, enquanto o inverso também foi verdadeiro, que a insegurança está do lado de fora; portanto, sair é arriscado e manter-se trancado é a melhor proteção. Veja os trechos abaixo:

Excerto 79

0621 **Mod** Se vocês, não sei se foi o caso, mas se vocês já tiverem enfrentado situações de violência urbana no seu dia-a-dia, como é que as suas atividades, as suas rotinas, as suas decisões mudaram desde que isso aconteceu, como é que o comportamento de vocês mudou, se é que vocês já tiverem passado por essa experiência?

0622 **Mateus** De forma
 0623 .. coletiva,
 0624 eu vejo essa questão
 0625 da experiência
 0626 de passar por um trauma,
 0627 .. uma espécie de fase,
 0628 primeiro a gente fica
 0629 na fase da apreensão,
 0630 você tem medo,
 0631 é assaltado
 0632 e não volta mais no lugar,
 0633 segunda fase
 0634 é a fase da defesa
 0635 que é onde a maior parte da sociedade
 0636 vive atualmente,
 0637 .. **se tranca,**
 0638 **se prende,**
 0639 não deixa o menino **sair,**
 0640 procura condomínio,
 0641 quem tem uma condição melhor
 0642 procura condomínio,

Fonte: Corpus Grupo Focal 1_GELP (2010)

Excerto 80

0743 Ana Livia Você poder evitar
 0744 o local
 0745 uma vez,
 0746 eu tava sem carro
 0747 nessa época,
 0748 eu evitava
 0749 vir pelo terminal,
 0750 porque eu achava
 0751 que demorava mais
 0752 e eu descia na Francisco Sá
 0753 e ia até a Leste-Oeste
 0754 a pé.
 0755 Um dia,
 0756 tava tendo jogo do Brasil,
 0757 tava todo mundo **trancado**
 0758 **dentro das suas casa**

Fonte: Corpus Grupo Focal 1_GELP (2010)

Excerto 81 (continua)

1169 meu tio começou a construir uma casa lá perto,
 1170 e aí
 1171 o meu tio,
 1172 ele já construiu uma casa **cheio de grade,**
 1173 com muro alto
 1174 e não sei o quê
 1175 como se ele tivesse criando um **presídio** pra ele morar,
 1176 sabe?
 1177 E meu pai nunca
 1178 é
 1179 ... lá nunca foi assaltado,
 1180 nada disso,
 1181 lá perto,
 1182 então meu pai,
 1183 ele se confia muito nisso
 1184 <Q ah! Mas aqui nunca foi
 1185 e não sei o quê Q>.
 1186 Mas o que foi que mudou a nossa rotina?
 1187 Lá,

Excerto 81 (conclusão)

1188 antes da gente chegar,
 1189 se deixava todas as janelas abertas,
 1190 porque é muito ventilado,
 1191 e nós,
 1192 agora o que é que fazemos?
 1193 Agora,
 1194 quando a gente chega,
 1195 a gente **tranca** todas as portas,
 1196 todas as janelas,
 1197 .. ninguém vê mais nada,

Fonte: Corpus Grupo Focal 1_GELP (2010)

“Cheio de grade” motiva o uso do próximo veículo “presídio”. Metonimicamente, uma parte da casa (a grade), caracteristicamente aplicada à proteção do morador, transforma toda uma concepção do lar em um “presídio”, fazendo os cidadãos de reféns da violência. Em outras palavras, quem deveria estar fora e se sentindo seguro é quem está dentro de uma prisão, logo, estar neste tipo de “presídio” é sentir-se protegido. Foram destacadas mais ocorrências que comprovam esta metonímia:

Excerto 82 (continua)

0344 eu tava em outra escola lá na Jurema,
 0345 teve um tiroteio lá,
 0346 ... todos os professores correram
 0347 pra se esconder na sala de informática
 0348 que era a única sala que era totalmente **fechada**,
 0349 quiseram levar os alunos
 0350 e os alunos não queriam ficar **dentro**,
 0351 os alunos queriam **sair**
 0352 pra olhar,
 0353 e nesse tiroteio mataram um na porta da escola e eles

Excerto 82 (conclusão)

0354 .. e foi assim
 0355 .. muito duro pros professores conseguirem controlar o
 aluno,
 0356 a vontade dele era **sair** e ficar assistindo **lá fora**.
 0357 [Confusão de falas]

Fonte: Corpus Grupo Focal 1_GELP (2010)

Excerto 83

0378 **Mateus** Você acha que num restaurante?
 0379 ... eu particularmente,
 0380 ... eu normalmente quando eu vou pra um restaurante,
 0381 eu vou pra um local que eu possa colocar,
 0382 ... algum canto que eu possa tá vendo o carro,
 0383 porque
 0384 ... assim,
 0385 .. você não confia mais.
 0386 .. Você vai dormir,
 0387 tem gente que tem síndrome,
 0388 acorda quatro, cinco vezes a noite
 0389 pra ver se a porta tá **trancada**.

Fonte: Corpus Grupo Focal 1_GELP (2010)

Excerto 84 (continua)

0538 **Mod** Com relação a essa questão dos riscos da violência urbana, o
 que mais preocupa vocês, nesse sentido, assim, o que é que
 vocês acham, nessa escalada, o que é que vocês acham que pode
 vir a acontecer?
 0539 **Ana Lúvia** A insegurança mesmo assim,
 0540 você chega em um ponto
 0541 que hoje em dia
 0542 você quem tem que colocar **grade** na sua casa toda,
 0543 porque você não se sente mais
 0544 segura,
 0545 você vai sair de casa
 0546 tem que sair com o carro
 0547 com a porta **fechada**
 0548 porque você não se sente mais seguro.
 0549 Você vai pra um canto--

Excerto 84 (conclusão)

0550 [**Mod** **Você tem sua realidade modificada**]
 0551 Se você for deixar
 0552 o carro no estacionamento,
 0553 você não se sente seguro.
 0554 No ano passado,
 0555 eu fui dar umas aulas
 0556 lá em Quixadá
 0557 pelo Sebrae,
 0558 e eu tinha acabado de ter
 0559 quase um assalto no carro,
 0560 só não fui roubada porque--
 0561 <X...X>
 0562 Não,
 0563 porque o carro tava parado
 0564 e eles **quebraram o vidro**
 0565 e eu fiquei meio amedrontada,

Fonte: Corpus Grupo Focal 1_GELP (2010)

Nas linhas 564 e 565, Ana Livia narra um episódio da sua vida em que alguém quebrou o vidro do seu carro. Isto é imediatamente associado ao medo e à insegurança. Como já foi apontado antes, o “vidro”, metonimicamente, sugere ser esta barreira protetora, o símbolo da segurança. Se a “grade” está para a casa como referência de segurança, o “vidro” está para o carro. Esta é uma compreensão que já havia surgido em outras falas, e também é reforçada em falas posteriores a esta de Ana Livia. Veja os excertos 85, 86 e 87:

Excerto 85

0314 Ana Lúvia Até na realidade da gente mesmo,
 0315 porque é muito difícil
 0316 você encontrar um amigo seu,
 0317 ou você mesmo,
 0318 que nunca tenha sido assaltado né?
 0319 questão de sinal de trânsito,
 0320 é um terror você parar no sinal de noite né?
 0321 você
 0322 ... quando eu ando com a minha mãe,
 0323 de noite,
 0324 o sinal tá lá na frente e ela:
 0325 ... <Q fecha os vidros Q>

Fonte: Corpus Grupo Focal 1_GELP (2010)

Excerto 86

0358 Mateus Como eu havia falado um pouco antes,
 0359 é como se nós fossemos
 0360 cidadãos preparados para uma guerra civil,
 0361 porque por exemplo,
 0362 vamos analisar os hábitos que nós temos,
 0363 .. que são hábitos bélicos,
 0364 por exemplo,
 0365 nós vamos parar num sinal,
 0366 a gente não para,
 0367 a gente não chega e para,
 0368 a gente
 0369 [Meninas reduz]
 0370 a gente reduz,
 0371 distancia,
 0372 fecha os vidros,
 0373 olha o retrovisor.
 0374 No caso da mulher,
 0375 pega a bolsa,
 0376 bota debaixo do banco --
 0377 Mod Tem toda uma mudança comportamental.

Fonte: Corpus Grupo Focal 1_GELP (2010)

Excerto 87

1242 **Mod** O que você acha?
 1243 **Elisa** Eu acredito que é bem difícil
 1244 melhorar,
 1245 mas dá,
 1246 dá pra amenizar
 1247 um pouco,
 1248 mas
 1249 tem até aí o Ronda né?
 1250 Que tem lá as suas falhas,
 1251 mas
 1252 tipo,
 1253 programas como esse né?
 1254 [**Mod Sim.**]
 1255 Tem que fazer alguma coisa né?
 1256 Não
 1257 .. só fazer como o policial faz todo dia né?
 1258 Dá aquele aviso,
 1259 <Q olha, vamos
 1260 .. procurar não ser assaltado,
 1261 **feche os vidros** dos seus carros Q>,
 1262 não é bem assim não é?

Fonte: Corpus Grupo Focal 1_GELP (2010)

Os comentários de Mateus e Ana Livia são bastante pertinentes quando se refere à questão cultural. É sabido por todos que, em Fortaleza, a partir das 22 horas, os semáforos não são considerados locais seguros, portanto recomenda-se aos motoristas que cruzem o semáforo, mesmo que esteja vermelho, com cautela e velocidade reduzida. A cautela também é sugerida durante o dia, pois, aos semáforos da cidade de Fortaleza, é possível ver pessoas lavando os para-brisas de carro ou pedindo dinheiro nos sinais, e alguns assaltantes se passam por estas pessoas para ter a oportunidade de executar o furto. Desse modo, é frequente ver os motoristas desta cidade subindo os vidros ao se aproximarem dos semáforos. Assim, a metonímia a partir do discurso também é peculiar ao seu contexto discursivo, pois emergiu principalmente devido à experiência social em Fortaleza.

6.2. Tópicos Discursivos como atratores e Metáforas que não emergiram no discurso

A metáfora sistemática é carregada de aspectos cognitivos e histórico-sociais. Isto a torna particular no discurso, beneficiando-o de maneira específica. Não que isso a impeça de aparecer em outros discursos, envolvendo os mesmos e/ou outros participantes, mas a probabilidade disto ocorrer é mais desafiadora. Assim, como o discurso também poderia ter emergido algumas outras metáforas que, por algum motivo, não alcançaram a estabilidade que queriam e, dessa forma, são consideradas metáforas potenciais para outros discursos.

Uma das possíveis razões para que a metáfora não tenha se desenvolvido são os atratores do discurso, ou seja, as preferências discursivas escolhidas pelos participantes do grupo focal. Estes atratores demandaram mais tempo e mais discussão, não permitindo que outros tópicos fossem desenvolvidos, o que nos termos da Teoria dos Sistemas Dinâmicos Complexos Adaptativos (DE BOT, LOWIE & VERSPOOR, 2007; LARSEN-FREEMAN & CAMERON, 2008), demandaram mais energia do sistema para permanecer estável, enquanto os tópicos não desenvolvidos não conseguiram obter energia o suficiente para influenciar o sistema. Os tópicos discursivos que funcionaram como atratores são os que auxiliaram nomear as metáforas sistemáticas analisadas:

- Banalização da violência pela mídia;
- Tipos de violência;
- Mudança comportamental;
- Sentimento de insegurança;
- Sociedade e grupos sociais;
- Ações do governo.

Destes tópicos, Banalização da violência pela mídia e Sociedade e grupos sociais foram os tópicos mais comentados ao longo de todo discurso, permitindo que

fossem identificadas seis metáforas para o primeiro e quatro para o segundo. Os outros não foram tão comentados como estes, contudo, ainda assim possibilitaram metáforas importantes para os objetivos deste trabalho. A tabela a seguir mostra os tópicos discursivos e suas respectivas metáforas sistemáticas analisadas:

Tabela 1 – Relação entre tópicos discursivos e metáforas sistemáticas (continua)

Tópicos Discursivos	Metáforas Sistemáticas
Banalização da violência pela mídia	<i>MÍDIA É ORGANISMO VIVO COM VONTADE PRÓPRIA</i>
	<i>VIOLÊNCIA É NUTRIENTE</i>
	<i>VIOLÊNCIA É ORGANISMO VIVO</i>
	<i>VIOLÊNCIA É AGRESSOR</i>
	<i>VIOLÊNCIA É FERIDA</i>
Tipos de violência	<i>COMPREENDER A SI MESMO É ENXERGAR-SE NA MÍDIA</i>
Mudança comportamental	<i>TIPOS DE VIOLÊNCIA SÃO FORMAS</i>
	<i>MUDANÇA COMPORTAMENTAL SÃO AÇÕES BÉLICAS</i>
Sentimento de insegurança	<i>MUDANÇA COMPORTAMENTAL É MOVIMENTO</i>
	<i>ESTAR DENTRO POR ESTAR SEGURO (metonímia)</i>

Tabela 1 – Relação entre tópicos discursivos e metáforas sistemáticas (conclusão)

	<i>COMPREENDER DIFERENTES GRUPOS SOCIAIS É VER ELES</i>
Sociedade e grupos sociais	<i>COMPREENDER A SI MESMO É ENXERGAR-SE NA MÍDIA</i>
	<i>GRUPOS SOCIAIS SÃO NÍVEIS DE UMA ESCALA VERTICAL</i>
	<i>GRUPOS MENOS FAVORECIDOS SÃO ELES</i>
Ações do governo	<i>GOVERNO É A FONTE DO MAL QUE VEM LÁ DE CIMA</i>
	<i>GOVERNO COMPREENDE A VIOLÊNCIA QUANDO ABRE O VIDRO E OLHA PROS LADOS</i>

Outro motivo que justifica o fato de algumas metáforas não terem tido sucesso quanto à sua emergência neste discurso é a baixa recorrência de veículos, não encaminhando, assim, a sistematicidade sugerida pela abordagem da metáfora conduzida pelo discurso (CAMERON, 2003, 2007, 2008; CAMERON & MASLEN, 2010). Quando se trata de recorrência de veículos, não há um consenso de quantos termos seriam necessários exatamente para validar uma metáfora sistemática. Porém, percebe-se que o importante não é só o volume de termos, mas a participação destes termos e/ou sinônimos em diferentes falas e tópicos no discurso. Alguns veículos foram usados no discurso por somente um participante, o que não é de interesse para a pesquisa, já que se preza aqui a construção da metáfora de modo interativo. A metáfora sistemática se propõe ser exatamente o momento em que o sentido foi negociado entre os interlocutores; por isso, os seus termos veículos podem ser identificados de maneira sistemática dentre as diversas falas, apontando para um mesmo conceito.

Nisto diferencia a proposta de Cameron (2003, 2007, 2008) de uma análise pautada em metáforas conceituais (LAKOFF & JOHNSON, 1980), pois, para esta última, não interessa se a metáfora é resultado de uma intensa interação discursiva; se há a possibilidade dela se manifestar linguisticamente em determinada cultura, então ela merece ser analisada. Além de também tenderem à universalidade, enquanto as metáforas sistemáticas são discursivamente situadas.

Abaixo foram listadas algumas metáforas e suas respectivas observações por que não alcançaram a estabilidade no discurso. Entretanto, estas metáforas seriam de absoluto interesse, se os critérios aqui de análise estivessem pautados somente na Teoria da Metáfora Conceitual, já que se manifestaram linguisticamente:

- *VIOLÊNCIA É OBJETO EM EXPOSIÇÃO* (baixa frequência de veículos: 3 identificados);
- *FAZER VIOLÊNCIA CONTRA O OUTRO É DESCONTAR DÉBITO* (baixa frequência de veículos: 2 identificados);
- *GRUPOS SOCIAIS SÃO RECIPIENTES* (baixa frequência de veículos: 3 identificados, ditos por somente uma participante – Vânia);
- *IDEIAS SÃO OBJETOS* (apesar de 6 veículos identificados, todos foram ditos em um mesmo trecho por um mesmo participante: Igor);
- *EDUCAÇÃO É OBJETO QUE PODE SER DADO* (apesar de dois participantes, Mateus e Vânia, terem usado este conceito, somente 4 veículos foram identificados, o que é pouco para um assunto que foi debatido por todos os integrantes do grupo focal).

6.3. Metáforas Sistemáticas e Metáforas Primárias

Esta seção correlaciona as metáforas sistemáticas já analisadas com as possíveis metáforas primárias que possibilitaram a emergência das sistemáticas. Vale ressaltar que as metáforas primárias não foram as únicas responsáveis no processo de

emergência de metáforas no discurso, mas outras variáveis de caráter psicológico, social, histórico, cultural e individual participaram de uma maneira ou de outra para que isto fosse possível.

A importância desta associação entre metáforas sistemáticas e metáforas primárias se concentra em duas razões. A primeira a ser pontuada refere-se à conciliação entre duas propostas teóricas aparentemente controversas: Teoria Integrada da Metáfora Primária (LAKOFF & JOHNSON, 1999) e a Abordagem da análise do discurso à luz da metáfora (CAMERON, 2003, 2007, 2008; CAMERON & MASLEN, 2010). A primeira entende a metáfora como algo fixado no âmbito conceitual, devido às conexões neurais realizadas nas primeiras experiências corpóreas dos indivíduos; portanto, se não for universal, ela se estende amplamente à maioria das culturas. A segunda proposta compreende a metáfora como adaptativa ao discurso, não como resultado somente de conexões neurais, mas de conexões sócio-histórico-econômicas e fatores específicos de cada comunidade e indivíduo. Logo, ela não tende à universalidade, mas é interpretativa e discursivamente situada.

O discurso é o momento em que a língua está em ação, juntamente com as peculiaridades dos falantes. Ao longo da interação discursiva, os interlocutores falam de conceitos e julgamentos que, algumas vezes, são expressos através de metáforas que carregam em si estas peculiaridades. Portanto, metáforas próprias do discurso podem ser identificadas, de acordo com a concepção de Cameron. Porém, recursos cognitivos necessários de nível mais básico são requeridos para fazer as metáforas sistemáticas acontecerem, ou seja, conclui-se aqui que as metáforas sistemáticas são metáforas primárias equipadas com peculiaridades pragmáticas e culturais que o contexto discursivo exige.

Muitas vezes não é possível, à primeira vista, identificar as metáforas primárias que tiveram mais relevância no discurso. Então, identificar as metáforas sistemáticas é o primeiro passo para conhecer alguns dos recursos cognitivos envolvidos na interação discursiva. Ao longo da análise destas metáforas, os veículos sugerem experiências corpóreas que apontam para metáforas primárias e, conseqüentemente, para estruturas cognitivas ainda mais básicas: esquemas

imagético-cinestésicos, que é a segunda razão para a correlação destes dois tipos de metáforas. Como as metáforas primárias possuem domínios fonte da experiência corpórea, será mais fácil observar os esquemas que também participam do discurso através delas. Isto será realizado na próxima seção deste trabalho.

A seguir, baseada nas análises de cada metáfora sistemática identificada no discurso por este trabalho, encontra-se uma tabela relacionando estas metáforas com as primárias sugeridas por Grady (1997)⁶²:

Tabela 2 – Relação entre as metáforas primárias e as metáforas sistemáticas (continua)

Metáforas Primárias (universais ou de amplo espectro)	Metáforas Sistemáticas (situadas no discurso aqui em análise)
COMPREENDER É VER	<i>COMPREENDER DIFERENTES GRUPOS SOCIAIS É VER ELES</i>
	<i>COMPREENDER A SI MESMO É ENXERGAR-SE NA MÍDIA</i>
	<i>GOVERNO COMPREENDE A VIOLÊNCIA QUANDO ABRE O VIDRO E OLHA PROS LADOS</i>
	<i>GRUPOS SOCIAIS SÃO NÍVEIS DE UMA ESCALA VERTICAL</i>
MAIS É PARA CIMA /MENOS É PARA BAIXO	<i>GRUPOS MENOS FAVORECIDOS SÃO ELES</i>
	<i>GOVERNO É A FONTE DO MAL QUE VEM LÁ DE CIMA</i>
ESTAR NO CONTROLE É ESTAR ACIMA (corolário de MAIS É PARA CIMA)	<i>GOVERNO É A FONTE DO MAL QUE VEM LÁ DE CIMA</i>
MUDANÇA É MOVIMENTO	<i>MUDANÇA COMPORTAMENTAL É MOVIMENTO</i>

⁶² A opção pela lista de metáforas primárias, concebida por Grady (1997), explica-se pelo fato de ser a mesma adotada por Lakoff e Johnson (1999) ao discutirem os pontos relevantes da Teoria Integrada da Metáfora Primária, no livro *Philosophy in the Flesh*.

Tabela 2 – Relação entre as metáforas primárias e as metáforas sistemáticas (conclusão)

	<i>GRUPOS SOCIAIS SÃO NÍVEIS DE UMA ESCALA VERTICAL</i>
STATUS SOCIAL É ELEVAÇÃO VERTICAL (<i>corolário da anterior</i>)	<i>GOVERNO É A FONTE DO MAL QUE VEM LÁ DE CIMA</i>
	<i>GRUPOS MENOS FAVORECIDOS SÃO ELES</i>
	<i>MÍDIA É ORGANISMO VIVO COM VONTADE PRÓPRIA</i>
FENÔMENOS INANIMADOS SÃO AGENTES HUMANOS	<i>VIOLÊNCIA É ORGANISMO VIVO COM VONTADE PRÓPRIA</i>
	<i>VIOLÊNCIA É AGRESSOR</i>
A NATUREZA DE UMA ENTIDADE É SUA FORMA	<i>TIPOS DE VIOLÊNCIA SÃO FORMAS</i>
CAUSAS SÃO ORIGENS	<i>GOVERNO É A FONTE DO MAL QUE VEM LÁ DE CIMA</i>
	<i>MUDANÇA COMPORTAMENTAL SÃO AÇÕES BÉLICAS</i>
DIFICULDADES SÃO Oponentes	<i>VIOLÊNCIA É AGRESSOR</i>
O MATERIAL NECESSÁRIO PARA UM PROCESSO É ALIMENTO	<i>VIOLÊNCIA É NUTRIENTE</i>
ESTADOS SÃO LOCALIZAÇÕES	<i>ESTAR DENTRO POR ESTAR SEGURO (metonímia)</i>
PREJUÍZO É FERIMENTO FÍSICO	<i>VIOLÊNCIA É FERIDA</i>

A partir dos dados tabelados, percebe-se que as metáforas sistemáticas são realmente muito mais específicas que as metáforas primárias, pois tratam de tópicos culturalmente relevantes: a violência, o governo e a mídia, por exemplo. Isto é, não se

pode afirmar que a metáfora sistemática *MÍDIA É ORGANISMO VIVO COM VONTADE PRÓPRIA* seja verdadeira para todas as culturas, mas foi para o discurso em análise. Por outro lado, a metáfora primária *FENÔMENOS INANIMADOS SÃO AGENTES HUMANOS* pode aparecer nos discursos de diferentes comunidades, de acordo com Grady (1997), tendendo à universalidade. Talvez, os fenômenos inanimados representados em outras culturas sejam outros que nada tem a ver com a mídia ou a violência: as catástrofes naturais, por exemplo.

6.4. Esquemas imagético-cinestésicos, metáforas primárias e sistemáticas

Segundo Turner (1991), os esquemas são representações simples de qualquer elemento da experiência humana, ou seja, estruturas cognitivas resultantes da ação do corpo sobre o mundo e vice-versa.

Três características são fundamentais aos esquemas: simples, gerais e conceituais. São simples, porque representam as mais diversas e ricas experiências corpóreas de forma prática e simplificada. São gerais, porque tendem a generalizar sobre as semelhantes experiências corporificadas, como por exemplo, o esquema de *RECIPIENTE*: o corpo humano experimenta tanto ser o recipiente, com relação ao ar, por exemplo, como também o conteúdo, quando está situado em um cômodo de uma casa. De acordo com Grady (1997), a generalização de experiências em esquemas simples (não detalhados) dá-se a partir da percepção de que diferentes objetos dos mais variados tipos, por exemplo, tanto podem conter como estar contidos em outros. É um mesmo esquema para duas experiências diferentes, mas ao mesmo tempo parecidas. Por fim, são conceituais, pois as representações esquemáticas estão na cognição humana, podendo ser ativadas para a interação com outros agentes do sistema/discurso.

Considerando os esquemas imagético-cinestésicos como elementos atuantes no discurso, é possível especular que eles tenham participação significativa na emergência de metáforas sistemáticas. Entretanto, como eles estão em um nível

conceitual, muitas vezes não são claramente percebidos ao longo do discurso, além de serem inconscientemente ativados. Por isso, por intermédio das análises feitas dos veículos metafóricos e das metáforas sistemáticas, e também através da identificação das metáforas primárias que subjazem as sistemáticas, será possível observar a participação desses esquemas.

Optou-se aqui por utilizar como referência os esquemas imagético-cinestésicos enumerados por Johnson (1987), devido à proximidade com a Teoria Integrada da Metáfora Primária (LAKOFF & JOHNSON, 1999).

A tabela a seguir resume as informações que serão discutidas ainda neste capítulo:

Tabela 3 – Relação esquema - metáforas primárias/veículos - metáforas sistemáticas (continua)

Esquemas imagético-cinestésicos	Metáforas Primárias ou termos veículos	Metáforas Sistemáticas
VER*	COMPREENDER É VER	<i>COMPREENDER DIFERENTES GRUPOS SOCIAIS É VER ELES</i>
		<i>COMPREENDER A SI MESMO É ENXERGAR-SE NA MÍDIA</i>
ESCALA	MAIS É PARA CIMA /MENOS É PARA BAIXO	<i>GOVERNO COMPREENDE A VIOLÊNCIA QUANDO ABRE O VIDRO E OLHA PROS LADOS</i>
		<i>GRUPOS SOCIAIS SÃO NÍVEIS DE UMA ESCALA VERTICAL</i>
		<i>GOVERNO É A FONTE DO MAL QUE VEM LÁ DE CIMA</i>
	STATUS SOCIAL É ELEVAÇÃO VERTICAL	<i>GRUPOS MENOS FAVORECIDOS SÃO ELES</i>
	ESTAR NO CONTROLE É ESTAR ACIMA	<i>GOVERNO É A FONTE DO MAL QUE VEM LÁ DE CIMA</i>

Tabela 3 – Relação esquema - metáforas primárias/veículos - metáforas sistemáticas (continua)

FORÇA E CONTRAFORÇA	FENÔMENOS INANIMADOS SÃO AGENTES HUMANOS	<i>VIOLÊNCIA É AGRESSOR</i>
	DIFICULDADES SÃO Oponentes	<i>MUDANÇA COMPORTAMENTAL SÃO AÇÕES BÉLICAS</i>
	<u>Pressão</u> DIFICULDADE É PESO	<i>VIOLÊNCIA É AGRESSOR</i>
CAMINHO (origem-percurso-meta)	CAUSAS SÃO ORIGENS	<i>GOVERNO É A FONTE DO MAL QUE VEM LÁ DE CIMA</i>
	MUDANÇA É MOVIMENTO	<i>MUDANÇA COMPORTAMENTAL É MOVIMENTO</i>
RECIPIENTE / CHEIO-VAZIO	<u>mais presente na vida de todo mundo</u> <u>enche</u>	<i>MÍDIA É ORGANISMO VIVO COM VONTADE PRÓPRIA</i>
	<u>mais presente na vida de todo mundo</u> <u>presente nas conversas</u> <u>presente em todos os grupos</u>	<i>VIOLÊNCIA É ORGANISMO VIVO COM VONTADE PRÓPRIA</i>
	<u>Extravasar</u> <u>extravasando</u> <u>acumulou</u> <u>engole</u> <u>fica preso em você</u>	<i>MUDANÇA COMPORTAMENTAL SÃO AÇÕES BÉLICAS</i>
DOR*	PREJUÍZO É FERIMENTO FÍSICO	<i>VIOLÊNCIA É FERIDA</i>

Tabela 3 – Relação esquema - metáforas primárias/veículos - metáforas sistemáticas (conclusão)

RECIPIENTE/CONTEÚDO	<u>Come</u>	<i>VIOLÊNCIA É NUTRIENTE</i>
	<u>bebemos</u>	
	<u>comemos</u>	
	<u>respira</u>	
	<u>se tranca</u>	<i>ESTAR DENTRO POR ESTAR SEGURO (metonímia)</i>
	<u>tranca</u>	
	<u>se prende</u>	
	<u>trancado dentro das suas casas</u>	
	<u>cheio de grade</u>	
	<u>presídio</u>	
<u>dentro</u>		
<u>fechada</u>	<i>GOVERNO COMPREENDE A VIOLÊNCIA QUANDO ABRE O VIDRO E OLHA PROS LADOS</i>	
<u>abre o vidro</u>		
	<u>abra o vidro</u>	<i>COMPREENDER DIFERENTES GRUPOS SOCIAIS É VER ELES</i>
	<u>grupos sociais</u>	<i>GRUPOS MENOS FAVORECIDOS SÃO ELES</i>
PARTE-TODO	<u>a gente</u>	<i>GRUPOS SOCIAIS SÃO NÍVEIS DE UMA ESCALA VERTICAL</i>
	<u>eles</u>	<i>GOVERNO É A FONTE DO MAL QUE VEM LÁ DE CIMA</i>
		<i>GOVERNO COMPREENDE A VIOLÊNCIA QUANDO ABRE O VIDRO E OLHA PROS LADOS</i>

As listas e definições de esquemas imagético-cinestésicos são diversas, não há um consenso quanto à definição destas estruturas da cognição na Linguística Cognitiva. Tradicionalmente, a noção de esquemas tem sido estudada através de diferentes perspectivas; para citar algumas, vale mencionar as análises linguísticas e neuropsicológicas (BRUGMAN, 1988; DEANE, 1992, 1993, 1995; DEWELL, 1994, 1997; KREITZER, 1997), as considerações linguístico- filosóficas (JOHNSON, 1987; LAKOFF, 1987; LAKOFF & JOHNSON, 1999), os estudos psicológicos cognitivos experimentais (GIBBS & COLSTON, 1995; GIBBS & BERG, 2002; MANDLER, 1992, 2000, 2004), as pesquisas da neurociência (GALLESE, 2000; GALLESE & LAKOFF, 2005) e da retórica cognitiva (LAKOFF & TURNER, 1989; TURNER, 1991).

Desse modo, parece que as listas e definições não têm sido satisfatórias para cobrir as análises já realizadas. Nesta pesquisa, algumas metáforas sistemáticas e primárias apontavam para experiências corpóreas, e conseqüentemente, para esquemas de cinestesia (movimento) e de imagem (visual, táctil, auditiva, gustativa, olfativa), dos quais alguns não foram enumerados por Johnson (1987). Estes esquemas (VER*, FORMA*, DOR*) estão sendo então aplicados na análise deste trabalho e, por não pertencerem à lista que está sendo utilizada como base, possuem um asterisco. Os três esquemas demonstram uma experiência com o corpo que todos os seres humanos, ou pelo menos a maioria, pode passar. Através dos sentidos e da rede neural, o ser humano pode experimentar a visão de objetos, pessoas e situações; por meio do tato, as pessoas reconhecem formas diferentes de objetos; e os seres humanos sentem dor quando o seu corpo é machucado. São esquemas que se estabilizam no âmbito conceitual humano através destas experiências, e que servem de conceitos para expressar noções mais abstratas.

As metáforas primárias auxiliaram na identificação dos esquemas que participaram na emergência das metáforas sistemáticas. No entanto, algumas vezes, mais de um esquema também atuou na construção das metáforas sistemáticas e, apesar de não estarem vinculados a uma metáfora primária, estão diretamente vinculados aos veículos metafóricos do discurso. Por exemplo, a metáfora sistemática *MUDANÇA COMPORTAMENTAL SÃO AÇÕES BÉLICAS* teve como um de seus esquemas o

de RECIPIENTE, o qual foi um agente significativo durante a sua emergência, percebido somente através dos termos veículos presentes no momento da construção desta metáfora, conforme mostra a tabela 3 e os excertos a seguir:

Excerto 88

1805 a gente usa esse fato como um
 1806 .. um, um
 1807 .. um lugar onde a gente possa **extravasar**,
 1808 então,
 1809 .. você acaba sendo mais violento
 1810 do que aquela violência
 1811 que você recebeu,
 1812 mas **acumulou** tanto
 1813 e você não soube trabalhar aquilo

Fonte: Corpus Grupo Focal 1_GELP (2010)

Excerto 89

1963 como num assalto,
 1964 você trabalha pra conseguir aquilo
 1965 e vem alguém e lhe toma,
 1966 isso é extremamente revoltante,
 1967 só que você não consegue se revoltar,
 1968 você não consegue **extravasar essa revolta**,
 1969 você aceita
 1970 .. você
 1971 **engole toda aquela revolta**,
 1972 e **fica preso em você**
 1973 e você acaba **extravasando** de uma forma diferente,
 1974 em alguém que não tem nada a ver,

Fonte: Corpus Grupo Focal 1_GELP (2010)

Por sua vez, o esquema imagético-cinestésico FORÇA E CONTRAFORÇA, diretamente relacionado à metáfora primária DIFICULDADES SÃO Oponentes, foi essencial para a compreensão de MUDANÇA COMPORTAMENTAL como AÇÕES BÉLICAS, já que estas ações se justificam pela força militar, e os comportamentos

sugeridos pelos falantes (“defender”, “partir pro ataque”, “ir à luta”, por exemplo) indicam uma guerra contra a violência.

O esquema CAMINHO colabora na emergência da metáfora sistemática *GOVERNO É A FONTE DO MAL QUE VEM LÁ DE CIMA*, juntamente com o esquema ESCALA, já que o governo se encontra em um nível superior. O esquema CAMINHO está presente quando se concebe o governo como a origem do percurso do mal, o qual é uma trajetória descendente, como poderia também ter sido uma trajetória ascendente. No entanto, um fator cultural parece ter influenciado este esquema de modo que o concebesse em um trajeto desce. Assim como coisas ruins, coisas boas também podem vir de cima, como é o caso da religião cristã, que acredita que dádivas divinas descem do céu. Portanto, é possível que esta noção tenha contribuído para dizer que o governo, que por não ser Deus, não é capaz de fazer descer bênçãos, mas maldições.

Vale ressaltar também, conforme a tabela 3, que, em alguns casos, mais de uma metáfora primária está para uma mesma metáfora sistemática, ao se repetir para diferentes agrupamentos de metáforas primárias na tabela. Portanto, diante dos argumentos apresentados, é possível afirmar que, se um termo veículo aponta para uma ou mais noções corpóreas básicas (esquema), ou uma metáfora do discurso aponta para uma ou mais metáforas primárias, então os esquemas e as metáforas primárias são, pelo menos, alguns dos agentes cognitivos que atuam na dinamicidade do sistema chamado discurso, respondendo positivamente aqui as perguntas de pesquisa deste trabalho (ver seção 5.2).

Quanto aos tópicos discursivos, vale dizer que funcionam como atratores de esquemas. Quando a violência foi concebida como o INIMIGO, AGRESSOR, e as atitudes da sociedade como AÇÕES BÉLICAS, o esquema de FORÇA E CONTRAFORÇA foi atraído para estes conceitos que, por sua vez, participam do tópico Mudança Comportamental. O entendimento é de que o inimigo de guerra exerce uma força contra o seu adversário, e a reação esperada do adversário é de uma contraforça ao ataque do inimigo. As respectivas metáforas primárias deixam evidentes o esquema de FORÇA E CONTRAFORÇA. A metáfora FENÔMENOS INANIMADOS SÃO AGENTES

HUMANOS sugere uma força propulsora que todos os agentes dotados de volição possuem para efetuar suas ações. A metáfora DIFICULDADES SÃO Oponentes mostra que há uma força opositora, isto é, uma contraforça.

Sob a metáfora sistemática *VIOLÊNCIA É AGRESSOR*, o veículo “pressão” se repetiu algumas vezes, sugerindo a força que a violência, como inimigo, exerce sobre as pessoas, assim como a força gravitacional sobre qualquer matéria. A pressão, quando exercida sobre a matéria causa uma mudança de padrão nas partículas da matéria. A violência exerce a pressão de modo que obriga as pessoas a terem uma mudança no seu padrão comportamental. O veículo aponta para mais uma metáfora primária - DIFICULDADE É PESO - que sutilmente participou da estruturação da metáfora sistemática citada:

Excerto 90

2320	Pra mim,
2321	é uma agressão educacional,
2322	são estes colégios.
2323	Porque,
2324	é a pressão em casa
2325	que os meninos sofrem
2326	e a pressão no colégio.
2327	A ação de você ter uma série especial
2328	e forçar aqueles meninos estudarem,
2329	pra tá primeiro lugar lá,

Fonte: Corpus Grupo Focal 1_GELP (2010)

Excerto 91

2376	é,
2377	... é
2378	ser independente
2379	e isso acaba também
2380	acarretando de novo
2381	a pressão à família,
2382	pressão familiar,
2383	ou seja,
2384	são várias,
2385	é são várias agressões que
2386	você sofre semelhante à agressão social,

Fonte: Corpus Grupo Focal 1_GELP (2010)

No momento em que os participantes discutiam sobre a compreensão do outro, de si mesmo ou da realidade, o esquema VER participou de todas as metáforas, o que significa que o conceito de COMPREENSÃO atraiu este esquema para poder emergir no discurso.

Quando se tratou de Sociedade e grupos sociais, este tópico discursivo atraiu o esquema PARTE-TODO, pois foi esta noção esquemática que tornou possível para os participantes interpretarem a sociedade como um conjunto que pode ser dividido em classes ou grupos. Foi impossível para o grupo focal conversar sobre a sociedade sem ter que falar sobre diferentes grupos sociais. Isto fica expresso no discurso através dos termos veículos “a gente” e “eles”, como duas partes de um todo, os quais apareceram 17 vezes e 31 vezes, respectivamente. Além disto, PARTE-TODO é a noção esquemática para metonímias, e os veículos “a gente” e “eles” se constituem como metonímias (ver seção 6.1.9). Quanto ao governo, este também é entendido como parte do conjunto sociedade, e é o grupo que fica “lá em cima”, na posição de controle. Portanto, mais uma pergunta de pesquisa (ver seção 5.2) pode ser respondida positivamente: tópicos discursivos atraem esquemas imagético-cinestésicos para tornar a emergência de metáforas sistemáticas possível.

Alguns esquemas se combinam a fim de fazer emergir alguns conceitos. É o caso dos esquemas RECIPIENTE e CHEIO-VAZIO, já que este último sugere um recipiente para estar cheio ou vazio. CHEIO-VAZIO pode implicar na existência de um recipiente, mas o esquema RECIPIENTE não necessariamente implica o esquema CHEIO-VAZIO. Nem tudo que se apresenta como um recipiente pode estar completamente cheio ou vazio, mas pode apresentar algo como um conteúdo. Por isso, separou-se aqui as metáforas que indicam somente a ideia de RECIPIENTE/CONTEÚDO das metáforas que expressam os dois esquemas juntos: RECIPIENTE e CHEIO-VAZIO, conforme os exemplos na tabela 3.

Por fim, a abordagem de análise do discurso através da metáfora, proposta por Cameron (2003, 2007, 2008, 2009), pode ser observada não como um estudo opositor à metáfora conceitual primária e/ou aos esquemas imagético-cinestésicos, mas, na verdade, como duas visões que se integram para uma análise mais

consistente e confiável da capacidade humana de usar metáforas, reforçando a suposição de que este processo é motivado por fatores cognitivos e discursivos que emergem em duas vias (descendente e ascendente).

CONSIDERAÇÕES FINAIS

As seções iniciais deste trabalho foram dedicadas a afirmar que a razão não existe sem a imaginação, que, por sua vez, está ancorada em conceitos de base corpórea. É através da ação com o corpo no mundo que compreendemos a realidade da forma que compreendemos. As primeiras experiências sensório-motoras são associadas a experiências de natureza subjetiva, de modo que esquemas de imagem e movimento e metáforas conceituais primárias sejam estruturadas na cognição. Em outras palavras, é possível dizer que estes esquemas e metáforas emergem das experiências básicas com o corpo, são relativamente estáveis e flexíveis o suficiente para interagirem em favor da compreensão e da ação na realidade, permitindo o caráter criativo da capacidade imaginativa humana.

O homem age no mundo por meio da linguagem, sendo também especificado por ela. Quando se trata mais especificamente da língua em uso, o homem interage com outros indivíduos, com contextos atuais, culturais e históricos, sociais e/ou individuais. Ou seja, a cognição é só mais um dos sistemas em ação para compor um sistema ainda mais abrangente, que é o discurso, rico de instabilidades e estabilidades.

Como já explorado durante este estudo, as estabilidades empáticas e conceituais durante a interação discursiva são chamadas de metáforas sistemáticas, por Cameron (2003, 2007, 2008). A metáfora sistemática simboliza um pacto discursivo-conceitual implícito entre os falantes em determinado momento do discurso.

A fim de descrever a emergência metafórica durante a interação discursiva, algumas perguntas de pesquisa foram relacionadas. A indagação principal, atendendo ao objetivo geral da pesquisa, questionava se a emergência metafórica ocorre em duas direções (discurso-cognição e vice versa), isto é, não só a partir de fatores discursivos e socioculturais, mas também de fatores cognitivos.

Apesar de Gibbs e Cameron (2007) já oferecerem indícios desta dupla direcionalidade da emergência de metáforas sistemáticas, eles não se aprofundam nesta questão. Além disso, Cameron (2007, 2008) não se compromete em especificar que agentes no sistema cognitivo estão envolvidos no desenrolar do discurso. A autora menciona uma auto-organização do sistema que promove as emergências de novos padrões (*soft-assembly*). Porém não fica claro que recursos especificamente cognitivos são usados pelos interlocutores na co-construção de metáforas. Portanto, a pergunta principal da pesquisa foi pensada, supondo que os esquemas imagético-cinestésicos e metáforas primárias poderiam ser estes recursos. Esta ideia foi confirmada usando a metodologia da autora citada, o que revela que sua proposta não descarta a teoria conceitual, mas que esta pode servir de complemento para a abordagem discursiva da metáfora.

A pergunta principal da pesquisa desencadeou outras três secundárias, que atendiam diretamente aos objetivos específicos deste estudo.

A primeira pergunta secundária se interessava em saber se *os recursos cognitivos usados na emergência de metáforas são os esquemas imagético-cinestésicos e as metáforas primárias*. Para o discurso em análise, sobre violência urbana, foi possível observar que sim. Por mais motivação social e cultural que as metáforas sistemáticas tivessem, a correlação entre elas e os esquemas e metáforas primárias foi coerente. VIOLÊNCIA, por exemplo, foi concebida como AGRESSOR. Para esta relação discursivo-conceitual, a ideia de que o agressor é o agente da contraforça foi basilar. Devido às experiências corpóreas de força, os interlocutores sutilmente entenderam a violência como uma espécie de resistência impositora e invasora. Logo, ela não foi concebida como algo aliado, mas algo inimigo, um AGRESSOR. Resistência e imposição envolve força física, a experiência sensório-motora de caráter universal que estruturou este esquema, podendo então ser associado a uma experiência social e subjetiva, a VIOLÊNCIA. A metáfora primária que confirma tal suposição, para este caso, é FENÔMENOS INANIMADOS SÃO AGENTES HUMANOS. Este é somente um dos exemplos. Como a associação entre os tipos de esquema, de metáforas primárias e metáforas sistemáticas se deu de maneira coerente, isto sugere a participação efetiva

dos esquemas e metáforas primárias no fluir do discurso, como, pelo menos, algumas das bases cognitivas das metáforas sistemáticas.

Entendendo que a metáfora sistemática é uma construção colaborativa, isto sugere que os interlocutores que participaram de sua elaboração possuem os mesmos esquemas e metáforas primárias na cognição, validando a suposição de variáveis universais cognitivas para as metáforas sistemáticas.

A segunda pergunta secundária, a qual se refere ao segundo objetivo, questiona se *um mesmo esquema imagético-cinestésico e/ou metáfora primária participa da emergência de mais de uma metáfora sistemática*. A resposta foi afirmativa (ver tabela 3) para a maioria das metáforas sistemáticas e ainda mostrou que o inverso também é verdadeiro: que uma mesma metáfora sistemática pode englobar mais de um esquema ou metáfora primária para sua emergência. Este foi o caso, por exemplo, da metáfora sistemática GOVERNO É A FONTE DO MAL QUE VEM LÁ DE CIMA, a qual sugere dois esquemas para sua composição: esquema escala (o qual marca a posição elevada do governo) e o esquema caminho (onde marca o governo como o ponto inicial do mal que percorre uma trajetória descendente). Além dos esquemas, mais de uma metáfora primária também participa desta metáfora: CAUSAS SÃO ORIGENS, STATUS SOCIAL É ELEVAÇÃO VERTICAL e ESTAR NO CONTROLE É ESTAR ACIMA.

Considere a metáfora primária COMPREENDER É VER, por exemplo, que está associada a mais de uma metáfora sistemática, respondendo a pergunta de pesquisa em discussão: *COMPREENDER DIFERENTES GRUPOS SOCIAIS É VER ELES, COMPREENDER A SI MESMO É ENXERGAR-SE NA MÍDIA e GOVERNO COMPREENDE A VIOLÊNCIA QUANDO ABRE O VIDRO E OLHA PROS LADOS*. Isto corrobora na prática o que Gibbs e Cameron (2007, p. 03) teorizam sobre o papel da metáfora conceitual na produção de metáforas situadas como as sistemáticas:

(...) (a) metáforas conceituais ajudam pessoas a, tacitamente, entenderem porque palavras e expressões metafóricas significam o que significam, e (b) que as pessoas frequentemente acessam metáforas

conceituais durante a produção *online* e imediata e a compreensão de metáforas novas e convencionais.⁶³

Sendo assim, concluímos que metáforas sistemáticas são estabilizações no discurso, resultantes de variáveis cognitivas universais (esquemas imagético-cinestésicos e metáforas primárias, dentre outras) que se acoplam e interagem com variáveis culturais e específicas do contexto discursivo, como por exemplo, o tópico. Este é assunto da terceira pergunta secundária, a qual está alinhada ao terceiro objetivo do trabalho. Questionamos se *o tópico discursivo é, pelo menos, um dos fatores do discurso que atrai as estruturas cognitivas para a emergência de metáforas sistemáticas.*

Se metáforas sistemáticas são, discursivamente, resultado do agrupamento de veículos em relação a determinados tópicos discursivos e, além disso, os esquemas imagético-cinestésicos e metáforas primárias auxiliam na emergência de metáforas sistemáticas, como confirmado anteriormente, então é correto afirmar que os tópicos também possuem relação com os agentes cognitivos citados. O tópico, como próprio agente discursivo, é força atratora dos esquemas, de modo que motive a participação destes para que haja compreensão do assunto em discussão. Por exemplo, como citado na seção anterior, o tópico discursivo Sociedade e Grupos Sociais atraiu o esquema PARTE-TODO para que este pudesse favorecer a discussão entendendo a sociedade como o conjunto maior, e as classes socioeconômicas como partes integrantes deste conjunto. Se não o fosse, não seria possível conversar sobre classes sociais, pois não seria possível entender sociedade e grupos sociais como um tópico com dois conceitos relacionados, mas como dois conceitos totalmente distintos, e conseqüentemente, poderiam ser dois tópicos.

Quando se tratou sobre a Banalização da violência pela mídia, o esquema VER participou efetivamente, já que a mídia televisiva foi a citada durante o discurso; além disto, a aquisição de informação é prototipicamente associada ao sentido visual,

⁶³ (a) conceptual metaphors assist people in tacitly understanding why metaphorical words and expressions mean what they do, and (b) that people access conceptual metaphors during their immediate, online production and comprehension of conventional and novel metaphors.

logo o esquema ver se tornou um agente significativo para o desenvolvimento deste tópico, auxiliando na emergência de três metáforas sistemáticas: *COMPREENDER DIFERENTES GRUPOS SOCIAIS É VER ELES*, *COMPREENDER A SI MESMO É ENXERGAR-SE NA MÍDIA* e *GOVERNO COMPREENDE A VIOLÊNCIA QUANDO ABRE O VIDRO E OLHA PROS LADOS*.

Inferencialmente, afirma-se que o tópico discursivo não é só atrator de esquemas, mas também de metáforas primárias, já que as estruturas esquemáticas fazem parte das metáforas primárias. Narayanan (1997), na perspectiva neural, afirma que a inibição de algumas redes significa a ativação de outras. Desta forma, concluímos que os tópicos são, dentre outros, os fatores que inibem e ativam certos elementos da cognição, funcionando como atrator de agentes cognitivos, o que responde afirmativamente a questão de pesquisa em discussão.

Além destes resultados, algumas considerações de ordem teórica podem ser levantadas, tais como a seguinte observação: a metáfora primária se baseia em um mapeamento bidimensional [de domínio fonte (experiência sensorio-motora) para domínio-alvo (experiência subjetiva)]. O que faz crer, então, que a metáfora sistemática também não seja resultado de um mapeamento bidimensional, se sua base é feita de metáforas primárias?

Para esta observação, argumentamos aqui que a metáfora primária é básica e correlacional, resultado de confluência e separação neural e conceitual de domínios sensorio-motores e subjetivos. Feita esta correlação, ela está pronta para interagir com outros fatores, dentre eles culturais, sociais, históricos e discursivos. Portanto, a metáfora sistemática não consiste de um mapeamento, mas sim de uma auto-organização de variáveis relevantes no discurso, pois não se pauta em um modelo bidimensional definido como o das metáforas primárias, mas em uma interação entre vários agentes participantes neste sistema, sendo a metáfora primária somente um dentre eles. Portanto, a metáfora sistemática é a interação entre metáforas primárias, esquemas, fatores sociais, históricos, individuais e culturais.

Por exemplo, os veículos “vidro”, “subir o vidro” e “quebrar o vidro” do carro, que participaram da emergência da metonímia *ESTAR DENTRO POR ESTAR SEGURO*,

apareceram, no discurso, motivados por um contexto urbano próprio de Fortaleza: devido à violência urbana à noite em locais sinalizados por semáforos, é recomendado dirigir com os vidros do carro fechados e ultrapassar o sinal vermelho, se necessário. Este é um contexto cultural de Fortaleza, que claramente propiciou o uso destes termos em favor da metonímia sistemática mencionada. Assim como a metonímia, as metáforas sistemáticas emergem de maneira semelhante: da auto-organização dos aspectos cognitivos, discursivos e culturais em jogo na interação entre os interlocutores.

Outro questionamento é: se a metáfora conceitual complexa também se caracteriza pelas influências cognitivas e socioculturais, o que as diverge das metáforas sistemáticas?

Além do mapeamento e da organização em espaços mentais, característicos da metáfora conceitual, as complexas tendem, pelo menos, a uma generalização significativa em uma comunidade específica, por exemplo. É uma metáfora que tem a tendência de aparecer outras vezes, pois é conceitual e está a priori do discurso. Ela não possui a necessidade de percorrer vários excertos do discurso, mas se for manifesta somente uma vez, por um falante, o interesse pela análise já é justificável, pois a fala revelou o que o pensamento processou. A metáfora conceitual é uma convenção conceitual entre comunidades, ou mesmo entre sujeitos de uma mesma comunidade.

Quanto à metáfora sistemática, ela é situada no discurso (nível microgenérico), portanto não tem a obrigação de ser geral ao ponto de todos os falantes, ou pelo menos, grande parte deles emergirem as mesmas metáforas. Ela é temporária, isto é, pode servir somente para aquele momento específico do discurso, e nunca mais emergir. Além disso, é sistemática, ou seja, não está localizada em somente um ponto do discurso, mas percorre várias falas diferentes, e de locutores distintos, pois se trata de um acordo discursivo-conceitual específico.

A proposta deste trabalho não invalida de forma alguma a metáfora conceitual complexa. De fato, nós a posicionamos em um nível entre a metáfora

primária e a metáfora sistemática, em um nível que consegue tocar ao mesmo tempo o conceitual e o cultural, buscando por generalizações (nível macrogenérico).

Portanto, esta pesquisa visou à colaboração maior de demonstrar que a metáfora não pertence somente a um âmbito específico da capacidade ou atividade humana (cognição ou discurso), mas mostrar que a sua emergência significa a participação efetiva dos agentes que integram os sistemas cognitivo e discursivo, promovendo, implicitamente, os acordos conceituais situados.

Como a discussão do grupo focal foi gravada em áudio e vídeo, este estudo não se encontra contido em si mesmo, mas abre possibilidades para novas pesquisas, como por exemplo, a interface entre gestos, cognição e discurso. Talvez seja possível identificar metáforas sistemáticas gestuais (isto é, metáforas que tenham os gestos como complemento linguístico), ou até mesmo observar a relação entre esquemas imagético-cinestésicos e gestos, pois o pensamento imaginativo não está limitado à linguagem verbal, mas também permeia as diversas formas de linguagem.

REFERÊNCIAS

AUGUSTO, Rita de Cássia. O processo de desenvolvimento da competência linguística em inglês na perspectiva da complexidade. 2009. 228f. Tese (Doutorado em Linguística Aplicada) - Faculdade de Letras, Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2009

BARCELONA, Antonio. Metaphor and metonymy at the crossroads: a cognitive perspective. Berlin and NY: Mouton de Gruyter, 2003

BROOKS, M. Climate myths: chaotic systems are not predictable. *New Scientist*, 16 May 2007. Disponível em: www.newscientist.com/article/dn11641. Acesso em 3 de maio de 2012

BRUGMAN, Claudia. The Story of over. Polysemy, Semantics and the Structure of the Lexicon. New York: Garland, 1988

BURKE, K. A Grammar of Motives. New York: Prentice Hall, 1945

CAMERON, Lynne. Metaphor in Educational Discourse. London: Continuum, 2003

CAMERON, Lynne. Confrontation or complementarity: Metaphor in language use and cognitive metaphor theory. *Annual Review of Cognitive Linguistics*, 5, 107-135, 2007

CAMERON, Lynne. Metaphor shifting in the dynamics of talk, chapter 2, In: ZANOTTO, M. S., CAMERON, L. & CAVALCANTI, M. C. (orgs). *Confronting Metaphor in Use: an applied linguistic approach*. Philadelphia: John Benjamins Publishing Company, 2008

CAMERON, L. & DEIGNAN, A. A emergência da metáfora no discurso. (traduzido FARACO, S. & VEREZA, S.) In: SIQUEIRA, Maity. *Cadernos de Tradução*. Porto Alegre. nº 25, jul-dez, 2009, p. 1-278

CAMERON, L., MASLEN, R., TODD, Z., MAULE, J., STRATTON, P. & STANLEY, N. The Discourse Dynamics Approach to Metaphor and Metaphor-led Discourse Analysis. *Metaphor and Symbol*, 24, 2, p. 63 – 89, 2009

CAMERON, L. & MASLEN, R. *Metaphor Analysis: research practice in applied linguistics, social sciences and the humanities*. UK: Equinox Publishing Ltd, 2010

CHAFE, Wallace. *Cognitive Constraints on Information flow*, chapter 2. In: TOMLIN, Russel S. (org). *Coherence and Grounding in Discourse*. John Benjamins Publishing Company, 1987

CHAFE, Wallace. *Discourse, Consciousness and Time: the flow and displacement of conscious experience in speaking and writing*. Chicago and London: The University of Chicago Press, 1994

CHRISTIANSEN, M. H., & CHATER, N. Language as shaped by the brain. *Behavioral & Brain Sciences*, 31, 489–509, 2008

COSTA, Giselda dos Santos. *Grupos Focais: um novo olhar sobre os processos de análise das interações verbais*. Universidade Federal de Pernambuco, 2011. Disponível em http://www.giseldacosta.com.br/Grupos_Focais.pdf Acesso em 6 de maio de 2012

CROFT, William. *Explaining language change: An evolutionary approach*. London: Longman, 2000

CROFT, W. & CRUSE, D. Alan. *Cognitive Linguistics*. University Press, Cambridge, 2004

CUENCA, M. J. & HILFERT, J. *Introducción a la lingüística cognitiva*. Barcelona, 1999

DEANE, Paul D. *Grammar in Mind and Brain. Explorations in Cognitive Syntax*. Berlin and New York: Mouton de Gruyter, 1992

DEANE, Paul D. *At, by, to, and past: An essay in multimodal image theory*. *Berkeley Linguistics Society*, 19: 112-124, 1993

DEANE, Paul D. *Neurological evidence for a cognitive theory of syntax: A grammatic aphasia and the Spatialization of Form hypothesis*, p. 55-115. In: CASAD, E. H. (org.). *Cognitive Linguistics in the Redwoods: The Expansion of a New Paradigm in Linguistics*. Berlin and New York: Mouton de Gruyter, 1995

DEWELL, Robert B. *Over again: Image-schema transformations in semantic analysis. Cognitive Linguistics 5: 351-380, 1994*

DEWELL, Robert B. *Construal Transformations: Internal and External Viewpoints in Interpreting Containment, p. 17-32. In: VERSPOOR, M., LEE, K. D. & SWEETSER, E. (orgs). Lexical and Syntactical Constructions and the Construction of Meaning. Amsterdam and Philadelphia: John Benjamins Publishing Company, 1997*

DE BOT, K., LOWIE, W. & VERSPOOR, M. *A Dynamic System Theory Approach to second language acquisition. Bilingualism: Language and Cognition 10 (1), 7-21, 2007*

EKMNA, P., LEVENSON, R.W. & FRIESEN, W. V. *Automatic nervous system activity distinguishes among emotions. Science 221: p.p. 1208-1210, 1983*

ELLIS, N. C. & LARSEN-FREEMAN, D. (orgs). *Language as a Complex Adaptive System. Ann Arbor: Language Learning, 59. Language Learning Research Club. University of Michigan: Wiley-Blackwell, 2009*

FAUCONNIER, G. & TURNER, M. *Conceptual projection and middle spaces. 1994 - Department of Cognitive Science Technical Report 9401. University of California, San Diego, 1994*

FAUCONNIER, G. & TURNER, M. *Blending as a central process of grammar. In: GOLDBERG, A. (org). Conceptual structure, discourse, and language. Stanford: CSLI/Cambridge, 1996*

FAUCONNIER, G. & TURNER, M. *Principles of conceptual integration. In: KOENIG, J.P. (org). Discourse and Cognition: bridging the gap. Stanford: CSLI/Cambridge, 1998*

FAUCONNIER, G. & TURNER, M. *The way we think. New York: Basic Books, 2002*

FELTES, Heloísa Pedrosa de Moraes. *Semântica Cognitiva: ilhas, pontes e teias. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2007*

FERREIRA, Aurélio Buarque de Holanda. *Dicionário Aurélio da Língua Portuguesa. Editora Positivo, 5 ed., 2010*

FLICK, Uwe. Introdução à Pesquisa Qualitativa. Tradução Joice Elias Costa. 3ª ed. Porto Alegre: Artmed, 2009

GALLESE, V. The inner sense of action: Agency and motor representations. *Journal of Consciousness Studies*, 7, 23 – 40, 2000

GALLESE, V. & LAKOFF, G. The brain's concepts: the role of the sensory-motor system in conceptual knowledge. *Cognitive Neuropsychology*, 21, 1- 25, 2005

GARBARINI, F. & ADENZATO, M. At the root of embodied cognition: Cognitive science meets neurophysiology. *Brain and Cognition*, 56, 100 – 106, 2004

GIBBS, R. Embodied experience and linguistic meaning. *Brain Language*, 84, 1 – 15, 2003

GIBBS, R. Embodiment and cognitive science. New York: Cambridge University Press, 2006

GIBBS, R. W. & COLSTON, H. L. The cognitive psychological reality of image schemas and their transformations. *Cognitive Linguistics* 6: 347-378, 1995

GIBBS, R. W. & BERG. E. A. Mental Imagery and Embodied Activity. *Journal of Mental Imagery*, 26: 1-30, 2002

GIBBS, R. & CAMERON, L. The social-cognitive dynamics of metaphor performance. *Cognitive Systems Research*: p.p. 1-12, 2007

GLEICK, J. Chaos: making a new science. New York: Penguin, 1987

GONDIM, Sônia Maria Guedes. Grupos Focais como técnica de investigação qualitativa: desafios metodológicos. *Paidéia*, 12 (24), 149 – 161, 2003 Disponível em <http://www.scielo.br/pdf/paideia/v12n24/04.pdf> Acesso em 6 de maio de 2012

GRADY, J. Foundations of meaning: primary metaphors and primary scenes. 1997. PhD Dissertation – Graduate Division, University of California, Berkeley, 1997

GRADY, J. Primary metaphors as inputs to conceptual integration. *Journal of Pragmatics*, 37, 1595 – 1614, 2005

HULL, D. L. (1988). *Science as a process: An evolutionary account of the social and conceptual development of science*. Chicago: University of Chicago Press, 1988

HULL, D. L. *Science and selection: Essays on biological evolution and the philosophy of science*. Cambridge: Cambridge University Press, 2001

IBÁÑEZ, F. J. R. M. The role of mappings and domains in understanding metonymy. In BARCELONA, Antonio. *Metaphor and metonymy at the crossroads: a cognitive perspective*. Berlin and NY: Mouton de Gruyter, 2003, pp. 109 - 132

JOHNSON, Mark. *The body in the mind: the bodily basis of meaning, imagination, and reason*. Chicago and London: The University of Chicago Press, 1987

JOHNSON, Christopher. The acquisition of the “What’s X doing Y?” Construction. In: HUGHES, E., HUGHES, M. & GREENHILL, A. (orgs). *Proceedings of the Twenty-First Annual Boston University Conference on Language Development 2*: 343-353. Somerville, Mass.: Cascadilla Press, 1997a

JOHNSON, Christopher. Metaphor vs. Conflation in the acquisition of polysemy: the case of SEE. In: HIRAGA, M. K., SINHA, C. & WILCOX, S. (orgs). *Cultural, Typological and Psychological Issues in Cognitive Linguistics. Current Issues in Linguistic Theory* 152. Amsterdam: John Benjamins, 1997b

JUBRAN, Clélia C. A. S. et al. Organização tópica da conversação. In: ILARI, R. (org.). *Gramática do português falado, vol II*. Campinas, SP: Editora da UNICAMP, 1992

KÖVECSES, Zóltan. *Metaphor in culture: universality and variation*. Cambridge: Cambridge University Press, 2005

KÖVECSES, Zóltan. *Metaphor: a practical introduction*. Oxford: Oxford University Press, 2nd ed, 2010

KREITZER, Anatol. Multiple levels of schematization: A study in the conceptualization of space. *Cognitive Linguistics* 8: 291-325, 1997

LAKATOS, Eva Maria & MARCONI, Marina de Andrade. Metodologia do Trabalho Científico. 7 ed. – 4 reimpr. – São Paulo: Atlas, 2009

LAKOFF, George. Women, Fire and Dangerous Things. The University of Chicago Press, 1987

LAKOFF, G. & JOHNSON, M. Metaphors we live by. Chicago: Chicago University Press, (1980) 2003

LAKOFF, G. & JOHNSON, M. Philosophy in the flesh: the embodied mind and its challenge to Western thought. NY: Basic Books, 1999

LAKOFF, G. & TURNER, M. More than Cool Reason: A field Guide to Poetic Metaphor. Chicago: The University of Chicago Press, 1989

LARSEN-FREEMAN, D. Chaos/complexity science and second language acquisition. *Applied Linguistics*, 18 (2), 141–165, 1997

LARSEN-FREEMAN, D. Language acquisition and language use from a chaos/complexity theory perspective. In: KRAMSCH, C. (org). Language acquisition and language socialization. London: Continuum, 2002

LARSEN-FREEMAN, D. On the complementarity of chaos/complexity theory and dynamic systems theory in understanding the second language acquisition process. *Bilingualism: Language and Cognition*, 10 (1), 35-37, 2007

LARSEN-FREEMAN, D.; CAMERON, L. Preview Article: Complex systems and Applied Linguistics. *Applied Linguistics*, 17, 2007

LARSEN-FREEMAN, D. & CAMERON, L. Complex systems and Applied Linguistics. Oxford: Oxford University Press, 2008

LEVENSON, R. W., EKMAN, P., HEIDER, K & FRIESEN, W. V. Emotion and automatic nervous system activity in the Minangkabau of West Sumatra. *Journal of Personality and Social Psychology* 62: p.p. 972-988, 1992

LIMA, Paula Lenz Costa; FELTES, Heloísa Pedroso de Moraes; MACEDO, Ana Cristina Pelosi. Cognição e metáfora: a teoria da metáfora conceitual. In: MACEDO, Ana Cristina Pelosi (orgs.). Cognição e linguística: explorando territórios, mapeamentos e percursos. Caxias do Sul, RS: Educus; Porto Alegre: Edipucrs, 2008

LOCKE, John. Some Further Considerations Concerning Our Simple Ideas of Sensation, 1980. In: PERRY, John e BRATMAN, Michael, Introduction to Philosophy: classical and contemporary readings, Oxford University Press, 1993

LORENZ, E. N. Predictability: Does the flap of a butterfly's wing in Brazil set off a tornado in Texas? Trabalho apresentado no encontro anual da American Association for the Advancement of Science, Washington, DC, 1972

LORENZ, E. N. The essence of chaos. Washington: University of Washington Press, 2001

MANDELBROT, B.B. The fractal geometry of nature. New York: W.H. Freeman and Company, 1982

MANDLER, Jean M. How to build a baby: Conceptual Primitives. *Psychological Review* 99: 587-604, 1992

MANDLER, Jean M. Perceptual and conceptual processes in infancy. *Journal of Cognition and Development* 1: 3-36, 2000

MANDLER, Jean M. The Foundations of Mind: Origins of Conceptual Thought. Oxford: Oxford University Press, 2004

MORIN, E. Complexidade e transdisciplinaridade: a reforma da universidade e do ensino fundamental. Natal: EDUFRN, 1999

MUSOLFF, Andreas. Political imagery of Europe: A house without exit doors? *Journal of Multilingual and Multicultural Development* 21 (3): p.p. 216-229, 2000

NARAYANAN, S. Embodiment in Language Understanding: sensory-motor representations for metaphoric reasoning about event descriptions. 1997. PhD

dissertation - Department of Computer Science Division, University of California, Berkeley, 1997

NEISSER, Ulric. *Cognition and Reality*. San Francisco: W.H. Freeman, 1976

PAIVA, V. L. M. Modelo fractal de aquisição de línguas. In: BRUNO, F. C. (Org.). *Reflexão e prática em ensino/aprendizagem de língua estrangeira*. São Paulo: Editora Clara Luz, 2005. p. 23-36

ROSCH, E. Principles of categorization. In ROSCH, E. & LLOYD, B. B. (orgs)., *Cognition and Categorization*. 27-48. Hillsdale, N.J.: Erlbaum, 1978

SEVERINO, Antônio Joaquim. *Metodologia do trabalho científico*. 23ª ed. rev. e atual. São Paulo: Cortez, 2007

TURNER, Mark. *Reading Minds: the study of English in the age of cognitive science*. Princeton: Princeton University Press, 1991

WALDROP, M. M. *Complexity*. Viking: Harmondsworth, 1992

WALDROP, M.M. *Complexity: the emerging science at the edge of order and chaos*. New York: Touchstone, 1993

WALMSLEY, Joel. Explanation in Dynamical Cognitive Science. *Minds & Machines*. p. 333-348, 2008

ANEXO

Corpus Grupo Focal 1_GELP (2010)

P 1: Transcrição FIC UFC_final

Path: M:Transcrição FIC UFC_final {0-Me-F} - Super
Media: RICHTEXT

Printed: 2012-07-18T16:10:57
By: Super

From HU: Transcrição FIC UFC_análise
HU-Path: [C:\Users\Joao Paulo Rodrigues\Documen...\Transcrição FIC UFC_análise.hpr6]

Codes: 393

Memos: 0

Quotations: 738

Families: <none>

Comment: <none>

0001 Mod Apresentação do Mod 1 e Mod 2. Informações sobre a pesquisa e o grupo GELP. Orientações sobre os procedimentos da gravação e entrevista.

0002 Mateus Meu nome é Mateus Malveira,
0003 .. terminei
0004 .. com a professora Leila,
0005 o terceiro semestre da faculdade FIC de Direito,
0006 ... estudei no colégio militar,
0007 da quinta
0008 .. série ao terceiro ano.
0009 .. Acho que em relação a cursos acadêmicos,
0010 .. não tenho muito o que falar
0011 ... só minhas artimanhas pessoais.

0012 Mod Mas acho que já nos disse bastante. Seu nome e o que tem feito. Tá certo.

0013 Elisa Eu sou Elisa Pereira,
0014 .. estudei na FIC também
0015 me formei em Jornalismo lá,
0016 .. e
0017 .. agora tô fazendo a especialização
0018 também na FIC,
0019 assessoria de comunicação.
0020 ... Participei de pesquisa
0021 na administração científica da FIC.

0022 Mod Você foi bolsista lá?

0023 Elisa É.
0024 <X...X>
0025 então
0026 tenho assim,
0027 .. acho que uns dois anos
0028 de pesquisa.

0029 Igor Meu nome é Igor Pessoa,
0030 .. eu
0031 faço direito na FIC,
0032 tô no terceiro semestre,
0033 quer dizer,
0034 terminei o terceiro semestre.
0035 ... faço Letras inglês na UECE também
0036 .. tô no terceiro semestre.
0037 ... já fiz Jornalismo,
0038 fiz quatro semestres de jornalismo na UNIFOR.
0039 desisti de Jornalismo
0040 escolhi Direito
0041 ... faço parte do grupo de iniciação científica da professora
Leila,
0042 que a gente analisa a metáfora do discurso jurídico.
0043 E
0044 .. isso.

0045 Mod Então tá no terceiro semestre nos dois cursos? Não tá muito difícil não, de levar os dois?

0046 Igor não,

0047 na verdade não.
 0048 Eu tiro mais a UECE como um prazer,
 0049 porque eu gosto muito de ler.
 0050 Então,
 0051 o curso de letras,
 0052 ele é muito leitura
 0053 ele é muito debate
 0054 .. então,
 0055 pra mim,
 0056 sai mais hobby,
 0057 .. agora Direito não,
 0058 Direito é trabalho duro.
 0059 Renato meu nome é Renato Tavares,
 0060 .. eu faço UFC,
 0061 Educação Física.
 0062 Mod E tá no quinto semestre, que você já tinha me falado antes,
 né?
 0063 Ana Livia Meu nome é Ana Livia,
 0064 eu sou formada em turismo pelo CEFET,
 0065 fiz publicidade na FIC,
 0066 lá eu fiz iniciação por dois anos,
 0067 .. agora eu tô lecionando lá no pro-jovem,
 0068 já é a segunda vez que participo do pro-jovem,
 0069 dando qualificação profissional na área de turismo.
 0070 Vânia Meu nome é Vânia Silva
 0071 eu tô terminando agora
 0072 .. jornalismo,
 0073 na FIC
 0074 e fui aluna pesquisadora com a Leila
 0075 por quatro anos
 0076 na iniciação científica
 0077 Mod Bolsista de iniciação científica da Leila por quatro anos. Muito bom. Então eu já vou lançar aqui uma das perguntas e não vou direcionar para ninguém, sintam-se a vontade para dar o pontapé inicial. Mais uma metáfora aí né? Então vamos lá: quando você ouve a palavra violência urbana, qual é a primeira coisa que vem a sua mente?
 0078 Mateus ...(4.0) Realidade.
 0079 ...(4.0) A violência
 0080 a violência urbana,
 0081 ela hoje em dia,
 0082 .. ela não é
 0083 ... oferecida
 0084 .. ela é difundida,
 0085 a gente come, vive, respira, pensa
 0086 .. violência
 0087 porque,
 0088 .. de certa forma,
 0089 .. os colegas aqui que fazem jornalismo
 0090 hoje,
 0091 mais uma metáfora,



0092	é a bola da vez,		 a bola da vez
0093	hoje é o que mais se fala		
0094	.. como o recente caso da menina,		
0095	.. jogada pela janela,		
0096	como o atual caso		
0097	.. do goleiro do Flamengo,		
0098	.. ou seja,		
0099	são coisas que,		 coisas~
0100	.. de certa forma,		
0101	desperta o interesse de todos,		 desperta~
0102	... nosso amigo que faz direito,		
0103	.. ele deve saber		
0104	.. que as cadeiras que envolvem área jurídica penal,		 envolvem
0105	.. elas são mais interessantes do que qualquer outra,		
0106	não pelo fato de ser		
0107	... penal,		
0108	é porque é pratico.		
0109	.. Quando você estuda direito penal,		
0110	você,		
0111	... você já vai logo violência,		 vai~
0112	quando você pensa direito penal,		
0113	você pensa logo em crime,		
0114	... então são coisas que são difundidas		 coisas~
0115	da hora que você liga a televisão de manhã		 da
0116	.. ao último programa que você vai assistir		 ao
0117	seja novela,		
0118	seja		
0119	.. qualquer coisa		 coisa
0120	a gente		
0121	... nós comemos, vivemos e bebemos violência.		 comemos
0122	.. Do meu ponto de vista,		 Do meu ponto de vista
0123	... é até utópico,		
0124	é que a violência não está tão agravada		 agravada
0125	.. quanto		
0126	... se pensa que ela está,		
0127	ela é mais difundida		 difundida
0128	do que realizada		
0129	.. isso se torna uma realidade que		
0130	... faz da gente de		
0131	... uma espécie de		
0132	... cidadão preparado para uma guerra civil.		
0133	Mod Sim. O que vocês... alguém mais pensa...		
0134	Igor Bem,		
0135	o interessante em relação a isso		
0136	é que		
0137	.. em relação a mídia,		
0138	até o pessoal do jornalismo		
0139	pode me ajudar em relação a isso,		
0140	é que		
0141	.. é mais interessante		
0142	.. pra mídia		

0143	colocar a violência,		colocar
0144	... expor a violência		expor
0145	do que expor outros		
0146	... outros,		expor
0147	... outras matérias,		
0148	porque chama mais atenção		
0149	a negatividade		negatividade~
0150	.. do assunto		
0151	do que a positividade.		positividade~
0152	.. O telespectador,		
0153	ele sente mais,		sente~
0154	eu não diria prazer,		
0155	mas ele sente mais vontade de ver		sente~
0156	o que tá acontecendo de ruim		
0157	.. no mundo		
0158	do que o que tá acontecendo de bom.		
0159	... Eu tive uma professora		
0160	quando eu fazia jornalismo		
0161	que ela era jornalista		
0162	e ela vivia dizendo		vivia
0163	<Q.. hoje tá horrível lá no meu trabalho		no
0164	e eu preciso que um avião caia hoje Q>		
0165	... Ela dizia isso na hora da aula,		
0166	e todo mundo,		
0167	eu tava no primeiro semestre		
0168	eu fiquei tão assim		
0169	<Q como é que uma pessoa fica pedindo pra um avião cair? Q>		
0170	tipo		
0171	.. matar		
0172	.. assim centenas de pessoas.		
0173	[Confusão de falas]		
0174	Mateus Ela deve ter ficado bem <X ... X>		
0175	lá no trabalho		
0176	.. com a tragédia do World Trade Center né?		
0177	[Risos]		
0178	Igor Então,		
0179	com esse discurso		vê
0180	a gente, a gente vê que		
0181	.. a mídia,		precisa~
0182	ela precisa desses fatos,		
0183	.. dessa violência,		
0184	.. desse caso da menina Isabela		tomou
0185	que tomou		
0186	foi		
0187	[Ana Livia nacional]		
0188	... nacional		
0189	e não foi só um período curto,		curto
0190	[Ana Livia até hoje ainda se fala --]		
0191	.. até hoje se fala em Isabela,		
0192	.. Eloá,		
0193	agora tá esse caso da Elisa		

0194	que vai tomar muito tempo ainda,		 tomar
0195	então assim, a violência,		
0196	.. ela tá presente		 presente~
0197	e eu vejo que a mídia,		 vejo
0198	ela faz questão de que ela esteja cada vez mais presente		 presente~
0199	na vida de todo mundo.		 na
0200	Ana Livia Magnificou.		
0201	Igor Exatamente.		
0202	Ana Livia E trazendo aqui pro Ceará né?		 trazendo
0203	a gente vê que os programas que falam sobre violência,		
0204	qual é o horário deles?		
0205	são bem na hora do almoço,		
0206	.. que é no horário que você chega		
0207	ou chega do trabalho		
0208	ou então vai parar ali e vai ligar a televisão		
0209	e as pessoas não se importam de tá comendo		
0210	.. e tá assistindo programas		
0211	que		
0212	.. não dá pra passar a imagem,		 passar
0213	mas você vê que eles		
0214	desfocam a câmera		
0215	e acaba aparecendo.		 acaba
0216	e pra população é um pouco,		
0217	já ficou a questão do		 ficou
0218	.. do banal		
0219	porque as pessoas tão ali,		
0220	tá o cadáver estendido,		
0221	aí fica o pessoal fazendo,		 fica
0222	.. dando tchau,		
0223	fica um monte de menino pulando,		 fica
0224	então,		
0225	.. é como se virasse		 virasse
0226	algo normal pra eles,		
0227	a pessoa não		
0228	... se espanta mais com aquilo.		 se espanta
0229	Vânia Mas é como o Mateus falou,		
0230	.. ele disse		
0231	que		
0232	.. isso é muito pela mídia		
0233	e a realidade as vezes é ao contrario,		
0234	.. mas se a gente pegasse esses programas de televisão,		 pegasse
0235	... é		
0236	... justamente ele é no horário do almoço,		
0237	essas pessoas que assistem,		
0238	as pessoas		
0239	.. que banalizam de certa forma		
0240	o fato e a informação		
0241	.. é mais porque		
0242	é a realidade delas.		
0243	.. A gente diz que não tem muita informação sobre a		 A gente
	violência,		

0244 sobre a mídia
 0245 que ela enche demais
 0246 algo quando não há tanta necessidade,
 0247 mas se a gente for
 0248 pros bairros mais pobres
 0249 onde realmente
 0250 .. há miséria
 0251 a gente vê que não é exatamente isso,
 0252 a gente tá numa avenida Treze de Maio,
 0253 numa Washington Soares,
 0254 a gente pode não ver,
 0255 mas vai pro Tancredo
 0256 ou então p'rum Jardim União da vida,
 0257 entra mesmo,
 0258 conversa com as pessoas sobre aquele dia,
 0259 ... você acaba tendo uma visão não só
 0260 .. de violência,
 0261 mas também de discriminação com eles mesmos
 0262 .. e a televisão só faz mostrar isso
 0263 e eles veem aquilo
 0264 como uma forma de eles se verem
 0265 a realidade deles,
 0266 não é aquela coisa
 0267 .. perfeita
 0268 que a gente vê nas novelas
 0269 que apesar de haver agressões
 0270 apesar de haver violência
 0271 não é aquela coisa
 0272 mais elitizada,
 0273 só pessoas ricas ou de classe média alta,
 0274 isso
 0275 .. não é aquelas pessoas mais humildes,
 0276 até as mais humildes
 0277 nas novelas não moram em barracos,
 0278 são casas com tijolos,
 0279 onde tem água
 0280 e conseguem pagar as contas,
 0281 não é a verdade.
 0282 Na realidade,
 0283 não é isso que acontece,
 0284 não tem nem o que comer muitas vezes
 0285 .. e isso só gera mais violência,
 0286 de certa forma.
 0287 **Mod** Como vocês falam sobre violência urbana, quando vocês
 conversam com as pessoas com quem têm contato com amigo tal,
 vocês... por exemplo, tópicos que vêm na conversa de vocês, a
 violência tá presente?
 0288 **Vânia** Normalmente.
 0289 **Mod** O que é que vocês informam?
 0290 **Elisa Pereira** Porque assim
 0291 .. não só

enche

T: Sociedade e Grupos Sociais

A gente vê

A gente

ver A gente

entra

acaba visão

eles

eles veem

verem eles

deles

coisa

A gente

coisa

média alta~

aquelas pessoas

gera

T: Banalização da violência pela n

contato

vêm

presente~

0292	.. os jornais	
0293	que não são	
0294	.. específicos né?	
0295	porque tem uns que são específicos de violência,	
0296	mas mesmo os que não são,	
0297	é	
0298	.. um tema muito presente,	 presente~
0299	então acaba que você lembra	 acaba
0300	daquela história quando você vai discutir,	
0301	às vezes,	
0302	entra também a questão do psicológico daquela pessoa	 entra
0303	que tá envolvida naquilo,	 envolvida
0304	tem todo um passado né?	
0305	.. cruel	
0306	e por isso faz aquilo,	
0307	então,	
0308	vem muito essa questão também né?	 vem
0309	do psicológico,	
0310	do porquê fazer aquilo,	
0311	mas também tentar	
0312	.. entender um pouco	
0313	.. porque que tá assim.	
0314	Ana Livia Até na realidade da gente mesmo,	 T: Sentimento de inseguranç
0315	porque é muito difícil	
0316	você encontrar um amigo seu,	
0317	ou você mesmo,	
0318	que nunca tenha sido assaltado né?	
0319	questão de sinal de trânsito,	
0320	é um terror você parar no sinal de noite né?	 sinal~
0321	você	
0322	... quando eu ando com a minha mãe,	
0323	de noite,	
0324	o sinal ta lá na frente e ela:	
0325	... <Q fecha os vidros Q>	 fecha os vidros~
0326	e a questão assim,	
0327	eu trabalho lá no pro-jovem né?	
0328	e lá	
0329	.. eu vejo muito isso com eles,	 vejo
0330	eles	
0331	falam mesmo assim,	
0332	chegou uma vez	
0333	uma aluna mesma com	
0334	.. uma criança recém-nascida,	
0335	o filho dela	
0336	.. tinha dois meses no máximo,	 no máximo~
0337	ela disse	
0338	<Q ... não, tava tendo tiroteio na minha rua Q>	 na
0339	e ela saiu com a criança	
0340	... e em uma das escolas	
0341	lá da Caucaia,	
0342	.. nesse dia eu não tava,	

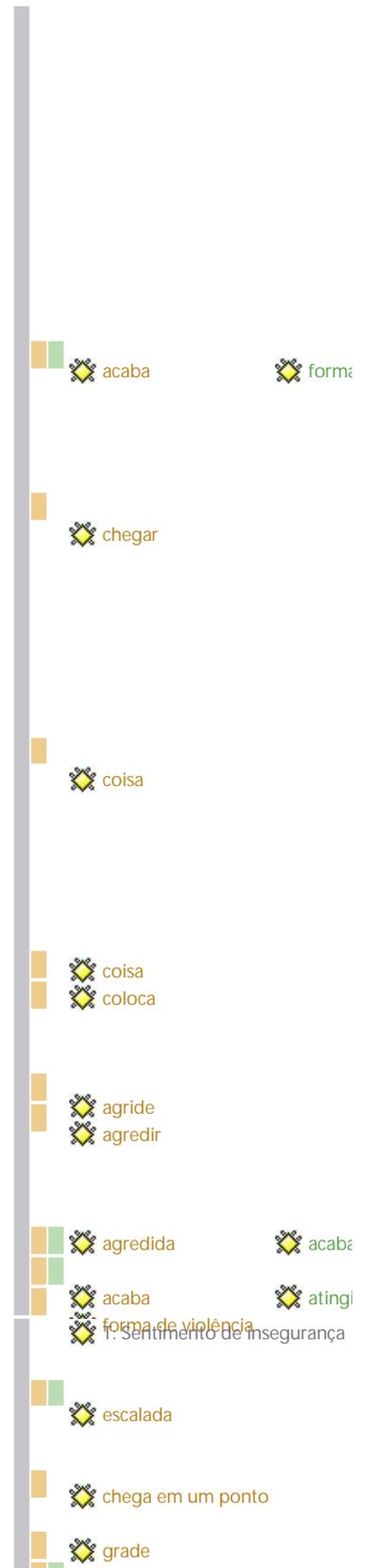
0343 tava outros professores,
 0344 eu tava em outra escola lá na Jurema,
 0345 teve um tiroteio lá,
 0346 ... todos os professores correram
 0347 pra se esconder na sala de informática
 0348 que era a única sala que era totalmente fechada,
 0349 quiseram levar os alunos
 0350 e os alunos não queriam ficar dentro,
 0351 os alunos queriam sair
 0352 pra olhar,
 0353 e nesse tiroteio mataram um na porta da escola e eles
 0354 .. e foi assim
 0355 .. muito duro pros professores conseguirem controlar o
 aluno,
 0356 a vontade dele era sair e ficar assistindo lá fora.
 0357 [Confusão de falas]
 0358 **Mateus** Como eu havia falado um pouco antes,
 0359 é como se nós fossemos
 0360 cidadãos preparados para uma guerra civil,
 0361 porque por exemplo,
 0362 vamos analisar os hábitos que nós temos,
 0363 .. que são hábitos bélicos,
 0364 por exemplo,
 0365 nós vamos parar num sinal,
 0366 a gente não para,
 0367 a gente não chega e para,
 0368 a gente
 0369 [**Meninas** reduz]
 0370 a gente reduz,
 0371 distancia,
 0372 fecha os vidros,
 0373 olha o retrovisor.
 0374 No caso da mulher,
 0375 pega a bolsa,
 0376 bota debaixo do banco --
 0377 **Mod Tem toda uma mudança comportamental.**
 0378 **Mateus** Você acha que num restaurante?
 0379 ... eu particularmente,
 0380 ... eu normalmente quando eu vou pra um restaurante,
 0381 eu vou pra um local que eu possa colocar,
 0382 ... algum canto que eu possa tá vendo o carro,
 0383 porque
 0384 ... assim,
 0385 .. você não confia mais.
 0386 .. Você vai dormir,
 0387 tem gente que tem síndrome,
 0388 acorda quatro, cinco vezes a noite
 0389 pra ver se a porta tá trancada.
 0390 Você é treinado pra ver sangue,
 0391 você é treinado,
 0392 como ela falou ali,

nesse
 na
 fechada
 dentro
 sair
 duro
 lá fora
 T: Mudança Comportamental
 bélicos
 sinal~
 fecha os vidros~
 trancada
 treinado
 treinado
 T: Banalização da violência pel

0393	não é só na hora do almoço não,	
0394	eu, por exemplo,	
0395	acordo seis horas da manhã,	
0396	coloco no canal 12	
0397	e tá passando a reprise do Barra Pesada do dia anterior,	 
0398	... (2.0) aí	
0399	... eu vou pro computador,	
0400	vejo uma coisinha lá e tal,	
0401	... aí chego em casa na hora do almoço,	
0402	ligo a televisão,	
0403	aí o pai tá assistindo	
0404	como é?	
0405	o Rota 22	
0406	Rota 22	
0407	[Todos Cidade 190]	
0408	Cidade 190	
0409	pronto,	
0410	aí tudo bem,	
0411	duas horas eu vou trabalhar,	
0412	seis horas eu volto morto de feliz	
0413	e chego em casa	
0414	e o que é que se está assistindo	
0415	na hora da merenda?	
0416	porque a gente come violência,	
0417	a gente come pão com carne,	
0418	até eu digo,	
0419	brincando com o pai	
0420	que a gente come pão com carne todo dia,	
0421	... chega tá lá	 
0422	Cidade 190,	
0423	.. tá o do canal 8	
0424	e assim,	
0425	são coisas simultâneas,	
0426	quando acontece alguma coisa próximo de casa,	
0427	a família toda se reúne,	
0428	por que?	
0429	Pra olhar,	
0430	porque é próximo de casa.	
0431	O que reflete o que ela acabou de falar,	
0432	é uma espécime da sociedade	
0433	.. ver a própria realidade	
0434	eu trabalhei,	
0435	meu emprego em administração,	
0436	eu terminei pela UVA,	
0437	esqueci de falar,	
0438	desculpa	
0439	... eu trabalhei um ano	
0440	como agente administrativo em colégio público	
0441	.. perto da Ponte Ceará ali,	
0442	dívsa com o Icaraí,	
0443	lá no final da Barra.	

0444	<X ... X>		
0445	Só tinha celebridade.		
0446	.. Os pais dos meninos que iam deixar as crianças lá,		
0447	normalmente passavam na televisão assim		 passavam
0448	acusado de roubo,		
0449	assassinato,		
0450	Só tinha celebridade lá.		
0451	... e eu tive a oportunidade de conversar com eles,		
0452	e assim,		
0453	como a senhora perguntou,		
0454	o assunto deles		
0455	é só violência,		
0456	quando não é violência,		
0457	é mulher,		
0458	mas assim,		
0459	é outro tema		
0460	aí é outro assunto para se conversar.		
0461	Renato E também		 T: Tipos de violência
0462	se fala muito		
0463	que surge nas conversas		 surge
0464	a violência que é sofrida.		 sofrida
0465	.. Mas,		 nas
0466	pelo menos no meu caso assim,		
0467	... também se conversa,		
0468	eu pra mim não converso sobre violência		
0469	a violência que a gente também age,		
0470	porque existem várias formas de violência,		 formas de violência
0471	então,		
0472	pelo menos no meu caso,		
0473	falando assim sinceramente,		
0474	eu tenho muitos amigos que são preconceituosos,		
0475	homo fóbicos e tal,		
0476	e esse tipo de violência		
0477	tá presente nas conversas o tempo todo,		 presente~
0478	não só a violência que é sofrida,		 nas
0479	mas a que você age também.		 sofrida
0480	Vânia Às vezes,		
0481	eles são motivo de piada,		
0482	e isso já é um tipo de violência,		
0483	porque		
0484	a pessoa às vezes,		
0485	não agrada a piada		
0486	e ainda ficam ainda fazendo,		
0487	o grupo		
0488	e ainda acha engraçado,		
0489	e aquilo não fica só naquele assunto,		 naquele
0490	naquele momento,		 naquele
0491	.. ainda ficam divulgando,		 divulgando
0492	fazendo o favor de divulgar,		 divulgar
0493	não só em relação aos homo fóbicos,		
0494	mas é		

0495 ... qualquer outro tipo de violência,
 0496 ... qualquer agressão,
 0497 a gente tem muito,
 0498 aqui,
 0499 cearense,
 0500 nordestino,
 0501 a gente tem muito o costume de falar palavrão.
 0502 ... Eu acho mais fácil ouvir palavrão
 0503 do que você não ouvir palavrão aqui na cidade
 0504 ... (3.0) e,
 0505 de certa forma,
 0506 isso acaba sendo uma forma de violência.
 0507 A gente tem uma palavra que
 0508 pode ser expressada de algo bom pra algo
 0509 .. horrível,
 0510 o que a pessoa faz,
 0511 eu não vou chegar aqui pra falar
 0512 que realmente eu sou contra palavrões,
 0513 .. eu evito.
 0514 [Alguns entrevistados A gente conhece a palavra]
 0515 [Risos]
 0516 Mas,
 0517 em vez da gente falar
 0518 <Q maravilhoso, isso foi legal Q>,
 0519 você fala outra coisa,
 0520 você já sabe o que é--
 0521 [Elisa Tipo a <X...X>]
 0522 Exatamente a <X...X>
 0523 em vez de dizer,
 0524 <Q que droga,
 0525 porque isso não deu certo? Q>,
 0526 ou até outra coisa assim,
 0527 coloca outro nome--
 0528 [Mod Existe a tal da violência verbal também.]
 0529 Pois é,
 0530 isso agride os nossos ouvidos.
 0531 A mim pode até não agredir tanto,
 0532 mas pra outras pessoas
 0533 que não tem o costume
 0534 e não tem obrigação de ouvir isso,
 0535 acaba sendo agredida
 0536 acaba sendo atingida,
 0537 isso é uma forma de violência.
 0538 Mod Com relação a essa questão dos riscos da violência urbana, o
 que mais preocupa vocês, nesse sentido, assim, o que é que vocês
 acham, nessa escalada, o que é que vocês acham que pode vir a
 acontecer?
 0539 Ana Livia A insegurança mesmo assim,
 0540 você chega em um ponto
 0541 que hoje em dia
 0542 você quem tem que colocar grade na sua casa toda,



0543	porque você não se sente mais	  se sente~
0544	segura,	
0545	você vai sair de casa	
0546	tem que sair com o carro	 sair de casa
0547	com a porta fechada	 sair
0548	porque você não se sente mais seguro.	 porta fechada
0549	Você vai pra um canto--	 se sente~
0550	[Mod Você tem sua realidade modificada]	
0551	Se você for deixar	
0552	o carro no estacionamento,	
0553	você não se sente seguro.	
0554	No ano passado,	 se sente~
0555	eu fui dar umas aulas	 no
0556	lá em Quixadá	
0557	pelo Sebrae,	
0558	e eu tinha acabado de ter	  acabado
0559	quase um assalto no carro,	
0560	só não fui roubada porque--	
0561	<X...X>	
0562	Não,	
0563	porque o carro tava parado	
0564	e eles quebraram o vidro	  quebraram o vidro~
0565	e eu fiquei meio amedrontada,	
0566	passei mais de um ano	  passei
0567	sem pisar lá no Dragão.	
0568	E	
0569	.. lá em Quixadá,	
0570	eu não podia ver uma bicicleta	
0571	que eu ficava com medo,	
0572	e lá em Quixadá é mais calmo	
0573	do que aqui	
0574	e o pessoal passava de bicicleta	
0575	e eu peguei um trauma de bicicleta.	  peguei
0576	Era bicicleta e mobilete.	
0577	Eu não posso ver bicicleta e mobilete	
0578	que meu coração começa	
0579	<Q bumbumbum Q> ,	
0580	é agora,	
0581	eu fico logo apavorada,	
0582	eu pego a bolsa	
0583	e já vou colocando pra frente.	
0584	Já é procurando assim	
0585	o que é que eu vou fazer pra correr,	
0586	já fico logo procurando	
0587	se tem uma casa aberta,	
0588	porque eu acho	
0589	que a pessoa vai me assaltar.	
0590	Eu não posso ver bicicleta e mobilete.	
0591	Mod Vamos pensar nos agente, né? Quem pratica a violência. Como é que vocês acham que eles decidem suas ações violentas? Eles devem ter um plano. Como é que vocês acham que eles	 T: Os agentes da violência

decidem as ações?

0592 Renato Eu acho assim,
 0593 quem
 0594 .. procura,
 0595 assim,
 0596 .. o agente da violência,
 0597 tem que fazer uma diferença,
 0598 .. no caso dos assaltantes,
 0599 procuram o que é mais fácil,
 0600 ... mas também tem pessoas
 0601 que têm distúrbios,
 0602 aí vêm outros fatores psicológicos,
 0603 ... mas no caso do assaltante,
 0604 procuram sempre
 0605 o que é mais fácil
 0606 realmente.

0607 [Mod As oportunidades né?]

0608 Ana Livia A bolsa no banco--

0609 Elisa Tem a necessidade né?

0610 e
 0611 ... não busca assim um trabalho,
 0612 uma coisa né?
 0613 são muito criativos na hora de assaltar,
 0614 criar novas formas de assaltar,
 0615 mas na hora de ganhar o dinheiro,
 0616 isso não preocupa eles né?

0617 [confusão de falas]

0618 é,
 0619 mas não honestamente,
 0620 poderia ser de outra forma.

0621 Mod Se vocês, não sei se foi o caso, mas se vocês já tiverem
 enfrentado situações de violência urbana no seu dia a dia, como é
 que as suas atividades, as suas rotinas, as suas decisões mudaram
 desde que isso aconteceu, como é que o comportamento de vocês
 mudou, se é que vocês já tiverem passado por essa experiência?

0622 Mateus De forma
 0623 .. coletiva,
 0624 eu vejo essa questão
 0625 da experiência
 0626 de passar por um trauma,
 0627 .. uma espécie de fase,
 0628 primeiro a gente fica
 0629 na fase da apreensão,
 0630 você tem medo,
 0631 é assaltado
 0632 e não volta mais no lugar,
 0633 segunda fase
 0634 é a fase da defesa
 0635 que é onde a maior parte da sociedade
 0636 vive atualmente,
 0637 .. se tranca,



0638	se prende,			se tranca
0639	não deixa o menino sair,			se prende
0640	procura condomínio,			sair
0641	quem tem uma condição melhor			
0642	procura condomínio,			
0643	... vamos chegar num ponto			chegar num ponto
0644	que a gente vai partir pro ataque,			ataque
0645	ai é quando,			
0646	.. no meu ponto de vista			ponto de vista
0647	vai ser a pior fase de todas,			
0648	.. agora			
0649	eu, particularmente,			
0650	.. e olha que eu ainda			olha
0651	não cheguei no ponto do ataque,			ataque
0652	eu tô no ponto da defesa,			tô no ponto
0653	porque eu já fui assaltado várias vezes,			
0654	eu tenho uma sorte,			
0655	eu sou um ímã			ímã
0656	pra esse tipo de coisa			coisa
0657	[Risos]			
0658	... mas--			
0659	[Mod Então você está sempre em estado de alerta--]			estado de alerta
0660	Tô sempre			
0661	em estado de alerta.			estado de alerta
0662	.. Por isso que eu acho			
0663	que eu falei			
0664	umas três ou quatro vezes			
0665	a questão da guerra civil,			
0666	porque meu estado			
0667	é de alerta.			alerta
0668	Mod E vocês, como vocês reagem em relação a isso --			
0669	Igor É assim,			
0670	eu discordo dele			
0671	no ponto da Guerra Civil.			no ponto
0672	Eu não acho que a gente			
0673	vai chegar num estado			chegar
0674	de guerra civil,			
0675	principalmente,			
0676	no que se compara a Israel,			
0677	Iraque,			
0678	Bagdá,			
0679	coisa e tal,			
0680	eu acho que não vai chegar			chegar
0681	até esse ponto,			até esse ponto
0682	porque eu vejo a sociedade			vejo
0683	no momento,			
0684	como muito passiva,			passiva
0685	assim,			
0686	ela não procura outras coisa,			coisa
0687	se procura assim meios pra			meios
0688	... eficazes			

0689	pra combater		 combater
0690	isso mesmo,		
0691	ela procura		
0692	como se fosse um curativozinho		 curativozinho
0693	bem fraquinho,		
0694	não isso aqui é aqui,		
0695	isso é da localidade,		
0696	não é um negócio geral,		
0697	não é um investimento que há		
0698	.. pra conter isso		 conter
0699	de forma bem ampla,		 ampla
0700	tá entendendo?		
0701	Então,		
0702	não acho que vai chegar		
0703	na guerra civil		
0704	o que nós vivemos aqui.		 chegar
0705	Renato Eu concordo com ele,		
0706	eu queria falar		
0707	.. em relação a ele		
0708	é que,		
0709	paralelo a fase do ataque,		 ataque
0710	.. eu acho que tem		
0711	a fase do aceite,		 aceite
0712	e é como a gente tá hoje,		
0713	todo mundo aceita		 aceita
0714	tudo que tá imposto aí,		
0715	a gente não tem nenhum mecanismo de defesa		 mecanismo de defesa
0716	mesmo de se defender,		 se defender
0717	bem,		
0718	então a gente tá aceitando.		 aceitando
0719	Como hoje,		
0720	o meu irmão,		
0721	.. ele é assaltado,		
0722	ele		
0723	.. <Q é macho toma Q>		
0724	you compra um celular,		
0725	you compra mais barato		
0726	que you sabe		
0727	que vai ser assaltado --		
0728	[Elisa ou tem o do ladrão]		
0729	Ou tem o do ladrão,		
0730	as mulheres têm		
0731	a bolsa do ladrão.		
0732	<X...X>		
0733	Isso é um aceite,		 aceite
0734	isso é you tá,		
0735	you aceita		 aceita
0736	que a violência		
0737	está lhe agredindo		 agredindo
0738	e		
0739	.. you não tem como		

0740 .. retornar
0741 ou se defender.
0742 **Elisa** Mudar a sua forma de amenizar-
0743 **Ana Livia** Você poder evitar
0744 o local
0745 uma vez,
0746 eu tava sem carro
0747 nessa época,
0748 eu evitava
0749 vir pelo terminal,
0750 porque eu achava
0751 que demorava mais
0752 e eu descia na Francisco Sá
0753 e ia até a Leste-Oeste
0754 a pé.
0755 Um dia,
0756 tava tendo jogo do Brasil,
0757 tava todo mundo trancado
0758 dentro das suas casa
0759 aí chegou
0760 dois caras de mobilete
0761 pararam do outro lado
0762 e um desceu
0763 e veio andando na minha direção.
0764 Só que não caiu a ficha
0765 que ia ser um assalto,
0766 .. aí ele perguntou,
0767 não sei o quê
0768 e eu ainda parei
0769 e perguntei o que é,
0770 porque eu achava
0771 que ele tava perguntando as horas
0772 e ele
0773 <Q é um assalto Q>
0774 só que ele falou muito baixo,
0775 aí foi que eu parei assim
0776 e me toquei
0777 <Q é um assalto Q>
0778 **[Risos]**
0779 Aí a minha reação
0780 foi o que eu não deveria ter feito,
0781 eu saí correndo,
0782 eu lembrei que tinha uma
0783 .. uma
0784 ... lanchonete próximo
0785 e eu disse
0786 <Q dá tempo de correr até a lanchonete Q>
0787 e eu saí correndo
0788 quando eu cheguei na lanchonete
0789 disseram pra mim
0790 <Q ele tava com um revólver

retornar
se defender

amenizar

nessa

trancado
dentro das suas casa

caiu a ficha

me toquei

0791 apontado pra ti Q>
0792 e isso,
0793 quando eu comecei a correr,
0794 eu olhei pra trás
0795 e vi realmente
0796 ele segurando uma coisa,
0797 quando eu comecei a correr,
0798 eu disse
0799 <Q não adianta mais parar Q>
0800 e eu pensei
0801 <Q se eu parar,
0802 ele vai atirar,
0803 .. se eu correr,
0804 ele também atira Q>.
0805 Eu sei que eu continuei correndo
0806 só que eu comecei a gritar,
0807 então,
0808 a rua lotou de gente
0809 [Risos]
0810 e ele fugiu.
0811 Então,
0812 .. eu nunca mais andei assim
0813 por esse espaço assim,
0814 de dia
0815 eu ainda ando,
0816 mas a noite,
0817 eu nunca mais andei.
0818 E a questão do carro né?
0819 sempre
0820 .. eu nunca fui assaltada em sinal.
0821 Mas eu nunca paro em sinal.
0822 **Mod** Vocês acham que, com essa situação de violência, alguns
grupos dessa sociedade são mais afetados do que outros? Ou vocês
acham que é geral, é igual pra todo mundo?
0823 **Vânia** Geral.
0824 Eu acredito que seja geral.
0825 Porque
0826 .. depende de onde é
0827 que você está.
0828 Se você sabe
0829 que é a avenida mais perigosa,
0830 apesar de ser inevitável
0831 você ter que passar lá,
0832 deve haver alguma forma,
0833 nem que seja
0834 ... pequena,
0835 de você amenizar
0836 que você seja violentado,
0837 receba esse tipo de violência
0838 como o
0839 .. ah,

 a rua lotou de gente

 sinal-
 sinal-
 T: Sociedade e Grupos Sociais

 afetados

 forma

 amenizar

 receba

0840 eu me esqueci,
0841 mas é ali
0842 no cruzamento da Raul Barbosa
0843 ... Luciano Carneiro,
0844 eu acho que ali
0845 normalmente,
0846 diz que ali
0847 é uma avenida muito
0848 ... movimentada
0849 de assaltos.

0850 [Risos]

0851 Mod Mas a questão é se alguns grupos são mais afetados do que os outros? Você acha que não? Tá. Você falou que--? Não, que é uma questão de --

0852 Vânia Eu falei sim

0853 Sim,

0854 eu falei sim.

0855 Mod Ah é? Que é geral, tá, tá.

0856 Vânia É que é geral

0857 E eu até acredito

0858 que as pessoas

0859 que têm mais posses

0860 e certos status

0861 são até

0862 mais procuradas

0863 que as que não têm.

0864 Eu digo lá em casa,

0865 lá perto de casa

0866 é

0867 ... era altamente calmo

0868 chegou a favela do gato morto.

0869 [Mateus Mora por ali?]

0870 Não, não,

0871 eu não moro por ali,

0872 eu moro perto da Cidade dos Funcionários,

0873 só que fizeram o favor de colocar lá,

0874 uma parte ,

0875 ainda tá lá,

0876 enfim,

0877 e

0878 ... depois,

0879 você não podia andar a pé

0880 porque você era assaltado.

0881 Tudo bem,

0882 ninguém andava com bolsa,

0883 ninguém andava,

0884 todo mundo com as coisas

0885 no bolso da calça

0886 e é escondida

0887 as coisas ainda,

0888 depois que

 movimentada

 afetados

  calmo

 chegou

 colocar

 T: Mudança Comportamental

0889 ...dos acidentes,
0890 os ladrões perceberam
0891 que ninguém andava com mais nada de valor
0892 [Mod Hunrum!]
0893 E deixaram de assaltar as pessoas a pé
0894 e passaram a assaltar os carros,
0895 ... eles
0896 ... eles
0897 ... é
0898 entravam dentro do veículos
0899 de cinco a seis meninos,
0900 pixotes mesmo,
0901 .. entre dez a quinze,
0902 dezesseis anos,
0903 no máximo,
0904 alguns,
0905 alguns adultos apareciam,
0906 mas outros, não
0907 e arrombavam os carros.
0908 E era tipo,
0909 .. era assalto
0910 em uma semana tinha de
0911 .. de
0912 pelo menos de doze assaltos,
0913 no mínimo
0914 .. é,
0915 e às vezes,
0916 em torno de oito
0917 durante um dia.
0918 ... (2.0) E lá é um local
0919 que tem duas saídas
0920 ... então,
0921 de certa forma,
0922 facilitava para eles
0923 que fechavam tudo
0924 e ficavam assim
0925 piorando.
0926 ... Chegou um tempo
0927 que as pessoas não estavam mais
0928 levando coisas de valor no carro
0929 o que é que eles fizeram?
0930 De tanta raiva começaram a apedrejar os carros,
0931 pegava aquelas pedras de calçamento
0932 e jogava
0933 .. pra ver se parava
0934 e,
0935 na marra,
0936 pegava o som do carro,
0937 pegava assim
0938 ... alguma coisa que tinha dentro carro,
0939 já que não conseguia mais pegar


 passaram
 no máximo~
 pelo menos
 no mínimo
 em torno de
 chegou

0940 nada do usuário.
 0941 Hoje em dia,
 0942 Já não acontece nada,
 0943 porque tem uma segurança particular
 0944 que não só os condomínios,
 0945 mas todos os moradores
 0946 e os mercadinhos próximos pagam.
 0947 Mas até
 0948 .. esse processo de segurança,
 0949 a gente passou por uma certa
 0950 é
 0951 ... evolução de assaltos,
 0952 é
 0953 .. monstruoso
 0954 e aquilo ali para mim
 0955 só serviu
 0956 pra mim ter como base
 0957 em outros lugares,
 0958 porque outras pessoas falavam
 0959 e eu não tinha aquela realidade,
 0960 porque eu não vivia aquela realidade,
 0961 eu não tinha aquela preocupação,
 0962 porque eu não vivia aquela preocupação,
 0963 .. e nos condomínios,
 0964 moravam justamente
 0965 aquelas pessoas
 0966 de classe baixa,
 0967 que são as favelas,
 0968 alguns conjuntinhos mais simples,
 0969 e de classe média à alta,
 0970 porque,
 0971 apesar de ser um conjunto muito simples,
 0972 havia pessoas de muitas posses
 0973 que preferiam morar ali
 0974 pra não chamar muita atenção.
 0975 Tá entendendo?
 0976 Por isso que eu digo
 0977 que é geral.
 0978 **Mod** Mas todo mundo concorda com ela, que todos são afetados?
 0979 **Mateus** Só assim
 0980 colocando uma coisa
 0981 que ela falou
 0982 que realmente
 0983 eu,
 0984 particularmente,
 0985 vejo
 0986 como um dos maiores problemas da
 0987 ... da
 0988 ... do Brasil.
 0989 Nós pagamos pelas nossas garantias individuais,
 0990 garantidas na constituição,



0991	por exemplo,	
0992	quando foi	
0993	que o problema de lá foi resolvido?	
0994	Entre aspas,	
0995	foi amenizado?	 amenizado
0996	.. Quando foi-se pago segurança particular né?	
0997	Quando que nós temos acesso	 acesso
0998	a educação verdadeira	
0999	que nos prepara pra concurso ?	
1000	A gente paga.	
1001	Quando nós pagamos concurso caro,	
1002	não é barato,	
1003	é muito caro.	
1004	Quando que nós podemos ter	
1005	uma dieta equilibrada?	 equilibrada
1006	Quando a gente paga	
1007	... quando	
1008	... tudo que a gente precisa,	
1009	a gente tem que pagar:	
1010	lazer,	
1011	tudo,	
1012	a gente tem que pagar	
1013	e são coisas que,	 coisas-
1014	teoricamente né,	
1015	são garantidas.	
1016	Renato Assim,	 T: Sociedade e Grupos Sociais
1017	voltando a questão de	
1018	se a violência é sentida por toda sociedade,	 voltando
1019	[Mod Sim]	 sentida
1020	Assim	
1021	... a violência em geral,	
1022	... a violência em geral	
1023	é geral né?	
1024	A violência mesmo	
1025	é geral,	
1026	mas, em cada--	
1027	[Mod Mas alguns grupos correm menos riscos que os outros?]	 correm menos riscos
1028	Não, assim,	
1029	os grupos,	
1030	.. eles têm	
1031	a sua parcela de violência diferente,	 parcela
1032	porque pessoas menos	
1033	favorecidas,	
1034	com menos recursos,	
1035	elas não têm medo de ser assaltada,	
1036	.. mas a violência lá	
1037	é diferente.	
1038	O assassinato	
1039	é mais banal	
1040	ou a violência física	

1041	é mais recorrente,	
1042	enquanto parcelas	 parcelas
1043	mais favorecidas	
1044	têm a	
1045	.. violência diferente,	
1046	a violência do assalto,	 protege
1047	a violência que ela se protege	
1048	de uma forma melhor	
1049	tem uma melhor proteção,	 proteção
1050	mesmo podendo pagar	
1051	ou não	
1052	... assim,	
1053	a violência	
1054	tá presente em todos os grupos,	 presente~
1055	mas são violências diferentes.	
1056	Mod Há formas diferentes de violência.	 formas
1057	Mateus Necessidades diferentes.	
1058	Ana Livia E assim né?	
1059	Só assim pra fechar aqui a questão	 fechar
1060	de que antes você via a violência só aqui,	 antes~
1061	na capital,	
1062	hoje em dia,	
1063	nem o interior mais escapa, né? --	 escapa
1064	Mateus Mas o interior	
1065	é uma estratégia.	
1066	Porque o interior,	
1067	ele é menos investido de segurança,	
1068	tanto particular como pública --	
1069	Ana Livia Não,	 T: Mudança Comportamental
1070	mas antigamente,	
1071	o interior era um lugar tranquilo.	
1072	Você sentava na calçada,	 sentava na calçada~
1073	você	
1074	.. ficava brincando.	
1075	Eu lembro que,	
1076	quando era criança,	
1077	quando eu ia pro interior da minha mãe,	
1078	eu ficava até meia-noite	 até
1079	com os meus primos brincando.	
1080	Hoje em dia,	
1081	você não pode mais fazer isso.	
1082	Mod O que você acabou de dizer que eu não peguei?	 T: Tipos de violência  acabou
1083	Mateus É que,	
1084	hoje em dia,	
1085	no interior,	 no
1086	é uma piada.	
1087	Você tá na calçada,	 tá na calçada
1088	você é feito de refém --	 refém
1089	[Mod No interior?]	
1090	No interior.	
1091	Porque assim,	

1092 devido à falta de assistência lá,
 1093 é
 1094 ... é
 1095 ... o assalto a banco
 1096 é moda no interior
 1097 [Mod Sim, sim, sim.]
 1098 Porque a segurança particular
 1099 é falha,
 1100 entre aspas,
 1101 porque
 1102 é distante,
 1103 é muito dispendiosa,
 1104 por isso então,
 1105 eles falam
 1106 interior,
 1107 vem logo a noção de que é calmo --
 1108 **Elisa** Antes, assim
 1109 o que eu ouvia falar
 1110 de violência
 1111 no interior,
 1112 também era muito
 1113 .. em relação a político
 1114 que era muito forte,
 1115 mais assim né,
 1116 já questão de política --
 1117 **Ana Livia** Mas assim,
 1118 a questão assim,
 1119 as pessoas brincavam na rua.
 1120 Eu não sei mais hoje em dia,
 1121 nem a criança mais pode fazer isso.
 1122 **Elisa** Mas antes existia,
 1123 mas mais na política,
 1124 na questão dos adversários
 1125 e hoje em dia não,
 1126 já têm as outras
 1127 ... formas.
 1128 **Igor** Em relação ao interior,
 1129 eu moro no interior,
 1130 em Pindoretama.
 1131 E lá
 1132 onde eu moro
 1133 não é na cidade mesmo,
 1134 é num sítio mais afastado,
 1135 e assim
 1136 quando a gente
 1137 .. foi morar lá,
 1138 a casa era só de veraneio,
 1139 ou seja,
 1140 a gente ia só passar o fim de semana
 1141 e depois,
 1142 decidimos morar lá.

  vem
  antes~

  no

  forte

 T: Mudança Comportamental

  T: Tipos de violência  antes~

  adversários

  formas

 T: Mudança Comportamenta

  na
  afastado

  passar
  depois

1143 Então a casa é
1144 .. ela é cercada,
1145 não por muro,
1146 mas com aquele arame farpado tipo
1147 dá pra você
1148 .. pra pular,
1149 se quiser,
1150 e assim,
1151 .. depois que a violência começou a chegar por lá
1152 que agente diz assim,
1153 como ela falou,
1154 .. é começou a chegar por lá,
1155 a minha mãe começou
1156 a ficar muito preocupada
1157 <Q Márcio Q>,
1158 é meu pai,
1159 <Q vamos aumentar o muro,
1160 não sei o que Q>.
1161 E meu pai,
1162 <Q não,
1163 vai perder toda a beleza da casa,
1164 não sei o que,
1165 e não sei o que Q>,
1166 e aí
1167 meu pai chamou um tio meu,
1168 e aí
1169 meu tio começou a construir uma casa lá perto,
1170 e aí
1171 o meu tio,
1172 ele já construiu uma casa cheio de grade,
1173 com muro alto
1174 e não sei o quê
1175 como se ele tivesse criando um presídio pra ele morar,
1176 sabe?
1177 E meu pai nunca
1178 é
1179 ... lá nunca foi assaltado,
1180 nada disso,
1181 lá perto,
1182 então meu pai,
1183 ele se confia muito nisso
1184 <Q ah! Mas aqui nunca foi
1185 e não sei o quê Q>.
1186 Mas o que foi que mudou a nossa rotina?
1187 Lá,
1188 antes da gente chegar,
1189 se deixava todas as janelas abertas,
1190 porque é muito ventilado,
1191 e nós,
1192 agora o que é que fazemos?
1193 Agora,

 começou a chegar por lá começou a chegar por lá grade presídio antes~

1194 quando a gente chega,
 1195 a gente tranca todas as portas,
 1196 todas as janelas,
 1197 .. ninguém vê mais nada,
 1198 ninguém sai par ir
 1199 ...quando a gente chega,
 1200 à noite,
 1201 a gente não fica acordado até tarde em casa,
 1202 a gente dorme logo dez horas,
 1203 sabe?
 1204 Então,
 1205 a rotina da gente mudou muito, sabe?
 1206 a gente pra sair para pegar a toalha na varanda
 1207 pra tomar um banho
 1208 tem que abrir,
 1209 ver,
 1210 porque,
 1211 como é escuro,
 1212 então,
 1213 a gente fica meio receoso
 1214 de ter alguém escondido atrás da árvore,
 1215 então a gente pega,
 1216 entra,
 1217 sabe assim?
 1218 [Mod E Pindoretama é perto de Fortaleza?]
 1219 São 50 km de fortaleza.
 1220 [Mod E você faz isso todo dia? Essa viagem?]
 1221 Todo dia.
 1222 Mod Hum! Gente, com relação a daqui pra frente, vocês acham
 que as coisas vão, podem melhorar? Eu não posso perguntar a ele
 né?
 1223 Igor É , ele já respondeu.
 1224 Ana Livia Acho que
 1225 depende muito assim
 1226 de duas políticas públicas,
 1227 questão mesmo da educação,
 1228 assim
 1229 .. eu acho
 1230 .. se
 1231 é
 1232 .. desde de criança,
 1233 as pessoas fossem mais bem preparadas né?
 1234 A questão da educação,
 1235 teria mais condição de melhorar um pouco,
 1236 assim,
 1237 pode parecer utópico,
 1238 mas assim
 1239 eu acredito
 1240 que se tivesse um pouquinho mais de boa vontade,
 1241 as coisas melhorariam.
 1242 Mod O que você acha?







 tranca

sai

até



 T: Ações do governo  a daqui
 coisas~


 coisas~

1243	Elisa	Eu acredito que é bem difícil	
1244		melhorar,	
1245		mas dá,	
1246		dá pra amenizar	 amenizar
1247		um pouco,	
1248		mas	
1249		tem até aí o Ronda né?	 até aí
1250		Que tem lá as suas falhas,	
1251		mas	
1252		tipo,	
1253		programas como esse né?	
1254		[Mod Sim.]	
1255		Tem que fazer alguma coisa né?	
1256		Não	
1257		.. só fazer como o policial faz todo dia né?	
1258		Dá aquele aviso,	
1259		<Q olha, vamos	
1260		.. procurar não ser assaltado,	
1261		feche os vidros dos seus carros Q>,	 feche os vidros-
1262		não é bem assim não é?	
1263		Procurar fazer o--	
1264	Ana Livia	E é a questão né?	
1265		Se quando eles forem pegos né?	 pegos
1266		tivesse um programa dentro dos presídios	
1267		que fizesse eles ficar ocupados.	
1268		Alguma coisa,	 coisa
1269		curso profissionalizantes,	
1270		alguma coisa que	 coisa
1271		.. desse subsídios a eles	
1272		que quando eles saíssem de lá,	
1273		algo que tivesse,	
1274		.. algum apoio psicológico	 apoio
1275		que fizesse com que ele saísse do presídio	
1276		saísse cidadãos	
1277		e não a questão que	
1278		quando eles ficam lá,	
1279		eles ficam apanhando	
1280		e quando eles saem,	
1281		saem pior.	
1282	Mod	Vamos tentar pensar nas reações das pessoas. Vocês acham que deveria ser alguma coisa diferente do que têm sido?	 T: Mudança Comportamental
1283	Vânia	Com certeza.	 coisa
1284		Principalmente,	T: Sociedade e Grupos Sociais
1285		em relação ao que foi dito algumas vezes,	
1286		o preconceito.	
1287		O presidiário,	
1288		se for atrás de emprego,	 for atrás
1289		não vai conseguir emprego com facilidade.	
1290		[Mateus Não vai mesmo.]	
1291		E se conseguir,	
1292		vai ser pedreiro,	

1293 marceneiro,
1294 ele não vai ter condições de querer ser um
1295 ... um universitário.
1296 Não é porque ele não tenha capacidades,
1297 ele até tem mais do que
1298 muitas vezes
1299 os alunos que têm na faculdade,
1300 porque tem mais experiência de mundo,
1301 então, ele vai dar mais valor
1302 àquilo que ele tá vendo,
1303 mas,
1304 porque as pessoas vão se afastar
1305 e ele já tá cheio de indiferença,
1306 porque já teve isso no presídio,
1307 e já teve antes no bairro onde ele vivia,
1308 na favela onde ele vivia,
1309 então,
1310 ah!
1311 Porque assim,
1312 era assaltante,
1313 desrespeita a pessoa por medo
1314 e não porque ela é uma pessoa
1315 ... eu respeito ela
1316 porque eu conheço ela,
1317 um certo tempo
1318 e a considero minha amiga,
1319 e não por medo,
1320 aí já vai olhar essa pessoa
1321 com outro olhar.
1322 Será que ele já foi assaltado?
1323 Se acontecer alguma coisa na sala,
1324 se acontecer alguma coisa no lugar de,
1325 no trabalho,
1326 vão culpar ele
1327 porque foi ele que causou,
1328 por ser presidiário?
1329 **Mod** Então, então... na sua opinião, o que devia ser diferente com
relação a essa reação das pessoas?
1330 **Vânia** A consciência das pessoas
1331 realmente ah!
1332 assim é
1333 ... é
1334 ... as pessoas de um modo geral
1335 é
1336 .. agora vou ser
1337 é
1338 ... extremamente utópico
1339 o que eu vou falar,
1340 .. mas
1341 ... é
1342 ... que as pessoas é

 dar mais valor cheio antes~ olhar coisa coisa T: Mudança Comportamental extremamente

1343 ... que se dizem civilizadas,
1344 que se dizem instruídas,
1345 mestres ,
1346 doutores,
1347 não importa o que seja,
1348 é
1349 .. fizesse por onde,
1350 é
1351 .. realmente se comportasse como,
1352 porque se uma pessoa diz que é civilizada
1353 é porque aquela pessoa tem consciência
1354 de que aquela pessoa,
1355 independente do que ela é,
1356 ela tem o mesmo direito que você
1357 em qualquer coisa
1358 .. que a constituição,
1359 é
1360 .. independente de você ser um presidiário
1361 ou não,
1362 você tem a mesma possibilidade de vida,
1363 a mesma dignidade,
1364 pelo menos era pra ter,
1365 como qualquer um,
1366 como de nós aqui,
1367 .. quando na realidade
1368 vai ser o contrário,
1369 ou seja,
1370 se a consciência das pessoas,
1371 essas pessoas que se dizem instruídas,
1372 tivessem mais é
1373 .. é
1374 .. disponibilidade e boa vontade
1375 para com a sociedade
1376 e para com os mais próximos
1377 .. reconhecer a pessoa pelo que é
1378 e não pelo que ela foi--
1379 **Mod Entendi.**
1380 **Igor** Eu vejo a sociedade
1381 muito hipócrita,
1382 como ela falou aí,
1383 é
1384 ...as pessoas civilizadas,
1385 as pessoas instruídas
1386 só tem nome,
1387 porque,
1388 no sentido pleno da palavra,
1389 elas não são,
1390 ..porque elas são preconceituosas,
1391 mas ninguém quer mostrar
1392 que é preconceituoso.
1393 Se você for perguntar,

 T: Sociedade e Grupos Sociais coisa próximos vejo

1394 se você for fazer um estudo,
 1395 uma pesquisa,
 1396 sei lá,
 1397 com várias pessoas,
 1398 a maioria vai dizer
 1399 <Q Não.
 1400 Eu tenho nenhum preconceito, não,
 1401 eu não sei o que, eu não sou preconceituoso Q>
 1402 Porque se a pessoa disser,
 1403 você vai bater aquilo ali.
 1404 As pessoas nem se quer pensam,
 1405 tipo
 1406 tem muita pessoa
 1407 que é preconceituosa contra homossexuais--
 1408 [Mod Negros]
 1409 Negros
 1410 contra
 1411 .. sei lá,
 1412 ex- presidiários,
 1413 e se você questionar,
 1414 eles não vão saber,
 1415 porque eles já têm uma ideia fixa
 1416 sobre aquilo,
 1417 e pra quebrar essa ideia fixa
 1418 ... leva muito tempo ,
 1419 requer muito da pessoa também.
 1420 Então,
 1421 eu vejo que
 1422 a questão da educação
 1423 é o fator principal
 1424 e que ainda tem outros fatores,
 1425 ..públicos,
 1426 em relação à segurança
 1427 que influenciam isso,
 1428 porque se ela partir de um momento,
 1429 sei lá,
 1430 que eu tenho um filho
 1431 e eu não educar o meu filho pra ele,
 1432 ah
 1433 ..pra ele analisar de forma consciente
 1434 o que as pessoas têm de preconceito,
 1435 tá entendendo?
 1436 Ele vai pegar as idéias
 1437 que estão pré-estabelecidas
 1438 e vai só
 1439 ..vai empurrando a vida--
 1440 [Mod Vai adiante--]
 1441 Vai adiante
 1442 e nunca isso vai ser quebrado.
 1443 Então eu acho que a educação
 1444 é que seria o norte,



 bater



 fixa




 quebrar



 leva


 T: Ações do governo



 vejo



 partir de


 T: Mudança Comportamental



 pegar



 empurrando



 Vai adiante



 Vai adiante



 quebrado



 norte

1445 ..primeiro,
1446 pra
1447 começar a mudar isso aí,
1448 mas eu acho meio utópico,
1449 também eu sou muito descrente em relação a isso.

1450 Mod O quê que os outros acham?

1451 Ana Livia É como assim

1452 ..agora eu vivi uma situação parecida que
1453 agora eu tô fazendo um estágio,
1454 trabalhando com um aluno
1455 que ele é ex-dependente químico,
1456 ele tá fazendo tratamento
1457 e apareceu um outro aluno lá um dia
1458 drogado,
1459 quando eu saí pra ir na sala dos professores,
1460 ah,
1461 tinha um aluno drogado
1462 todo mundo,
1463 um dos professores disse logo assim
1464 <Q Ah! É o Tiago Q>
1465 Aí a gente disse
1466 <Q Não. Não é o Tiago, era outro.Q>
1467 Por quê?
1468 Só porque o menino tá fazendo tratamento,
1469 porque ele já foi,
1470 porque ele já usou,
1471 aí no dia que disseram
1472 <Q tinha um drogado na sala Q>,
1473 todo mundo colocou
1474 <Q não, deve ter sido o Tiago Q>,
1475 só que não era o Tiago.

1476 Mateus <X ... X>

1477 Mod É ...Renato?--

1478 Igor Eu posso só fazer um comentário?

1479 Mod Aham

1480 Igor Uma vez,
1481 eu assisti um documentário que
1482 ... faz tanto tempo
1483 que eu não lembro,
1484 mas assim,
1485 ..o que eu captei desse documentário
1486 é que
1487 um ex presidiário,
1488 assim,
1489 ele foi preso injustamente,
1490 passou dois meses e saiu,
1491 depois disso,
1492 a vida dele acabou completamente,
1493 porque ele não arranjava emprego
1494 e ele nunca tinha feito nada,
1495 ele foi preso injustamente,

 T: Sociedade e Grupos Sociais

  colocou

  captei

  passou

  acabou

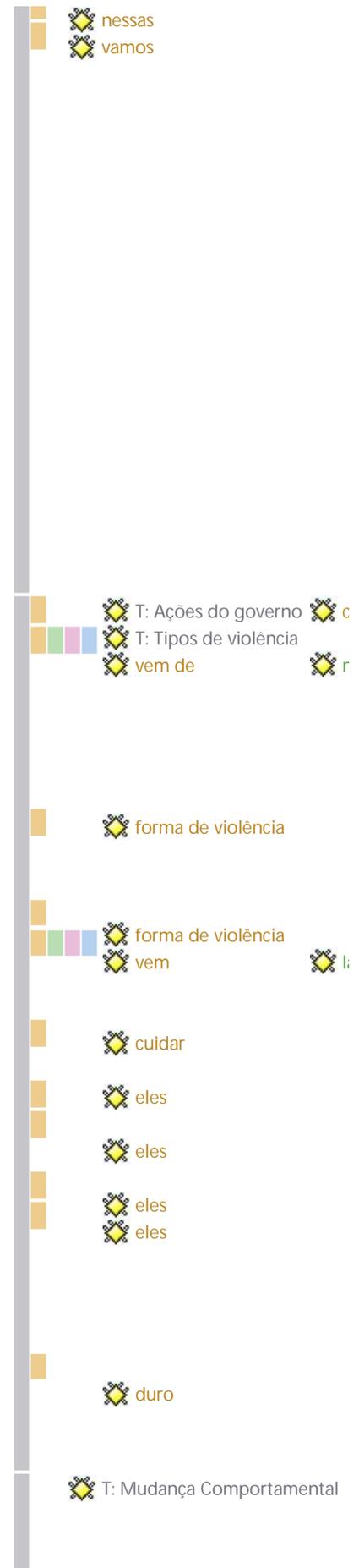
1496 mas
 1497 pelo fato de ele ter passado dois meses na cadeia,
 1498 ele não arranhou mais nada.
 1499 [Mod Muito difícil.]
 1500 E ele é visto como assaltante,
 1501 como assassino,
 1502 como band--,
 1503 embora ele não tenha feito nada,
 1504 porque pra você tirar isso da cabeça das pessoas,
 1505 esse preconceito,
 1506 ... pronto
 1507 ..não vai,
 1508 não vai.

1509 Renato Além da educação
 1510 e do fator preconceito,
 1511 o que a sociedade tem que mudar também,
 1512 .. para amenizar a violência,
 1513 é justamente a questão de a sociedade ter aceitado
 1514 o que está acontecendo.
 1515 E a sociedade tem que cobrar,
 1516 tem que ir à luta,
 1517 não a luta no sentido de lutar,
 1518 de violência,
 1519 ...de gerar violência,
 1520 a luta assim de cobrar seus direitos,
 1521 porque a gente tem até exemplos positivos,
 1522 como o caso da Itália,
 1523 onde a máfia dominava
 1524 e que desarticularam
 1525 e que agora tá muito melhor,
 1526 que tem esses positivos,
 1527 mas pra isso,
 1528 a gente tem que cobrar dos políticos
 1529 é
 1530 ..tem de cobrar entre nós mesmos
 1531 que as pessoas sejam mais honestas,
 1532 e tal.
 1533 Tem que ser cobrado o que tá posto,
 1534 que é questionável.

1535 Elisa Só que eu concordo realmente
 1536 ... com todos né?
 1537 Na verdade.
 1538 É
 1539 ..realmente a reação tem que ser essa.
 1540 As pessoas têm que ser mais participativas né?
 1541 Se reunirem mais né?
 1542 Vamos atrás disso.
 1543 Esse canto tá sendo muito assaltado,
 1544 é
 1545 .. vamos ver como é que a gente resolve isso.
 1546 Cadê o Ronda nessas horas, entendeu?



1547 Vamos saber porque que não tá resolvendo,
 1548 então é essa a questão,
 1549 assim,
 1550 .. usar de tudo que a gente tem,
 1551 como internet,
 1552 essas coisas
 1553 pra se comunicar
 1554 e ser mais participativo, né?
 1555 O cidadão exercer é
 1556 ..realmente a sua função.
 1557 **Igor** Eu sou muito descrente, assim,
 1558 em relação à sociedade,
 1559 demais, demais.
 1560 Em relação a isso que ele falou,
 1561 o que eu ressalvo é
 1562 .. se nós,
 1563 nós não termos a iniciativa de nos reunirmos para,
 1564 é
 1565 ... sei lá,
 1566 obtermos alguma coisa do poder público,
 1567 porque o mal vem de lá,
 1568 tá me entendendo?
 1569 Pra mim a corrupção,
 1570 é
 1571 ...essas mentiras,
 1572 esses roubos que acontecem lá
 1573 é uma forma de violência,
 1574 claro,
 1575 não uma violência física,
 1576 mas é uma forma de violência
 1577 que se já vem lá de cima
 1578 da administração pública ,
 1579 o que é que eu vou pedir pra eles
 1580 pra cuidar dos problemas sociais?
 1581 [**Mod Sim.**]
 1582 Eles não vão poder fazer nada,
 1583 porque eles têm que melhorar primeiro eles
 1584 pra depois
 1585 eles poderem agir na sociedade.
 1586 Enquanto eles continuarem roubando e
 1587 ... sendo corruptos,
 1588 claro que não são todos, né?
 1589 Mas,
 1590 é
 1591 ...duro de acreditar.
 1592 [confusão de falas]
 1593 [**Mateus Rapidinho.**]
 1594 **Mod Sim.**
 1595 **Mateus** Ele deu a resposta exata do problema,
 1596 ele deu a resposta
 1597 e ele deu o porquê.

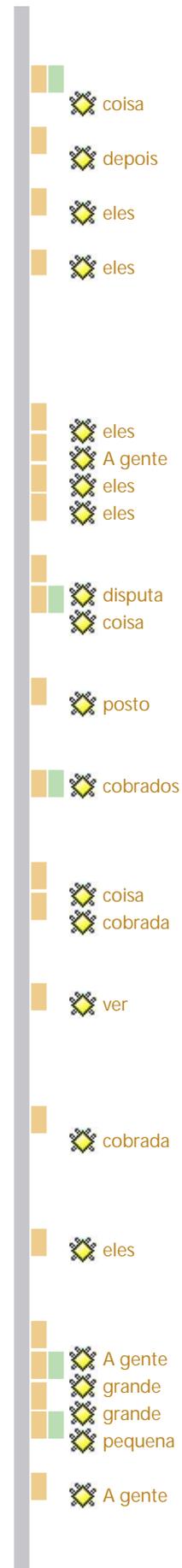


1598	Ele deu a resposta que seria,		
1599	o correto seria,		
1600	nós lutarmos por nossos direitos,		 lutarmos
1601	mas ele deu também o porquê		
1602	que a gente não faz isso,		
1603	porque ele falou,		
1604	porque nós somos acomodados,		 acomodados
1605	porque a gente aceita,		 aceita
1606	.. então,		
1607	.. aqui a gente tá falando muito do dever ser,		
1608	.. a realidade é totalmente diferente.		
1609	Igor Mas, eu posso fazer uma pergunta?		
1610	Se eu		
1611	a partir do momento,		 a partir do
1612	se nós a partir desse momento,		
1613	formos lutar pelos nossos direitos,		 a partir desse
1614	you tem alguma esperança de conseguir?		 lutar
1615	Porque na sociedade que nós vivemos,		
1616	eu não tenho esperança de conseguir		
1617	uma segurança pública eficaz,		
1618	de que eu não vou precisar mais		
1619	do meu segurança particular,		
1620	.. tá entendendo?		
1621	Vânia Tem que fazer muito barulho,		
1622	muito barulho,		 barulho~
1623	mas muito barulho mesmo--		 barulho~
1624	Igor É essa a questão que eu tô colocando		 barulho~
1625	Mateus Quando você perde a esperança,		 colocando
1626	você perde a essência,		 perde
1627	você perde a alma		 perde
1628	.. do próprio sentido de existir--		 alma
1629	Elisa Com certeza,		
1630	é		
1631	... como ele tá dizendo,		
1632	é acomodar,		 acomodar
1633	a gente pode até		
1634	... não ter grandes esperanças,		
1635	mas também,		
1636	se a gente não tentar,		
1637	como é que a gente vai saber		
1638	se dá certo?		
1639	É --		
1640	Todos Isso é verdade--		
1641	Elisa Você tem que tentar,		
1642	só de pensar no quanto é difícil,		
1643	a gente já desiste.		
1644	Mod Vocês acham que, apesar de tudo, né? Como ele falou, assim, da sociedade brasileira, que o que está errado já começa lá de cima, tudo mais, mas assim mesmo, vocês acham que o governo está fazendo alguma coisa?		 T: Ações do governo
1645	Igor Tá tentando...		 lá de cima
			 lá

1646 Mod Tá tentando?
 1647 Igor Tá tentando.
 1648 ... Eu tiro pelo Ronda,
 1649 que antes não tinha
 1650 e que pelo que eu vi
 1651 já melhorou alguma coisa em alguns locais-
 1652 [Elisa Querendo ou não, inibe.]
 1653 Querendo ou não, inibe.
 1654 Agora assim,
 1655 teve um comentário
 1656 de um policial do Ronda
 1657 que ele fez na minha sala,
 1658 .. na minha sala de Direito,
 1659 que eu fiquei assim,
 1660 meu Deus,
 1661 como é que
 1662 .. se pelo menos ele ficasse calado na dele,
 1663 ele chegou pra falar,
 1664 foi aula de penal
 1665 e ele chegou pra falar
 1666 ... <Q Muito do que a gente faz ,
 1667 professor,
 1668 na nossa profissão,
 1669 é pegar menininha Q>.
 1670 [Mod Ave Maria!]
 1671 E todo mundo na sala começou a rir
 1672 e eu fiquei
 1673 ... todo mundo começou a rir.
 1674 Por aí você tira
 1675 que as pessoas não estão nem aí,
 1676 tá entendendo?
 1677 [confusão de falas]
 1678 Acham engraçado.
 1679 Tá entendendo?
 1680 Vânia Isso é uma violência.
 1681 Mod Vocês acham que o governo, ele quer que as pessoas ajam de
 maneira diferente do que elas estão agindo? Estão sinalizando isso
 ou não?
 1682 Vânia É aquele ditado
 1683 <Q faça o que eu digo,
 1684 mas não faça o que eu faço Q>.
 1685 Eles querem que
 1686 a gente tenha uma atitude diferente,
 1687 mas também,
 1688 eles não dão oportunidade
 1689 pra gente fazer algo diferente,
 1690 dificulta de toda forma
 1691 a gente de fazer algo diferente
 1692 e conscientiza
 1693 .. de uma forma,
 1694 também,



1695 um tanto quanto esquisita,
 1696 pela mídia,
 1697 a gente tentar fazer alguma coisa diferente
 1698 e não esperar que outra pessoa faça
 1699 pra depois você fazer.
 1700 **Elisa** Eu não acredito
 1701 que eles queiram
 1702 que a gente aja tão diferente não,
 1703 o que eles querem
 1704 é que se as coisas melhorem muito,
 1705 a gente,
 1706 entre aspas,
 1707 não precisaria dele,
 1708 eles iam prometer o quê pra gente?
 1709 Se a gente tivesse uma segurança boa,
 1710 o que é que eles vão prometer?
 1711 Se eles melhorarem a educação
 1712 ..é tipo como,
 1713 não teria tanto aquela disputa,
 1714 aquela coisa entre eles,
 1715 então,
 1716 o discurso mudaria muito, né?
 1717 Então mudar o que já está posto
 1718 é muito complicado--
 1719 **Renato** É óbvio
 1720 que eles não querem ser cobrados,
 1721 assim,
 1722 ..as pessoas
 1723 como estão fazendo alguma coisa,
 1724 a maioria não quer ser cobrada,
 1725 se não ela vai
 1726 [**Mod Sim --**]
 1727 ver
 1728 que tá fazendo errado,
 1729 então ela quer achar que tá certa,
 1730 mesmo que não esteja certo,
 1731 ela não quer ser cobrada,
 1732 porém,
 1733 pelo que a senhora tá falando,
 1734 como ele falou,
 1735 eles tem que mudar,
 1736 não são eles que mudam,
 1737 .. somos nós que mudamos eles,
 1738 a gente não precisa começar
 1739 de uma coisa grande,
 1740 um grande ato,
 1741 vamos começar de uma coisa pequena,
 1742 como votando bem,
 1743 .. a gente tem que votar bem
 1744 pra poder
 1745 é



1746	.. exigir,	
1747	se a gente souber em quem tá votando,	
1748	souber o que ele propôs,	
1749	pra poder exigir dele,	
1750	então a gente tem que se conscientizar,	
1751	também em pequenas coisas.	
1752	Mod É...acho que algumas pessoas já foram vítimas direta de violência, mas assim mesmo eu lanço a pergunta: você acha que há alguma possibilidade de experienciar pessoalmente um evento violento?	 
1753	Renato Sim.	
1754	Vânia Sim.	
1755	A qualquer hora ,	
1756	qualquer instante--	
1757	Renato A possibilidade é notória.	
1758	Elisa Eu queria até	
1759	..comentar	
1760	com relação a isso,	
1761	assim,	
1762	..diretamente	
1763	assim,	
1764	eu nunca sofri	
1765	nenhum tipo de violência,	
1766	mas o meu marido sim,	
1767	no trânsito.	
1768	E não como já foi colocado aqui,	 
1769	de um assaltante chegar e tal,	
1770	outro tipo de violência,	
1771	que ele	
1772	.. quase bateu no carro de um rapaz	
1773	e o rapaz simplesmente desceu do carro,	
1774	..nem olhou se tinha batido,	
1775	na verdade não bateu,	
1776	e	
1777	... deu um chute no carro dele,	
1778	e amassou o carro,	
1779	quer dizer,	
1780	não tinha prejuízo nenhum né?	
1781	Não tinha por que brigar	
1782	o rapaz nem olhou,	
1783	nem pro caro dele,	
1784	nem pro outro,	
1785	.. e já chutou,	
1786	quer dizer,	
1787	a própria população	
1788	já encontra meios de,	
1789	em vez de se comunicar né?	
1790	Já usa da violência,	
1791	então no trânsito,	
1792	é	
1793	tem acontecido muito isso sabe?	

1794	com ele sabe?	
1795	Descer com alguma ferramenta do carro	
1796	pra ameaçar.	
1797	Vânia Eu acredito que	
1798	somos ameaçados	 ameaçados
1799	quase que diariamente	
1800	por diversas situações e coisas,	 coisas~
1801	quando acontece algo	
1802	como um assalto,	
1803	ou então uma possível batida,	
1804	ou uma batida,	
1805	a gente usa esse fato como um	
1806	.. um, um	
1807	.. um lugar onde a gente possa extravasar,	 T: Mudança Comportamental 
1808	então,	
1809	.. você acaba sendo mais violento	 acaba
1810	do que aquela violência	
1811	que você recebeu,	 recebeu
1812	mas acumulou tanto	 acumulou
1813	e você não soube trabalhar aquilo	
1814	e não aceita,	 aceita
1815	justamente porque ninguém aceita ser criticado,	 aceita
1816	ninguém aceita ser apontado,	 aceita  apontado
1817	porque,	
1818	de certa forma rebaixa	 rebaixa
1819	.. que acaba passando de uma outra forma	 passando  acaba
1820	e violentando mais ainda a outra pessoa,	
1821	.. aí é um ciclo.	 ciclo
1822	Mod Pensando na questão das circunstâncias, dos locais e dos grupos da sociedade, vocês acham que se encaixam em um grupo de maior risco, pra ser uma vítima direta de violência?	 T: Sociedade e Grupos Sociais
1823	Vânia Eu acho que todo grupo é	 se encaixam
1824	é	 Maior
1825	.. é arriscado,	 arriscado
1826	depende da área onde você mora,	
1827	depende onde você anda,	
1828	... depende de como você anda,	
1829	[Risos]	
1830	porque você pode muito bem	
1831	andar numa Vila União,	 numa
1832	entrar e sair muito bem	 entrar
1833	sem acontecer nada,	
1834	se tiver realmente	
1835	trajado como eles.	 eles
1836	... Ou então se ele reconhecer você	 ele
1837	e saber que tá fazendo alguma coisa para eles,	
1838	para beneficiar eles.	 eles
1839	[Mod Aí eles te respeitam?]	 eles
1840	Aí eles respeitam.	 eles
1841	Aí eles assim,	 eles
1842	eu acho que	 eles

1843 ... de um modo geral,
 1844 as pessoas, de um modo geral,
 1845 elas agriDEM as outras
 1846 quando não conhecem aquilo,
 1847 quando a gente não tem o conhecimento
 1848 do que é
 1849 ... de algo desconhecido,
 1850 então assusta
 1851 e qualquer reação que você tenha
 1852 acaba sendo
 1853 .. exagerada,
 1854 e realmente
 1855 é uma forma de violência,
 1856 não importa qual seja ela,
 1857 verbal ou física
 1858 .. ou até mesmo psicológica,
 1859 mas quando você passa a conhecer
 1860 aquele meio,
 1861 aquelas pessoas,
 1862 você trata, trata
 1863 .. aquilo com normalidade,
 1864 é como o caso dos programas,
 1865 das novelas,
 1866 a gente já trata aquilo como normalidade,
 1867 a gente acha até estranho
 1868 quando isso não acontece na nossa vida,
 1869 na nossa realidade,
 1870 e faz alguma pra acontecer.
 1871 Minha mãe diz muito
 1872 é
 1873 ... quando,
 1874 por exemplo,
 1875 naquela história do Banco Central,
 1876 que fizeram o buraco,
 1877 <Q iih!
 1878 Daqui uns dias,
 1879 tão fazendo isso no Rio de Janeiro
 1880 e em São Paulo,
 1881 ou então,
 1882 quando é alguma que é de lá pra cá,
 1883 eles nem deveriam colocar na mídia,
 1884 daqui a pouco
 1885 eles vão tá fazendo a mesma coisa aqui Q>.
 1886 A minha mãe
 1887 sempre diz a mesma coisa,
 1888 sabe?
 1889 Então,
 1890 **Mod Com relação às preocupações de vocês, como por exemplo, a
 questão de você ter os seus direitos violados, principalmente os
 direitos humanos sendo violados, estarem sendo violados, na
 questão da violência urbana, o quê que vocês acham desta**

 agridem

 acaba

 T: Tipos de violência
  forma c

 T: Banalização da violência pela n

 Daqui uns dias

 colocar

 coisa

 coisa

 T: Sentimento de insegurança

questão? Por exemplo, vou tornar isso mais claro, você tem a sua integridade, por causa do seu trabalho honesto, que você consegue e tudo mais ... isso tudo, de uma hora pra outra, pode ser interrompido por causa de ato violento, então o que você acha desta questão, dos direitos humanos, não só da sua integridade física, mas também do seu patrimônio ou de pessoas que vocês conhecem? É difícil de dizer?

1891 **Vânia** Hum

1892 ... um pouco.

1893 [Risos]

1894 **Mod** Assim... como é que vocês se sentem? É a hora de extravasar, né? Como indivíduos que, de fato, estão, a todo o momento, podendo ser um alvo de violência?

1895 **Mateus** Mais ou menos

1896 a gente volta pra o que ele falou ali,

1897 que nós

1898 ... vivemos tão acostumados a,

1899 .. a aceitar

1900 de que não temos os nossos direitos

1901 que vamos chegar a uma questão

1902 que como você se sente

1903 sabendo que seus direitos

1904 estão sendo violados?

1905 Aí você faz aquela velha pergunta que <X...X>

1906 ninguém sabe,

1907 **Ana Lúvia** A questão é que

1908 toda vez que você vai comprar

1909 alguma coisa

1910 você fica pensando

1911 <Q eu vou comprar esse? Q>

1912 Se vai comprar um celular,

1913 você sempre fica pensando:

1914 <Q eu vou comprar esse?

1915 Ou vou comprar o outro?

1916 Será que se eu comprar,

1917 esse eu vou poder usufruir dele? Q>

1918 Porque,

1919 vai chegar no ponto que

1920 ...o meu irmão é um cara,

1921 assim,

1922 .. que ele tá pagando o terceiro celular,

1923 porque os dois primeiros foram roubados

1924 e tá pagando o terceiro

1925 que ele comprou agora,

1926 só que ele compra sempre os mais baratos,

1927 mas ele tá pagando

1928 dois celulares que ele não tá usando

1929 **Igor** Sempre quando eu vou fazer compras,

1930 eu penso nessa possibilidade,

1931 **Elisa** Além dessa mudança de rotina,

1932 assim,

 claro

 de uma hora pra outra
 interrompido

 extravasar

 alvo

 ali

 aceitar

 vamos chegar

 se sente~

 T: Mudança Comportamental

 chegar no ponto

 T: Mudança Comportamental

1933	com relação a compra,	
1934	não sei o quê,	
1935	.. eu acho que	
1936	.. tem também	
1937	a questão da revolta né?	  revolta
1938	Ou contra a pessoa	
1939	tanto de fazer justiça com as própria mãos	
1940	e mudar diretamente	
1941	a forma de agir né?	
1942	[Mod Claro.]	
1943	Não encontra um meio	  meio
1944	.. melhor	
1945	ou mais rápido de	
1946	.. conseguir o método eficaz	
1947	.. de contornar aquilo	  contornar
1948	e acaba	  acaba
1949	[Mod Se sente violado.]	  se sente~
1950	é	
1951	Renato Assim,	
1952	as pessoas	
1953	é,	
1954	.. voltando ao que	  voltando
1955	eu já falei várias vezes,	
1956	tão aceitando,	  aceitando
1957	tão na fase do aceite.	  fase do aceite
1958	.. Quando você para pra pensar,	
1959	isso é	
1960	.. como a violência é extremamente revoltante,	  extremamente
1961	você,	
1962	.. você,	
1963	como num assalto,	
1964	você trabalha pra conseguir aquilo	
1965	e vem alguém e lhe toma,	
1966	isso é extremamente revoltante,	
1967	só que você não consegue se revoltar,	  revoltar
1968	você não consegue extravasar essa revolta,	  revolta
1969	você aceita	  aceita
1970	.. você	
1971	engole toda aquela revolta,	  engole
1972	e fica preso em você	  preso em você
1973	e você acaba extravasando de uma forma diferente,	  extravasando
1974	em alguém que não tem nada a ver,	
1975	de outra forma,	
1976	.. então,	  forma
1977	Mateus Você sempre desconta em quem	  desconta
1978	.. provavelmente é mais fraco que você.	  fraco
1979	Renato É	
1980	Mod Certo. Mais uma pergunta agora. Posso dar um giro pra cá? Vocês acham gente, que há algum grupo na comunidade que tenha um ponto de vista diferente daquilo que nós temos discutido aqui a respeito da violência urbana, ou seja, tem gente que talvez não se	  T: Sociedade e Grupos Social   ponto de vista

Por exemplo, você mora...é tipo uma metonímia, você mora na Aldeota. Então, morar na Aldeota significa umas tantas outras coisas, não é? Do que morar, talvez, na Barra do Ceará. Então quer dizer, esses territórios podem também significar diferentes atitudes dos moradores de tais bairros.

- 2026 **Elisa** E sem falar que
 2027 assim,
 2028 às vezes não é só a questão de onde mora.
 2029 Porque é assim,
 2030 é
 2031 .. eu trabalhei na Habitafor,
 2032 aquele setor da Prefeitura de habitação e tal,
 2033 e assim,
 2034 o problema que a gente viu,
 2035 mesmo quando mudava de canto,
 2036 dava as casinhas e tal
 2037 e tipo assim,
 2038 tinha pessoas que se revoltavam com o seu vizinho,
 2039 por exemplo,
 2040 <Q ah,
 2041 ele tá morando aqui?
 2042 Aquele que faz confusão,
 2043 que deu um tiro em num sei quem, Q>
 2044 então,
 2045 é muito complicado pra eles,
 2046 porque aquilo persegue,
 2047 vamos dizer assim,
 2048 sempre vão morar próximos àquelas pessoas,
 2049 então,
 2050 .. pra eles é bem diferente do que pra gente,
 2051 uma coisa que eles meio que
 2052 .. não tem como fugir,
 2053 vamos dizer assim,
 2054 desse meio.
- 2055 **Mod** Alguém quer mais dizer alguma coisa? Não? Tá. Então, acho que a outra pergunta nesse respeito de ... Como é que a ameaça de violência se compara com outras ameaças que nós também temos que enfrentar na vida? Maior, menor risco? Maior probabilidade, menor probabilidade? Entre a violência e outras ameaças?
- 2056 **Renato** Como assim?
 2057 <X...X>
 2058 [Risos]
- 2059 **Mod** Entre a violência e outras ameaças. Como é que a ameaça de violência, estamos aqui falando sobre violência urbana, como é que essa ameaça se compara a outras ameaças que nós temos na vida? A gente tá sujeito a uma séria de outras coisas, né? Então, como é que isso se compara?
- 2060 **Mateus** Assim,
 2061 ... não sei se eu entendi bem
 2062 a pergunta,
 2063 não sei se vou responder a contento.

 aglomerados

 viu
 canto

 eles
 persegue

 A gente
 coisa
 fugir

 T: Sentimento de insegura

 Maior
 menor

 coisas~

 T: Outros tópicos

2064	[Mod Tá. Vamos ver]	
2065	Mas,	  ver
2066	... eu acredito que a ameaça da,	
2067	da violência,	
2068	você se torna ameaçado,	
2069	até de certa forma,	
2070	ameaça,	
2071	até de certa forma,	
2072	a sua própria saúde.	
2073	Porque quando você é ameaçado,	
2074	.. você vive tenso,	
2075	.. você tem uma disponibilidade maior,	  Maior
2076	obviamente,	
2077	de uma pressão alta,	
2078	ou quando você é assaltado	
2079	... eu até recebi um email	
2080	... cômico	
2081	... sobre as dez formas de,	
2082	de,	
2083	de	
2084	[Mod Se executar um assalto?]	
2085	Não,	
2086	de driblar um assalto	  driblar
2087	... de se driblar um assalto.	  driblar
2088	E uma delas,	
2089	é você simular um infarto.	
2090	E assim,	
2091	... o interessante que um dos tópicos,	
2092	um dos comentários dos argumentos médicos,	
2093	era que 80% da chance	
2094	de você enfartar de verdade	
2095	durante a simulação	
2096	era maior do que você simplesmente	  Maior
2097	... liberar o ator	  liberar
2098	que existe dentro de você.	  dentro de você
2099	[Risos]	
2100	Então,	
2101	de certa forma,	
2102	a ameaça da violência,	
2103	ela ameaça a sua saúde,	  ameaça
2104	ela ameaça o seu psicológico,	  ameaça
2105	ela ameaça o seu emprego,	  ameaça
2106	porque,	
2107	... às vezes,	
2108	você não se disponibiliza	
2109	a determinado tipo de trabalho,	
2110	porque é em determinado local,	
2111	determinado horário.	
2112	Elisa Você desiste né?	
2113	Muitas vezes,	
2114	pelas ameaças né?	

2115 Mod Sim, com certeza.
2116 Vânia Eu acho também,
2117 interessante também nos colégios.
2118 Consegue é
2119 .. é
2120 .. ter esse sério problema,
2121 não só em saúde,
2122 mas também em colégios.
2123 Não importa como
2124 ou com o que você lide,
2125 às vezes um desentendimento qualquer
2126 causa,
2127 desencadeia,
2128 n processos,
2129 .. psicológicos principalmente,
2130 sempre tem o psicológico,
2131 incrível.
2132 Mateus O primeiro,
2133 letra A.
2134 [Risos]
2135 Elisa Tem ameaça também
2136 na questão assim,
2137 de não se conseguir
2138 .. uma qualidade no ensino,
2139 já que se falou no ensino,
2140 por exemplo,
2141 porque às vezes,
2142 tem um professor bom
2143 pra ir pra escola
2144 e ele não quer ir--
2145 ui desculpe [desligando o celular que tocou],
2146 por causa do lugar,
2147 realmente,
2148 então,
2149 .. ameaça um pouco de,
2150 de tudo.
2151 Mod Sim, é, é.
2152 Igor É,
2153 eu conheço uma pessoa
2154 que ela já foi
2155 ... professora de escola pública
2156 e ela,
2157 hoje em dia,
2158 ela tem pavor de escola pública
2159 porque ela já sofreu várias ameaças
2160 e até já chegaram a agredi-la
2161 na escola,
2162 na sala de aula,
2163 por conta de,
2164 sei lá,
2165 de nota,

 desencadeia ameaça sofreu chegaram

2166 de exercícios--
2167 **Elisa:** É de nota,
2168 de nota,
2169 então,
2170 como vai ter qualidade
2171 num ensino desses?
2172 **Igor** Exatamente,
2173 aí acaba sendo
2174 é
2175 ... sempre vai haver
2176 **Elisa** Aí você acaba
2177 .. e você não pode
2178 <X...X>
2179 **Igor** Exatamente.
2180 **Vânia** Vocês tão notando
2181 que a gente tá só falando de sociedade,
2182 sociedade,
2183 colégio,
2184 emprego,
2185 e nos esquecemos
2186 dum coisa fundamental:
2187 família.
2188 Agressão familiar,
2189 violência familiar,
2190 ela acontece quase que diariamente,
2191 em lugares
2192 que a gente quase nem imagina
2193 que acontece,
2194 acha que aquela familiazinha ali
2195 é linda e maravilhosa,
2196 porque vivem juntas?
2197 O que não é verdade.
2198 Por trás,
2199 [**Mateus:** é verdade]
2200 Só Deus sabe
2201 o que é que acontece
2202 lá dentro daquela casa.
2203 Por exemplo,
2204 no quarto do casal.
2205 **Mateus** Um colega do meu trabalho,
2206 um dia desses disse uma frase que
2207 se eu tivesse um caminhão,
2208 colocaria no pára-choque.
2209 [**Risos**]
2210 É,
2211 nós falamos muito assim
2212 .. em questão de educação,
2213 educação dada,
2214 .. e
2215 ... tem uma colega minha de trabalho
2216 que ela se formou há pouco tempo



acaba

acaba

Por trás

dada

2217 que ela é
2218 .. com as palavras dele,
2219 é uma porta de ignorante.
2220 Aí,
2221 [Risos]
2222 Ele sempre,
2223 .. aí,
2224 ele sempre comenta
2225 <Q como é que pode?
2226 Uma moça dessa
2227 que faz faculdade, Q>
2228 é desse jeito,
2229 tal,
2230 tal,
2231 tal,
2232 tal,
2233 isso é quando ele formulou
2234 a frase perfeita,
2235 que educação
2236 tem mais a ver mais com berço
2237 do que com cadeira.
2238 [Igor Exatamente]
2239 E é como ela falou.
2240 A base de toda
2241 e qualquer educação
2242 não vem do colégio.
2243 Um,
2244 um,
2245 um pai de família,
2246 de classe média baixa,
2247 ele confia toda a educação,
2248 que ele deveria dar aos filhos,
2249 à professora de escola pública que,
2250 até certo ponto,
2251 num,
2252 .. não se expõe,
2253 de certa forma
2254 .. por medo,
2255 às vezes,
2256 até da própria mãe,
2257 do próprio pai,
2258 que deixa aquilo
2259 pela responsabilidade do colégio
2260 .. o de classe média alta,
2261 .. ele,
2262 às vezes até
2263 tenta se comprometer
2264 .. com o
2265 .. o estudo.
2266 Vânia Mas num admite que
2267 que critica seu filho.

 base vem média baixa dar até certo ponto se expõe média alta~

2268 Mateus Não admite
2269 <X...X>
2270 Não admite,
2271 admite,
2272 e outra,
2273 agora se você vai pra um colégio
2274 como o Farias Brito,
2275 Sete de Setembro,
2276 um colégio de renome;
2277 aquele colégio
2278 não tem só
2279 a responsabilidade de educar o aluno pra um
2280 .. pra um vestibular,
2281 pra um futuro concurso público.
2282 Ele tem que educar
2283 aquela pessoa
2284 pra um determinado tipo de comportamento que
2285 agrade os pais,
2286 porque hoje em dia,
2287 educação
2288 num é nem um direito
2289 e nem é um,
2290 uma coisa que você faz  coisa
2291 .. hoje em dia educação é--
2292 [Vânia É nota]
2293 É nota.
2294 Vânia Se você se saiu bem,
2295 você vai viajar com os pais,
2296 se você não se saiu bem,  se saiu bem
2297 você vai ficar em casa  se saiu bem
2298 estudando sozinho.
2299 Mateus É.
2300 Vânia Resume-se a isso.
2301 Ah,
2302 .. reprovou?
2303 Mateus <X...X>
2304 Vânia Reprovou,
2305 reprovou,
2306 meu filho reprovou.
2307 É o assunto da família todinha,
2308 cai a família todinha  cai
2309 em cima daquela criança e,  em cima
2310 às vezes,
2311 aquela criança tem algum problema
2312 naquela matéria
2313 e não sabe bem como,
2314 e os pais,
2315 em vez de trabalhar,  trabalhar
2316 ficam criticando.
2317 E as crianças,
2318 não só crianças,

2319	crianças e adolescentes mesmo.		
2320	Pra mim,		
2321	é uma agressão educacional,		agressão
2322	são estes colégios.		
2323	Porque,		
2324	é a pressão em casa		pressão
2325	que os meninos sofrem		sofrem
2326	e a pressão no colégio.		pressão
2327	A ação de você ter uma série especial		
2328	e forçar aqueles meninos estudarem,		forçar
2329	pra tá primeiro lugar lá,		
2330	estendido num outdoor,		estendido~
2331	pra mim é um absurdo aquilo.		
2332	Aquela educação que eles dão,		dão
2333	deviam dar pra todos,		dar
2334	e não excluir ele		
2335	e colocar numa escala.		colocar numa escala
2336	Igor E muitas vezes,		col
2337	muitos dos alunos nota 10,		alunos nota 10
2338	ou 9,		
2339	sei lá,		
2340	eles passaram		passaram
2341	não porque aprenderam,		
2342	mas porque pescaram,		pescaram
2343	porque colaram,		colaram
2344	[Mateus Exatamente]		
2345	Porque o que interessa		
2346	é a nota.		
2347	Então o que eu aprendi		
2348	não importa.		
2349	E muito desse pensamento,		
2350	ele vai,		
2351	na verdade,		
2352	influir,		
2353	e continua,		
2354	.. e continua pro resto da vida.		
2355	Lá na FIC mesmo,		
2356	eu vejo senhores e senhoras		
2357	... assim,		
2358	.. fazendo direito,		
2359	pescando,		pescando
2360	tá entendendo?		
2361	<Q Me arranja aí		arranja
2362	a questão tal,		
2363	tal Q>		
2364	e eu,		
2365	<Q Nossa!Q>		
2366	[confusão de falas]		
2367	Mod 2 Com licença professora, só um minuto, eu posso voltar um pouco para essa última pergunta, que é como a ameaça de violência se compara a outras ameaças na vida? Porque a gente não		T: Sentimento de insegurança

tá falando de como a ameaça de violência influencia em outras ameaças, mas sim como ela pode se comparar para vocês fazerem uma relação e não se vocês se sentem ameaçados com a violência e se vocês se sentem ameaçados assim por alguma outra coisa na vida de vocês, eu queria voltar para que vocês dissessem brevemente sobre isso.

2368 **Vânia** Seria na verdade,
 2369 acho que num emprego,
 2370 se você for comparar,
 2371 porque às vezes,
 2372 ele,
 2373 ou se submete a certos empregos
 2374 para você conseguir o seu pão de cada dia,
 2375 ou você não consegue ter aquele
 2376 é,
 2377 ... é
 2378 ser independente
 2379 e isso acaba também
 2380 acarretando de novo
 2381 a pressão à família,
 2382 pressão familiar,
 2383 ou seja,
 2384 são várias,
 2385 é são várias agressões que
 2386 você sofre semelhante à agressão social,
 2387 .. pra mim,
 2388 se eu for falar de escola,
 2389 eu não vou tá falando
 2390 só de colégio semelhante a,
 2391 .. a,
 2392 .. a,
 2393 .. a
 2394 ... uma violência social material,
 2395 tendo que levar a família junto,
 2396 tendo que levar a convivência dos colegas,
 2397 aquela coisa,
 2398 os professores,
 2399 o comportamento das pessoas,
 2400 eu acho que isso
 2401 é muito abrangente
 2402 pra chegar e falar.
 2403 E também,
 2404 eu não sei se eu entendi a pergunta,
 2405 porque,
 2406 eu também
 2407 não se sei se é porque eu não vivi,
 2408 eu não cheguei a viver isso,
 2409 e se vivi também,
 2410 eu não sei,
 2411 **[Risos]**
 2412 é,



2413	mas fica difícil	
2414	você chegar	
2415	e falar	
2416	qual é a violência	
2417	que você já recebeu	
2418	que seria semelhante	
2419	a uma violência social,	
2420	eu acho que a única	
2421	seria o desrespeito.	
2422	Mod Nem tudo se resume à questão da violência aqui. Você tem que tentar comparar a ameaça de violência com outras ameaças na sua vida, pode ser doenças, pode ser a perda de um ente querido.	
2423	Elisa Exatamente.	
2424	O que eu ia falar	
2425	é justamente a questão da saúde né?	
2426	E que	
2427	... é	
2428	... eu passei por uma coisa	
2429	que foi a minha prima teve neném	
2430	e a cirurgia dela abriu	
2431	e ela teve uma infecção e tal,	
2432	foi pro hospital	
2433	e simplesmente as pessoas não queriam atender,	
2434	quer dizer,	
2435	a menina sangrando lá,	
2436	e eles não queriam atender,	
2437	então tem muito essa questão do erro médico que	
2438	eu acho que é	
2439	uma coisa	
2440	que se compara com a ameaça realmente,	
2441	é o descaso,	
2442	é tão revoltante	
2443	quanto a questão da violência,	
2444	então não se faz nada pra melhorar	
2445	em relação a isso.	
2446	Acho que seria uma coisa comparável.	
2447	Seria com a saúde.	
2448	O descaso,	
2449	os hospitais,	
2450	a decadência.	
2451	Mod Se vocês quiserem, vocês podem mandar alguma mensagem agora para as autoridades tanto sobre os efeitos que a situação de violência tem nas pessoas, como também a questão do que elas devem fazer a respeito, se vocês quiserem podem falar, mandar uma mensagem.	 
2452	Elisa Bom,	
2453	eu não hoje.	
2454	Renato Eu acho que a mensagem	
2455	a gente não precisa	
2456	tá aqui falando,	
2457	falando que a sociedade	

2458 tá violenta.
 2459 A mensagem tá aí,
 2460 ela tá posta no dia a dia,
 2461 você vê
 2462 .. a mensagem,
 2463 é quase palpável
 2464 .. a violência,
 2465 .. acho que tá absurda,
 2466 então a gente
 2467 não precisa mandar uma mensagem,
 2468 só basta eles abrirem os olhos.
 2469 **Vânia** Ela só precisa
 2470 olhar pros lados.
 2471 [Risos]
 2472 **Mateus** A mensagem seria:
 2473 uma volta no quarteirão.
 2474 [Risos]
 2475 **Elisa** Abre o vidro né?
 2476 **Vânia** Abre o vidro
 2477 e olha.
 2478 **Mateus** Agora você falou uma coisa interessante
 2479 <Q abra o vidro e veja Q>,
 2480 por exemplo,
 2481 é,
 2482 você vê um candidato a juiz
 2483 <X...X>
 2484 uma criança vai ser candidato a juiz,
 2485 uma criança,
 2486 eu digo assim,
 2487 um cavalão de vinte e tantos anos,
 2488 candidato a juiz,
 2489 ele chega pro pai dele
 2490 e diz assim
 2491 <Q Papai,
 2492 terminei a faculdade,
 2493 agora eu quero estudar pra ser juiz Q>
 2494 aí o papai--
 2495 [**Vânia tosse**]
 2496 financia aquele menino
 2497 por 10 anos,
 2498 dando tudo de bom,
 2499 dando carro,
 2500 ou seja,
 2501 que,
 2502 que é a sociedade média alta
 2503 dá um carro pro menino,
 2504 dá dinheiro
 2505 pro menino se divertir
 2506 e ainda paga a academia
 2507 pro menino não ficar com cara de abestado,
 2508 porque tá só estudando.

  aí
  posta  no
  vê
  palpável
  mandar
  abrirem os olhos
  olhar pros lados~
  uma volta no quarteirão~
  Abre o vidro~
  Abre o vidro~
  olha
  coisa
  abra o vidro~  veja
  T: Outros tópicos
  cavalão
  chega
  terminei
  média alta~

2509	Aí aquele menino	
2510	passa três anos estudando,	 passa
2511	faz o concurso pro magistério	
2512	e passa.	 passa
2513	Em três anos estudando	
2514	e não passar, meu amigo?	
2515	Aí,	 passar
2516	o quê que acontece?	
2517	Esse menino,	
2518	ele entra pra exercer a função	 entra
2519	sem uma noção da realidade,	
2520	ele entra	 entra
2521	como diretor de filme de terror,	
2522	aquele dali	
2523	não tem noção da realidade,	
2524	ele entra,	 entra
2525	com as próprias palavras dele,	
2526	<Q ele é um juiz de borracha,	 de borracha
2527	comparado a uma galinha de granja Q>	
2528	ele não tem,	
2529	com as palavras dele ainda,	
2530	<Q ele não tem sustança Q>	
2531	e eu acredito que a	
2532	a real mensagem que	
2533	a gente tem que passar	 passar
2534	é essa de baixar o vidro do carro,	 baixar o vidro~
2535	observar o que tá acontecendo,	
2536	e de certa forma,	
2537	até assistir aqueles programas sensacionalistas,	
2538	porque,	
2539	pra sociedade que assiste,	
2540	a grande massa que assiste esses programas	
2541	não faz muita diferença,	
2542	mas a diferença fica entre aspas,	
2543	porque tem o entretenimento,	
2544	mas pra eles não.	 eles
2545	É uma forma,	
2546	é uma janela	 janela
2547	.. que eles enxergam,	 eles
2548	tudo bem que	
2549	não de certa forma,	
2550	de forma correta,	
2551	ideal,	
2552	mas de uma certa forma,	
2553	eles enxergam	 enxergam
2554	de fato,	
2555	o que tá acontecendo.	
2556	Mod Alguém mais quer falar? Gente, agora quem queria comentar sobre as próprias questões que vocês responderam, teve alguma pergunta que chateou vocês?	
2557	Todos Não.	

2558	Mod Então, teve alguém assim que, do que nós comentamos, houve ações que vocês queriam falar mais, vocês, não necessariamente hoje aqui mas que vocês se sentiram bem em falar a respeito?	 se sentiram~
2559	Vânia Violência	
2560	todo dia é assim	
2561	<X...X>	
2562	Mod É como falar sobre o tempo. Lá na Inglaterra sempre dá assunto. Tem uma pergunta que não sei se vocês vão estranhar, mas há algo de positivo na situação atual de violência urbana?	 dá  positivo
2563	Mateus Eu acredito que há.	
2564	De certa forma,	
2565	... uniu o povo,	 uniu
2566	porque uniu o país inteiro	
2567	em uma circunstancia,	 uniu
2568	em um evento,	 em
2569	evento assim,	 em
2570	entre aspas,	
2571	que não é de um dia,	
2572	mas um evento atual	
2573	que tem uma geração inteira,	
2574	Ana Livia E tem até vizinhos né?	
2575	Que se organizam	
2576	pra ficar com os amigos,	
2577	avisando uns aos outros--	
2578	Mateus Pois é,	
2579	isso de certa forma,	
2580	abriu um espaço	 abriu um espaço
2581	para que houvesse uma solidariedade	
2582	entre as pessoas.	
2583	Vânia E também mais revolta.	 T: Sociedade e Grupos Sociais 
2584	Porque uma coisa	 coisa
2585	que eu acho absurdo é	
2586	.. você é assaltado hoje,	
2587	se um juiz é assaltado,	
2588	ou um policial militar	
2589	vão logo atrás do assaltante,	 vão logo atrás
2590	dão uma surra no assaltante,	 dão
2591	porque assaltou um juiz	
2592	ou um policial militar,	
2593	e não a gente,	 A gente
2594	porque	
2595	se eles podem ser rápidos	
2596	com esse tipo de roubo,	
2597	por que não podem ser com a população	
2598	de uma forma geral?	
2599	Se estamos quase enquadrados como eles,	 enquadrados
2600	que somos estudantes,	
2601	graduados,	
2602	só porque a gente não é conhecido,	
2603	não é filhinho de papai?	 A gente

2604 Então a gente não é beneficiado com isso?

2605 Eu vejo muita gente revoltada com isso.

2606 Eu sou uma.

2607 Mod Então gente, muito obrigado.

2608 (Agradecimentos e informações de que estes dados coletados estão sujeitos a serem usados para a publicação de artigos e pesquisas).

